

O Lírio Negro

Confessions of a Little Black Gown

Elizabeth Boyle



Inglaterra, 1814

Confissões de um vestido preto...

Thalia Langley o avistou em meio às sombras e, no mesmo instante, soube que o homem à sua frente não era um santo piedoso. Ele podia alegar ser o primo do interior do duque de Hollindrake, mas um homem com aquela beleza, aquele porte e aquele charme enigmático só podia ser bem mais do que dizia ser. Sua graça felina e seu magnetismo faziam Tally tremer só de imaginar as coisas que ele seria capaz de fazer... com ela... e os segredos que ele poderia desvendar.

De fato, lorde Larken não é um vigário tímido e atrapalhado, e sim um espião a serviço do rei, incumbido de encontrar... e matar... um notório criminoso que fugiu da cadeia. E ele não irá permitir que nada, nem ninguém, interfira em seus planos, nem mesmo uma mulher linda e inocente... bem, talvez não tão inocente. Larken não pode se deixar levar pela tentação, mesmo quando vê Tally naquele vestido preto esplendoroso, um vestido que revela muito mais do que deveria, a ponto de enlouquecer um homem e fazer derreter seu coração...



Querida leitora,

A guerra de 1812 transformou amigos e amantes em inimigos. Larken procura uma mulher que possui um vestido preto porque ela é a chave para que ele desmascare os agentes de Napoleão. Porém, devido a uma troca de bagagens, ele localiza a mulher errada, e o destino de ambos muda para sempre. Bem... eu diria que, depois de ler este romance, nunca mais você vai olhar para o seu vestido preto com os mesmos olhos...

Leonice Pompônio Editora

Originalmente publicado em 2009 pela HarperCollins Publishers
PUBLICADO SOB ACORDO COM HARPERCOLLINS PUBLISHERS
NY,NY — USA

Todos os direitos reservados.

Todos os personagens desta obra são fictícios. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas terá sido mera coincidência.

TÍTULO ORIGINAL: CONFESSIONS OF A LITTLE BLACK GOWN

EDITORIA

Leonice Pomponio

ASSISTENTE EDITORIAL

Patrícia Chaves

EDIÇÃO/TEXTO

Tradução: Elizabeth Arantes Bueno

ARTE

Mônica Maldonado

MARKETING/COMERCIAL

Andréa Riccelli

PRODUÇÃO GRÁFICA

Sônia Sassi

PAGINAÇÃO Ana Beatriz Pádua

Copyright© Editora Nova Cultural Ltda.

Rua Texas,111, sl. 20A, Jardim Rancho Alegre, Santana do Parnaíba - SP

www.novacultural.com.br

Impressão e acabamento: Prol Editora Gráfica

Prólogo

Londres,

Junho de 1814.

— Venha para a cama, meu amor — chamou uma voz quente e sensual da porta da sala.

— Sim, sim, Lizzie, já estou indo. — Horatio Thurber levantou o olhar do manuscrito que estava lendo.

Sua esposa entrou na pequena sala, usando uma camisola de seda que moldava as curvas generosas de seu corpo. Uma atriz da cabeça aos pés, Lizzie jamais se contentava com menos que uma entrada triunfal.

— O que está lendo?

Ela descansou a mão no ombro do marido, um verdadeiro convite para levá-la para a cama. Para fazer amor com ela.

— Uma peça. *A Arriscada Aventura de Lady Perséfone*.

— Você parece bastante envolvido com o texto. Quem o escreveu? Beadle? Ou aquele tal de Wilson? As peças dele são bem divertidas.

— Nenhum dos dois. Duas moças são as autoras. Lizzie riu.

— Moças? Oh, Horatio! Não vai me dizer que se trata de alguma peça cheia de moralidade sobre uma governanta e seu arrogante patrão.

— Não, nada disso. Estas moças sabem mesmo escrever.

Ele estendeu à esposa a primeira página, e Lizzie começou a ler em voz alta. Atrizes jamais liam nada silenciosamente quando havia uma audiência diante delas.

— Autoria de lady Philippa Knolles e srta. Thalia Langley. — Lizzie parou um instante. — Parece uma dupla de damas mimadas de Mayfair.

— Parece — ele murmurou, distraído.

— O texto é bom? — Lizzie parecia cética.

Filha de um carroceiro e de uma costureira, ela jamais tivera acesso às classes superiores. Ao dinheiro delas, sim. Quanto à habilidade delas em produzir qualquer coisa que não fossem bastardos, não.

— Horatio — ela repetiu. — É bom?

O que Lizzie queria saber era se, encenada, a peça lhes daria lucro.

Ele fez sinal que sim, sem parar de ler.

— Qual é o tema? — Lizzie subiu no colo do marido, olhando para as páginas que ele segurava, e leu alguns parágrafos. — Não outra história de pirata. Você me prometeu que não encenaria mais nenhuma.

— Mas esta peça é diferente, Lizzie.

Ela suspirou e começou a ler com mais atenção. Logo secava as lágrimas dos olhos.

— Deus! Odeio reconhecer quando estou errada, mas este texto é maravilhoso. Você precisa contratá-lo antes que alguém mais o faça. E eu interpretarei a srta. Potter?

Horatio sorriu.

— Exatamente. E Angeline será nossa Perséfone. Lizzie se inclinou, recolhendo as primeiras páginas que descartara.

— Lady Philippa Knolles. *Knolles*. Lembro-me agora. Ela estava com aquele comandante, o capitão Dashwell, o que foi preso em um baile. Ouvi contar que ela era sua... — Lizzie arregalou os olhos, admirada. — Pense nisso, Horatio. Se ela conseguiu tirar o pirata da prisão, salvá-lo da forca... e nós tivermos o direito de levar ao palco a história...

Horatio caiu na risada.

— É apenas uma peça, Lizzie, meu amor. Seria impossível para duas damas intelectuais, uma solteirona e uma criada libertarem um homem de Marshalsea.

Lizzie saiu do colo do marido e foi puxando-o para o quarto.

— Deus as abençoe se elas tentaram. Elas nos farão mais ricos do que o próprio rei se foram bem-sucedidas.

Capítulo I

Algumas vezes, quando a estação de festas falha em assegurar a felicidade de uma ou de duas jovens, digamos uma irmã ou prima, então a próxima providência será organizar a festa perfeita, uma que dure noites e mais noites, na mais requintada das residências.

Anotação encontrada nas páginas finais de *As Crônicas dos Solteiros*.

— Tally, o que está fazendo aí agarrada à sua maleta com nossos textos como se alguém estivesse querendo roubá-la? — Philippa Knolles perguntou.

— Alguém está querendo fazer exatamente isso, Pippin — respondeu Thalia Langley, prima de Philippa, apontando na direção onde se encontrava sua irmã, a antes srta. Felicity Langley, agora duquesa de Hollindrake.

Felicity estava parada junto à área de troca de cavalos, dando ordens aos criados com precisão militar.

— Ela está reacomodando a bagagem? — Pippin surpreendeu-se com a pilha de caixas e baús colocados no chão diante da hospedaria.

— De novo. — Tally suspirou, compartilhando seu olhar desgostoso com seu cachorro, Brutus, que estava junto à barra de seu vestido. — Mania dela. Felicity

costumava fazer isso para papai quando estávamos viajando pela Europa. Mandava mudar os baús e sacolas de lugar de novo e de novo. Não se lembra como ela infernizou aqueles pobres criados quando nos mudamos para Londres no inverno passado?

— Oh, sim. Havia me esquecido. Talvez Hollindrake pudesse sugerir...

— Eu já o alertei a nem gastar o seu fôlego com isso. Papai e eu aprendemos a jamais discutir com Felicity. Brigar de nada adiantava mesmo, e ela terminava fazendo tudo do jeito dela.

— E existe mesmo um jeito particular de se distribuir as bagagens pelas carruagens? — Pippin tentou armar-se de um ar de total inocência, mas seus olhos não escondiam o bom humor.

Tally riu.

— Não existe nada do tipo, mas Felicity está disposta a criar um método todo seu.

Mal havia lugar para a procissão de carruagens e outros veículos do duque naquele pequeno espaço em frente à hospedaria, quanto mais para a bagagem que agora ocupava o resto do espaço. E a chegada da carruagem oficial do duque, assim como de um veículo coberto e com lugar para apenas três pessoas, havia piorado o caos já instalado.

Para tornar o tumulto completo, passageiros e carteiros foram chegando à área. A bagagem da carruagem principal ainda estava sendo redistribuída, enquanto alguns passageiros partiam e outros se agitavam, tentando se acomodar em seus assentos.

— Não vou perder meu caderno nem a caixa de jóias — Tally declarou, agarrando-se à sua mala. — E uma de nós deveria ficar vigiando nossa bagagem. Não duvido que acabe debaixo de uma montanha de caixas com pratos. Sem contar o risco de Felicity insistir para que tia Minty mude de lugar também.

— Felicity não faria isso! — Pippin declarou, apesar de lançar uma olhadela nervosa à recém-duquesa. — Acredito que ela esteja ocupada demais para notar nossas pobres posses.

A resposta de Tally foi apenas um olhar de ironia.

— Oh, Deus, você tem razão. — Pippin franziu a testa. — Veja, ela está mandando um criado vir em nossa direção!

Blasfemando, Tally se plantou bem firme diante da carruagem que ela e Pippin estavam dividindo com sua idosa acompanhante, tia Minty.

O criado diminuiu o passo, e ao se aproximar das duas moças, hesitou.

— O que, exatamente, pensa que está fazendo? — Tally perguntou, segurando sua mala e pegando Brutus no colo.

O criado sacudiu a cabeça.

— Bem, senhoritas, eu estou seguindo ordens da duquesa. Vim buscar os baús e a senhora sua tia. — Ele apontou para a porta da carruagem.

Tally não lhe abriu caminho.

— Não vou permitir que abra essa porta!

Brutus entrou na briga com seus grunhidos. Não que representasse uma grande ameaça, já que era um cão que cabia facilmente em uma caixa de chapéu pequena.

Mesmo assim, o criado recuou diante da ameaça, já que o cãozinho de Tally ganhara uma péssima reputação entre os empregados da duquesa por ser uma fonte de

problemas.

Tally lançou um olhar furioso em direção à irmã, mas esta estava ocupada discutindo agora com o cocheiro sobre a apropriada colocação dos baús. Voltou então o olhar para o criado.

— Nossa tia Minty está dormindo. Não deve ser perturbada.

O criado não desistiu.

— Senhorita, eu não posso voltar até a duquesa sem ter algo nas mãos. — Ele baixou a voz. — Ela vai arrancar a minha pele.

Oh, pobre homem... Ele tinha razão. Felicity o esfolaria vivo.

Tally suspirou e desejou que a irmã tivesse se casado com um alfaiate ou açougueiro, em vez de um duque. Francamente, sua irmã gêmea tinha se tornado uma ditadora desde que se casara com Hollindrake. Não que algum dia ela tivesse sido uma pessoa adorável, mas é que... agora como duquesa, havia se tornado intratável, bem mais do que quando elas eram humildes moradoras de Brook Street. Se isso fosse possível.

— Por favor, senhorita — o criado implorou. — Não há alguma coisa de que possa dispor?

Tally olhou em volta da elegante *barouche*.

— Leve o baú maior. Isso deverá satisfazer a duquesa.

O homem praticamente suspirou de alívio por ter algo a entregar à sua difícil patroa.

Pippin parecia impressionada com o gesto de Tally.

— Não precisava ter se sacrificado tanto assim.

— O que quer dizer?

— Entregando suas roupas para Felicity.

— Não foi um sacrifício. — Tally colocou Brutus de volta no chão.

— Como assim?

— Se ela perder a minha mala, ficará me devendo um guarda-roupa novo.

Pippin caiu na risada.

— E eu aqui pensando que você tinha decidido se sacrificar por mim!

— Nada disso. — Tally se distraiu observando uma mulher parada à sombra de uma árvore frondosa.

Com a mesma altura de Tally e constituição física parecida, a mulher usava roupas pretas da cabeça aos pés. Era quase impossível definir sua idade, já que seu rosto estava praticamente coberto por um enorme e elegante chapéu, mas Tally ficou intrigada com a linha aristocrática do nariz da dama de preto e o formato elegante do queixo, o que lhe dava uma particular distinção.

O lado artístico de Tally despertou. Ela adorava desenhar rostos diferentes, e imediatamente procurou memorizar e catalogar as feições da mulher até que tivesse tempo de fazer o esboço.

Mas enquanto observava a mulher, alguma coisa lhe pareceu estranha. Em vez de uma expressão de tristeza e luto no rosto, o que era esperado de alguém vestida daquele

jeito, a misteriosa dama estava observando o que acontecia à sua volta com interesse calculado.

Então ela se voltou e disse alguma coisa a um homem que estava ao seu lado, um criado, a julgar pela roupa que usava. Estalou os dedos e então apontou para o homem do correio.

Tally voltou-se também para a carruagem e depois para a dama, incapaz de afastar a impressão de que alguma coisa não estava certa ali.

Além do mais, havia algo de vagamente familiar no rosto daquela mulher, como se Tally já a tivesse visto antes, em algum lugar. Mas antes que pudesse identificar a viúva, Pippin lhe puxou o braço.

— Tally, você está me ouvindo? Perguntei se quer chá ou alguma outra coisa?

— Hum... não — ela disse, momentaneamente distraída.

— Tem certeza?

Tally se voltou para a prima.

— Oh, desculpe-me. Eu adoraria um chá.

Pippin abriu a porta da carruagem, pegou sua cestinha com chás e se dirigiu à hospedaria, enquanto Tally permanecia ali mantendo a guarda.

O que ela realmente adoraria poder dizer a Pippin, ou a quem quer que estivesse disposto a escutá-la, era que não queria estar fazendo parte daquele circo. Não queria passar o verão na casa dos Hollindrake.

Tally suspirou.

Felicity ia dar uma festa cheia de atrações e alegria. O que a irmã planejava nada mais era do que uma oportunidade para se exibir diante de todos aqueles que não haviam acreditado que ela conseguiria se casar com um duque.

Se fosse isso mesmo, a temporada seria insuportável. Oh, ela deveria ter posto fogo no caderno da irmã quando tivera chance. Porque aquele horrível *As Crônicas dos Solteiros*, o caderno de textos que Felicity mantinha por anos, contendo todos os atributos e bens materiais dos lordes e cavalheiros da sociedade, trazia a noção errada do casamento, pelo menos na opinião de Tally.

O que acontecera com o amor à primeira vista? E com o sonho de encontrar o príncipe encantado, um homem capaz de conquistar o coração e a alma de uma mulher?

Não, em vez disso, ela passaria os próximos quinze dias cercada de cavalheiros distintos, seus possíveis pretendentes. Homens escolhidos a dedo por Felicity para proporcionar à irmã riqueza e ascensão social.

Como lorde Dalderby ou o visconde Gossett.

Desta vez Tally estremeceu.

Deveria estar excitada e grata por aquela oportunidade, afinal era uma jovem de vinte e um anos e não tivera antes a chance de ser convidada para uma temporada freqüentada por uma penca de homens solteiros.

Mas não estava nem um pouco animada. Os rapazes que Felicity convidara não eram do tipo que a atraíam. Não havia nenhum homem perigoso, com a vida envolta em mistério, que tivesse viajado para além das praias tranquilas da Inglaterra.

Infelizmente para Tally, ela herdara do pai aquele amor pelas viagens, e uma vida previsível mais lhe parecia uma sentença de prisão.

Não, ali não haveria pretendentes misteriosos para ela, nenhuma aventura amorosa, nenhum risco.

Seu olhar buscou novamente a viúva, mas a mulher não estava mais debaixo da árvore. Provavelmente fora resgatar sua bagagem e procurar algum refúgio, escapando daquele campo de batalha de Felicity.

Tally sentiu uma ponta de inveja. A viúva, com todo o seu ar misterioso, tinha algo que Tally jamais tivera.

Liberdade.

Três dias depois.

— Oh, Thatcher, aí está você — Tally disse, entrando no escritório do cunhado, sem mesmo bater na porta.

Naturalmente, se ele fosse qualquer outro duque, não o homem que um dia julgava ser apenas um criado, ela seria bem mais formal. No entanto, Thatcher enganara as duas irmãs, deixando-as pensar que ele era apenas um serviçal, tudo isso porque queria que Felicity o escolhesse como marido, não por ser um duque, mas sim por estar apaixonada por ele.

Felizmente, Thatcher não esperava que a cunhada usasse de qualquer formalidade.

A sala estava na penumbra, o que combinava com o humor de Tally, que estava deprimida com os planos da irmã.

— Uma das criadas viu uma carruagem chegar — ela começou a dizer. — Um veículo caindo aos pedaços que não deve pertencer a nenhum dos convidados de Felicity. Então pensei que poderia ser minha mala perdida que...

Tally parou de falar porque Brutus, que ficara para trás mordendo a bota de um criado, agora se lançava à frente em direção a um canto escuro da sala, como se tivesse localizado um rato.

Não era um rato, mas um lamentável par de botas.

Thatcher tinha visita? Ela enrubesceu, lembrando-se de que acabara de insultar a carruagem do desconhecido.

Oh, droga... O que ela dissera mesmo? Veículo caindo aos pedaços?

Tally lançou um olhar ao cunhado, que fez um sinal em direção às sombras, onde um homem se levantou imediatamente de uma cadeira. O mundo como Tally conhecera até então pareceu estremecer, porque aquele homem tinha a graciosidade de um deus antigo, como aqueles das esculturas gregas.

Um arrepio deslizou por sua espinha. Mal podia respirar, nem se mover. Naquele momento ela soube... simplesmente soube... que sua vida estava para mudar. Não fazia sentido, mas Tally nunca fora muito apegada ao bom-senso.

Se ao menos o escritório de Thatcher não estivesse tão escuro!

Então, novamente sentiu que não precisava ver o homem, cujas botas Brutus mordida com fúria, para saber como ele era.

Não tinha sido sua babá Jamilla quem dissera que aquilo iria acontecer um dia? Que ela se encontraria cara a cara com um homem que seria seu destino e ela saberia disso imediatamente?

Mesmo sem conseguir ver o rosto dele, ela supunha que era o que estava prestes a acontecer. Talvez porque seu coração batia descompassado apenas ao vê-lo ali de pé, tão alto e ereto, mesmo com aquele cãozinho agarrado em suas botas.

Céus! Com Brutus assim, como o homem podia sequer se mover?

— Oh, Deus! Brutus, seu cãozinho mal-educado, pare com isso já! — ela repreendeu, adotando o melhor dos seus sorrisos e desejando não estar usando um dos vestidos mais velhos de Felicity. Se a irmã não tivesse insistido em lhe pegar o baú, agora ela teria seus próprios vestidos, Tally lamentou em pensamento.

— Seu danadinho, não me ouviu? Venha aqui!

Ela estalou os dedos, então por fim Brutus largou o seu prêmio e voltou ao seu lugar habitual, isto é, a barra do vestido de Tally, embora mantivesse os olhos negros fixos no homem, ou melhor, em suas botas, como que esperando por algum sinal que lhe permitisse voltar para dar outra mordida.

— Lamento, senhor — Tally se desculpou. — Temo que os modos de meu cãozinho sejam terríveis, mas eu lhe asseguro que seu *pedigree* é impecável. Um de seus ancestrais pertenceu à rainha Maria Antonieta.

Tally fechou os lábios percebendo as bobagens que dizia. Imagine ficar se gabando da linhagem real de Brutus!

— Sem ofensa, senhorita — ele disse.

Tally sentiu um arrepio ao ouvir a voz grave e masculina que deslizou sobre ela como uma carícia.

Então, para sua felicidade, o cavalheiro se aproximou, movendo-se em direção à escrivaninha de Thatcher com a graça de um felino, levando-a a pensar nos homens que criara para serem personagens de suas peças: piratas sem caráter, espiões misteriosos. Era quase como se aquele homem estivesse acostumado a andar nas sombras, confiante de seu próprio poder.

Sentiu um novo arrepio e inclinou-se para pegar Brutus e segurá-lo no colo, como se estivesse precisando de um reforço.

O que havia naquele homem que a fazia se sentir daquele jeito? Como se ele fosse capaz de tomá-la em seus braços e levá-la para um lugar isolado onde ficariam os dois trancados... E então ele a levaria até a cama e tiraria o paletó, a camisa, as...

Tally engoliu em seco, chocada.

Que diabos está acontecendo comigo? Ainda nem vira o homem, e já o imaginava levando-a para a cama!

Até aquele momento, Tally jamais entendera a obsessão da irmã por Hollindrake ou a de Pippin pelo capitão Dashwell, mas agora sim.

Oh, céus, ela rezou silenciosamente. *Por favor, diga que ele está aqui para as festas. Por favor...*

— Ouso dizer que já nos conhecemos — ela continuou, tentando fazê-lo adiantar-se mais, forçá-lo a falar novamente. — Mas deve me desculpar, sou bastante ruim para guardar nomes.

O homem deu um passo à frente, mas parou quando a porta se abriu e o mordomo, Staines, entrou na sala com uma vela na mão. O mordomo lançou um olhar direto para o duque, como se quisesse dizer "O senhor deveria ter pedido por mais luz".

Pobre Thatcher, Tally pensou. Ele ainda não se integrara ao seu novo papel como duque de Hollindrake e tudo o que isso envolvia.

Assim que o mordomo e dois criados deixaram a sala iluminada, Tally suspendeu a respiração. Oh, apenas mais algumas velas e ela veria o seu futuro...

— Já nos conhecemos? — ela perguntou impaciente.

— Não, não creio que tenhamos nos conhecido, senhorita...

Oh, céus, a voz dele era macia como o conhaque francês que Felicity costumava roubar do armário de vinhos de seus professores! E seria melhor ainda se sussurrada em seu ouvido.

Tally, meu amor, o que é que deseja mais...

Oh, agora você está sendo uma completa idiota!, ela disse a si mesma, fechando os olhos, porque não podia acreditar que estivesse tendo tais pensamentos em relação a um completo desconhecido, um homem que jamais havia encontrado antes. Só esperava que esse seu descontrole não transparecesse na expressão de seu rosto.

Respirando fundo, fixou o olhar à frente e praticamente engasgou ao ver o estranho à sua frente. Aquele era o destino dela? Não! Não podia ser.

Certamente, não aquele homem de aparência comum que a observava por detrás das grossas lentes de um par de óculos sujos, com os ombros curvados como se estivessem carregando todo o peso do mundo.

De onde ele viera? Tally buscou qualquer sinal do homem que ela esperava, mas não havia nenhum.

Engoliu em seco novamente. Céus, ela estava vendo coisas.

Mas não, todas as evidências estavam diante dela, porque em vez de um homem usando um elegante paletó e botas polidas, lá estava um cavalheiro... pelo menos ela esperava que ele fosse... usando um casaco de lã inferior, com mangas curtas demais para seus braços. Exageradamente curtas, na verdade. Então olhou para a gravata, ou melhor, para onde deveria haver uma gravata.

Mas em vez disso, havia um colarinho de vigário.

Um vigário?

O coração de Tally parou por um segundo, e não pelas mesmas razões de antes. Olhou para o pescoço do homem novamente, convencida de que se enganara. Ele não podia ser um...

Sentiu-se mortificada. Como pudera se enganar tanto assim?

E então ele deu um passo à frente para cumprimentá-la, segurando-lhe a mão por um longo tempo, quase uma eternidade, com um sorriso nos lábios, observando-a como se ela fosse uma pessoa comum.

Na verdade, era exatamente como ela se sentia.

Nesse momento, seu cunhado se ergueu da cadeira abruptamente, como um gato nervoso.

— Tally, que indelicadeza a minha! Este é meu primo... humm... o sr. Milo Ryder. — Thatcher parou por um segundo. — Ryder, esta é minha cunhada, a srta. Thalia Langley.

— Srta. Langley, que prazer conhecê-la.

Por um instante, os dedos dele prenderam os dela, o aperto mais forte provocando em Tally uma inesperada onda de desejo.

Tally levantou o olhar e se viu diante de um par de olhos escuros e profundos. Misteriosos.

E enquanto ela se perdia naquele olhar, viu-o observando-a atentamente, como se a examinasse, buscando uma resposta para alguma elusiva pergunta também.

Tally estremeceu. Na verdade sentiu um arrepio por todo o corpo.

Oh, céus, o que está acontecendo, ela se perguntou, fechando os olhos e tentando desesperadamente controlar os batimentos de seu coração, não querendo começar a dizer tolices.

E então todo o romantismo pareceu se esvaír quando o homem largou sua mão. Ao fitá-lo novamente, para sua surpresa, viu que ele mascarara as feições, o mistério de seus olhos desaparecido de vez. Ele se voltou para Thatcher para perguntar alguma coisa sobre onde colocar seus cavalos.

Tally sacudiu a cabeça, tentando afastar da mente aquela convicção da babá Jamilla de que uma mulher sempre sabe quando está para se apaixonar.

Já que Jamilla, tendo vivido na corte francesa, havia se apaixonado mil e uma vezes, Tally tinha de presumir que a mulher sabia o que dizia, mas nada daquilo podia ser verdade.

Ela, apaixonada? Por um *vigário*!

Levou a mão à boca para cobri-la, evitando que algum comentário inoportuno escapasse, não que o sr. Ryder parecesse ter notado, pois continuava a conversar com Thatcher sobre pastagens.

Então o homem iria ficar ali? Por algum tempo, pelo que parecia.

Tally mordeu o lábio. Oh, ela já podia imaginar a reação de Felicity diante daquele inesperado convidado. Mesmo sendo ele primo de Thatcher.

Tally quase sentiu pena dele. Nem mesmo tinha um "honorável", ou "sir", ou "lorde" ligado ao seu nome. Felicity se aborreceria tremendamente com sua chegada.

E nesse mesmo instante, a duquesa de Hollindrake entrou na sala.

— Oh, Thatcher, aí está você! Estava para chamá-lo para o jantar, mas me atrasei por causa... — Ela parou a sentença no meio quando viu o visitante, e para seu crédito, sorriu largamente.

— Felicity, que bom que esteja aqui. Ia justamente mandar chamá-la — disse o duque. — Veja quem chegou. Meu primo, Milo Ryder.

Tally deu um passo para trás e se encolheu. Não que Felicity fosse fazer uma cena diante de uma visita, mas sempre era aconselhável sair da linha de fogo, no que se referia a Felicity.

Para surpresa de Tally, no entanto, o largo sorriso da irmã continuou e ela estendeu a mão para cumprimentar o visitante.

— Primo Ryder! Que maravilhosa surpresa! Devo dizer, porém, que esperava sua chegada para a próxima semana...

Tally olhou chocada para a irmã e então para o sr. Ryder. Ele *era* esperado?

O homem moveu-se, pouco à vontade, e começou a gaguejar.

— Bem, eu... eu... eu, isto é, eu... Eu espero que minha chegada antecipada não venha a ser uma inconveniência, mas cheguei a Londres na semana passada, com a ideia de ficar com nossa prima, lady Bethsheba, mas descobri que ela subitamente havia saído da cidade. Imagine isso! E os custos de uma estada por minha conta seriam inviáveis. Apesar de que herdei recentemente, penso que não gostaria de desperdiçar meus fundos em taxas tão exorbitantes. Assim tomei a decisão de impor a minha presença chegando antes do esperado.

Tally rangeu os dentes. *Oh, Deus, um mesquinho.* Felicity deu o braço a Ryder e o conduziu para fora do escritório.

— Talvez sua chegada antecipada seja algo fortuita, senhor. Já que pretende encontrar uma esposa... — Ela o olhou novamente. — Sim, bem, talvez seja melhor que tenha vindo antes, porque creio que assim começaremos antes com o que tivermos de fazer.

Tally quase riu. O sr. Ryder tinha pedido a Felicity para lhe arranjar uma esposa? Oh, pobre homem! Mas ela compreendeu que não deveria se apressar tanto assim em sentir pena do sr. Ryder quando ouviu o que Felicity tinha em mente.

A duquesa se voltou para a irmã.

— Tally, preciso de sua ajuda com o sr. Ryder.

— Da minha ajuda?

— Sim, claro. — O sorriso de Felicity se alargou, o que nunca era bom sinal. Era como um gato prestes a saltar. — A não ser que tenha alguma coisa mais importante a fazer.

Tally podia pensar em mil e uma coisas, mas não conseguiu descobrir uma assim tão depressa.

— Bem, eu estava para...

Não que a irmã estivesse ouvindo, porque já colocara em ação os seus planos, expondo-os naquele momento.

— Ora, primo Ryder, veremos que se instale em seu quarto, e quando tiver se refrescado, por favor, reúna-se a nós para o jantar. — Felicity sorriu para o pobre vigário. — Eu o colocarei sentado ao meu lado, para que possamos discutir quais das damas que convidei poderá combinar melhor com o senhor. Apesar de que penso que ficará satisfeito com a dama que tenho em mente. Já ouviu falar da srta. Esmerelda DeFisser?

A cabeça de Tally pareceu revirar. Esmerelda DeFisser? A irmã dela estava louca? Como Felicity podia pensar que uma herdeira com títulos e privilégios poderia sequer olhar uma segunda vez para um vigário? E um esfarrapado como aquele? Bem, podia ser um parente de Thatcher, mas a conexão dificilmente levaria a srta. DeFisser a se tornar a esposa de um vigário.

Mas lá estava o olhar de determinação de Felicity, e Tally sabia que não havia nada que detivesse a irmã de promover o improvável casamento.

Balançou a cabeça. Não sabia de quem sentia mais pena. Se do sr. Ryder ou da srta. DeFisser. E mais por alguma estranha razão, ela achava a ideia de o sr. Ryder se casar com qualquer mulher bastante desconcertante.

Curioso, já que não tinha qualquer interesse pelo homem.

Nenhum, repetiu para si mesma, enquanto seguia Felicity e o homem para fora do escritório. Isso até que ele passou pelas sombras, e por um momento, ela o viu como

antes, atraente e misterioso. Talvez fosse o corte de seu cabelo cobrindo o colarinho ou o modo como seus ombros estavam firmes e ele parecia tão mais alto.

Então ela piscou e a aparência de aventureiro do homem sumiu, deixando Tally a pensar se sua sanidade mental não estava no mesmo nível que a da irmã.

Capítulo II

Reverendo Milo Ryder

Nascido em 1789

Residência atual: Eveling House

O vigário de Bindley by Way, em Lincolnshire, sr. Ryder, foi ordenado cinco anos atrás. Na verdade, se o homem não fosse primo de Hollindrake pelo lado materno e não tivesse uma boa fortuna a herdar de uma tia-avó bastante distante, ele jamais entraria nestas minhas Crônicas. Mas agora que ele possui uma casa e uma considerável fortuna, precisa encontrar uma esposa.

De As Crônicas dos Solteiros

— Senhorita, onde podemos colocar o seu baú? — o criado perguntou enquanto ele e outro homem, recrutado do campo, a julgar por sua aparência, entraram na suíte onde Felicity acomodara Tally, Pippin e tia Minty.

Tally levantou o olhar da escrivaninha onde estivera desenhando. O lugar lhe proporcionava uma boa claridade e ainda havia a bela vista do jardim lá embaixo. Nos últimos dias passara boa parte de seu tempo tentando desenhar de memória a viúva que vira na hospedaria. Bem, isso quando não estivera indo de cá para lá seguindo alguma ordem de Felicity.

Pippin sorriu enquanto tirava a tinta que havia em seus dedos, pois andara escrevendo uma carta para seu irmão viajante.

Finalmente, Tally pensou, enquanto via o enorme e negro baú sendo colocado no meio da sala. Sua bagagem fora encontrada.

— Obrigada a ambos — Tally agradeceu aos dois homens quando eles saíram do quarto, e então abriu a maleta e pegou a chave do baú. Quando se voltou, com a chave na mão, olhou novamente para a bagagem.

— Oh, céus, este não é o meu baú! — ela exclamou, quase sem voz.

Era bastante parecido, mas afinal, todos os baús de viagem eram parecidos. E aquele ali não era o seu, disse ela não tinha dúvida alguma.

Tally gemeu, desalentada. Claro que a bagagem de Felicity não tinha se extraviado, mas sim a dela. Seu único baú. Com todas as suas roupas novas.

— Quer que eu chame os homens de volta? — Pippin se ofereceu, caminhando para a porta.

Por mais que quisesse mesmo chamar os homens e mandá-los colocar aquele baú na cabeça da irmã, ela duvidava que isso pudesse ser feito.

— Não, sente-se e termine a sua carta. Vamos deixá-lo aí por ora, e depois do jantar pedirei a Thatcher para mandar alguém ir até a hospedaria e ver se rainha bagagem voltou para lá. — Tally começou a andar de um lado para o outro, resmungando. — Oh, eu poderia estrangular minha irmã! Agora não tenho nada para usar no jantar de hoje.

Pippin observou a prima, curiosa.

— O que há de especial no jantar desta noite?

— Nada! — Tally respondeu, depressa demais, e desviou o olhar de Pippin, temendo que a esperta prima percebesse o rubor em seu rosto.

Aquilo não era bem a verdade, ela concedeu silenciosamente. *Ele* estaria lá no jantar. Desde que o sr. Ryder tinha chegado, Tally fora incapaz de afastar a sensação de que havia mais naquele homem do que os olhos podiam ver.

Não, ela sabia que ali estava um aventureiro, um homem misterioso. Não chegara a essa conclusão apenas por tê-lo visto diferente em alguns instantes, mas pelo que ouvira. A voz dele. Não aquele trêmulo balbuciar quando ele falara com Felicity, mas a voz que usara antes.

A voz dele revelara um homem acostumado a comandar, que conseguia as coisas do jeito que queria. E então havia aquele olhar penetrante capaz de envolvê-la como em uma teia. Ele a examinara da cabeça aos pés, avaliando-a.

Talvez a tivesse achado meio maluca, ou pior, mal-educada. A mal-educada cunhada de Hollindrake.

— O que há de errado, Tally? — Pippin perguntou.

— Nada. Apenas estou cansada de usar os vestidos velhos de Felicity. Acho irritante que ela não me empreste um dos novos. — Tally apontou para o vestido de seda como se fosse um trapo. — Minha irmã é mandona, desprezível, e quer mandar na vida dos outros.

Pippin caiu na risada.

— Não se esqueça de que concordamos com tudo... isto. Tally sabia exatamente a que a prima se referia.

— Com esta reunião.

Pippin sorriu, porque, em particular, ela se referia ao evento como "a estúpida festa de Felicity". Tally deu uma volta em torno do baú.

— Se ao menos o sr. Thurber já tivesse concordado em produzir a nossa peça... Então teríamos dinheiro e não precisaríamos depender da caridade de ninguém. — *Nem das tramóias matrimoniais de Felicity.*

— Bem, aposto que o sr. Thurber não vai encenar nossa peça — Pippin disse com sua praticidade habitual. — Assim precisamos encarar nossa situação da melhor forma possível.

— Droga — Tally praguejou, sentando-se na beirada do baú.

— Fico pensando quem será o dono disso aí — Pippin murmurou, olhando o enorme baú. — Deve estar tão infeliz quanto você por suas coisas terem sido extraviadas. — Parou de falar por um segundo. — Talvez possamos tentar descobrir quem é o dono e

devolvê-lo.

Tally olhou atentamente para a enorme mala.

— Não traz nem mesmo as iniciais do nome. Mas há outro modo de descobrir.

Ela voltou à sua maleta e vasculhou o conteúdo da gavetinha, procurando em meio a pincéis, cera, carvão vegetal e outros pequenos tesouros que estavam lá dentro.

Finalmente, quando tirou um grampo, Pippin arregalou os olhos.

— Tally, você não pode fazer isso!

— Por que não? — ela retrucou, enquanto examinava a fechadura do baú. — Não vejo nenhum outro modo de descobrir a quem ele pertence.

Tally ajoelhou-se e observou a fechadura por algum tempo antes de começar a trabalhar nela.

Quando Pippin, Tally e Felicity freqüentavam em Bath a conceituada escola para moças comandada pela srta. Emery, as três haviam conhecido algumas estudantes de origem não muito recomendável e com habilidades escandalosas, que logo foram compartilhadas alegremente pelas colegas.

Sempre curiosa, Tally aprendera como abrir fechaduras com uma ex-colega, a srta. Kathleen Escott, já que haviam aberto o armário de vinho da srta. Emery mais de uma vez. Ironicamente, tal habilidade se mostrara válida nos anos seguintes sempre que se viam diante de uma porta fechada e precisavam sair com urgência de algum lugar, ou mesmo abrir uma cela de cadeia, ou, como era o caso agora, um misterioso baú.

Era um talento bem mais útil do que as incontáveis lições da srta. Emery quanto a assuntos considerados de importância máxima na sociedade, como, por exemplo, se alguém devia ou não usar preto no caso do falecimento de um primo de segundo grau.

— Fique quieta — Tally pediu, incomodada com Pippin girando agitada à sua volta. — Não consigo me concentrar.

— Tally, isso é errado! E se o dono ficar bravo quando descobrir que você revirou os seus pertences? Pode até acusá-la de ter roubado alguma coisa.

Tally lançou um olhar duro para a prima.

— Vai começar a fazer um sermão? Além do mais, foi idéia sua descobrir o dono do baú. Como podemos fazer isso sem abri-lo?

Pippin enrubesceu e recuou.

Tally sorriu e voltou ao trabalho. Depois de alguns segundos de concentração, a fechadura cedeu, e Tally comemorou seu sucesso.

— É melhor sair daqui se não quiser fazer parte disto. Pippin olhou para a porta, mordendo o lábio.

— Ora, vamos logo com isso.

— Foi o que pensei — disse Tally, erguendo-se e abrindo a tampa.

Pippin espiou para dentro, curiosa, mas então torceu o nariz.

— Que desapontamento! Eu esperava encontrar alguma coisa excitante. Um tesouro secreto de um cavalheiro, ou, pelo menos, uma coleção elegante de sapatos e leques.

Em vez disso, a única coisa que parecia haver ali era um traje de viúva.

— Humm... — Tally murmurou. — Fico imaginando se não é o baú *dela*.

— Ela, quem?

— Uma viúva que estava na hospedaria.

Tally passou a mão sobre o tecido, uma seda que não era barata como ela pensara, e sim finíssima, não o que era habitual nos trajes de luto.

— Não me lembro de ter visto nenhuma viúva — Pippin disse, antes de deixar escapar uma exclamação de surpresa ao tocar na seda. — Isto deve ter custado...

— Uma fortuna — completou Tally, erguendo o vestido e avaliando o tamanho.

Cuidadosamente, ela o colocou sobre a cama, imaginando que tipo de mulher gastaria tanto dinheiro em um traje que iria usar apenas por pouco tempo.

— Ela deve ter amado muito a pessoa que morreu — falou mais para si mesma que para a prima.

Pippin, porém, com seu ouvido aguçado, a escutou.

— Pode ser, ou talvez ele lhe tenha deixado uma fortuna. Tally riu.

— Então ela está honrando de maneira esplêndida a memória do marido gastando uma fortuna em roupas. — Deslizou a mão sobre a seda mais uma vez.

— O que é isso? — perguntou Pippin.

Tally se voltou para a prima e a viu segurando um vestido como nenhuma das duas havia visto na vida.

Ficou boquiaberta, mas antes que pudesse fazer algum comentário, uma voz vinda de fora a interrompeu:

— Sim, sim, sei que o jantar será daqui a meia hora. Por favor, diga a Staines que coloque mais um lugar à mesa para o primo do duque, o sr. Ryder. Eu gostaria que ele ficasse sentado a meu lado.

— Sim, Vossa Graça — alguém respondeu, antes que os passos determinados de Felicity soassem pelo corredor.

— Oh, Deus, ela vem vindo para cá — Pippin murmurou. Sem mais uma palavra, elas enfiaram o traje feito com a preciosa seda e o vestido que Pippin segurava de volta no baú e o fecharam no exato instante em que a porta do quarto se abriu.

Felicity entrou no quarto com sua habitual autoridade. Não que o novo *status* social como duquesa a tivesse transformado em outra pessoa, já que ela sempre havia se comportado com aquele jeito altivo e pomposo.

— Tally! Pippin! Vocês ainda nem se vestiram!

— Felicity, mal posso imaginar por que toda essa euforia quando o jantar será apenas para a nossa família — Tally começou.

A irmã arqueou uma sobrancelha por uma fração de segundo, mas foi o suficiente para fazer a irmã gêmea se calar.

— Sim, pode ser apenas isso, mas amanhã não será. Nossos convidados chegarão ao final da tarde, e quero ter certeza de que todos... assumirão suas tarefas. Coloquei muitas expectativas nesta nossa reunião, aspirações para todos nós...

Tally sabia que ela estava falando de encontrar marido para ela e para Pippin. Bons partidos. Enfadonhos. Felicity continuou falando.

— ...e se esta reunião não for um sucesso, se bem que tenho certeza de que será, imagine a próxima temporada, quando voltarmos a Londres...

Os olhares de Tally e Pippin se encontraram. Ambas tinham outros planos para o ano seguinte, se o sr. Thumber comprasse a peça, claro, e esses planos não incluíam passar os dias enfiadas em festas e bailes. Tampouco estarem comprometidas com algum visconde sem-graça, ou com um *vigário*...

Tally sacudiu a cabeça, procurando afastar o sr. Ryder do pensamento, e tentou se concentrar no que Felicity estava falando.

Não que fosse difícil saber qual seria o assunto. Afinal, a irmã só tinha dois assuntos em mente: planejar e tornar sua reunião social um triunfo, e conseguir pretendentes viáveis para Tally e Pippin.

Mas mesmo envolvida com o que dizia, Felicity parou repentinamente de falar.

— Oh, que boa notícia! O seu baú está aqui.

— Mas não é... — Pippin começou a dizer antes que Tally lhe desse uma cotovelada nas costelas.

— Já estava mais do que hora de minhas roupas chegarem — Tally apressou-se a dizer. — Que bom para mim.

Pippin balançou a cabeça concordando, dando uma olhadela de esguelha para a prima, como se soubesse o que ela estava pretendendo fazer. Ou como se quisesse fazer parte do plano.

— Bem, agora que pode se vestir apropriadamente para o jantar, não quero ouvir mais reclamações sobre você não ter o que vestir — Felicity disse, abanando as mãos e se virando para sair. — Não se esqueça de incluir o sr. Ryder em suas conversas, Tally. Espero a sua ajuda para deixá-lo em forma para quando a srta. DeFisser chegar. Talvez possa convidá-lo para jogar cartas depois do jantar, ou levá-lo para um passeio para ver se descobre quais são os interesses dele. Só assim poderei decidir como agir com ele.

Felicity soltou um suspiro profundo, antes de acrescentar:

— Temo que não seja o homem que eu esperava que fosse. Pensei que um primo de Thatcher pudesse ser mais... mais... — Ela parou, porque Tally sabia exatamente o que ela queria dizer.

Mais promissor.

Felicity suspirou de novo e continuou o que estava dizendo:

— Não há nada a ser feito agora, a não ser tentar fazer o melhor. E para isso, Tally, preciso que seja muito gentil com o sr. Ryder.

— Eu? — Tally começou a protestar, mas de nada adiantaria, por isso ela parou.

— Não estou lhe pedindo nada demais — disse Felicity. — Apenas descubra se há algo de interessante no homem para que eu possa usar esses detalhes para convencer a srta. DeFisser a se interessar por ele.

Interessante... A palavra trouxe imagens das primeiras impressões que Tally tivera dele... do libertino que podia seduzir uma mulher com um mero olhar, um pirata pronto a seqüestrar o coração de uma mulher. Um saqueador de estradas...

Exatamente quando começou a imaginá-lo com um casaco preto e montado em um garanhão, Pippin lhe deu uma cotovelada.

— ...e então amanhã — Felicity estava dizendo — veremos até que ponto o sr.

Ryder é capaz de montar, de jogar boliche e, claro, de dançar.

— Você quer que eu dance com ele? — Tally indagou, não tanto como uma pergunta, mas mais como um protesto.

Felicity parou e olhou para a irmã como se a pergunta fosse um absurdo.

— Mas é claro que você vai dançar com ele, Tally. O que há de errado com você? Não percebeu o quanto isso é importante para mim? Estou tão-somente pedindo que impressione o sr. Ryder a ponto de ele passar a confiar em você e escutá-la, assim poderá fazer-lhe algumas recomendações de como se vestir melhor e apresentar-se... como eu poderia dizer... como um cavalheiro. Então ele a escutará.

A lista de protestos de Tally era tão longa que ela acabou por engolir em seco e optar pelo silêncio.

Felicity, claro, pareceu não notar.

— O jantar será servido daqui a meia hora. Por favor, não se atrasem.

Ela saiu do quarto tão depressa quanto havia entrado, e antes mesmo que a porta se fechasse, Tally e Pippin a ouviram dando ordens para algum pobre criado que encontrara pelo caminho.

— Minha irmã é impossível!

Pippin riu.

— Determinada, melhor dizendo.

— Está rindo porque não foi você quem ela incumbiu de ficar ao lado do sr. Ryder.

— Tally mordeu o lábio e voltou a abrir o baú.

— Você já o conheceu?

Tally meneou a cabeça, concordando.

— Quando eu fui perguntar a Thatcher sobre o meu baú, ele estava lá, no escritório.

Pippin descansou a mão sobre o vestido de seda preto.

— E então?

Tally franziu o nariz.

— Ele é um vigário, mas diferente daqueles das nossas peças.

Pippin riu.

— Não precisa dizer mais nada. Agora entendo o estado de Felicity.

Pippin tirou o vestido de seda e buscou o de veludo preto bordado com pérolas em um intrincado desenho.

Mais uma vez as duas moças se deliciaram diante da elegância da confecção, esquecendo-se por alguns momentos de Felicity e do sr. Ryder.

— Este é o vestido mais lindo que já vi na vida — Tally sussurrou, como se falar alto pudesse de alguma forma fazê-lo desaparecer.

Pippin olhou para a prima.

— Sem dúvida.

Tally balançou a cabeça.

— Acho que nem mesmo Jamilla viu algo assim.

— Céus, Tally! Ouso dizer que ele serve em você... Tally olhou novamente para o vestido de veludo preto e por um momento imaginou-se vestida nele, com jóias nos cabelos e sapatilhas prateadas nos pés.

Em sua imaginação, não estava mais sob o controle de Felicity, mas era uma dama livre das convenções sociais.

E havia um homem. Bem, se havia um vestido como aquele, era melhor que houvesse um homem também. E ele usava uma máscara que lhe cobria apenas parte do rosto, tornando-o maravilhoso e elegante. Ele não precisaria pedir que lhe concedesse a dança, simplesmente a enlaçaria pela cintura e começariam a valsar. Então, de repente, o salão estaria vazio, com apenas os dois sozinhos, sem necessidade alguma de música, apenas a luz das velas... Ele inclinaria a cabeça e seus lábios buscariam os dela e...

— Tally! Está me escutando? — Pippin perguntou. Envolvida em seus devaneios, Tally não percebera que a prima continuava vasculhando o baú.

— Nada disso faz sentido — Pippin resmungou.

— Como assim?

— Uma viúva com um vestido desses? E tem um traje de criada, também. Oh, eu adoraria ver a expressão de Felicity se você descesse usando o vestido! Causaria uma impressão e tanto nesse tal de sr. Ryder.

Uma impressão e tanto... As palavras atingiram Tally como se fossem flechas. Não que ela estivesse se imaginando dentro do vestido da criada, mas seu olhar se voltava para o vestido preto de veludo.

Oh, sim, ela faria uma impressão e tanto se o usasse. Um vestido tão escandaloso, tão ousado, capaz de deixar a irmã derrubada numa cama pela quinzena inteira.

Mas poderia também mudar a noção da irmã de que ela deveria conquistar a confiança do sr. Ryder. Uma dama em tal traje levaria um vigário à apoplexia!

Mas não aquele vigário... uma voz dentro dela lhe sussurrou. *Não ele.*

O assaltante. O espião. O misterioso homem que a perturbava tanto.

Por um longo momento, ela pensou se aquele vestido seria suficiente para despertar o interesse do homem que ela imaginava haver por trás da aparência beatífica do sr. Ryder.

Bem, isso certamente provaria ou desmentiria sua teoria sobre ele.

— Bons céus — Pippin estava dizendo, tirando de dentro do baú calções de couro e uma jaqueta masculina, ambas pretas. — Olhe este traje de montaria... ora, ele pertence a um assaltante, com certeza!

— Duvido que a dama fosse uma assaltante — murmurou Tally, o olhar fixo no vestido de veludo.

— Você quer apostar? — desafiou Pippin, segurando um par de pistolas.

— Deus do céu! — Tally exclamou enquanto Pippin lhe entregava as armas.

— Começo agora a ficar curiosa para saber a quem este baú pertence — confessou Pippin. — Ora, ele tem todo o mistério que nos fascina. Espero que possamos descobrir em breve.

Tally estava olhando para as pistolas que tinha nas mãos. Eram de boa marca, e bastante usadas. Que tipo de mulher teria aquele tipo de roupas e esses outros pertences?

— Talvez ela seja uma atriz e estas sejam suas fantasias, seus trajes de cena — Tally sugeriu.

— Duvido muito.

— Por quê?

— Quantas atrizes achariam isto necessário? — perguntou Pippin, segurando um par de grampos, exatamente do tipo dos que Tally possuía para arrombar fechaduras.

Capítulo III

Mayfair, Londres.

Quatro noites antes.

A neblina que envolvia Larken enquanto ele descia a rua era assustadoramente familiar, assim como os pedregulhos onde pisava com suas botas.

Ele havia caminhado ali antes. Disso tinha certeza. Levou a mão à frente, tentando de alguma forma afastar a neblina para poder enxergar o caminho, mas o gesto foi inútil. Sentiu a pressão no peito aumentar. Tudo parecia estar terrivelmente errado. Em algum lugar à sua frente soou uma voz de mulher.

— Milorde, precisa me ajudar... Não posso ficar em Paris nem uma noite a mais!

— Não posso e não vou ajudá-la — veio a resposta, tão firme e zangada quanto o pedido da mulher. Ou melhor, a ordem.

Larken conhecia aquela voz. Era a de seu pai. Mas não podia ser... Seu pai estava...

A discussão do casal continuou.

— Se não me ajudar, eu o arruinarei e à sua família. Tenho evidências mais do que suficientes para destruir tudo aquilo que mais preza — ela ameaçou. — Não tem alternativa a não ser me ajudar.

— A sua evidência é tão falsa quanto o seu coração — o pai de Larken retrucou. — E você não vai me arruinar nem fazer mal alguma à minha família. Nunca!

Larken tentou ignorar a urgência que havia por trás daquelas palavras.

Isto não tem nada a ver comigo, ele disse a si mesmo. Precisava escapar dali.

Isto tem tudo a ver com você, a neblina pareceu debochar dele.

— Resta-lhe pouco tempo, milorde. Já se esqueceu da criança? — a mulher falou. — Creio que isso, por si só, o deixa sem escolha neste assunto.

Sempre há escolhas.

O pai de Larken lhe ensinara isso. Sempre há escolhas. Boas e más.

E aquela seria bastante ruim.

— Se não me levar... se não nos levar, isso será a sua ruína — a mulher ameaçou, forçando o pai dele a tomar uma decisão terrível.

— Seria um ato de traição, e não farei nada disso. Senhora, nossa sociedade termina esta noite. — Pelo modo como o pai falara, Larken sabia que ele não mudaria de idéia.

Larken deu um passo à frente, mas a neblina ficou mais densa. Ele se aproximava de alguma coisa... Inalou profundamente. Era o rio?

Não. Não o Sena!

— Papai, cuidado... — ele tentou gritar, mas suas palavras terminaram presas na garganta. Buscou a pistola no bolso do casaco, mas ela não estava lá.

— Terminar? Você pensa que pode *terminar* com nossa sociedade? — Um riso sinistro soou na noite. — O único que vai encontrar o seu fim esta noite é o senhor, milorde. Está cruzando o caminho com a Ordem pela última vez!

Larken estremeceu com o som de um tiro de pistola, como se tivesse sido atingido por uma bala. Em algum lugar, apareceu um clarão.

Ele sentiu o frio envolvê-lo, como se ele próprio tivesse caído nas águas geladas do Sena. E então, viu-se com água enchendo sua boca, narinas e ouvidos. Estava se afogando, afundando no rio, a escuridão o engolfando por inteiro. Ia morrer, a não ser que pudesse...

As mãos de Larken procuraram encontrar no peito o lugar onde a bala entrara, então subiu à superfície da água, os pulmões buscando desesperadamente o ar.

E foi quando a luz o atingiu, quase o cegando e levando-o para fora da água, para fora da escuridão.

Piscou os olhos, tentando discernir onde estava e o que acontecera.

Ou mais importante: quem estava agora ao seu lado.

— Milorde? Está acordado? — O homem segurava uma vela bem ao alto, acima do rosto de Larken. — Sou eu, Royston. Odeio perturbá-lo, mas agora que está acordado... — Ele se calou e deixou que Larken assimilasse as palavras.

Acordado. Larken respirou fundo. Sim, ele estava acordado. Não em Paris, não na França. Mas ali. Em Londres. E aquele era Royston, seu mordomo.

E ele não tinha mais onze anos de idade nem estivera andando pelas ruas de Paris tentando deter... bem, deter o destino.

Respirou fundo outra vez. Estivera dormindo. Sonhando. E agora estava acordado. Não sabia o que era pior, se o pesadelo ou acordar e descobrir que sua vida não era nada diferente do que quando ele fora se deitar.

— Sim, Royston — ele disse, procurando sair definitivamente do pesadelo. — O que foi?

— Milorde, lamento perturbá-lo, mas o senhor tem visitas esperando lá embaixo.

— Mande-as embora.

Larken se virou na cama e deu uma olhadela no relógio colocado acima da lareira. Cinco da manhã? Cristo, fazia apenas uma hora que ele tinha se deitado!

— Temo não poder mandá-los embora — disse Royston. — Trata-se de Sua Graça, o duque de Setchfield, e aquele cavalheiro que aparece vez por outra. Aquele que jamais diz o seu nome.

Larken grunhiu. Sabia de quem se tratava. O chefe dos espiões do Ministério do Exterior. Pymm jamais informava seu nome. Jamais deixava qualquer sinal de sua presença para trás.

E jamais convocava pessoalmente qualquer de seus... associados... a não ser que...

A não ser que estivesse acontecendo alguma coisa muito grave.

— Cristo! — Larken resmungou enquanto saía de baixo dos lençóis e afastava os últimos vestígios de sono de seu corpo cansado.

Não havia mais nada a fazer senão levantar-se e ignorar a sensação de parecer pisar em um chão coberto com os pedregulhos das ruas de Paris.

— Está com uma aparência péssima — o duque de Setchfield observou quando Larken entrou na sala.

— Bom dia para você também, Temple — ele respondeu, usando o apelido do duque. — Eu estava dormindo. Esqueceu que as pessoas normais costumam dormir à noite?

— Não me parece que estivesse dormindo — Temple persistiu. — Pesadelos?

— Não é da sua conta — Larken retrucou irritado, seguindo para a bandeja de conhaque.

Havia sido mandado para casa seis meses antes porque se tornara perigoso demais, segundo um de seus superiores. "Perigoso e imprevisível", o oficial havia escrito em uma carta codificada para Pymm.

Uma que Larken não somente tinha interceptado como decodificado facilmente.

Perigoso... Larken sentiu vontade de rir. Pymm e sua turma o haviam feito um homem assim. E vir para casa não tinha melhorado em nada o seu humor, apenas enfatizado como ele não pertencia mais à elegante sociedade inglesa.

Olhou para as garrafas à sua frente, sabendo que deveria servir alguma coisa às visitas. Mas eram apenas cinco horas da manhã, e eles o haviam tirado da cama. Não se sentia nem um pouco hospitaleiro.

Isso não significava que Royston deixaria de lado a etiqueta. O mordomo entrou na sala trazendo uma bandeja com presunto e pão. O aroma estimulante de café se espalhou pela sala.

Larken esperou Royston colocar a bandeja sobre a mesinha e sair.

— Agora, sem querer ser rude, gostaria de saber que maldita razão trouxe vocês dois à minha casa à uma hora destas. Estou aposentado, não é verdade?

Pymm semicerrou os olhos e olhou em volta antes de falar.

— Dashwell escapou duas noites atrás. Do presídio de Marshalsea.

Escapou? De Marshalsea? Impossível.

Ignorando o modo como os dois homens o observavam, Larken assimilou a informação, sentindo-se tornado por emoções desencontradas. Não as deixou transparecer, porém. Dashwell, livre? Ele sabia que não deveria se sentir feliz com isso, mas em parte ficava satisfeito que o comandante americano, o homem que deixara a Marinha inglesa meio maluca e atormentara todos os navios mercantes sem remorso, tivesse escapado.

Antes de os dois países entrarem em guerra, Dashwell havia sido um dos agentes

mais apreciados pelo Serviço Secreto inglês. Um capitão que ousava passar por qualquer bloqueio, tirando agentes ingleses de praias inimigas e trazendo-os a salvo para casa. Aquelas noites em que ele e Dashwell haviam passado bebendo e jogando haviam tornado os dois bons companheiros.

Mas isso fora antes de os americanos terem decidido livrar o país deles dos ingleses. Os amigos, em um piscar de olhos, viraram inimigos.

E então, no inverno anterior, um pouco depois de voltar para a Inglaterra, Larken havia sido convocado para ajudar o Serviço Secreto a capturar Dashwell. O tolo capitão havia penetrado em Londres para espionar.

Pymm tinha razão em capturar o americano. Dashwell conhecia demais sobre como o Serviço Secreto inglês agia. Conhecia grande parte dos agentes. Era um risco para todos eles.

E assim Larken concordara em ajudar a prender o seu amigo.

Havia feito coisas piores na guerra, dissera a si mesmo. Piores do que trair um amigo.

Larken passou a mão pelos cabelos, nervoso.

— Escapou? Duas noites atrás, é o que está me dizendo? — ele perguntou, sem querer revelar que se sentia abalado. Deveria saber que o capitão terminaria conseguindo se libertar. — E por que estão me contando isso apenas agora?

— Descobrimos esse fato por acaso — explicou Temple.

— Parece que o almirantado não queria revelar que havia perdido um prisioneiro importante.

Sem fazer cerimônia, Temple pegou um pedaço de pão com presunto e deu uma boa mordida no sanduíche, como se fizesse dias que não comia.

— Tivemos uma noite agitada — ele se justificou. Nada fazia muito sentido para Larken.

— Mas como diabos deixaram Larken escapar? E de Marshalsea, pelo amor de Deus!

— Ele teve ajuda — disse Pymm, enfiando a mão no bolso do casaco e tirando alguns papéis, que estendeu ao barão.

Nesse ínterim, Temple se servia de mais pão e presunto e agora enchia uma xícara com café, colocando vários tabletes de açúcar. Pymm serviu-se também de café, mas não colocou açúcar algum.

— Foi um trabalho extremamente bem executado — Larken resmungou enquanto lia o relatório. "Cercados enquanto deixavam os portões... Estavam em meio à neblina... A carruagem foi achada mais tarde em Mayfair..."

— Bom Deus! — Larken exclamou quando terminou de ler a última página. — Quem quer que tenha feito isso, sabia dos planos da Marinha. Como ficaram sabendo que Dashwell seria transferido?

— Não temos idéia — respondeu Temple. — Somente algumas poucas pessoas sabiam. — Ele acenou para Pymm. — Nem nós mesmos sabíamos.

Larken colocou os papéis de lado e passou as mãos nos cabelos mais uma vez.

— Mas por que diabos a Marinha estava transferindo Dashwell?

— Iam enforcá-lo em Newgate ao amanhecer — Pymm informou.

Aquela notícia abalou Larken. Enforcar Dashwell? Bem, com certeza aquele seria o fim do pirata, mais cedo ou mais tarde. Mas Larken nunca gostara dessa possibilidade.

Na verdade, Dashwell era seu amigo. Americano ou não, não importava o que os políticos diziam. Droga, odiava como a honra e o dever os havia colocado em campos opostos. Quantas vezes Dashwell tinha se aventurado a perigosas manobras para conseguir que Larken entrasse e saísse em segurança da França? Certamente, os atos heróicos do amigo não o haviam detido, mesmo estando trancafiado.

Se Dashwell tinha sido libertado, precisava agora ser recapturado. Larken estremeceu e se aproximou da lareira, começando a andar à sua frente de um lado para o outro, como sempre fazia quando se via diante de um problema difícil de resolver.

Não estava feliz com as implicações que resultariam daquela situação.

— E tem mais — Temple disse. — Algo que não está no relatório.

Larken parou a caminhada e olhou para o duque. Oh, agora o que escutaria atingiria direto o seu coração...

Temple fez sinal para que ele se sentasse, e Larken obedeceu.

— Apesar de o relatório descrever a ação como obra de um grupo grande e muito bem armado, isso não é verdade — o duque foi dizendo. — Tomei uns uísques poucas horas atrás com um sujeito de nome Dobbins, que declarou não haver gangue alguma por trás da libertação de Dashwell, mas que tudo foi obra de duas mulheres com a ajuda de um sujeito grandalhão. A líder usava um vestido vermelho, e no dizer eloqüente do sr. Dobbins era uma jovem com o mais belo par de seios que ele já vira na vida. E o cabelo! Loiro, ele era. Brilhante com a luz de uma lâmpada.

Temple parou de falar por um instante, depois continuou:

— Um poeta, o nosso sr. Dobbins. Mas aparentemente a dama em questão era jovem e loira. E hábil com a pistola, porque ele garante que ela apontou uma para o tenente que estava no comando antes que o homem pudesse esboçar um gesto. — Temple deixou as palavras assentar na mente de Larken. — Enfim, ela não podia ser velha, porque aparentemente se movia com graça e estava assim tão bem armada. Suspeito que o cocheiro também era uma mulher, mas não tenho prova, apenas...

Larken soube imediatamente o que o duque queria dizer. Apenas intuição.

Após anos em ação, havia horas em que somente os instintos podiam definir uma linha entre os fatos e as incertezas.

Sentiu uma pressão no peito com a única conclusão a que podia chegar. E agora entendia a razão de o terem acordado.

Pelo menos acreditava que sim.

— Então foi por isso que vieram aqui... porque pensam que se trata de um trabalho da...

Pymm grunhiu alto, e então protestou.

— Se está querendo dizer que este foi um trabalho daquele grupo de mulheres, a Ordem, eu o mandarei para o hospício! — ele declarou apontando o dedo para o barão. — *Un Ordre Du Lis Noir!* Bobagem! Nada mais que séculos de rumores e mentiras dos franceses para manterem os tolos distraídos. Mulheres espiãs! Pois sim!

Temple e Larken se entreolharam. Era raro eles concordarem com alguma coisa, mas aquilo, a *Ordem do Lírio Negro*, não era ficção para os dois.

Pymm, apesar de ser um mestre em manter os inimigos da Inglaterra sob suas vistas, não era um homem de ação e vivia praticamente atrás de sua escrivaninha. Não era possível convencê-lo de nada sem que houvesse uma evidência concreta.

E evidência concreta de que a Ordem existia... bem, isso era impossível de se ter em mãos.

Uma liga de mulheres espiãs, fundada por Mary de Guise, como contavam as histórias, que atravessavam os séculos, servindo diversas rainhas francesas e protegendo-as de intrigas no país e fora dele.

Homens como Pymm debochavam da idéia de que qualquer mulher pudesse segurar a língua e não comentar os segredos da Ordem, ainda mais por séculos.

Para Larken, no entanto, a Ordem não era uma mera conjectura, uma história inventada pelos franceses para inquietar os ingleses. Insistir em sua convicção representava um risco para ele, já que teria de confessar *como* ele soubera da existência desse covil de espiãs francesas.

Teria de contar que o pai dele estivera envolvido com a organização secreta, apaixonara-se por uma das espiãs e a ajudara, até que a vingativa mulher o colocara em uma posição que podia ser interpretada erroneamente como traição à pátria... então o assassinara quando ele procurava as evidências para limpar seu nome.

Não era isso que Larken vinha fazendo havia anos, tentando desmascarar os trabalhos da Ordem enquanto em suas missões pela Inglaterra? Algo que ele duvidava que Pymm aprovasse.

Perseguindo fantasmas... uma jornada de tolo, ele havia chamado essa sua imposta missão.

Agora ele via que estivera certo o tempo todo em suas tentativas de descobrir o líder das espiãs, suas seguidoras, suas missões. Porque, obviamente, elas haviam trazido as suas tramas para Londres.

Haviam libertado Dashwell para colocá-lo de volta aos mares, para que assim ele pudesse causar problemas para a Marinha inglesa.

Mas a hipótese de Larken pareceu ruir por terra imediatamente.

— Na verdade, não penso que seja um trabalho da Ordem — Temple disse. — Tenho outra teoria.

Ouviu-se outro riso de deboche de Pymm, mas mesmo assim o duque continuou, explicando suas suspeitas de como tudo havia acontecido nas sombras dos altos muros de Marshalsea.

E era uma teoria e tanto. Quando Temple terminou, Larken estava boquiaberto.

— Você acredita que o feito se deve a um par de damas de Mayfair?

Ele ergueu as mãos para o alto e recomeçou a andar de um lado para o outro. E o serviço secreto o chamava de imprevisível?

— Está louco se pensa que duas moças que saíram de alguma escola de Bath tenham sido capazes de um plano desses. — Larken deu mais alguns passos, depois parou. — E devo supor que a mulher que dirigiu a carruagem usava seus sapatinhos de dança?

Pymm se sentou e, pela primeira vez na história de sua carreira, sorriu. Na verdade torceu os lábios, em um quase-sorriso.

— Não me escutou direito! — Temple exclamou erguendo-se e fazendo Larken parar com sua caminhada irritante.

— Thalia Langley e lady Philippa não são debutantes comuns. Tally cresceu à sombra do pai, o barão de Langley, alguém que você conheceu.

Larken acenou que sim. Lorde Langley, sob o disfarce de um diplomata, havia trabalhado para o Serviço de Inteligência Inglesa por trinta anos. Seus métodos não ortodoxos, seus envolvimento amorosos cheios de escândalos e a falta de vontade de cuidar da família o haviam tornado uma espécie de pária junto ao Ministério do Exterior. Mas ninguém negava os resultados de seu trabalho.

— Não seria a primeira vez que Thalia Langley tira um homem da cadeia — Temple falou, calmamente.

Larken se surpreendeu.

— O quê?

Então, chocado, viu Pymm confirmar com a cabeça.

— Ela tirou lorde John da cadeia — Temple explicou. — Quando ele foi preso pelo magistrado local por estar envolvido em contrabando. Assim, não se deixe enganar pensando que ela não é uma mulher extremamente cheia de recursos.

— Mas por que a filha de lorde Langley iria querer libertar Dashwell?

Temple sacudiu a cabeça.

— Ela não pretenderia soltá-lo, mas tudo tem a ver com a prima dela, lady Philippa Knolles. Essa prima, para desgosto de muita gente que a conhece, parece extremamente atraída por Dashwell. — Temple suspirou fundo. — Não, a garota se apaixonou pelo pirata, então cometeu o desatino de libertá-lo.

— Não foi ela que... — Larken começou.

Temple o interrompeu, porque sabia exatamente o que Larken ia perguntar.

Lady Philippa tinha estado presente na noite em que Dashwell havia sido capturado, e a imagem da garota ainda estava em sua memória.

— Ela é loira, não é?

— Ambas são. Tally e Pippin são parecidas. E Dobbins foi bastante específico na descrição de nossa misteriosa jovem de vermelho. Não há dúvida de que nossa principal suspeita é lady Philippa, e se Tally deu uma de cocheiro ainda temos de descobrir.

— Lembro-me da jovem Knolles, mas não me recordo das feições da srta. Langley — disse Larken, procurando vasculhar suas lembranças daquela noite fria de janeiro em que o amigo fora capturado.

— Isso é bom — murmurou Pymm. — Porque se você se lembrasse dessa moça, ela igualmente se lembraria de você. Pymm ficou olhando por algum tempo para o seu café. — Você estava mascarado naquele baile, não é? Larken meneou a cabeça.

— Todos nós estávamos. Era um baile de máscaras.

— Melhor ainda — Pymm disse, mais para sua xícara de café do que para os dois homens diante dele.

Mas ele era assim mesmo. Com uma resposta à mão, sempre começava a planejar a ação seguinte.

Larken não via o que tudo isso tinha a ver com ele, mas o tom de Pymm e sua

chegada àquela hora tão imprópria sugeriam que o chefe dos agentes já tinha algo em mente.

Algo que ele não iria gostar de ouvir.

Sendo assim, não havia razão para perderem tempo com rodeios.

— Por que não procuram na casa das moças? — ele sugeriu. — Elas não podem ter ido muito longe. Provavelmente esconderam Dashwell no sótão.

Pymm soltou um grunhido de insatisfação.

— Está sugerindo que invadamos a casa de Hollindrake? Quer que enchamos Grosvenor Square com nossos homens e informemos o duque de que a irmã de sua esposa e a prima estão dando abrigo a um pirata americano debaixo do teto dele? Se Hollindrake não exigir minha cabeça, Wellington o faria. Ele considera seu ex-major como um de seus mais brilhantes oficiais.

Hollindrake? Oh, isso representava um problema a mais. Larken lançou um olhar para Temple. O duque parecia ter outro plano.

— Dashwell não está em Londres. Sei exatamente onde ele está.

Então que diabos estão fazendo aqui em minha casa? Larken se controlou para não fazer a pergunta em voz alta.

— Como pode ter tanta certeza?

— Hollindrake e toda a família deixaram Londres rumo à sua propriedade em Sussex, na manhã após a fuga de Dashwell. E não tenho dúvida de que Dashwell estava com eles...

Larken virou-se, surpreso.

— Não está sugerindo que Hollindrake... Temple balançou a cabeça.

— Não! Duvido que ele tenha alguma noção do que as duas mulheres fizeram. E por essa razão que penso que Tally e lady Philippa estejam por trás disso... Se elas tivessem envolvido Felicity... Não, Felicity ama Hollindrake demais para se arriscar a cometer traição. Provavelmente não tem idéia do que a irmã e a prima fizeram. E nem vai notar, porque está oferecendo uma festa cheia de atrações e, conhecendo a jovem, sei que ela terá os olhos totalmente voltados para os detalhes desta sua primeira grande apresentação social, e vai querer que seja um sucesso.

— E o que isso tudo tem a ver comigo? — Larken olhou para Pymm e então para Temple. — Isso parece mais uma espécie de diversão, coisa do tipo. Vá até Sussex e vasculhe o local — ele disse ao duque, caminhando até a porta. — Use o seu charme, Temple, e deixe-me dormir um pouco.

— Em circunstâncias normais, seria exatamente isso o que eu faria — o duque concordou. — Mas não posso.

Um arrepio percorreu a espinha de Larken.

— Por que não?

— Se eu colocar um pé naquela casa, Tally e lady Philippa saberão que suspeitamos delas — Temple respondeu.

— Elas saberão?

— Oh, sim. Na noite em que elas tiraram Jack da cadeia, as jovens também salvaram o meu pescoço. Foi assim que lady Philippa conheceu Dashwell. Infelizmente, isso nos deixa apenas você.

Larken olhou para o duque e viu arrependimento e cautela em seus olhos. Assim, Temple o julgava tão louco como o resto do Serviço Secreto. Sacudiu a cabeça, dizendo a si mesmo mais uma vez que não se importava com o que os outros pensavam dele.

— Mandem Clifton, mandem qualquer um. Não tenho intenção de sair de Londres. Não agora. Além do mais, estou aposentado, quero lembrar a vocês.

— Você irá — afirmou Pymm. — Isto é uma ordem. Larken abriu a boca para argumentar, mas sabia bem que era bobagem, por isso tornou a fechá-la. O brilho estranho e perigoso nos olhos de Pymm sugeria que não importava se alguém fosse perigoso para si mesmo e para os outros. Quando o rei e o país chamavam, não havia escolha. Mas o plano não parecia perfeito.

— Isso não vai funcionar — ele disse, apoiando-se na porta. — Não posso simplesmente aparecer na festa sem despertar suspeitas. — Larken suspirou e tentou parecer convincente. — Especialmente se essas moças forem tão espertas como vocês acreditam.

Pymm olhou para Temple.

— Identificamos um dos convidados e... bem, Elton foi despachado para deter o sujeito — informou Temple. — Nesse meio-tempo... — ele começou a dizer, tirando um envelope do bolso do casaco e estendendo-o a Larken.

Larken suspirou e pegou o papel onde estava escrito, com uma elegante letra de mulher, um nome e um endereço.

Reverendo M. Ryder

Eveling House

Bindley by Way, Lincolnshire

Larken balançou a cabeça e devolveu o convite a Temple.

— Isto não está endereçado a mim. É para algum vigário.

E então ele viu o que eles queriam quando Pymm falou bem-humorado.

— Ainda se lembra bem dos Sermões de Fordyce?

Temple esperou por Pymm do lado de fora da casa de Larken. O chefe dos agentes ficara conversando em particular com Larken. Tinha sido o próprio Pymm a insistir em enviar Larken, uma decisão com a qual Temple não concordara.

E ele repetia isso no momento em que caminhava agora pela rua silenciosa ao lado de Pymm.

— Não gosto disso. — Temple baixou a voz. — Ele é perigoso demais.

— Ouvi o mesmo sobre você.

É verdade, Temple tinha de concordar. Mas nunca tive de matar como ele tem feito.

— Ele é perigoso — insistiu de novo. — Encarregou-se de missões demais que você o atribuiu, Pymm. Não pense que não sei sobre Madri. Ou o que ele fez em Marselha. — Temple sacudiu a cabeça. — Um homem pode aguentar tudo isso somente antes de perder a sua alma.

— Ele é o melhor homem para este trabalho — Pymm afirmou categoricamente.

Isso provocou um arrepio no duque.

— Não está pretendendo que ele... Pymm parou abruptamente.

— Dashwell precisa ser detido. Larken sabe bem disso.

— Mas você quer que ele...

— Não quero Dashwell deixando as nossas praias como um homem livre. Oh, não me olhe com essa cara. A justiça tem de ser feita. Marque minhas palavras. Mas temos de pegá-lo primeiro, e se alguém pode fazer isso e deixar o nome Hollindrake sem mancha, esse homem é Larken. Como eu disse, ele é o melhor para este trabalho.

— O melhor? Por que ele passou os últimos seis meses perambulando pela cidade por horas? Não consegue dormir por causa dos pesadelos provocados pelo que fez nessas suas missões, e agora você o manda para uma festa? Diabos, homem! Pense no que está fazendo! E se ele ferir um dos convidados? Você soltou um tigre que esteve enjaulado até agora em uma casa cheia de ovelhas.

Pymm não pareceu se perturbar.

— Ovelhas que tiraram do presídio de Marshalsea o homem mais procurado da Inglaterra. Se estiver tão preocupado com o bem-estar das moças, vá junto com Larken. Mas é melhor manter distância da casa.

— Planejo fazer isso.

— Ótimo. Eu disse a Larken que você ficaria por perto para receber os relatórios dele.

Temple parou por um segundo, depois apressou o passo.

— Sabe que isso pode arruinar Larken. Você o mandou para fora do país vezes demais com promessas de que iria restaurar a honra do pai dele, oferecendo-lhe postos com o serviço de diplomacia. Quando ele descobrir que você o está usando, ele pode muito bem se voltar contra você.

Mansão Hollindrake, Sussex. Quatro noites depois.

Eu deveria ter ficado em Londres, Larken pensou, enquanto entrava na sala de jantar. Ele planejava chegar antes dos demais convidados e terminar sua missão antes que a casa estivesse cheia de pessoas, mas não tinha antecipado que a família estaria ali... E era uma família grande.

Viu a duquesa de Hollindrake sorrindo para ele como um gato olha para uma vasilha cheia de creme.

Droga! A mulher não se dava uma folga de seus esquemas de cupido? Nem mesmo para jantar?

Quando ela indicou a cadeira a seu lado, ele teve sua resposta.

Obviamente, ela jamais se dava uma folga.

Que Temple fosse para o diabo. O homem sequer tinha mencionado qualquer coisa sobre aquele tal de Ryder estar vindo para aquela festa para arranjar uma esposa.

Uma esposa? Oh, sim, ele faria um relatório e tanto para Pymm quando voltasse! Isso depois que ele derrubasse Temple no caminho de alguma carruagem. Sem querer, é claro.

— Sr. Ryder — a duquesa chamou —, aí está o senhor, bem a tempo de conhecer todos aqui. — Ela foi se aproximando e parou atenta. — Sr. Ryder, o senhor está bem?

Diabos, ela está falando comigo, Larken pensou, armando-se de um sorriso.

— Espero que não considere meio sem-graça este nosso jantar — Felicity disse. — Como estarão presentes apenas membros de nossa família, não me pareceu necessário algo muito formal. Espero que o senhor não se importe.

Aquele era um simples jantar de família? Larken olhou espantado para a mesa coberta por uma finíssima toalha branca, para toda a prataria e cristais dispostos sobre ela. Aquilo contrastava demais com a bandeja em seu escritório, com as refeições que ele fizera em hospedarias, ou mesmo com os lanches que tomara pelas estradas, estando em alguma missão comandada por Pymm, já que um jantar melhor poderia lhe custar à vida.

Ora, mesmo depois que o pai morrera, ele havia vivido com tia Edith, e embora ela fosse casada com um conde, sempre acreditara na simplicidade.

A duquesa continuou tagarelando, guiando-o até um lugar de honra à mesa.

— Minha sogra, lady Charles Sterling — ela disse, apresentando Larken a uma elegante matrona. — Lady Charles, este é o primo de quem lhe falei, o sr. Ryder.

— Senhora, é um prazer conhecê-la. — Larken curvou-se com elegância.

A resposta da mulher foi um aceno gentil e um olhar cheio de simpatia.

Nesse meio-tempo, eles continuaram percorrendo a mesa, que parecia infinita, até chegarem à cadeira onde ele se sentaria.

— Esta, sr. Ryder, é lady Geneva Pensford, tia e ao mesmo tempo prima de Hollindrake, creio eu — falou a duquesa, com a voz um pouco estridente. — Não me recordo se o senhor já a conhece.

Larken sentiu um aperto na garganta. Temple lhe garantira que não havia na lista de convidados ninguém que conhecesse o verdadeiro sr. Ryder.

Mas não precisou se preocupar por muito tempo.

— Não nos conhecemos — lady Geneva declarou, dando uma olhadela crítica ao casaco dele e ao cabelo um tanto desarrumado. — O sr. Ryder é um primo muito distante.

Larken respirou fundo, aliviado. Felizmente, lady Geneva pertencia àquele clube exclusivo de matronas que avaliavam as pessoas pela origem e linhagem. E mesmo que ele supostamente fosse um parente distante, certamente não era alguém a quem ela devesse dar uma atenção maior.

Ficou imaginando a reação da mulher se soubesse quem ele realmente era.

Geoffrey, lorde Larken. Filho do desonrado barão Larken. "O traidor Larken", como alguns gostavam de se referir ao barão, sugerindo que o filho dele era da mesma cepa.

Não, melhor que lady Geneva o julgasse um parente pobre, porque se soubesse a verdade, provavelmente exigiria que essa pessoa fosse banida daquela casa sem que se esperasse mais um minuto sequer.

A atenção dele se voltou para o que acontecia naquele exato minuto, quando a duquesa o apresentava à última das convidadas.

— Minerva, a marquesa de Standon — disse Felicity, parando diante de uma mulher alta e de cabelos vermelhos.

Oh, Deus, não uma das três marquesas de Standon, todas elas viúvas! Todos os homens de Londres sabiam tudo sobre aquele trio de damas que haviam se casado com vários herdeiros da família Hollindrake somente para verem seus maridos morrer antes de herdarem o valioso título de duque. Agora, de acordo com Temple, as viúvas só traziam

problemas à vida do atual duque de Hollindrake, brigando entre si e com cada um que cruzasse o caminho delas.

"As Viúvas Negras", como eram chamadas por toda a Londres.

— Lady Standon — ele murmurou, cumprimentando-a, e então deliberadamente tropeçou na perna da cadeira para reforçar a sua imagem de vigário atrapalhado.

E funcionou, porque os lábios da mulher se fecharam em um sorriso forçado e ela imediatamente começou a lidar com os talheres que estavam diante dela.

— Agora, se minha irmã chegasse... — a duquesa murmurou, irritada.

O olhar de Larken se voltou para a cadeira a seu lado, que estava vazia.

Srta. Langley.

Temple descrevera a filha do barão de Langley como uma adversária inteligente e capaz, mas ele apenas vira uma jovem que não conseguia nem controlar um cachorrinho minúsculo, quanto mais conduzir uma carruagem com cavalos agitados e ainda ajudar a libertar um prisioneiro. Temple devia estar louco se pensava que ela estava por trás de tão ousada fuga.

— Temo que minha prima lady Philippa não possa se reunir a nós, porque ela vai ficar cuidando de nossa tia Aramintha, que não tem se sentido bem ultimamente. Nossa viagem de Londres foi muito exaustiva para a pobrezinha, mas alguns dias de repouso deverão deixá-la em forma.

Larken sorriu, desejando poder dar a mesma desculpa e permanecer na segurança de seu quarto. Além do mais, com todos ali no jantar, ele poderia vasculhar a casa e terminar com toda aquela loucura.

Mas antes que ele pudesse apelar para um inesperado ataque de gota que o tirasse da sala, ouviu um gemido de lady Geneva. Pelo menos supôs ter vindo da mulher, já que ela tinha o rosto completamente ruborizado.

Ele se voltou para a porta e seus olhos depararam com uma fantástica visão parada ali, em meio às sombras e iluminada apenas pela luz fraca das velas. Larken ficou imaginando se seus olhos não o estavam enganando.

Seus ouvidos provavelmente estavam, já que ele ouviu a duquesa de Hollindrake blasfemar em russo. E uma palavra que não podia ser traduzida ali, naquele ambiente refinado.

Mas certamente a duquesa não diria um nome feio, e tampouco sua irmã deveria surgir à porta como uma visão extraordinária.

Uma das damas da Ordem do Lírio Negro.

Porque a srta. Thalia Langley não era mais a jovem tola que ele conhecera antes, mas sim uma criatura da noite. Perturbadora e perigosa, capaz de chocar um comportado vigário do interior.

Por Deus, ele pensou, reprimindo um gemido, aquela mulher seria capaz de levar um eremita a abandonar a sua caverna.

Um esplendoroso vestido preto delineava cada curva de seu corpo. Não havia, mesmo estando no canto oposto da sala de jantar, qualquer modo de ignorar o decote generoso e provocante. Os seios quase saltavam para fora, e enquanto ela se movia para frente, Larken desejou por um instante que eles saíssem mesmo do decote, mas então se deixou encantar com a leve ondulação de seus quadris.

Era a imagem de uma cortesã, de uma sedutora irresistível.

— Tally — a duquesa disse, passando por Larken e detendo a irmã antes que ela desse mais um passo adiante. — Penso que tenha se enganado com as instruções que lhe passei sobre o jantar.

A srta. Langley deu um passo para o lado, como se estivesse acostumada a não dar atenção à irmã.

Larken percebeu que, apesar de as jovens serem gêmeas, as diferenças entre as duas eram óbvias.

O espelho poderia classificá-las como quase idênticas, porque ambas tinham os mesmos cabelos loiros, as mesmas linhas do corpo, até se moviam de forma parecida até certo ponto, mas os olhos da srta. Langley eram cheios de um quê de mistério que faltava nos da duquesa. Não que tivesse o ar de autoridade da duquesa, mas simplesmente era como se tudo aquilo fizesse parte dela.

E exatamente naquele momento, a autoridade da duquesa estava sendo desafiada por aquele vestido escandaloso. Observando a dama de negro, Larken seria capaz de apostar seu melhor par de pistolas como Thalia Langley tinha se vestido assim de propósito, mas por qual razão, ele não sabia dizer. Talvez o vestido fosse apenas algo para irritar a irmã.

Ele certamente sabia que o vestido o perturbava, mas por outras razões.

— Onde arranjou esse vestido? — a duquesa perguntou, enquanto seguia a irmã até sua cadeira.

— Estava em meu baú — Tally respondeu sem se perturbar, seu olhar finalmente encontrando o de Larken.

Ela dispensou o criado que se adiantara para lhe puxar a cadeira e ficou parada, em pé, sorrindo para Larken com ar felino. Por um instante, tudo o que ele conseguiu fazer foi olhá-la, até que percebeu o que ela queria: que a ajudasse a se sentar.

Ele e tão-somente ele.

Respirou fundo, sentindo-se embriagado pelo perfume que ela usava.

Lírios do campo.

Lírios para uma dama de preto.

Enquanto ele se levantava, a srta. Langley lhe lançou um olhar que quase o derrubou. Os lábios dela, a curva do pescoço, o movimento dos cílios enquanto piscava devagar, pareciam oferecer a promessa de alguma coisa que não era apropriada para uma jovem inocente de vinte anos de idade.

O sangue correu mais depressa nas veias de Larken. O que aquela moça esperava que ele fizesse? Que a envolvesse nos braços antes de o primeiro prato ser servido?

Seu coração disparou. *Porque ele sabia.*

A razão para aquele vestido. Para o fato de ela ter se atrasado. A srta. Thalia Langley estava concentrada nele. Qualquer que fosse a razão, o fato era que ela estava atrás dele.

Subitamente, os pensamentos de Larken se voltaram apenas para a imagem da srta. Langley com aquele glorioso vestido de veludo negro cobrindo seu corpo nu, oferecendo-se a ele, beijando-o perigosamente...

Ela tossiu de leve, chamando sua atenção. Os olhos azuis brilhavam.

Oh, sim. Ele deveria estar apenas ajudando-a a se sentar, não sendo tomado por aqueles pensamentos de luxúria.

Ela era inocente? Dificilmente. Irresistível? Oh, sim!

Distraído, ele puxou a cadeira, sem ousar fitar aqueles perigosos olhos azuis, ou os dos outros convidados, todos agora o observando com atenção.

Se ao menos houvesse algum outro lugar para olhar, que não fossem os seios da srta. Langley... Ele então optou por encarar o duque.

Hollindrake estava com os lábios pressionados, cobrindo-os em parte com o guardanapo, tentando esconder um sorriso.

O bastardo estava achando tudo aquilo muito divertido.

Claro que devia estar, porque ele considerava a chegada de Larken apenas como uma espécie de jogo. Sim, ele estivera mais do que disposto a ajudar a capturar o homem procurado, mas como Larken, não acreditava que lady Philippa ou a srta. Larken tivessem libertado o capitão Dashwell da prisão, quanto mais trazê-lo para a Mansão Hollindrake. Embora fosse uma casa enorme, seria impossível, ele assegurara a Larken, esconder alguém dos criados.

— Obrigada, sr. Ryder — Tally disse, como se estivesse ronronando. — Mas pode se sentar agora — ofereceu gentil.

— Sim, claro, srta. Langley — ele conseguiu dizer, e então mais uma vez forçou-se a tropeçar na perna da cadeira. Viu o olhar de todos presos a ele, claro.

Realmente, Larken, ele disse a si mesmo, não precisa agir como um idiota. Além do mais, você está aqui para determinar se a srta. Langley ou lady Philippa deram uma mão para libertar Dashwell.

E dados os olhares que Tally continuava a lançar em sua direção, ela parecia tão... disposta... a fazer amizade... Talvez fosse... bem, prudente, ceder e ganhar a confiança dela e então lhe arrancar os segredos.

Como aquele que explicaria como ela conseguia manter o vestido no lugar...

Oh, sim, isso combinava inteiramente com o papel de seu disfarce.

O vigário tolo e a moça inocente.

Lançou um olhar na direção dela e mais uma vez se sentiu balançar.

Inocente? Atrevida, isso sim.

— Bem, aqui estamos todos nós — a duquesa começou, recuperando a compostura e sorrindo com serenidade. — Sr. Ryder, o senhor nos faria o favor de dar as graças antes de começarmos?

Dar o quê? Larken olhou para Felicity. Certamente não ouvira direito.

— Graças? — ela repetiu.

— Oh, sim, graças — ele murmurou. — Claro. — Então parou e tentou se lembrar do que ouvira alguém dizer, porque fazia um longo tempo que não rezava.

Por alguma razão, olhou para a sua esquerda e encarou a srta. Langley. Ou melhor, para os seios da srta. Langley, dispostos como duas pombas em uma bandeja.

Que Deus me proteja, ele rezou silenciosamente.

Capítulo IV

Difícilmente existe um homem na Inglaterra com um segredo que eu não possa descobrir, com a exasperante exceção de Geoffrey, lorde Larken. O barão tem provado ser um mistério, mas eu me recuso a desistir.

— *Adendo de As Crônicas dos Solteiros.*

Depois do jantar, as damas foram para o salão verde, e Felicity segurou Tally pelo braço.

Bem, Tally sabia que teria problemas por comparecer ao jantar com aquele vestido atrevido. Mas a culpa era toda de Felicity, claro. Não que a irmã gêmea fosse reconhecer isso.

Ainda assim, sabendo que a melhor atitude seria esperar passar a primeira onda de reclamações, Tally deixou-se levar pelo longo corredor, tentando não perder o equilíbrio, tarefa nada fácil, já que estava usando sapatos com saltos altíssimos.

O vestido servira esplendidamente, mas os sapatos eram altos demais para se conseguir caminhar com graça. Mesmo sentindo dor, ela conseguira sorrir o tempo todo para o sr. Ryder, aumentando o desconforto do pobre homem, que não parecia estar à vontade naquele ambiente requintado.

Não que Felicity tivesse notado. Não, a irmã continuara alheia à perturbação do homem, fazendo-lhe pergunta após pergunta. Tally podia ver perfeitamente que o homem não tinha desejo algum de se casar.

Cada vez que a irmã pronunciava a palavra "noiva", o homem estremecia como se estivesse sendo espetado por alguma das agulhas de tricotar de tia Minty.

Então, por que ele viera à festa se não pretendia se casar? Poderia simplesmente ter apresentado por escrito as suas desculpas e não ter comparecido à casa da duquesa.

A pergunta então era uma só: por que o sr. Ryder tinha vindo?

Isto era um mistério, que despertava o interesse de Tally mais do que ela gostaria de admitir.

Tendo esperado pacientemente ao pé da escada durante todo o jantar, Brutus veio trotando até sua dona, dando-lhe uma alegre saudação, e então começou a segui-la, balançando a cauda de alegria.

Quando entraram no salão, lady Charles e Minerva seguiram para a mesa de jogos em um dos cantos, enquanto lady Geneva se sentava em uma cadeira solitária perto da lareira. Mesmo sem olhar, ela estendeu a mão e pegou o seu bordado, posicionado de jeito por sua criada, que, segundo os rumores, era exatamente como a patroa.

Com similar eficiência, Felicity ordenou que trouxessem o carrinho de chá e esperou pacientemente os quatro segundos até que Staines saísse e fechasse a porta, antes de se virar para Tally.

— O que vou fazer? — Felicity perguntou, com voz agoniada.

— Bem, eu... — Tally começou a falar, um pouco confusa, porque não tinha bem certeza do que a irmã reclamava.

— Ele é um idiota — Felicity declarou. — Você o escutou durante o jantar?

— Bem, eu... eu... eu ...

— Deus meu, Tally, você pelo menos poderia ter tentando conversar com o sujeito!

— Sim... bem...

— Você o ouviu? Falou só sobre o tempo, Tally. O tempo! Qualquer homem pode falar sobre o tempo. Nuvens, aquela bobagem sobre chover na próxima semana. Chuva! — Felicity estremeceu. — Que coisa terrível de se dizer para uma anfitriã que está oferecendo a sua primeira festa.

Tally fechou os olhos e tentou ver se entendia bem. Felicity estava preocupada com o tempo?

A seus pés, Brutus rosnava baixinho.

A irmã parou por um momento de andar de um lado para o outro. Tally se abaixou e pegou o cãozinho para que ele não fosse pisado.

— Esse homem não é nem de longe como eu imaginava — continuou Felicity. — Pensei que seria um pouco enfadonho, mas uma pessoa aceitável. Agora, como posso trabalhar com isto? O sr. Ryder é um tédio total! Como vamos poder uni-lo à srta. DeFisser?

Três palavras finalmente ressoaram na mente de Tally.

"Sr. Ryder". E "nós". Significando... *elas*. Felicity e Tally. Não o ridículo esquema de Felicity de dar uma de casamenteira, mas como se o esquema fosse plano das duas irmãs.

Levou Brutus ao seu quadril, apenas pensando por dois segundos que teria pêlo de cachorro em todo o veludo do vestido, mas isso era um problema para pensar mais tarde.

O problema de agora estava diante dela.

Sua irmã.

Nós! Como se Tally estivesse envolvida naquilo. Naquela festa infernal, na lista de convidados, e até em sua inclusão, já que estaria muito mais feliz se tivesse ficado em Londres com Tia Minty como acompanhante, enquanto ela e Pippin poderiam continuar escrevendo uma nova peça.

— Se minha reunião for um fracasso total, o que as pessoas dirão na próxima temporada? — Felicity murmurou. — Preciso garantir pelo menos um, digamos, dois futuros casamentos nos próximos quinze dias, ou tudo terá sido um tremendo fracasso.

Tally suspirou. Claro, tudo girava em torno de Felicity e seu lugar na sociedade como casamenteira. Ser a duquesa de Hollindrake não parecia suficiente. Colocara na cabeça que se conseguisse ganhar a fama de unir casais, sua posição na sociedade estaria garantida.

Um calafrio percorreu a espinha de Tally quando se imaginou passando as próximas duas semanas entretendo cada marquês e conde, velho, rico e respeitável, que Felicity encontrara em um raio de cem quilômetros e convidara para sua festa.

Brutus a olhava como que se quisesse dizer "Salve-se... salve-nos..."

— Eu não creio que você precise começar a se preocupar com a srta. DeFisser agora — ela disse a Felicity. — Creio que o sr. Ryder esteja nervoso apenas por estar sentado em um lugar de tanto destaque à mesa. Você o deixou embaraçado.

Felicity parou, olhando interessada para a irmã.

— Pensa mesmo que foi isso?

— Oh, sim. Acredito que o sr. Ryder deve ter várias qualidades — Tally mentiu.

Sentia-se quase culpada por mandar a irmã atrás do homem, mas... *antes ele do que eu*, pensou.

Felicity a observou com os olhos semicerrados.

— O que quer dizer com "várias qualidades"? Por acaso já olhou para o homem? Ele não se veste melhor do que um mercador medíocre.

Tally teve de morder a língua para não lembrar a irmã de que não fazia mais de seis meses que elas duas haviam morado em Brook Street, em uma casa "emprestada" e usando roupas fora de moda, de pelo menos três temporadas antes. Mas Felicity não queria ser lembrada das difíceis primeiras semanas que passara em Londres.

— Se ele fosse encorajado... — Tally aventou, em tom conspirador.

— De forma apropriada, ah, sim! — Felicity acrescentou, começando a abraçar a idéia. — Sim, sim, entendo o que está dizendo. Algumas lições de conversação, uma visita a um alfaiate, talvez um professor de dança... Fico pensando se ele precisa mesmo usar aqueles óculos... Bem, isso não importa. Tudo deve ser providenciado imediatamente, se quisermos que ele se torne um candidato aceitável para a srta. DeFisser.

— Não vejo como você possa falhar nisso — Tally disse. — Ora, sob a luz certa, até que o sr. Ryder é um homem bonito.

Felicity riu.

— Oh, Tally, se eu não a conhecesse bem, pensaria que tomou vinho demais! O sr. Ryder? *Hollindrake* é lindo! O primo dele é... bem, ele certamente não parece pertencer à família Sterling.

Tally riu e abriu a boca para argumentar, mas fechou-a no mesmo instante, porque teria de confessar ter-se enganado também sobre o primo do duque.

Porque, quando o conhecera, chegara a considerá-lo o homem mais bonito que já vira na vida.

— Oh, sim, penso que você esteja animada, Tally — Felicity disse, agora com entusiasmo. — E estou tão aliviada que se disponha finalmente a ajudar! Ouso dizer que, quando a vi nesse vestido, tive a suspeita de que... bem, deixemos isso para lá agora.

— Ajudar? — Tally franziu a testa. E ela que julgara ter escapado das tramóias da irmã...

— Claro. — Felicity suspirou. — Preciso que se encarregue da transformação do sr. Ryder.

— Felicity...

A irmã abanou as mãos.

— Eu faria o mesmo por você. E nossa babá sempre dizia que, sendo gêmeas, deveríamos ter uma só mente, para vivermos em harmonia, claro. — Felicity abriu um sorriso radiante, como se isso encerrasse o assunto.

Tally suspirou. A babá, com certeza, não dissera tal coisa no sentido de que tudo o que Felicity quisesse, ela deveria obter. Pensou em argumentar, mas então a porta se abriu e Hollindrake entrou. E, para sua surpresa, Tally se encontrou procurando pelo sr. Ryder.

Oh, não o enfadonho sr. Ryder, o vigário com quem haviam jantado pouco antes, mas o homem enigmático e atraente que ela jurava ter visto no escritório do cunhado. Seria loucura imaginar que houvesse alguém assim por trás daquela fachada de seriedade e simplicidade?

Talvez fosse. O homem era um vigário de um lugarejo do interior. Dificilmente seria o homem com quem ela sonhava compartilhar sua vida.

Pare de ficar provocando o destino, Thalia Langley, ela disse a si mesma. Ou vai acabar vivendo em Lincolnshire com uma casa cheia de crianças e passando seus dias entregando cestas de comida para os pobres e engomando camisas, sem a esperança sequer de colocar o pé na vila ao lado.

— Onde está o sr. Ryder? — Felicity perguntou sem rodeios ao marido.

— Ele foi dar uma volta no jardim — respondeu o duque. — Alguma coisa que faria bem à sua digestão.

Felicity arregalou os olhos.

— Bons céus. Espero que ele não tenha problemas digestivos.

Hollindrake riu.

— Nada disso. Acredito que tenha sido apenas uma desculpa para ir tomar ar fresco.

— Então não precisava ter me assustado sem necessidade — Felicity reclamou, aproximando-se do marido e sorrindo para ele.

Os olhos de Hollindrake brilhavam ao fixar a esposa; então ele a abraçou, acenando para Tally, como se quisesse que ela deixasse a sala.

Algumas vezes a irmã e o marido eram íntimos demais em público, na opinião de Tally. Nunca pensara que Felicity possuísse uma natureza tão apaixonada, mas no que se referia ao duque, ela era quase indecente.

— Qual jardim? — Felicity perguntou, voltando a pensar no primo do duque.

— O terraço superior.

Felicity lançou um olhar significativo para Tally.

— Bem, o que você está esperando?

— Isso não seria apropriado — Tally murmurou.

— Ele é um vigário. Penso que dificilmente a sua reputação esteja em risco. E Tally, você é a única pessoa em quem confio para fazer isso.

Oh, droga. Por que eu?, Tally se perguntou.

— Por favor, Tally — Felicity implorou, lançando um olhar tristonho como se dissesse "temos apenas uma à outra".

Infelizmente o estratagema funcionou, porque apesar de todas as reclamações que Tally tinha de Felicity, ela gostava muito da irmã.

— Está bem, vou ajudar. Mas lembre-se de que vai me ficar devendo um favor.

Mas mesmo enquanto deixava a sala com Brutus em seus calcanhares, Tally não tinha dúvida de que, no momento em que estivesse fora da vista da irmã, esta já consideraria o favor esquecido.

Tally parou junto às portas que davam para o jardim e encantou-se com o aroma das rosas trazido pela brisa da noite. A atmosfera era de puro romantismo, e ela desejou estar indo a algum encontro ilícito, em vez de estar atendendo a um pedido da irmã.

Suspirando, olhou para o terraço que o cunhado indicara. Não se sentiu inspirada, porém, e sim uma tola.

Havia usado o vestido para ver o efeito que ele provocaria no sr. Ryder, um vigário, pelo amor de Deus! Não que ele tivesse demonstrado qualquer reação digna de nota.

Tally tinha de concordar com a opinião da irmã. Ele era um homem sem atrativos. Ela é que se deixara levar pela imaginação.

— E o pior é que desperdicei o meu vestido em uma noite dessas. Bem, pelo menos não o arruinei deixando cair qualquer coisa sobre ele nem o rasgando.

Mas Brutus cheirava o ar como se estivesse prestes a perseguir alguma coisa, mal dando atenção a um vestido de veludo.

Alguma coisa que o cão tinha em comum com o sr. Ryder, Tally pensou, sorrindo de leve.

Preferiu ir caminhando pelo gramado. Sorriu ao lembrar-se de que o pai sempre dizia que à noite era melhor caminhar em silêncio. Sem alarde. E o vestido de veludo parecia perfeito para quem não queria ser notado, porque não fazia som algum enquanto ela se movia, o tecido escuro se misturando com a escuridão como se tivesse sido escolhido justamente para algo assim.

Claro que os sapatos eram um problema à parte, e Tally sentia dificuldade para andar com eles. Pena que sapatos tão lindos fossem tão desconfortáveis.

Olhou para o lado onde o sr. Ryder deveria estar, observando a lua. Mas ele não estava à vista. Tally olhou o resto do jardim e encontrou o lugar deserto.

Que estranho...

Mas então Brutus a ajudou, as orelhas atentas. Parecia particularmente interessado em um dos lados da casa, onde estava o labirinto de sebes Hawthorne, que, segundo a lenda, for a plantado em honra à visita da rainha Elizabeth.

O que o sr. Ryder fazia andando por ali?

Teria se isolado por causa de problemas digestivos? Oh, isso não seria perfeito?

Minha querida srta. DeFisser, gostaria que conhecesse o primo do duque de Hollindrake, o sr. Ryder. Ele deveria estar aqui para cumprimentá-la, mas temo que seu problema digestivo o tenha deixado terrivelmente indisposto.

Tally sorriu para si mesma, então virou uma esquina e parou, surpresa. Não viu um homem com problemas de digestão, e sim aquele que ela vira no escritório do cunhado.

Seu coração disparou, ameaçando pular para fora do peito.

Esse é ele. Ele, Tally. Aquele por quem você tem esperado.

Talvez todos os anos que passara viajando com o pai, ou escrevendo peças românticas, ou mesmo desenhando retratos de estranhos e amigos tivessem tido outro propósito: fixar na mente a imagem do homem ideal.

Alto e misterioso. E ali estava ele, parado no jardim, não mais o respeitável

reverendo Milo Ryder, mas um homem totalmente diferente.

Tally piscou várias vezes para verificar se seus olhos não estavam lhe pregando uma peça, e então os abriu; e lá estava ele, caminhando com passo firme.

O que ele estava fazendo? Não parecia interessado no labirinto. E tampouco caminhava para fazer a digestão.

Não, em vez disso, o homem observava com atenção o lado sul da casa, analisando as janelas, uma por uma. Não exatamente analisando, mas contando, como se estivesse tentando localizar algum aposento em particular.

Então Tally o viu parar e olhar em uma das janelas, a da suíte dela, onde as cortinas escondiam o interior.

Por que ele observava exatamente aqueles quartos? Os aposentos dela, para ser mais exata, que compartilhava com Pippin e tia Minty?

Era como se ele procurasse por algo.

Ou por alguém.

Tally cobriu a boca com a mão, cortando uma exclamação de surpresa ao se encontrar em uma situação semelhante à que ela e Pippin haviam escrito para o segundo ato de uma peça: *A Arriscada Aventura de Lady Perséfone*.

Abaixou-se para pegar Brutus no colo e não o encontrou. O cachorrinho saía correndo atrás de alguma coisa, ou melhor, avistara uma bota conhecida.

Tally não tinha agora outra escolha a não ser seguir o cãozinho, mas quando o sr. Ryder se virou ao ouvir os latidos de Brutus, ela parou, surpresa.

O homem que ela via agora era alguém pronto para enfrentar uma batalha, alerta e perigoso, seu rosto tomado por uma expressão assassina.

Bom Deus, Tally, ela pensou. Deixe Brutus entregue ao seu destino e corra para a casa.

Então ela olhou novamente o homem e sentiu um arrepio. Não porque estivesse frio, mas porque o olhar selvagem dele acordara uma parte de seu coração. Deveria estar aterrorizada, mas Thalia Langley sentia-se completamente fascinada por aquele homem.

Tentou chamar Brutus, mas sua voz não saiu.

Aproxime-se mais, uma voz lhe murmurou. Vá até esse homem. Ele não é vigário coisa nenhuma, e está longe de ser um santo.

Tally deu um passo à frente e quase tropeçou, devido ao salto alto do sapato; quando levantou o rosto, tudo estava diferente. Tudo havia mudado.

Oh, Deus, será que estou enlouquecendo?

Para seu horror, a única coisa que restara do homem perigoso de momentos antes era o olhar frio do primo insosso de Hollindrake.

Onde estava o homem que ela vira antes?

Não havia dúvida de que o vigário estava um tanto aborrecido por ter um cachorrinho irritante em seu calcanhar.

— Largue! Vamos, largue! — ele dizia.

Mas Tally sabia que o que tinha visto antes era mais do que aquele vigário simplório.

Um espião?

Oh, agora a sua imaginação criava asas!

Deu uma olhada para a janela que ele observara antes, e então voltou a encarar o sr. Ryder. Seria possível que ele fosse... Oh, a idéia chegava a ser ridícula! Ele era o primo de Hollindrake. Um vigário. Pelo amor de Deus!

Ou não?

Chocada com sua própria incerteza, Tally esforçou-se para exibir um sorriso no rosto e respirou fundo, tentando acalmar o coração acelerado.

— Oh, que sorte! Conseguimos encontrar o senhor — ela exclamou, tentando parecer uma debutante de Londres, como se nada entrasse em sua cabeça a não ser fofocas ou comentários sobre moda ou o tempo.

E não que estivesse suspeitando que ele espionava o seu quarto.

— Ouso dizer que o senhor deveria sentir-se honrado — ela continuou, apontando para o cão como se ele fosse a mais brilhante das criaturas. — Brutus não morde qualquer um. Obviamente gosta do senhor.

— Não precisa gostar — retrucou o sr. Ryder, com a voz suave e educada que usara ao responder às perguntas de Felicity durante o jantar.

Mas para Tally, aquele tom de voz inexpressivo era forçado, e ela imaginava que a voz verdadeira dele seria bem mais grave e firme.

Ele sacudiu a bota, mas Brutus continuou agarrado nela com incrível tenacidade.

Tally exibiu um sorriso de desculpas e abaixou-se para pegar o cãozinho.

— Pelo menos as suas botas não parecem muito caras. Quando ainda era um filhote, Brutus arruinou as melhores botas de montaria de um arquiduque. Papai sempre disse que esta foi a razão para o bom homem ter dado Brutus a mim e a Felicity como presente de aniversário.

— Sim, um presente bem pensado — o sr. Ryder respondeu, examinando o calcanhar de sua bota.

Tally continuou tagarelando sem parar:

— Hollindrake costuma dizer que Napoleão deve ter pensado a mesma coisa e simplesmente infestado a Inglaterra com esses pequenos diabinhos. — Ela riu, alisando com carinho a cabeça e as orelhas de Brutus. — Mal dou atenção a Hollindrake, já que penso que esta raça de cão é adorável e uma companhia excelente para uma dama.

Quando ela ergueu o olhar, encontrou-o observando-a, como quando haviam sido apresentados. Aquele olhar penetrante a perturbava. Oh, Deus, o que devia fazer?

O lado de Tally que gostava do perigo queria rever o homem que vislumbrara momentos antes por trás daquele colarinho duro de vigário. Brutus se debatia em seus braços, como se quisesse lembrá-la de que aquilo não era uma brincadeira, se o instinto dela estivesse correto. Deu uma olhadela furtiva para a janela de seu quarto. Não, só havia um modo de descobrir o que o sr. Ryder pretendia.

E assim ela continuou:

— Um dos antepassados de Brutus pertenceu a Maria Antonieta. Não gosto de me vangloriar sobre as conexões reais de meu cãozinho, mas penso que isso o distingue dos demais.

Ele a fitou um momento, antes de falar:

— A senhorita já havia dito isso antes.

— Verdade? Bem, sim, suponho que tenha dito — Tally disse, sorrindo como se isso fosse uma coisa que acontecesse o tempo todo.

Mas não deveria ter olhado para ele, porque encontrou-se outra vez presa àquele olhar, que a analisava, como se a descartasse. E isso a agitou mais do que o medo de descobrir o que o homem pretendia.

Ah, está me dispensando, não é? Uma voz ofendida pareceu soar em sua mente.

Lembre-se, Tally, você quer que ele a subestime, uma voz mais sensata argumentou.

Mas não ser dispensada inteiramente, a primeira voz se intrometeu, aquela que vinha de sua parte que achava o vestido de veludo e os sapatos irresistíveis. Aquela que desejava que o homem fosse perigoso como o que ela jurava ter visto antes.

Nesse meio-tempo, um silêncio constrangedor pareceu envolvê-los.

— O senhor viu o terraço? — ela perguntou, reassumindo sua educação aprendida em Bath e oferecendo a ele um assunto seguro para conversarem.

Sim, assuntos seguros, como jardins, o tempo, a moda.

— Sim — respondeu ele, esfregando a bota na grama.

— Não é um apreciador de jardins? — ela perguntou, alegremente, tentada a seguir um curso mais perigoso. Como, por exemplo, perguntar se ele sabia qual a sentença de prisão por cometer traição.

— Hum, não — ele murmurou, ainda olhando-a sem lhe prestar muita atenção.

— Então talvez prefira a arquitetura — disse Tally, apontando para a casa e levando a conversa para águas um pouco mais profundas.

— Não, na verdade... — ele começou a dizer, então se deteve, o olhar encontrando o dela, mais uma vez parecendo buscar alguma coisa.

Bem, não faria mal testá-lo um pouco mais.

— Ah, sim, arquitetura — ele concordou. — Esta casa é considerada bastante especial.

— Foi o que me disseram. E o senhor estava aqui para...

— Pensei que talvez pudesse reunir algumas idéias para a propriedade que herdei recentemente. Reformas, eu penso, estão no programa, e achei esta parte da casa bastante inspiradora.

Tally olhou para o lado sul da Mansão Hollindrake, que nada mais era do que um muro de tijolos com as previsíveis e clássicas janelas. Ou o sr. Ryder era totalmente desprovido de gosto, ou ele a julgava tola o suficiente para acreditar nele.

— Sim, posso ver onde, talvez, a disposição das janelas possa ser inspiradora — Tally respondeu.

Oh, esta observação foi brilhante! Implica que você absolutamente não acredita em nenhuma de suas mentiras.

Ele endireitou o corpo de leve e então deu alguns passos, afastando-se de Tally, como se estivesse mais uma vez observando as janelas.

— Temo, sr. Ryder, que eu tenha lhe dado uma falsa razão pela minha vinda aqui — disse ela, voltando ao tom de debutante de Mayfair.

— Falsa razão, srta. Langley? Como assim?

— Bem, eu temo que não esteja aqui por amar o jardim, tampouco porque me interesse por arquitetura, mas... bem... bem...

— Foi porque sua irmã a mandou vir aqui? — ele sugeriu.

Tally suspirou, aliviada.

— Oh, sim, exatamente. Estou feliz que tenha entendido. Eu disse a Felicity que minha presença aqui fora, sozinha com um cavalheiro, poderia ser mal-interpretada, mas agora vejo que o senhor não interpretou mal a minha chegada.

Tally moveu o corpo de modo provocante.

— Odiaria que o senhor ficasse escandalizado comigo.

— Isso absolutamente não acontece, srta. Langley — ele respondeu bem depressa naquele tom de vigário, logo desviando o olhar. — Ninguém jamais poderia considerar o seu comportamento como não sendo o de uma dama.

Uma dama?

Tally sentiu-se gelar. Com aquele vestido preto que se ajustava ao seu corpo como ao de uma sereia?

Aquilo dizia tudo. O homem era mesmo um vigário e ela ia enlouquecer porque nenhum libertino jamais a classificaria como uma dama!

Gentilmente, ela colocou Brutus na grama e virou-se para o sr. Ryder, refletindo que não faria mal algum deixar o vestido cair um pouco nos ombros e erguer os seios de uma forma bem imprópria.

— Minha irmã me incumbiu de descobrir os seus gostos e interesses para melhor ajudá-lo a encontrar uma esposa. — Tally tentou parecer comportada e ao mesmo tempo provocante. — Temo que minha irmã seja mais ou menos como... como...

Então o inesperado aconteceu.

— Brutus? — o sr. Ryder sugeriu, o brilho perigoso voltando aos seus olhos.

Ambos caíram na risada e seus olhares se encontraram.

Para Tally foi como mágica... e íntimo demais, porque a risada profunda dele a atraía como a de nenhum outro homem.

Ficaram ali por vários minutos, olhando um para o outro, cada um enfrentando uma silenciosa batalha.

Oh, Deus! O que estava acontecendo? Ele realmente estava se aproximando?

Agora Tally o via como antes, perigoso, audaz, tomando-a nos braços e puxando-a para mais perto. Porque, afinal, aquela não era uma noite perfeita para a sedução?

Então Brutus inesperadamente começou a correr em círculos, tentando chamar a atenção dela, antes que Tally pudesse segurá-lo, ele disparou em direção a algum inimigo invisível, seguindo como uma flecha para o meio do labirinto, desaparecendo nas sombras.

— Brutus! — ela chamou, correndo também em direção ao labirinto. — Brutus, seu peralta!

De repente, sentiu que o sr. Ryder a segurava pelo braço.

— Srta. Langley! O que está fazendo?

— Preciso pegar Brutus — ela disse, tentando se libertar. Mas, para um vigário, ele tinha mãos firmes e fortes demais.

— Vai se perder lá dentro — advertiu ele, segurando-a ainda com mais força. — Apenas o chame de novo.

Tally conseguiu se livrar da mão dele, respirando com dificuldade. Não indignada, mas devido ao toque dele.

Tão forte... Tão quente... Tão perigosamente tentador.

Ouviu então um latido estridente vindo de dentro do labirinto. Oh, sim, Brutus...

— Srta. Langley, se simplesmente chamar o seu cão...

— Chamá-lo? Para quê?

— Para que ele volte. Ela sacudiu a cabeça.

— Brutus nunca atende quando o chamam. Isso está além de seu modo de agir.

— Então apenas espere que ele venha por conta própria — ele sugeriu.

— Oh, isso não vai dar certo. Brutus tem um senso de direção terrível. — Tally estendeu a mão e a colocou na manga do casaco do sr. Ryder. Não deveria fazer isso, mas não conseguiu resistir. Aquele homem era tentador demais.

— O senhor vai me ajudar?

— Ajudar à senhorita? — ele perguntou, como se ela tivesse falado em russo.

— Sim. Ajude-me a resgatar Brutus — ela insistiu.

— Ouso dizer que seu cão está em perfeita segurança.

— Oh, não... Ele não é um cão acostumado com o campo. Pode pensar que isto aqui é apenas um parque, com esquilos ou pequenos ratos. Ora, pode estar perseguindo um animal perigoso! E apesar de ser um inimigo formidável contra um par de botas, Brutus não tem noção de que não é muito maior do que a minha cestinha de costura.

— Isto é tolice... — ele começou a dizer, olhando para as profundezas sombrias do labirinto e depois de volta para Tally.

Então ela fez algo que jurara momentos antes, não fazer de novo. Lançou um olhar para o sr. Ryder, usando tudo o que possuía de atraente, inclusive o que o vestido revelava indevidamente. E então falou:

— Por favor, senhor. Vai me ajudar?

Capítulo V

Bom Deus! Larken tinha enganado os melhores agentes de Napoleão. Entrado e saído da prisão de Abbaye em Paris para ajudar agentes ingleses que tinham sido capturados. Ficara encurralado nos Pirineus não uma vez, mas três, sozinho e sem ajuda,

trabalhando para o Serviço de Inteligência inglês a mando de Wellington, e eventualmente de Pymm.

E agora a jovem estava lhe pedindo, em nome do rei e do país, para salvar um *pinscher*!

Ora, por que Pymm simplesmente não o deixara esquecido lá em seu canto, onde podia passar as noites dando voltas pela casa vazia com apenas seus pesadelos para lhe fazer companhia?

Segurou a moça com firmeza, impedindo-a de seguir o cão.

— Srta. Langley, não...

Suas palavras saíram de foco quando a jovem lhe lançou um olhar, como aqueles com que o agraciara durante o jantar. O tipo de olhar que o transtornava.

Um leve bater de cílios, o brilho daqueles olhos profundamente azuis e os lábios carnudos eram suficientes para deixá-lo meio louco.

Senhor! A promessa que havia por detrás de tal olhar...

A jovem teria sequer a idéia do que um simples olhar era capaz de provocar nele?

O desejo de tomá-la nos braços e beijá-la... Deixar que suas mãos explorassem aquilo que ele vinha tentando a noite inteira não olhar, os seios perfeitos, maravilhosos, que o vestido exibia sem qualquer acanhamento. Ele a beijaria e a acariciaria a ponto de deixá-la gemendo e tomada pelo mesmo desejo que o olhar dela acordava nele.

Larken fechou os olhos e respirou fundo. Fazia tempo demais que não tinha companhia feminina. Só podia ser isso. Não que não tivesse tido seu bom quinhão de amantes e aventuras noturnas, mas no seu trabalho para Pymm, ele nunca se detinha tempo suficiente para desfrutar mais do que uma aventura apaixonada.

E, no entanto... aquela não era a esposa de um embaixador, nem amante de algum príncipe alemão cujos segredos ele poderia descobrir.

A srta. Langley era, pelo menos todos achavam, uma jovem inocente, não uma que pudesse ser seduzida e depois largada na hora em que ele fosse embora.

Ainda assim, isso não impedia que seu sangue corresse mais quente e mais depressa quando ela piscava aqueles enormes cílios...

E embora ele a segurasse com força, ela ainda lutava, revelando um espírito rebelde. Larken nunca sentira tanto calor vindo de uma mulher, e era como se esse calor invadissem também o sangue dele, instigando-o para que explorasse o resto.

Larken respirou fundo. Que diabos, precisava controlar esses seus pensamentos!

— Sr. Ryder, vai me ajudar a salvar Brutus? — implorou Tally.

Salvar Brutus, imagine... E quem iria salvá-lo, depois?

Mesmo assim, arriscou outro olhar para a srta. Langley, somente para ver seus suaves cílios batendo novamente, bem devagar. Imaginou então que acabaria com a fama de ser o primeiro cavalheiro na sociedade inglesa arruinado por uma simples debutante.

Ah, sim. Isso iria acrescentar muito à honra já manchada da família. Podia até ouvir sua defesa...

Ela me seguiu até o jardim e eu fui vencido pelo seu olhar sedutor...

Tinha de reconhecer que desculpas desse tipo não o salvariam de um escândalo.

Tudo terminaria naturalmente com um encontro entre ele e o duque de Hollindrake duelando com suas pistolas em um amanhecer.

Um movimento ruidoso veio de dentro do labirinto, e no segundo seguinte, tudo o que Larken se deu conta foi de que a srta. Langley tinha se soltado e se esgueirado para dentro das sebes, enfrentando o desconhecido para encontrar aquele cãozinho minúsculo.

— Srta. Langley, volte aqui! — ele gritou, mas não ouviu resposta alguma.

Aparentemente, ela atendia às ordens tão bem quanto seu cão com cara de macaco.

— Droga — ele resmungou.

Olhou para a parte da casa que estivera observando antes, onde deveria estar naquele exato momento buscando por Dashwell para assim poder escrever um relatório e entregá-lo a Temple na manhã seguinte, anunciando que a tarefa estava terminada. Então, se ele viajassem sem parada, poderia estar de volta a Londres antes da meia-noite que aconteceria no Brook's.

E, no entanto...

Vá atrás dela, o vento murmurou. Ela pode ajudá-lo.

Ajudar-me? Ajudar-me a dar os dois últimos passos que faltam para eu me internar no asilo de loucos, isso sim, ele argumentou consigo mesmo. Essa moça é maluca. Mas o problema é de Hollindrake, não meu. A não ser...

E se Temple estivesse certo e ela participasse de fato da libertação de Dashwell? Larken sacudiu a cabeça. A jovem era uma dama tagarela, igualzinha a todas as outras de Mayfair. Uma debutante. A teoria de que ela poderia ter planejado a fuga de Dashwell era absurda.

Tão inacreditável quanto você a acha completa e totalmente irresistível?

— Não acho nada disso — ele resmungou, procurando não dar atenção à voz interior. Mas isso era uma mentira, claro.

Num primeiro momento, a srta. Thalia Langley parecia tola, mas no minuto seguinte, havia algo diferente nela... personalidade, inteligência, com certeza.

Aquela jovem era um enigma.

Um enigma irresistível.

Larken olhou para o labirinto mergulhado nas sombras e sentiu-se como atraído por algo muito maior do que qualquer missão que já empreendera até aquele dia.

Maior até que a de limpar o nome de seu pai.

Difícilmente existiria algo mais importante que isso, ele disse a si mesmo. Nada poderia detê-lo. Nada.

Exceto um par de brilhantes olhos azuis, cheios de mistério e paixão.

Larken sacudiu a cabeça. Era aquilo que acontecia quando alguém começava a frequentar reuniões sociais e festas familiares. Um sujeito terminava se arriscando a se tornar ridículo, como acontecera com alguns amigos seus.

Não, só havia uma coisa a fazer. Encontrar Dashwell e sair dali o mais depressa possível.

Repetiu o pensamento, uma vez, duas, querendo fixá-lo como uma promessa.

Embora ele pudesse voltar para a casa e mandar o jardineiro atrás da moça, o que seria provavelmente o que a duquesa esperaria que o sr. Ryder fizesse, com o duque a coisa era diferente. As expectativas de Hollindrake eram outras, porque sabia exatamente o que ele viera fazer ali.

E Hollindrake esperava que ele fizesse a coisa certa.

Se fosse qualquer outro homem que não Hollindrake... O duque era um dos poucos homens na sociedade que não o olhavam com certo desdém, que não evitavam a sua companhia. O duque, claro, tinha estado a serviço de Wellington e compartilhava com ele, Larken supunha, muitas experiências de Guerra, gravadas no coração e na memória.

Podiam não ter falado sobre isso, mas nem precisavam. Cada um deles sabia. E esperavam nada mais do que atitudes corretas um do outro. O certo, o honrado.

Afastando uma leve irritação, ele entrou no labirinto. Dessa vez não esperava ter de matar ninguém, apesar de que a srta. Langley, sem dúvida alguma, estava testando a sua paciência.

Larken respirou fundo, tentando não se concentrar nos sons habituais da noite, como o zumbido dos insetos e o murmúrio do vento, e mesmo nos latidos de Brutus. Conseguiu distinguir então o som dos passos da srta. Langley e procurou localizar onde ela estava. Tentou se lembrar das curvas e voltas do labirinto, já que passara um bom tempo olhando-o da janela de seu quarto, horas antes, enquanto tentava retardar ao máximo o momento de descer para o jantar.

Enquanto caminhava decidido, foi fazendo a sua lista. Primeiro, encontraria a moça, e seu cachorrinho infernal, e a arrastaria para fora do labirinto. Então a colocaria sob os cuidados da duquesa e do duque e daria as devidas desculpas, escapando de todos eles. Finalmente, encontraria Dashwell, mesmo que isso levasse a noite inteira.

Como se o destino estivesse ao seu favor, Larken ouviu a moça gemer ao tropeçar.

— Droga! — ela exclamou, exasperada, e Larken não conseguiu deixar de rir.

Aquilo era tudo o que ele precisava, porque enquanto a escutava, ele a viu mentalmente e sabia sem dúvida alguma para qual direção deveria ir, porque ela não tinha parado de resmungar.

Seguiu os resmungos e ameaças dela, dirigidos todos a Brutus, felizmente. O som foi se aproximando, e ele então pensou estar perto.

— Srta. Langley? — ele disse tão calmamente como imaginava que um vigário faria.

— Sr. Ryder! — soou a voz sussurrada do outro lado de sebe, enquanto ela caminhava na ponta dos pés. — Shh, não fale alto. Estou tentando encontrar Brutus.

— A senhorita deveria simplesmente deixá-lo passar a noite aqui...

— Passar a noite aqui fora? Está louco?

Larken olhou para a lua e sacudiu a cabeça.

— Aposto que pela manhã a senhorita encontraria um cãozinho bem-comportado e arrependido à sua espera.

Ouviram-se mais resmungos. *Garota teimosa.*

— Gostaria que o senhor ficasse parado — murmurou ela. — Acho que sei exatamente onde ele está.

Oh, sim, agora ela era uma especialista nesses assuntos. Mas ele próprio tinha

uma boa idéia onde o cãozinho estava, a julgar pelos ganidos. Brutus estava bem mais distante do que Larken queria se aventurar. Não tinha intenção de passar a noite caçando um cachorro mimado quando tinha assuntos muito mais importantes a tratar.

No entanto, dessa vez, quando fechou os olhos e tentou se lembrar do desenho do labirinto, tudo o que ele conseguiu ver foi a srta. Langley em sua mente.

A Srta. Langley. Naquele vestido, cheio de luar e sombras. Com os cabelos loiros desarrumados, os braços estendidos, os lábios entreabertos. Não havia mais segredos entre eles, apenas os dois sob o luar, sem restrições, sem regras a separá-los.

— Venha a mim... — ela murmuraria. — Alcance-me, milorde, se for capaz.

— Oh, céus... — ela murmurou.

Larken arregalou os olhos. O som de um grunhido de Brutus, como se ele tivesse caçado o maior rato de toda a Inglaterra, afastou de vez os últimos vestígios de qualquer pensamento apaixonado.

— Escutou isso? Ele está correndo perigo! — ela quase gritou. — Precisamos salvar o pobre Brutus!

Pobre Brutus, imagine! Quando a missão terminar, Larken, ele prometeu a si mesmo, você vai tirar umas férias bem longas no mais tranquilo resort à beira-mar. Ou então passar uma semana em um bordel, o mais caro de todos em Londres, e apagar isto tudo que acontece agora de sua memória... Inclusive a lembrança da moça.

Larken estremeceu e conseguiu se controlar antes que alguma palavra atravessada lhe escapasse dos lábios.

Vigários, ele lembrou a si mesmo, não costumam falar impropriedades, nem mesmo uma obscenidade ocasional.

Isso explicava porque os vigários sempre pareciam tão infelizes.

— Oh, céus, espero que Brutus não tenha pegado alguma coisa muito nojenta! Mas finalmente sei exatamente onde ele está — a srta. Langley murmurou, excitada. — Fique aqui enquanto vou buscá-lo.

Dessa vez Larken não conseguiu se conter. Praguejou quando a viu enveredar pelo labirinto.

E Temple ousou me chamar de "precipitado"...

Ele a perseguiu, virando uma das curvas, depois outra, até que se viu à frente dela. Pelo menos era o que esperava, para poder detê-la.

Mas a srta. Langley estava mais perto do que ele supusera e os dois terminaram se trombando.

De vários modos.

Ela se agarrou no peito de Larken, e ambos caíram juntos, ela por cima, as mãos segurando-o pela lapela.

Rolaram pela grama, os quadris unidos, a mão dele em volta da cintura de Tally, puxando-a para mais perto, mesmo que com a outra tentasse amortecer a queda. E então Larken tomou consciência de cada curva daquele corpo, da maciez dos seios, do contorno feminino dos quadris, das pernas macias enroscadas nas suas, da respiração quente em seu pescoço.

Tudo acontecera em um piscar de olhos, mas naquele momento Larken sabia que estava definitivamente marcado por aquela mulher vestida de veludo negro e capaz de

confundi-lo a cada momento.

Sob a luz suave do luar, ele a observou, o coração em descompasso. Tudo ao redor pareceu deixar de existir. Havia apenas eles dois. Era uma espécie de coisa mágica, que deixava um homem prático como Larken perdido e confuso.

E então Tally lhe devolveu o olhar, seus dedos ainda agarrados ao paletó dele, os olhos repletos da mesma paixão que o envolvia. Os lábios se abriram para dizer alguma coisa, mas as palavras não vieram, e em vez disso apenas se tornaram uma espécie de convite que não precisava de explicação alguma.

Larken a viu com expressão atenta, o desejo e a curiosidade em seus olhos cativando-o mais ainda, fazendo-o esquecer tudo aquilo que ele precisava aparentar ser, o primo eunuco de Hollindrake, não o homem vigoroso e devasso que aquela jovem despertava nele.

Beije-me, os lábios entreabertos pareciam murmurar. Beije-me agora antes que este momento termine.

Contra todo o bom-senso que ele possuía, o que, para ser bastante franco, muitos argumentariam que não era muito, Larken a puxou para mais perto e se apossou de seus lábios, testando a doçura que ela lhe oferecia.

Foi algo tão etéreo, tão celestial, que ele quase parou, porque a resposta dela era pura e inocente em contraste com os olhares provocantes e o vestido ousado. Então, depois destes primeiros momentos, ela se abriu para Larken, deixando-o explorar os lábios, quando ele lhe invadiu a boca com a língua. Tally suspirou, o doce som parecendo um canto de sereia, e Larken aprofundou o beijo, explorando mais, querendo sentir o gosto dela, quase louco de desejo. Moveu o corpo e cobriu o dela com o seu.

Em vez de protestos de donzela, ela arqueou os quadris para encontrar os dele, o corpo parecendo ganhar vida, os dedos segurando firme em sua lapela, um deles deslizando de leve sobre a parte da camisa que cobria o coração agitado de Larken, e onde alguma coisa mais despertava dentro dele.

Alguma coisa profunda demais, primitiva, que o fazia sentir um desejo de homem faminto, um homem que queria devorar aquela mulher.

Jamais se sentira assim tão impetuoso, tão perturbado. Larken, o espião que jamais precisava de um mapa, que podia encontrar seu caminho livrando-se das mais difíceis armadilhas, estava completamente perdido naquele beijo.

Tally não tinha idéia de como aquilo acontecera. Em um momento ela perseguia Brutus, no outro estava nos braços do homem que jamais pensara encontrar.

Oh, não o sr. Ryder, mas *ele*. Aquele que ela passara horas e horas imaginando. O homem que não se detinha diante de nada, que não hesitaria em tomar aquilo que desejasse. Um homem que podia fazê-la sua sem qualquer hesitação.

E não importava que tivesse imaginado aquele momento mais vezes do que jamais estaria disposta a admitir, nunca seus pensamentos inocentes haviam visualizado nada parecido com o que estava acontecendo.

Quando seus olhares haviam se encontrado, e Tally vira o desejo ardendo nos dele, o conflito naqueles olhos escuros, ela queria apenas descobrir cada segredo que ele possuía.

Ele deixara de lado aquela sua aparência de primo ridículo de Hollindrake para ser o homem mais sensual e desejado da Inglaterra.

Tally nunca imaginara algo assim.

Beije-me, ela silenciosamente pedira. *Beije-me agora antes que este momento termine.*

E ele a beijara, para seu deleite, para seu êxtase, para seu absoluto pânico.

Tally se sentia perdida e nada mais importava. Nem Felicity e aquela sua ridícula mania de querer ser casamenteira; nem Pippin e tampouco tia Minty e todos os seus problemas.

Tudo que existia no mundo eram apenas ela e aquele homem, e ela não queria que o beijo terminasse nunca, porque ele a despertara para a realidade de uma paixão desconhecida.

E depois que aqueles lábios firmes haviam coberto os dela, a língua a provocara, fazendo-a abrir-se para um mundo novo e extraordinário. Seu corpo ganhara vida, dando voz a todos os desejos que haviam ficado adormecidos até então.

Tally não compreendia por que, se ele estava beijando seus lábios e acariciando seus cabelos, outras partes de seu corpo pareciam refletir sensações estranhas, embora deliciosas. De repente, ela reconheceu, sem qualquer embaraço ou remorso, que desejava que ele a tocasse mais, que a acariciasse de um modo como ela nunca fora acariciada.

E então ele foi tirando os grampos que lhe prendiam os cabelos, e Tally sentiu-os espalharem-se sobre a grama, livres.

Ele a continuou beijando, deslizando os lábios para o seu pescoço, para o lóbulo da orelha, mordiscando.

As enormes mãos deslizaram sobre o veludo do vestido, a pele dela ganhando de repente vida própria.

Toque-me, toque-me de novo, ela queria implorar. *Oh, sim!* Ela quase gritou quando os dedos dele alcançaram um dos seios, o mamilo crescendo sob a pressão da carícia.

Ambos os mamilos se enrijeceram. Como aquele homem a fazia se sentir tão... pecaminosa...

Pecaminosa? Ela? Com o sr. Ryder?

Tally abriu os olhos, o som dos grunhidos furiosos de Brutus sobrepondo-se ao seu desejo.

Céus! Ela estava beijando um vigário!

Vendo-a observá-lo, o sr. Ryder interrompeu as carícias deliciosas, e o pescoço antes aquecido pelos lábios ardentes agora se esfriava com a brisa.

Ele se levantou e por um momento havia apenas paixão naqueles olhos escuros. Então ele foi readquirindo o controle, procurando pensar em como ela se sentia.

— Srta. Langley, eu... eu... eu...

Tally colocou um dedo no lábio dele, tanto para deter as ridículas desculpas como para senti-lo.

— Por favor, nem mais uma palavra — ela murmurou.

— Mas, senhorita...

Dessa vez ela cobriu-lhe a boca com a mão e o encarou, com o tipo de olhar que Felicity usava quando descobria que Brutus tinha arranhado alguma outra peça de mobília caríssima dos Hollindrake.

— Por favor, fique em silêncio, senhor. — A voz dela foi ficando mais baixa. — Porque não penso que estamos sozinhos aqui.

Larken franziu a testa.

Não estavam sozinhos? Que diabos ela queria dizer?

No instante seguinte, Larken ouviu o som de um passo abafado, de alguém pisando na grama, e que não era Brutus.

Eles não estavam sozinhos. Havia alguém mais no labirinto. Um intruso, silencioso e desconhecido, exatamente como ela dissera.

Em uma questão de segundos, os dois se desvencilharam dos braços um do outro e se puseram de pé.

Se Larken fosse um vigário, ou mesmo um cavalheiro laico, o fato de ser pego em flagrante arruinando uma jovem inocente o faria entrar em pânico. Mas os pensamentos de Larken eram outros.

Seus instintos, mesmos perturbados pelo desejo, agora se alertavam. Quem diabos estaria ali, dentro da propriedade de Hollindrake, como um ladrão?

Apenas um nome lhe veio à mente.

Dashwell!

Larken abaixou-se para pegar a faca que trazia sempre dentro da bota, mas outro furioso latido o deteve, e pior que isso, ao som dos rosnados do cão, a srta. Langley mais uma vez lhe sumia da vista.

Como ela conseguia se movimentar assim tão rápido? Larken praguejou por entre os dentes e disparou pelo caminho, atrás da jovem.

Cristo, como ele iria deter Dashwell com a srta. Langley entre os dois? E se o bastardo a pegasse antes? Dashwell não agira com escrúpulos, chegando a usar lady Philippa como escudo quando havia sido encurralado e quisera escapar de um baile em Setchfield... Quem poderia garantir que ele não faria mal à srta. Langley?

Larken sentiu uma raiva enorme o envolvendo.

Dashwell não ousaria!

Mas o pirata ousaria sim, Larken sabia bem disso, por isso apressou-se em perseguição àquela moça maluca. Estava quase a alcançando quando ela tropeçou mais uma vez naqueles seus elegantes sapatos, e dessa vez ele não conseguiu evitar que ela fosse ao chão.

Esta garota vai acabar sendo a minha morte. Ou vai quebrar o meu pescoço, ou vai me deixar louco de paixão.

Mas antes que ele pudesse decidir o que seria, ouviram-se novos latidos e grunhidos de Brutus, dessa vez do lado de fora do labirinto.

Como a pestinha conseguira achar a saída tão depressa?

A srta. Langley devia ser da mesma opinião, porque praguejou, em russo, exatamente como a irmã fizera antes, e embora um vigário que se preze provavelmente a censuraria por esse pecado, além de por todas as outras indiscrições de pouco antes, o foco de Larken estava agora voltado para outro problema mais premente.

Dashwell estava escapando. Porque o sujeito ganharia o parque e poderia se esconder em qualquer parte da enorme propriedade do duque.

Larken se inclinou e, ignorando a mão que Tally lhe estendia para ser ajudada a se levantar, tirou a faca da bota, ignorando o gemido de surpresa da jovem.

Para o diabo com aquelas obrigações de cavalheiro... Ela que se levantasse sozinha, Larken pensou, afastando-se rapidamente.

— Sr. Ryder, o que pretende fazer? — ela murmurou atrás dele, mas Larken já virara uma esquina que levava à entrada, onde Brutus estava ganindo como se tivesse o Exército francês inteiro em seu encalço.

E na retirada, seu adversário seguia invisível, porque quando Larken chegou à entrada, quem quer que tivesse estado ali no labirinto desaparecera.

Perto das enormes árvores que sombreavam o gramado, ouviu-se um barulho que parecia ser provocado por mais de uma pessoa, mas logo cessou.

Quem quer que fosse, entretanto, não desaparecera por completo, Larken descobriu imediatamente. Brutus tinha nos dentes o seu prêmio.

Uma bota, que ele orgulhosamente mantinha entre os dentes.

E quando Larken se abaixou para examiná-la, teve o seu segundo choque da noite.

A bota não era das usadas por um marinheiro. Em vez disso, era de um couro macio, próprio dos calçados das mulheres.

De uma mulher? Que mulher estaria espionando ali na casa dos Hollindrake?

— Que loucura! — ele resmungou.

— O que disse? — A srta. Langley perguntou às suas costas. — Oh, que falta de sorte! O senhor deixou que fugissem.

— Não por escolha — retrucou Larken, ignorando o desejo de apertar o pescoço dela. Deixar os intrusos fugir, imagine... Se não fosse por ela e aqueles seus desajeitados sapatos, ele teria pegado o fugitivo. — Mas Brutus conseguiu roubar isto. — Ele lhe mostrou a bota.

— Oh, Deus meu — ela murmurou, cobrindo a boca com as mãos.

— É somente uma bota — ele disse.

— Sim, sei muito bem disso, sr. Ryder. Acontece que se trata da *minha* bota.

Capítulo VI

— O primo de Hollindrake estava observando as nossas janelas? O que quer dizer com isso, Tally?

Pippin e Tally serviam-se no sortido bufê do café da manhã.

— Você me ouviu corretamente. O sr. Ryder está aqui para nos espionar.

Olhando ao redor, Tally não conseguiu deixar de pensar em como a vida delas

havia mudado nos últimos seis meses. Ali estavam elas, ao lado do aparador, falando baixinho porque agora havia sempre a presença de criados nas refeições. Uma grande mudança em comparação com os dias em que simplesmente se serviam de uma bandeja no salão da casa vazia de Grosvenor Square, o único aposento aquecido da casa devido ao pouco dinheiro que tinham, ou na cozinha, com a sra. Hutchinson perto do fogão.

— Bobagem! — Pippin exclamou, olhando de esguelha para as outras pessoas na sala, lady Charles, lady Geneva e lady Standon.

— Ele não é quem parece ser — insistiu Tally. — Quando o conhecer, vai entender o que estou dizendo.

Pippin pareceu discordar disso, mas novamente olhou as pessoas em volta e segurou a língua.

Lady Charles, uma senhora bondosa e bem-intencionada, desfrutava naquele momento o seu café da manhã e sorria para as jovens. No entanto, o mesmo não podia ser dito de lady Standon ou lady Geneva, ambas sentadas à enorme mesa, trocando mexericos e lendo as cartas que haviam chegado naquela manhã.

Staines e outros criados estavam a postos, atentos a qualquer chamado.

Hollindrake e Felicity haviam feito a refeição mais cedo e seguido para seus inúmeros afazeres, Hollindrake para supervisionar a propriedade e Felicity para tratar dos últimos preparativos para a chegada dos convidados naquela tarde.

Isso deixava apenas uma pessoa faltando, mas Tally sentia-se aliviada com sua ausência.

Porque quando tirara a bota da mão de Milo Ryder, não havia encontrado explicação plausível para o calçado estar ali fora, ou para quem poderia tê-lo usado. Mas se encontrar a bota ali tinha sido uma surpresa, bem maior fora a transformação que ocorrera naquele instante no sr. Ryder.

A faca voltara à sua bota, e ele a fitara, atropalhado.

— Eu... eu... eu não a assustei, não é, srta. Langley? Coloquei a faca na bota porque, por vezes, faltam talheres nas hospedarias. Costumam roubá-los, imagine só. Precisamos avisar a duquesa que há rufiões nesta área.

Antes que Tally pudesse protestar contra algo tão ridículo, o sr. Ryder a pegara pelo braço e a levava em direção à casa, olhando para trás diversas vezes, como se esperasse que uma quadrilha de ladrões estivesse em seus calcanhares. Não fora antes de chegarem à entrada que ele a soltara, e mesmo assim, somente quando já haviam alcançado a porta do salão.

O calor dos dedos dele parecera queimar a pele de Tally, e ela não conseguira afastar o olhar de suas feições, desejando ver de volta o homem que a beijara, mas a expressão estampada no rosto dele era agora a de um homem insípido, que não fizera nada de interessante nas últimas horas, ou até a vida inteira.

— Boa noite, srta. Langley — ele dissera e então seguira ao encontro de Hollindrake para fazer o seu relatório em voz baixa.

A seguir, subira as escadas com passos contidos.

Tally o observara, enquanto segurava sua solitária bota nas mãos, tentando entender exatamente o que acontecera pouco antes.

E então ela passara a maior parte da noite acordada, deitada em sua cama, dividida entre a lembrança do beijo e a fria despedida. E, para sua frustração, nada fazia

sentido, apenas aumentava a sua curiosidade.

Quem era aquele primo de Hollindrake, aquele homem estranho e enigmático?

Pippin pegou outro prato e serviu-se de mais salsichas. Então, pensou melhor e pegou mais algumas.

— Certamente você está enganada — ela disse, enquanto se servia de um segundo pão e o cobria de manteiga.

Tally notou o exagero de comida nos pratos que Pippin segurava e sacudiu a cabeça. Como se tia Minty pudesse comer aquilo tudo! Ela baixou a voz ao falar com a prima:

— Ele está espionando a casa... como se estivesse procurando *alguma coisa*... — Ela se calou, com as sobrancelhas arqueadas, porque não ousava dizer mais nada em voz alta.

— Ou *alguém* — Pippin terminou por ela.

Tally quase suspirou de alívio. Claro que a prima chegaria à mesma conclusão que ela sobre o sr. Ryder. Olhando em volta, procurou verificar se alguém ouvira a conversa das duas. Notou lady Geneva, que tirava uma salsicha de seu prato e a oferecia para Brutus, que a fitava com olhar doce, aguardando ao lado. No entanto, em vez de pegar a salsicha, o cão soltou um rosnado. O que era uma surpresa, porque Brutus era louco por salsichas. Pippin, por sua vez, arregalou os olhos.

— É aquele o homem a quem devo temer? — ela perguntou, acenando com a cabeça em direção à porta de entrada do refeitório.

Tally seguiu a direção indicada por Pippin e viu o sr. Ryder parado à porta, como que indeciso se sua fome era suficiente para justificar enfrentar o batalhão de mulheres que havia lá dentro. Atrás dos óculos, seus olhos pareciam nem ter bem certeza de saber onde ele estava.

Tally virou-se para Pippin, que parecia estar se divertindo com a situação. E então olhou de volta para o sr. Ryder, buscando algum sinal do homem que ela encontrara no jardim na noite anterior, o mesmo que ela vislumbrara por um instante no escritório de Thatcher. O de agora era um homem deselegante, com o paletó mal-cortado e as mesmas calças que usara na noite anterior.

Uma pobre figura.

Como ela pudera se enganar tanto assim a respeito dele? Onde estava o homem que ela jurava ter visto no jardim e no labirinto? O homem sensual que ela beijara? Como era possível que houvesse duas pessoas tão diferentes em uma só, como se duas personalidades e energias se alternassem dentro de um mesmo corpo?

E agora ela o via tropeçar em uma das cadeiras e murmurar um pedido de desculpas para uma das senhoras presentes na sala.

Pippin sacudiu a cabeça.

— Esse é o homem que você pensa estar espionando os nossos quartos? — ela indagou, cheia de ironia.

— Bem, sim, Pippin, mas...

— O primo de Hollindrake?

— Bem... sim.

— Um religioso, um vigário, está aqui presente na festa de Felicity apenas para nos

espionar?

— Eu sei que parece absurdo, Pippin, mas ele disse que estava estudando a arquitetura da mansão para copiá-la em uma propriedade que herdou — Tally tentou argumentar. — E acredite em mim, aquele lado da casa não tem nada de interessante para ser copiado. E por que ele estaria fazendo isso à noite, ainda por cima?

— Ah, srta. Langley, bom dia — soou a voz familiar. — Vejo que veio tomar o seu café da manhã.

Pippin lançou um olhar irônico a Tally como se quisesse dizer "Que observador! Ele percebeu que você vai comer!".

Tally deu um sorriso amarelo e voltou-se para cumprimentar o sr. Ryder.

Naquele momento, ele parecia apenas um homem comum, mas visto mais de perto, passava a impressão de ter dormido com as roupas. Estavam amarrotadas, o colarinho estava torto, e ele tivera o trabalho de pentear o cabelo todo para um lado, e para fixá-lo, usara creme em exagero. O cheiro era enjoativo a ponto de Pippin torcer o nariz e os olhos de Tally lacrimejarem.

Era difícil até olhar para ele.

— Oh, sim, vou tomar o café da manhã — ela conseguiu dizer, agora tendo perdido todo o apetite.

Aquele era o homem que ela beijara? Era até doloroso pensar nisso! Como um indivíduo assim lhe despertara emoções tão fortes na véspera?

Na noite anterior, escondidos nas sombras do labirinto e sob o luar, ela tinha se convencido de que estava sendo acariciada por um pirata, um espião, o homem mais perigoso que conhecera na vida.

Mas à luz do dia, ele era uma lástima.

E de mais uma outra coisa ela tinha certeza: mesmo que se reforçasse a sua suspeita de que o sr. Ryder não era bem quem parecia ser, ela, Thalia Langley, jamais revelaria à prima que se entregara aos braços daquele homem. E sentido o gosto do primeiro beijo.

— Sr. Ryder — ela conseguiu dizer, embora sem ousar encará-lo. — Esta é minha prima, lady Philippa Knolles.

— Lady Philippa, é um prazer conhecê-la — ele murmurou, alisando as calças com as mãos numa tentativa de desamassá-las.

O olhar de Pippin dizia tudo.

Aquele? Um espião? Oh, Tally!

Tally não sabia mais o que pensar. Para piorar tudo, o sr. Ryder olhava com interesse os dois pratos que Pippin segurava com uma das mãos.

— Ora, que apetite, lady Philippa! Nunca julguei que as damas comessem tanto. — Sua voz soou alta e desaprovadora, mesmo enquanto enchia exageradamente seu próprio prato. — Apesar de minha triste falta de experiência com relação às mulheres, ouvi dizer que o apetite de passarinho é considerado *de rigueur* — ele disse, falando em francês com um sotaque lastimável.

Tally, que falava cinco línguas, quase gemeu alto. E agora? Ele ia começar a falar sobre vestidos femininos?

Lembrou-se de como ele quase a despira na noite anterior com incrível

habilidade...

Tally estremeceu, e ele a olhou de novo.

— Não se sente bem, srta. Langley? Suponho que seja a friagem da noite passada. Eu mesmo senti o frio entrar em meus ossos, a ponto de hoje cedo senti-los estalar.

Tally queria cobrir os ouvidos com duas das salsichas que Pippin tinha nos pratos. Oh, céus! Os ossos dele estalavam? Que idade tinha o sujeito? Ela sabia, com certeza, que ele tinha vinte e oito anos, pois dera uma espiada às escondidas no diário de Felicity naquela mesma manhã. No entanto, ao ouvi-lo falar dos ossos estalando, poderia terminar pensando que ele tinha mais de cinquenta.

E então o sr. Ryder fixou o olhar no prato de Pippin e estalou a língua, desaprovando.

— A gula, lady Philippa, é um pecado capital.

Tally controlou a raiva, enquanto Pippin parecia mortificada com tamanha rudeza.

— Minha prima está levando um prato para nossa tia Aramintha, que, como o senhor bem sabe, não passa muito bem de saúde.

— Bem, suponho que isto possa então trazer uma luz diferente ao assunto. As senhoritas devem entender o meu equívoco, já que pensei que damas de sua classe estivessem acima de tais atos de caridade.

Damas de sua classe?

Tally observou a linha furiosa das rugas na testa de Pippin e ficou imaginando se, apesar de a prima adorar desfrutar um bom café da manhã, o sr. Ryder não estaria agora prestes a testar seu creme de cabelo misturado com salsichas, torradas e geleia.

Felizmente para todos, Felicity entrou na sala de refeições.

— Sr. Ryder! Aí está o senhor!

O homem quase saltou de sua própria pele. Voltou-se para cumprimentar a duquesa, o conteúdo de seu prato voando pelos ares e caindo no chão, entre Pippin e Tally.

O silêncio reinou na sala por alguns instantes, antes que o sr. Ryder começasse a gaguejar suas desculpas.

— Vossa Graça! Como eu... eu... eu pude ser tão... tão...

Desajeitado? Ridículo?

Tally ficaria feliz de lhe completar a frase. Porque, na verdade, como um homem podia ser tão idiota?

Enquanto Felicity aceitava as desculpas, e Staines e os outros criados corriam para ajudar, um deles batendo a cabeça na do sr. Ryder, enquanto este também se curvava para tentar limpar a bagunça, Tally descobriu sua resposta. Para seu choque, e em um piscar de olhos, os lábios dele exibiram um levíssimo sorriso enquanto puxava uma salsicha da qual Brutus insistia em se apoderar.

Como um homem podia ser tão idiota? De fato, era algo bem difícil, a não ser que ele se esforçasse muito e se empenhasse para isso... o que explicava a breve expressão de triunfo que ela acabara de testemunhar.

Mas, para sua frustração, ninguém mais notara, e ela duvidava que acreditassem nela, dado o desempenho que o sr. Ryder apresentava naquele momento.

— Deus meu! — Felicity exclamou, olhando para o seu vestido arruinado. — Vou ter de me trocar. Sr. Ryder, sugiro que faça o mesmo.

O vigário resmungou alguma coisa sobre primeiro tomar seu desjejum, mas o olhar duro que Felicity lhe dirigiu o mandou apressado para o seu quarto.

Com ele fora de vista, Felicity sacudiu as saias, mais para se livrar de um teimoso pedaço de bacon que insistia em não largar seu vestido.

— Tally, não se esqueça do que conversamos ontem. A situação é muito pior do que eu supunha. Ele é um verdadeiro desastre. Isto vai exigir todos os nossos esforços. — Felicity suspirou. — Oh, como eu gostaria que Jamilla estivesse aqui! Poderia inspirar aquele sujeito a... bem... a ser um homem. — Suspirou de novo e então localizou a governanta. — Deus meu, lá está a sra. Gates! Preciso falar com ela. Voltarei sem demora.

E ela se apressou em deixar a sala, com toda a sua arruinada glória de duquesa.

Seguiu-se um profundo silêncio, que foi quebrado por lady Charles.

— Oh, Geneva, lady Standon, precisam ouvir as novidades sobre lady Finch...

Enquanto a mãe do duque começava a ler em voz alta a carta que tinha em mãos, Pippin respirou fundo e foi até o bufê buscar mais pãezinhos.

— Tally, odeio falar como Felicity...

— Então não o faça — Tally retrucou, jogando outra salsicha para Brutus.

— Mas eu preciso — Pippin insistiu. — Tally, você está sendo ridícula. — Ela baixou a voz. — O sr. Ryder, um espião? Penso que estejamos escrevendo demais ultimamente. Você passou a fantasiar demais. Imagine, esse homem ser um espião! Calcule só! Ele é apenas um homem comum.

Mas não era para Tally. Porque não havia nada de comum no sr. Ryder. Nada, mesmo.

Ele a beijara na noite anterior e quase a despira. Que tipo de vigário beijava moças inocentes, rolando com elas na grama em um jardim, tendo como testemunha apenas o luar?

E beijar com tanta experiência...

Tally sentiu um arrepio no corpo, ao lembrar-se dos lábios se tocando. Fechou os olhos e, como que em sonho, reviveu aquele momento, segundo a segundo. Como os seus lábios haviam se encontrado, como ele pressionara os dela com firmeza, com exigência, a língua forçando-a a entreabrir mais os lábios... As carícias levando seu corpo a ganhar vida.

Mesmo naquela manhã, ainda podia sentir suas coxas vibrar, o coração bater mais rápido ao se lembrar que ele a tocara, a explorara. O toque de um libertino, de um homem sedutor, decidido a tomar aquilo que desejava.

E jamais se esqueceria do som dos grampos sendo tirados de seus cabelos, enquanto ele os deixava livres, despertando-a... para algo bonito e perigosamente tentador.

Perigoso...

— Tally! — Pippin sussurrou. — Onde você estava, no mundo da lua?

Tally abriu os olhos e deu com o olhar curioso de Pippin.

Por todos os santos! Ela estava envolvida com o sr. Ryder. E não com o vigário, mas com o fascinante desconhecido disfarçado de religioso.

— Pippin, eu creio que devemos ir à cidade esta tarde — ela disse em voz alta o suficiente para que todos na sala ouvissem. — Tia Minty não está precisando de mais lã vermelha para as meias que está tricotando?

Pippin a olhou como se ela tivesse enlouquecido. Então Tally continuou.

— Penso que já é hora de nossa querida tia tomar um pouco de ar, não acha? Um passeio até a vila vai ser bom para ela.

A prima balançou a cabeça.

— Não, isso não é conveniente. Não penso que ela esteja preparada para tal aventura.

— Talvez vocês pudessem mandar um dos criados trazer sua tia para o jardim — sugeriu lady Charles. — Ela pode se sentir melhor tomando um pouco de sol e ar fresco.

Pippin e Tally forçaram um sorriso.

— Sim, senhora — ambas murmuraram educadamente, antes de se virarem e trocarem olhares furiosos.

É a hora, Tally teria dito em voz alta se não houvesse uma audiência em volta delas.

Ainda não, os olhos de Pippin imploravam. *É cedo demais*.

— Penso que tia Minty esteja bem o suficiente para irmos até a vila — Tally insistiu. — Um passeio curto esta tarde vai lhe melhorar o ânimo.

— À vila? Esta tarde? — Felicity perguntou da porta, agora mais calma depois de dar instruções à governanta. — Como pode sugerir uma coisa dessas, Tally? A maioria dos convidados vai chegar hoje. Não pode ir dar uma voltinha sem sentido apenas para se distrair. Não se importa com a impressão que vai dar se você e Pippin estiverem ausentes quando eles começarem a chegar?

É exatamente por causa dessa sua festa absurda que precisamos dar o fora daqui, ela gostaria de dizer à irmã, mas não teve coragem.

— Além do mais — Felicity continuou, depois de fazer uma pausa para respirar — não precisamos mais sair para fazer compras. Se estiver precisando de alguma coisa, uma das criadas pode ir até Tunbridge Wells no transporte do alfaiate, e você pode lhe pedir o que está precisando.

— Mas é apenas lã para tia Minty — Tally disse antes de ranger os dentes.

— Lã? É isso? Bom céus, tenho certeza de que a sra. Gates deve ter alguma para lhe dar. Agora, vamos procurar encontrar o sr. Ryder para lhe expormos nossos planos de hoje. Temos pouquíssimo tempo antes de a srta. DeFisser chegar.

Com isso, Felicity virou-se e deixou o refeitório. Tally deu uma última olhadela para Pippin, que lhe fez uma careta enquanto ela também se afastava para o andar de cima, levando o café da manhã, tendo escapado das tramóias de Felicity.

Ou assim ela esperava.

— Pippin! Felicity a chamou, indo atrás dela.

A prima ficou parada na escada, e então se virou devagar.

— Sim?

— Por favor, não desça para pegar o café da manhã de tia Minty. Mande um criado fazer isso a partir de agora. Você tem sua reputação a considerar.

— Mas eu prefiro...

— Pippin! Não ouviu o que acabei de dizer a Tally? Não estamos mais encarregadas de fazer aquilo que fazíamos em Brook Street. — Felicity se aproximou e baixou a voz. — Nós somos damas agora, com uma posição a zelar na sociedade. Mande uma criada levar uma bandeja, ou eu farei isso para que você não tenha de mexer nem um dedo.

— Está bem, Felicity — Pippin concordou, sem ousar olhar para Tally. Porque Tally lhe enviaria outra vez aquele olhar que dizia com toda a clareza: "Quer você queira, quer não, Pippin, a hora chegou".

Os bosques que rodeavam a Mansão Hollindrake eram ricos em pinheiros e carvalhos, isolando as terras ducais e lhes garantindo uma privacidade ímpar.

Do lado de dentro, o caso era outro.

Ao longo dos séculos, os diversos duques haviam ousado alterar o traçado natural e inventado modas. Houvera, inclusive, um duque que mandara erguer ali uma imitação de ruína romana, já que era apaixonado por tudo o que pertencia ao antigo império.

Com muito cuidado e uma despesa medonha, as coleções de colunas de mármore e pedras haviam sido colocadas de forma como se ali estivessem por milhares de anos. Mesmo a grama e as ervas daninhas tinham recebido o aval para ali crescerem, contribuindo para o ar de antigüidade.

Hollindrake havia sugerido que ali seria um excelente lugar para Larken se encontrar com Temple, porque estava fora da vista da casa, bem como das trilhas que os convidados em geral costumavam percorrer nos passeios matinais. E assim Larken tomara esse caminho, pronto para fazer seu relatório, feliz por estar se livrando da duquesa.

Ainda que Pynn tivesse enviado Temple, justamente o duque, para ouvir as novidades, a presença dele perturbava Larken.

Por exemplo, não poderia deixar escapar qualquer comentário sobre o que acontecera na noite anterior.

Ergueu a cabeça e respirou o frio ar da manhã e o aroma perfumado da vegetação, esperando que desaparecesse de vez o calor que corria ainda em suas veias. Havia passado boa parte da noite, quando não andando de um lado para o outro no quarto, pensando naquela garota.

Srta. Thalia Langley.

Censurava-se por tê-la beijado. E pior, quando finalmente conseguira se acalmar e tentar dormir, fora a imagem dela que lhe invadira os pensamentos. Seus longos cabelos loiros, soltos e caindo ondulados nas costas. E os lábios... entreabertos e capazes de provocá-lo com o convite para que lhes testasse a doçura.

Larken respirou fundo. Que loucura cometera na noite anterior, deixando-se levar pela tentação e beijando aquela moça? Era isso mesmo, uma loucura! Em um minuto, lá estivera ele, se encarregando de sua missão, espionando como tinha sido treinado a fazer, e no minuto seguinte estava rolando na grama com a graciosa jovem em seus braços... Beijando-a, explorando suas curvas, agindo de maneira impulsiva, sem pensar em nada, em nenhuma consequência. Sem nem mesmo se preocupar com o fato de que ela era uma dama e, mais do que provavelmente, inocente. Sem qualquer outro pensamento, fosse qual fosse. Apenas a paixão e o desejo o haviam levado ao

descontrole.

Era como se a jovem estivesse dentro de sua própria alma, pertencesse àquela parte dele que ansiava por... ora, ele não sabia o quê. Ansiava por alguma coisa. Não importava o custo. Mesmo que isso colocasse em risco sua missão.

Larken passou a mão pelos cabelos e logo em seguida lamentou ter feito isso, já que a mão voltou cheia do creme horrível que ele espalhara na cabeça. Quando ergueu os olhos, viu-se diante da ruína, e Temple estava ali esperando, seu cavalo escondido em algum lugar.

— Deus misericordioso! — Temple exclamou, quando Larken entrou no meio das pedras caídas. — Que fedor é esse?

Larken fez uma careta.

— Meu novo creme de cabelo. Gostou? — Larken estendeu a mão.

— Nem um pouco! O que estava tentando fazer, descobrir Dashwell empestecendo a casa inteira com esse cheiro?

Larken riu, puxando o lenço do bolso e limpando os dedos.

— Uma excelente sugestão. Acha que este creme vai conseguir manter à distância a duquesa e sua irmã? Conseguir evitar que lady Hollindrake me arranje uma noiva? — Larken lançou um olhar duro para Temple, os braços cruzados sobre o peito. — Você não me disse que o reverendo Milo Ryder estava vindo para esta festa para arranjar uma esposa.

Foi a vez de Temple rir.

— Eu me esqueci de mencionar isso? Larken não amoleceu.

— Não mencionou.

— Que irresponsabilidade a minha... — murmurou Temple, procurando parecer sinceramente arrependido, mas com um brilho divertido nos olhos que evidenciavam o contrário.

— Seu bastardo! — Larken lhe apontou o dedo. — Eu deveria enforcá-lo no lugar de Dashwell.

— Oh, que falta de espírito esportivo! Além do mais, parece-me que você amoleceu um bocado ficando em casa nos últimos seis meses, se não consegue se livrar das pequenas táticas da duquesa de Hollindrake. — Temple o observou maldosamente. — Sem ter de recorrer a tais tipos de cremes, não é?

— Pequenas táticas! — Larken voltou a caminhar agitado. — Aquela mulher teria derrotado Napoleão em uma semana.

— Pena que o primeiro-ministro não tenha pensado nisso.

Larken grunhiu.

— E a irmã da duquesa! Aquela menina é mais do que um problema...

— Ah, então agora concorda comigo que ela não é uma damazinha qualquer, não é?

Larken acenou que sim, resmungando.

— Ontem à noite ela usou um vestido que era exatamente aquele que você esperaria que *certas* pessoas usassem.

— Quem?

— Uma *delas* — Larken repetiu. Quando Temple continuou olhando para ele, acabou expandindo sua teoria. — Uma das mulheres da Ordem do Lírio Negro.

— Thalia Langley? Uma espiã francesa? — Temple riu de novo. — Esse creme de cabelo está embotando a sua inteligência. Ela não é nada a não ser uma garota arteira. Ora, eu a conheço desde que era uma criança. Ainda é, de certa forma.

Agora era a visão de quem que estava embotada?

A srta. Langley, uma criança? Tudo menos isso, Larken gostaria de retrucar. Era mais o tipo de mulher que seduzia um homem como a mais experiente das cortesãs.

No entanto, dado o ar paternal no rosto de Temple, Larken apenas comentou sobre o vestido preto, quando gostaria mesmo de relatar o seu encontro com a jovem no labirinto. Contar como o corpo dela ganhara vida sob o seu, os dedos agarrados à lapela de seu paletó, um deles o tocando sobre o peito, despertando-lhe alguma coisa desconhecida...

Larken respirou fundo e andou um pouco de um lado para o outro. Não, se ele dissesse a Temple que tinha comprometido a srta. Langley, durante o cumprimento de seu dever... pelo menos, era como ele gostava de pensar no encontro da noite anterior... ele acabaria tendo de explicar como ela o perturbava com até a mais inocente das conversas.

— Você estava nos arredores da casa ontem à noite? — ele perguntou, não somente porque lhe tinha ocorrido nas primeiras horas do amanhecer que poderia ter sido Temple, e não Dashwell, quem estivera também no labirinto.

— Não.

— Graças a Deus.

— Por quê?

— Por nada — Larken apressou-se a dizer. — Bem, não de todo... Havia mais alguém observando a casa. Pensei que poderia ter sido...

— Não, não fui eu. — Temple balançou a cabeça e observou Larken. — Como não capturou o eventual intruso?

— Bem, eu... — Larken não podia dizer a verdade, ou seja, que estava ocupado com a srta. Langley naquele momento. Em vez disso, contou apenas um detalhe do episódio. — Eu tropecei quando procurava a saída do labirinto.

— Você tropeçou? — Temple caiu na risada. — Ouso dizer que isto não consta do relatório. — Ele parou por um momento. — Você tropeçou em quê?

Oh, sim, Temple tinha de perguntar isso! Sempre curioso por detalhes. Bem, agora não havia como omitir um outro detalhe, bem específico.

— Na srta. Langley — ele admitiu. — Eu tropecei na srta. Langley.

Temple quase engasgou de surpresa, depois riu.

— Em Tally? O que ela estava fazendo no jardim com você?

— Me seguindo. Por ordem da duquesa. Como eu disse antes, Sua Graça está determinada a me ver casado... bem, não a mim, propriamente, mas a esse tal de Ryder. — Larken apontou o dedo para Temple de novo. — Aquele sujeito vai ficar me devendo, porque eu o estou salvando da mais obstinada das mulheres.

Temple coçou o queixo.

— Felicity pode ser um pouco obstinada quando coloca alguma coisa na cabeça.

Isso pode se tornar um problema.

Já está sendo. Larken resistiu à idéia de dizer isso a Temple, pensando não na duquesa, mas na irmã. Sua irresistível e fascinante irmã...

— Depois que se desgarrou da srta. Langley, conseguiu dar uma busca na casa? — quis saber Temple.

Larken sentiu uma ponta de culpa com a descrição quase perfeita da noite anterior.

— Onde foi possível. Suspeitei onde ele poderia estar.

A imagem de lady Philippa atravessando o quarto e fechando as cortinas voltou-lhe ao pensamento. Ele estivera observando-a quando a srta. Langley surgira no jardim.

— Tem certeza? Larken balançou a cabeça. Temple praguejou.

— Não podemos agir até termos certeza de onde Dash está escondido. Precisamos ir lá e pegá-lo, sem fazer muito alarde e sem que ninguém nos veja.

Larken desviou o olhar, como se estivesse estudando o arranjo das pedras, porque não queria que seu astuto companheiro visse o conflito em seus olhos.

Felizmente Temple não percebeu nada.

— Se lady Philippa e Tally estiverem envolvidas nisso, não vamos arruinar a reputação delas.

A ruína delas era a menor das preocupações de Larken. Porque havia algo nas ordens que Pymm lhe passara diretamente, depois que Temple os havia deixado a sós. Ele não estava ali para recapturar Dashwell, como Temple acreditava.

As ordens de Pymm haviam sido bastante específicas, dadas somente para Larken, e não eram para ser desobedecidas. O mais temido chefe dos espiões da Inglaterra temia que a associação de Temple com a família Langley pudesse atrapalhar em seu julgamento. Assim, Larken não tinha sido encarregado de apenas recapturar Dashwell, mas de eliminar o americano de uma vez por todas.

Ele estava ali para matar seu amigo.

— "Vá atrás do sr. Ryder", é o que ela diz — Tally resmungou para si mesma enquanto seguia a trilha para o bosque. — "Traga-o de volta", ela ordena. "O alfaiate estará aqui antes das duas". "O sr. Ryder precisa de um paletó novo para o baile". Droga! Gostaria que ele caísse em algum poço bem fundo e ficasse lá dentro!

Tally parou por um momento e começou a falar com um esquilo que estava em um galho.

— E se eu pudesse empurrar Felicity para dentro do mesmo poço, seria hora de festejar.

O esquilo não pareceu impressionado e continuou a procurar por nozes na árvore.

— Oh, sim, todos gostam de me dar ordens. Até os esquilos de Hollindrake.

Assim, ali estava ela, embrenhando-se na floresta, seguindo a ordem de Felicity de encontrar o sr. Ryder imediatamente. Ela pensara em protestar, mas Felicity havia dito que se ela, Tally, não fizesse isso, então ela, Felicity, procuraria Pippin e mandaria a prima procurar o sujeito.

Bem, ninguém estava precisando que Felicity fosse xeretar no quarto delas, por isso Tally concordara em ir.

Claro que isso não tinha sido suficiente para Felicity!

— Encoraje-o a se abrir com você — ela ordenara enquanto seguia Tally. — Veja se descobre do que ele gosta e do que não gosta. Precisamos saber disso para podermos encorajá-lo a despertar o interesse da srta. DeFisser.

Ele gosta de beijar, Tally quase dissera para a irmã, só para ter o gostinho de ver o olhar chocado de Felicity.

E ele não é vigário coisa nenhuma. Estou começando a duvidar até que seja primo de Hollindrake.

Claro que se ela dissesse algo assim para Felicity, então ela, Tally, se veria despachada para o asilo de loucos mais próximo, ou para alguma clínica de repouso.

Não, ela desmascararia o homem por sua conta e ao mesmo tempo convenceria Pippin de que estava na hora de mudar *tia Minty* de lugar.

Seguiu a trilha que Staines havia lhe indicado, aquela que o mordomo afirmara que o sr. Ryder escolhera para sua caminhada.

Uma caminhada! O homem fugira das armações de Felicity como um covarde.

Uma saída esperta, porém.

Tally parou por um instante, perdida em seus pensamentos. Certamente, um homem que pretendia se casar não estaria fugindo dos esforços de Felicity, mas sim vendo-os com bons olhos.

Então, o que ele estaria fazendo ali? Ela se perguntou pela milionésima vez. E levantou o olhar, focando-o no que estava à sua frente.

Porque ali estava o sr. Ryder, como o mordomo dissera que estaria. Não era ver o sr. Ryder que a surpreendia, porque ela tomara aquele caminho justamente para encontrá-lo. Não, era o modo como ele estava caminhando. Não curvado, mas alto, ereto, firme, as pernas se movendo com graça, e a mão fazendo gestos com força e propósito.

Não o homem que tropeçava. Não o cavalheiro atrapalhado. Mas um homem argumentando com vigor.

Essa sua parte vigorosa não a surpreendia. Sabia muito bem que ele era um homem de paixão.

Mas foi *com quem* ele estava argumentando que fez com que Tally se colocasse sob as sombras das árvores e procurasse não fazer ruído para poder então descobrir com quem o sr. Ryder viera se encontrar em segredo, e com que intuito.

Porque agora ela suspeitava, muito bem, que ela e o sr. Ryder tinham algo mais em comum: um coração cheio de segredos.

Capítulo VII

Larken sentiu a presença de Thalia Langley antes de ouvir sua aproximação. Disse

a si mesmo que haviam sido os longos anos vividos sob a ameaça de ser pego que lhe aguçaram os sentidos, que o tornaram mais atento.

Mas isto não era inteiramente verdade, porque ele sentia a chegada daquela mulher por outras razões... razões para as quais não havia lugar em sua vida.

Os ruídos se tornaram mais próximos. Então Temple, sem uma palavra, sumiu atrás da parede de pedras, escondendo-se completamente.

Larken olhou em volta, buscando por uma desculpa que pudesse explicar a sua presença ali, tão longe da casa.

Deus do Céu, o que iria dizer a ela?

Era isso. *Deus...* Um leve sorriso surgiu nos lábios de Larken enquanto ele tirava do bolso do paletó os óculos e um pequeno volume que trouxera para o caso daquele tipo de emergência.

Abrindo o livro, seu olhar percorreu a página até se deter em uma linha por acaso. No fundo, gostaria de poder rir.

Oh, sim, isto é perfeito. Vamos ver se a srta. Langley gosta de Fordyce.

Arrumou o corpo em uma pose calculada e começou a ler em voz alta.

— Eu gostaria de exortar e até recomendar às mulheres cristãs a se vestirem com decência e moderação, nunca se excederem e nem aspirarem acima de sua posição...

Dessa vez não foi o ruído dos galhos, mas Brutus quem a anunciou. O pequeno cão surgiu no caminho, latindo e rosnando enquanto se aproximava, visando, muito provavelmente, uma bota.

Larken teve o bom-senso de subir em uma pedra, embora sua vontade fosse de dar uma boa sacudidela naquele cão endiabrado e lembrá-lo que quem era o senhor ali e quem era o cachorro.

No entanto, isso não deteria o animalzinho.

Brutus continuou dando voltas em redor da pedra, irritado por não ter outra oportunidade de morder os calcanhares das botas de Larken.

E era exatamente a razão de Larken estar em cima da pedra, não apenas para fingir ser um cabeça-oca, o sujeito medíocre que inventara, mas para salvar suas botas. Aquele era o único par que ele trouxera, e não estava disposto a ficar andando pela Mansão Hollindrake apenas de meias enquanto as botas fossem enviadas a Londres para serem consertadas, deixando-o à total mercê da duquesa.

— Ah, srta. Langley, o que está fazendo aqui em cima? — ele perguntou, com o olhar mais ridículo possível. O que não era nada fácil, porque mesmo com um vestido simples a srta. Thalia Langley era uma mulher deslumbrante. Talvez fosse o azul de seu casaquinho, combinando com a cor dos olhos, brilhantes como sempre. Acostumado estava com seus próprios olhos escuros, os dela lhe lembravam o Mar Mediterrâneo, ou a vista das alegres florzinhas em formato de sino que coloriam um pouco a paisagem cinzenta dos jardins de Londres.

Deus meu, Larken! Componha-se, homem. Está parecendo um poeta. Está a um passo de recitar Byron!

Mas não... olhando para a jovem, a poesia empalidecia. Especialmente com a lembrança daquele beijo que ele lhe roubara no labirinto, tão vivida em seus pensamentos.

Não deveria tê-la beijado. Porque tendo conhecido as curvas daquele corpo, era-lhe impossível vê-la agora como a dama tagarela que ele conhecera no escritório de Hollindrake.

Naquele momento, ela foi se aproximando devagar, olhando para um lado, então para o outro, como se estivesse procurando alguma coisa. Pela expressão de seu rosto, não parecia exatamente que ela esperasse ver Temple, talvez apenas pensasse ter visto o sr. Ryder com alguma outra pessoa.

— Bom dia! — ela cumprimentou, educadamente. — Deus, esta foi uma subida e tanto! O que o senhor está fazendo aqui?

Observou Brutus rodeando a pedra e Larken lá em cima, e franziu a testa, como se não entendesse a razão para tal atitude. Mas naturalmente, era porque ela devia ter mais de um par de botas, evidência comprovada por aquela que Brutus tinha encontrado no labirinto, Larken pensou.

— Eu estava praticando um sermão — respondeu ele, descendo de seu improvisado púlpito e lembrando-se de fazê-lo com menos agilidade do que quando subira.

— Sobre o quê? — Os olhos azuis ofereceram um ar risonho. — Sobre as penas dos pecados?

Pecado. O modo como sua língua pronunciava a palavra já era um pecado, por si só.

— Bem, sim... — ele murmurou, não porque estivesse tentando agir como um vigário, mas porque aquela jovem o perturbava demais. Olhou rapidamente para onde Temple estava escondido, e então abaixou a voz. — Srta. Langley, sobre esse assunto, temo lhe dever desculpas.

— Pelo quê? — Tally perguntou, movendo-se como uma ninfa, abrindo caminho por entre as pedras cuidadosamente arrumadas.

— Pelo que aconteceu ontem à noite. Quanto ao meu... hum... meu comportamento. Foi indecente.

— Verdade? — ela perguntou, sorrindo. — Pois eu discordo. Porque se aquele se tratava de um comportamento indecente, então fico imaginando como seria se o senhor decidisse agir de forma verdadeiramente imoral.

Imoral. Outra palavra que lhe provocava arrepios na espinha, como se ela lhe tivesse lançado um desafio. Um que ele não podia aceitar, não importava o quanto fosse tentador.

Oh, garota atrevida!

Os dedos dela acariciaram a cabeça de Brutus.

— Bem, suponho que se vai pedir desculpas, então também eu deverei fazê-lo. Não posso dar a habitual desculpa que a sra. Hutchinson costumava usar, culpando a garrafa de conhaque. Isso, com certeza, levaria o senhor a julgar que eu devia estar embriagada ontem à noite.

Embriagada? Ele não esperaria ouvir tal palavra no vocabulário de uma dama de Mayfair, muito menos ouvi-la fazer uma referência a alguém que estava obviamente familiar com a bebida. Intimamente, até.

— Sra. Hutchinson? — ele perguntou.

— Oh, sim, a nossa governanta e cozinheira quando vivíamos em Brook Street. —

Tally parou por um momento e baixou a voz. — Ela bebia de maneira vergonhosa, mas como Felicity costumava dizer, isso impedia que a querida senhora notasse que não podíamos pagá-la. Felizmente, ela acabou se dando bem com o criado do duque, o sr. Mudgett, e tornou-se bastante puritana nos últimos tempos... bem, se o senhor não contar o fato de que eles estão... oh, como posso dizer...? — Ela bateu os dedos nos lábios, e então sorriu. — Vivendo juntos sem o benefício do casamento. A sra. Hutchinson jura que nunca mais vai voltar a se casar, e o sr. Mudgett não se importa, contanto que ela se mantenha longe da garrafa. Na verdade, eles vivem bem felizes, mas não tenho dúvida de que Felicity vai acabar forçando aqueles dois a se casarem. Caso contrário, seria um mau exemplo para os outros criados, digamos assim.

Larken riu enquanto aquela conversa escandalosa ia penetrando mais e mais em sua mente. Certamente ele não passara muito tempo no Almack's, e menos ainda nas salas de visitas de Londres, mas duvidava que fosse esse o tipo de conversa em tais lugares. Mais provável seria falar do tempo e da festa da noite seguinte. Era quase como se a srta. Langley estivesse tentando...

Então a verdade o atingiu. Que moça espertinha! Ela estava deliberadamente querendo testá-lo. Deixá-lo embaraçado, para que cometesse um erro em seu disfarce.

Exatamente como na noite anterior, quando ele a beijara.

Ignore-a, Larken. Você faz isso há anos e pode mais uma vez ignorar uma jovem inexperiente.

Mas ela não parecia ter dado sua tentativa como encerrada.

— Já que não posso de fato culpar a bebida pelo que fiz ontem à noite, então culparei o meu vestido. Já tinha visto outro como ele? — Tally suspirou. — Como eu gostaria que fosse meu de verdade!

O comentário despertou a atenção de Larken.

— Não é seu?

Tally sacudiu a cabeça.

— Não, infelizmente. O senhor entende, o meu baú se perdeu... esta é uma longa história e de novo tudo culpa de Felicity... e outro baú, que não o meu, me foi enviado. O vestido pertence à outra pessoa, e que dama interessante ela deve ser para possuir um traje tão elegante! Sem mencionar os sapatos. Lembra-se dos sapatos, não é?

Ele se lembrava. E como desejava não se lembrar...

Presos naqueles pés perfeitos que continuavam em pernas perfeitas e...

— Sim, bem — prosseguiu ela — uma vez que o baú foi aberto, um feito nada fácil, tenho de confessar, porque a fechadura era complicada, eu encontrei aquele vestido.

— A senhorita arrombou o baú de outra pessoa? — ele perguntou boquiaberto.

— Céus, não! Só dei um jeito de girar a fechadura, mas como eu disse... — Ela parou e o observou. — Oh, céus, eu o deixei chocado. Por que vivo me esquecendo de quem o senhor é?

Larken sentiu o peso do olhar de Tally, primeiro no colarinho, depois no cabelo enebado, finalmente nos lábios, dessa vez como se o quisesse provocar, como fizera na noite anterior.

— A senhorita abriu a fechadura? — ele conseguiu perguntar, voltando ao assunto seguro que abordava o ato ilegal que ela cometera. Imagine, ela abrira algo que era propriedade de outra pessoa... Usara a roupa dessa outra pessoa!

Para tentar vigários, com seus calcanhares à mostra e olhares provocantes.

— Sim, mas não foi fácil. Provavelmente é uma fechadura francesa. Os franceses são pessoas muito desconfiadas. Eles fazem com que suas fechaduras sejam bem mais difíceis de ser abertas do que as inglesas. — Tally colocou Brutus no chão e o pequeno cão foi logo vasculhar as pedras e a fauna local. — Temo que criminosos mesmo foram aqueles sapatos. Mas eram divinos, não achou?

Ela entreabriu os lábios e sorriu, e era evidente que não estava se referindo a sapato algum, mas ao beijo que haviam trocado.

Larken respirou fundo, duas vezes. *Calma, meu bom homem. Lembre-se de que é um vigário.*

— A senhorita está se referindo àquele par de sapatos que a fizeram tropeçar?

— Oh, sim, era difícil caminhar com eles, mas como a babá Jamilla sempre diz, *As mulheres suportam qualquer coisa para ficarem na moda.* E aqueles sapatos eram tão tentadores... O senhor já foi tentado por um par de sapatos, sr. Ryder?

Sim, ele já fora. Na noite anterior, ele reconheceu. Mas jamais admitiria isso a ela. Respirou fundo outra vez e olhou para o volume que tinha nas mãos, tentando se lembrar da passagem monótona e ridícula que estivera lendo.

— Oh, o que o senhor está lendo? — Tally perguntou, apontando para o livro.

Ele o exibiu.

— *Os Sermões de Fordyce.* Estava memorizando uma passagem.

Tally torceu o nariz.

— Fordyce? Pretende pregar Fordyce neste domingo?

— Ora, sim — respondeu ele, lembrando-se de ter escolhido um sermão sobre as qualidades edificantes da autoria de um dos mais tediosos sermões do reverendo, mas foi então que absorveu toda a abrangência da pergunta de Tally.

O senhor pretende pregar Fordyce neste domingo?

Naquele domingo? Larken involuntariamente voltou o olhar para onde Temple estava escondido. E agora, muito provavelmente, rindo a valer.

Ah, aquela missão ficava melhor e melhor a cada instante que se passava!

— Pregar? Neste domingo? Bem, eu não pensei...

— Mas claro, o senhor provavelmente não pensou — ela se apressou a dizer. — Mas com o vigário do ducado já tão idoso e não se saindo muito bem, e com toda essa festa a organizar, ousou dizer que Felicity se esqueceu de informá-lo. Ela planeja que substitua o sr. Roberts neste domingo, pelo menos para favorecê-lo diante da srta. DeFisser.

Sim, a duquesa iria realmente lhe exigir o sermão *naquele* domingo. O que significava que ele não tinha escolha a não ser encontrar Dashwell antes de sábado à noite e sumir da área bem antes que os sinos da igreja tocassem na manhã de domingo.

Ainda assim, ele sacudiu a cabeça.

— Mas eu não posso... isto é, eu não estou... Larken tentou encontrar uma explicação plausível para preferir morrer afogado e esquartejado a falar diante dos convidados, dos criados de Hollindrake e de quase a vila inteira, e fazer o papel do mais completo idiota.

Não que o preocupasse o fato de comprometer sua alma imortal, mas tinha de acreditar que havia uma leve distinção entre ser o sr. Ryder no cumprimento do dever durante uma semana e oferecer conselhos espirituais... a não ser que isto viesse a ser uma apresentação de como seria ter a alma condenada por toda a eternidade.

— Oh, o senhor se sairá muito bem. — Agora era a vez de Tally sorrir com acanhamento. — No entanto, eu o aconselharia a não citar Fordyce. Ele tende a deixar Felicity de mau humor.

— E quanto à senhorita? Qual a sua opinião sobre o bom reverendo?

— Minha opinião? — Tally sacudiu a cabeça. — Não penso que...

— Certamente tem uma opinião — insistiu ele, assumindo o papel de um vigário bastante preocupado com seu rebanho.

— Oh, sim, mas não penso que gostará de ouvir minha opinião sobre Fordyce.

Larken olhou para o volume que tinha em mãos.

— Eu ficaria honrado em ouvir os seus pensamentos. Ela não pareceu convencida.

— Lembre-se de que foi o senhor quem insistiu.

— Vou me lembrar. Por favor, prossiga.

— Há aquela visão dele de casamento, só para começar — disse Tally, estremeando.

— Casamento?

— Sim, casamento — ela afirmou, dessa vez com um pouco mais de veemência. — Céus! Fico admirada que uma mulher seja capaz de escutá-lo descrever tal união. Casamento! Ora! É mais como ser transportada para uma colônia de escravos. — Tally apontou o dedo para ele. — A babá Rana disse que o casamento deveria ser uma união abençoada com alegria e prazer.

Ele sabia que era melhor não perguntar, mas não conseguiu se conter.

— Babá Rana?

— Oh, sim, nossa querida babá em Constantinopla.

— E ela era casada? Tally riu.

— Oh, céus, não! Ela era uma concubina que o sultão deu a meu pai depois que minha mãe morreu.

— Uma o quê?

— Uma concubina — ela repetiu. — Sabe o que é?

Ele levantou a mão para mantê-la longe.

— Sim, sei o que é uma concubina. Mas não posso imaginar como seu pai deixou que uma mulher dessas...

— Cuidasse de suas filhas?

— Exatamente. — Larken estalou os dedos.

— Meu pai não teve escolha. Uma epidemia de febre varreu a cidade. Minha mãe morreu, assim como a criada pessoal dela, que tinha ido com eles para Constantinopla. E havia Felicity e eu, duas crianças para serem cuidadas. Meu pai estava arrasado sem minha mãe, e nós éramos tão pequenas... O que ele poderia fazer? Além do mais, seria uma desfeita horrível ao sultão se ele a recusasse. E a babá Rana se revelou uma pessoa

adorável. Tinha um olhar doce e uma risada leve e bonita.

O olhar de Tally se perdeu na distância, como se as lembranças fossem preciosas demais para serem compartilhadas, íntimas demais.

— E você não se lembra de sua mãe, não é?

Tally se voltou para ele como se a pergunta a surpreendesse. Surpreendera a ele próprio, porque não conseguira deixar de fazê-la.

Tally balançou a cabeça.

— Não me lembro de minha mãe.

— Tampouco eu me lembro da minha. Ela morreu quando eu nasci.

O que ele estava fazendo? Não era a sua vida que ele deveria estar revelando. Ele era Milo Ryder, o primo santificado de Hollindrake. Cristo, esperava que a mãe de Ryder também estivesse morta, um pensamento nada caridoso, mas necessário!

Larken respirou fundo, tentando afastar as sensações que a conversa com a srta. Langley lhe provocara. O que o levava a fazer tal confissão, abrindo seu coração às lembranças da criança solitária que tinha sido e dos desejos que tivera então?

— Oh, lamento — murmurou ela, pegando-lhe a mão. Os dedos tocaram em seu braço como uma carícia. O súbito calor e a intimidade do toque eram desarmantes.

E, dessa vez, Larken sentiu que ela não estava tentando testá-lo.

Não, aquele era um gesto espontâneo, vindo do coração da srta. Langley.

E entrou em seu peito como uma carícia. A escuridão, a raiva, o vazio perigoso e sombrio que o seguiram do Continente à sua casa, ameaçando engoli-lo vivo, pareceram amenizar um pouco, como se um pequeno raio de sol tivesse conseguido atravessar a neblina da manhã.

— Não há nada a lamentar — ele disse, procurando se controlar. — É impossível sentir falta de uma pessoa que nunca se conheceu.

Se a intenção de Larken era que a srta. Langley se afastasse, estava fracassando totalmente, porque o olhar dela expressava pura comoção. Ele jamais compartilhara aquilo com quem quer que fosse, mas contar a Thalia Langley abrira uma parte sua que ficara guardada e escondida por todos aqueles anos.

Aparentemente as fechaduras francesas não eram a única coisa que a srta. Langley conseguia abrir.

Foi Brutus quem quebrou o encanto do momento, começando a latir e a arranhar uma árvore ali perto. Pelo menos o pequeno cão não encontrara o esconderijo de Temple.

— Um esquilo, eu imagino — disse Tally, adiantando-se para pegar o cão. — Ouso dizer que ele não tem a menor idéia do que fazer com um se conseguir pegá-lo.

Larken riu.

— É como perseguir um marido. O que uma dama faz depois que pegou o pobre coitado?

— Bem, o senhor não me verá latindo para uma árvore, se é o que pensa — retrucou ela — Não tenho intenção alguma de me deixar envolver pelos esquemas do diário de Felicity. Não importa quantos condes e viscondes ela me colocar à frente.

— Diário?

Tally franziu o nariz.

— *As Crônicas dos Solteiros*. É uma espécie de enciclopédia dos bons partidos. Ela está colhendo informações e anotando tudo sobre cada nobre que existe na Inglaterra há anos. Bem, não quero nada com isso. Nenhum dos seus galantes escolhidos.

A duquesa mantinha um diário sobre bons partidos?

Ora, por que isso não o surpreendia? Pobre Hollindrake... O homem nunca tivera uma chance.

E tampouco a srta. Langley teria. Apesar de seus protestos, a irmã iria impingir-lhe um casamento.

A custo conseguiu conter uma risada.

— Penso que seja o objetivo de cada dama inglesa conseguir uma união vantajosa. — Larken empinou o corpo, querendo parecer pomposo.

— Não é o meu! — Tally exclamou. — Não tenho desejo algum de me casar.

Não era aquilo que ele esperara ouvir. Talvez um discurso sobre igualdade entre os sexos, mas... nenhum desejo de se casar? Jamais ouvira falar de uma mulher que não quisesse se casar.

Pelo menos de nenhuma com menos de sessenta anos. Até as que enviuvavam com um dote suficiente para mantê-las em conforto solitário também queria se casar de novo.

Não querer se casar? Larken sentiu um desconforto, uma espécie de aperto, como se o colarinho de vigário estivesse justo demais.

— Mas a senhorita precisa se casar.

— Bobagem. Se casamento significa o que o sr. Fordyce declara... toda aquela submissão e obediência... então eu continuarei abençoadamente feliz como uma solteirona pelo resto da minha vida. — Tally lançou um olhar curioso para o livro que estava nas mãos dele. — Que sujeito desagradável, esse Fordyce. E se quer um conselho meu, vindo do coração, não deixe Felicity vê-lo com esse livro. Ela vai cair em cima do senhor.

— Bem, obrigado pelo conselho — ele disse.

Então mais uma vez pensou que se não conseguisse encontrar Dashwell antes de domingo, poderia ler um trecho do detestado livro, o que lhe asseguraria ser empacotado e enviado para fora dali.

A srta. Langley sorriu para ele.

— E é por isso que estou aqui. Sua Graça mandou-me vir buscá-lo. Temo que ela lhe ordene que volte imediatamente. O alfaiate está para chegar, assim como o professor de dança.

Um alfaiate e um professor de dança?

— Mas eu não... — Ele olhou em direção às pedras e considerou arrancar Temple de lá e terminar com o bastardo ali mesmo em lugar de Dashwell. — Não, eu... de fato acho que não...

— Não, suponho que o senhor não queira. Mas não tem mais escolha do que eu quanto a esse assunto.

Mais uma vez ele voltou a olhar na direção de onde Temple estava.

A srta. Langley continuou:

— Se eu pudesse dizer o que gostaria mesmo de fazer, seria passar o dia aqui, colocando na tela este lugar maravilhoso. Ora, parece um pouco com a Itália. — Ela juntou as mãos e olhou para as pedras, como se focando a paisagem, mas depois chutou um tufo de grama. — Ou eu encontraria um punhado de flores do campo e passaria a tarde com minhas aquarelas tentando capturar os tons. Mas isso não vai acontecer. Ambos, eu receio, estamos sujeitos à tirania de Felicity no presente momento.

Tally parou e olhou para Larken, e por um breve momento ele entendeu o tom amargo de sua voz e simpatizou com o brilho de incerteza em seus olhos.

Não era muito diferente de seus próprios sentimentos, porque se pudesse dizer a verdade, sua preferência teria sido permanecer em Londres e não ser enviado para aquela missão idiota. Ficar com sua solidão e perambular pela cidade à noite em busca de... bem, ele não sabia do quê.

— Há alguma coisa mais que Sua Graça planeje para hoje? — perguntou, seguindo Tally enquanto ela começava a voltar para a mansão. — Se eu já estiver prevenido...

— Bem, se o senhor sobreviver ao alfaiate e nós passarmos pelo professor de dança...

— Nós?

Ele jamais imaginaria que tal coisa fosse possível, mas Thalia Langley ruborizou.

— Sim, nós. Ouso dizer que ela apenas desconfia que o senhor não sabe dançar, mas ela sabe muito bem que eu... que eu... — Tally desviou o olhar, enquanto seu rosto ficava ainda mais vermelho.

— Srta. Langley, está me dizendo que não sabe dançar? Ela parou de andar.

— Não, não sei. Sei fazer muitas coisas, desenhar, escrever peças de teatro, tocar pianoforte razoavelmente... pelo menos foi o que me disseram. Também sei cerzir meias e fazer torradas, se for necessário...

— Então já sei quem chamar se a cozinheira ficar doente, e eu quiser comer torradas — ele disse, sorrindo da idéia de vê-la na cozinha.

— Não é engraçado, sr. Ryder. Sou uma péssima dançarina. O senhor pode não acreditar, mas quando eu tento dançar, meus pés vão para um lado e eu para o outro.

Ele poderia dizer que não precisava ir tão longe para convencê-lo, quando a imagem de seus pés sobre aqueles sapatos de salto alto pisando na grama e tropeçando, não uma, mas duas vezes, era suficiente para provar o que ela dizia.

— E agora — ela continuou — Felicity insiste em oferecer um baile depois de amanhã, e espera que eu exiba os meus talentos, como ela diz.

— Nunca foi a outros bailes?

— Já a um, no inverno passado, mas consegui escapar dos outros pelo resto da temporada... mais por causa de Pippin, mas Felicity declarou que agora vai acabar com a nossa desgraça e fazer com que apareçamos publicamente nessa festa, aqui e agora.

— Desgraça? — murmurou Larken, conduzindo-a pelo caminho e tentando desviá-la de uma poça de lama.

— Bem, sim — ela respondeu, levantando a saia e franzindo a testa ao olhar para a barra suja de lama.

Existiria um homem no mundo capaz de controlar aquela mulher?

— Pippin... quero dizer, lady Philippa... aquela dama que o senhor conheceu nesta manhã... ela se apaixonou por um homem que Felicity não aprovava. — Ela disse aquilo como se a prima tivesse se apaixonado por um sapateiro ou açougueiro, em vez de por um dos mais famosos inimigos da Inglaterra. — E quando ficou claro para todos que ela o preferia a qualquer outro homem... bem, a sociedade não foi muito gentil. Houve um bocado de escândalo.

Um bocado? Um furacão, provavelmente, mas ele não iria fazê-la parar de se confidenciar com ele.

— Bem, eu suponho que a sociedade não seja capaz de perdoar, como se poderia esperar.

A srta. Langley balançou a cabeça, concordando.

— Essa festa agora é para integrar a mim e a Pippin de volta aos círculos sociais, além de reforçar a posição de Felicity como a maior casamenteira da sociedade.

Larken quase tropeçou.

— A maior... o... quê...ê? — gaguejou. Tally olhou para ele.

— A maior casamenteira da sociedade. Eu presumo que tenha sido este motivo que o levou a escrever para Felicity, solicitando os seus serviços.

Larken viu a luz de curiosidade nos olhos dela se apagar quando ele acenou que sim.

— Sim, claro, a habilidade dela como casamenteira. Não sabia que ela era conhecida assim como a senhorita afirmou. Pensei que ela apenas...

— Apenas? Não há nenhum "apenas" em relação à Felicity. O senhor, sem querer, solicitou os serviços da mulher mais determinada de Londres. Da Inglaterra, eu diria. Ela já fez... oh, deixe-me pensar... — Tally começou a levar os dedos aos lábios enquanto contava.

Com cada um, Larken se sentia como se atingido por uma flecha.

— Um, dois, três, quatro, cinco... — A srta. Langley parou. — Devo contar o seu casamento com Hollindrake? Porque este também foi arte dela.

— Suponho que sim — ele murmurou, distraído.

O que isso lhe importava depois que ela já levava o terceiro dedo aos lábios? Já no segundo, ele ficara quase a ponto de entrar em pânico, como qualquer homem solteiro se sentiria a menção da palavra "casamenteira".

— Oh, sim, suponho que devo incluir Hollindrake — a srta. Langley estava dizendo. — Bem, isso credita a ela seis casamentos. E ela pretende engatilhar pelo menos mais meia dúzia, antes que o verão termine.

— Meia... d...dúzia? Tally confirmou.

— Ah, sim. E isso só nessa festa.

— Mas tão depressa? Tantos casamentos?

Larken sentia o colarinho tão apertado que o ar custava a passar por sua garganta. Embora eles tivessem deixado o bosque para trás e estivessem entrando agora na área do jardim propriamente dito, com o sol brilhando acima de suas cabeças, ele tinha a sensação de estar penetrando em uma caverna escura e profunda.

— Claro — Tally estava dizendo. — Qual seria então a razão para tudo isso aí — ela apontou para a linha de carruagens que se aproximava da entrada, onde convidados e

suas bagagens estavam chegando como uma maré — se não fosse para conseguir formar tantos casais quanto possível?

Mas seis casais? Antes que ele pudesse se conter, perguntou o inevitável:

— Como é possível um número tão alto?

— Bem, temos o senhor, eu, Pippin, a srta. Browne, a srta. DeFisser, as irmãs Elsford e, claro, lady Standon.

— Qual delas? — ele perguntou secamente, esquecendo de si mesmo por um instante.

— Minerva, eu suponho, já que ela foi convidada. — Tally sorriu. — Ouso dizer que as três lady Standon estão brigando entre si para ver quem será escolhida. Por que Felicity já não se decide de vez e casa as três? Isso acalmaria minha irmã. — Ela suspirou. — Não por muito tempo, claro. Ela está determinada a compor dez casais antes do inverno e voltar para Londres triunfante.

Oh, sim, Larken podia sentir pena da srta. Langley. Porque ele ficaria ali apenas até encontrar Dashwell, mas aquela garota não escaparia da arapuca. Toda a vida de Thalia Langley estava comprometida.

Tirou o volume de Fordyce do bolso e o levantou.

— Suponho que uma lição sobre discrição e obediência seria uma bobagem para a duquesa.

— Oh, sim!

Ambos riram e ele enfiou o livro de volta no bolso, esquecendo por um momento a razão de ter vindo até a mansão dos Hollindrake.

Que era encontrar Dashwell.

Olhou para a srta. Langley. Que aquela jovem estivesse envolvida na fuga de Dashwell parecia-lhe inacreditável. Afinal, ela era como qualquer outra dama inglesa, quando vestida normalmente, com seus cabelos loiros e inocentes olhos azuis, caminhando ao lado dele como se estivessem apenas dando um passeio.

Larken olhou em volta e se surpreendeu ao concluir que era assim que as outras pessoas viviam. Todos os dias. Enquanto ele se envolvia em operações de guerra, a Inglaterra continuava seguindo com seu bucólico esplendor.

Sentia uma imensa saudade de seu tempo de juventude. Uma época em que em geral os rapazes passavam o tempo todo jogando, apostando em cavalos ou andando com prostitutas. E ele passara a sua juventude tentando restaurar a honra de sua família. Tinha valido a pena? Havia perdido tanto tempo, perdido tanto dele próprio, e agora, de várias maneiras, sentia-se encurralado, com a alma em profunda escuridão.

Sentia-se um tolo, pois, para a maioria dos homens, aquela caminhada pelo prado seria uma atividade rotineira, mas para ele, apreciar a beleza que o rodeava, a natureza e a gloriosa paz da atmosfera o deixava sem palavras. Ele, que tinha passado quase dez anos de sua vida mergulhado no inferno da guerra, havia se esquecido dos prazeres sem preço de simplesmente viver.

Até Brutus parecia ter se cansado de se comportar de forma reprovável e agora trotava tranquilamente atrás de sua dona como um carneirinho.

De repente, por uma razão inexplicável, Larken se viu desejando descobrir uma forma de escapar daquilo tudo. Para o bem de ambos. Dele e da srta. Langley.

Oh, droga. Dashwell era um problema, mas como ele poderia salvar aquela menina adorável de um dos pretendentes que a irmã dela lhe arranjará?

Você sabe como...

Larken parou para ajudá-la a subir os degraus de pedra, o azul do céu tão brilhante quanto os olhos dela. Só aqueles olhos eram o suficiente para levar um homem a se esquecer de tudo. A se tornar tão traidor quanto talvez a dama que estava diante dele podia ser.

E pela primeira vez em sua vida, Larken soube, como seu pai antes dele soubera, o que era ter um coração dividido. Se ele pelo menos não soubesse também das conseqüências...

Porque isso havia matado seu pai, como certamente poderia levá-lo a um destino igual.

Capítulo VIII

O que levava Larken a ter tais pensamentos? Ele não tinha de fazer nada além de olhar para a Srta. Thalia Langley para saber a verdade. Aquele jeito franco e espontâneo da moça, sua total falta de propriedade, o tinham cativado.

Mesmo quando ela tagarelava sobre uma visita aos jardins de Versalhes com seu pai ou de alguém com o nome impossível de "babá Jamilla", tudo o que ele podia pensar eram nos lábios de Tally.

Era assim que a irmã e Temple a chamavam, não era? Tally. O apelido combinava com ela, porque sugeria um espírito cativante, uma alegre e quase etérea qualidade.

Mesmo seus lábios tinham seu atrativo em particular, pois pareciam implorar para ser beijados.

Certamente eles imploravam por beijos, como ficara provado na noite anterior. Bom Deus, ele havia se comportado como um rapazote, rolando na grama com ela... e, no entanto...

Depois de passar uma boa parte da última década envolvido nos conflitos de guerra que assolavam a Europa, Larken via Thalia Langley como uma espécie de luz de algo que ele não entendia direito, mas o enchia de desejos e anseios.

E aquele olhar que ela lhe dirigia agora, como se estivesse apenas atirando uma pedra ao lago, o deixava alucinado de desejo; era como se aquela garota o tivesse enfeitiçado, usado uma magia que o impedia de raciocinar com lógica e o levava a esquecer seus deveres.

Ela podia ser desajeitada em um salão de baile, mas Larken suspeitava que, na cama, a srta. Thalia Langley se moveria como se dançasse a mais elegante dança vienense.

A imagem dela naquele glorioso vestido preto, os pés descalços pisando no tapete

de seu quarto, invadiu sua mente. O vestido caindo no chão e ela se reunindo a ele na cama, desfrutando a paixão com ele...

Calma, meu bom homem. Lembre-se, você é um vigário. Tente se comportar como um.

Larken soltou uma risada. Muito provavelmente sua figura de vigário fazia par com Tally dançando.

A seu lado, Tally ergueu o olhar.

— Perdão. O senhor disse alguma coisa? Temo ter me distraído.

— Oh, não. Eu estava apenas desfrutando a paz do campo.

Ambos olharam para a campina, tendo subido uma pequena ladeira, e agora estavam no alto, tendo diante de si a natureza virgem antes de cruzarem os jardins formais que rodeavam a casa do duque.

A paisagem estava ali expondo toda a sua glória, as nuvens caminhavam preguiçosamente pelo céu, enquanto o verde da grama era somente interrompido por linhas de cercas vivas e ocasionais telhados de palha de alguma casa de arrendatário.

— A calmaria antes da tempestade? — ela sugeriu.

— Alguma coisa assim. Eu havia me esquecido de como amo o campo.

— O senhor fala como se tivesse estado fora por muito tempo — ela observou, pegando-o desprevenido.

— Eu... eu... — Larken viu o brilho de inteligência naqueles olhos azuis e tentou se recompor.

Eu estive fora, ele quase disse. Cuidado, Larken, lembrou a si mesmo silenciosamente. Você é experiente. Ela não é mais do que uma garota de uns... vinte anos, talvez? Não é como se ela pudesse superá-lo.

Arrisque uma aposta nisso, ele quase podia ouvir Temple sugerindo.

Observou um punhado de flores do campo bem à sua frente. Eram do tipo que cresciam nas campinas perto da casa de sua tia Edith, onde ele ficara após a morte do pai.

As flores azuis lembravam os olhos de Tally, assim ele se abaixou e colheu algumas, e quando se levantou, encontrou-a observando com interesse.

Oh, bom Deus. O que ele fizera agora? Nunca em sua vida dera flores para uma mulher. Que ataque de romantismo era aquele?

As palavras que ela lhe dissera antes... *Ou eu encontraria um punhado de flores do campo e passaria a tarde com minhas aquarelas tentando capturar os tons.*

O doce lamento o levava àquele ato tolo e impetuoso. E então, sem saber o que fazer, ele estendeu a mão para Tally, entregando-lhe as flores.

Tally tentou respirar. E não porque estivesse sufocando com o cheiro do creme de cabelo dele.

Flores? Seus joelhos amoleceram.

Ela estivera tentando de tudo para conseguir desmascarar o sr. Ryder, e agora ele a surpreendia com aquele gesto singelo.

Flores do campo... entregues com as mãos trêmulas!

Não, as chocantes revelações sobre sua infância, as críticas ao casamento, nem mesmo sua história sobre a sra. Hutchinson e o sr. Mudgett haviam alterado a expressão enigmática do suposto vigário.

E agora ele estava ali, lhe oferecendo flores, e parecendo bastante sincero.

Que tipo de homem era ele?

O tipo que beija como um libertino e agora quer cativar uma mulher com flores.

Tally estendeu as mãos, os dedos se tocando e fazendo-a sentir um arrepio. O olhar dele, o seu toque, o breve segundo em que suas mãos haviam se encontrado haviam despertado nos dois uma onda de desejo.

— Obrigada, senhor — ela conseguiu dizer, desejando poder ser mais eloquente, dizer alguma coisa interessante...

— Elas se chamam *Succisa pratensis moench* — ele disse, apontando para as flores.

— Verdade?

— Sim. Elas até crescem em... — Ele interrompeu bruscamente a frase.

Era imaginação dela ou o homem a cortejava? Buscou naqueles olhos negros alguma pista. Os olhos eram tão escuros que ela se perguntou se ele seria filho de uma princesa espanhola ou de uma rainha cigana.

Claro, esse não era o tipo de pergunta que se fazia a um cavalheiro.

No entanto, ela suspeitava que o sr. Ryder não fosse exatamente um cavalheiro.

— Crescem onde, sr. Ryder?

— Hum... em Northhamptonshire. Elas também florescem lá.

— Imagino que floresçam em toda parte. Creio tê-las visto na Alemanha, quando era menina. Não me lembro como eram chamadas lá.

— Bem, pode-se chamá-las de íris — ele acrescentou. — É o nome mais comum. — Larken olhou para as botas. — Eu tive um tutor, por uns tempos, que era botânico.

Tally sorriu e se inclinou um pouco para a frente, aproximando-se dele.

— Sr. Ryder, o senhor é um poço de contradições.

— Sou?

— O senhor é. Lê Fordyce, no entanto... — *beija como um libertino*, era o que ela gostaria de dizer, mas não ousava — ...tem uma natureza extravagante.

Mas Larken sabia o que ela gostaria de dizer.

— Srta. Langley, eu protesto...

— Não deveria. Gosto bastante dessa outra parte de seu caráter.

Larken riu.

— Agora é a senhorita quem está me provocando.

— Não estou. Mas acrescentando às suas qualidades, eu descobri que o senhor tem um lado romântico. — Tally ergueu as flores como evidência. — Mas tem um lado prático, também. — Ela baixou o olhar para as flores que estavam em suas mãos. — *Succisa patensis moench*, não é?

— Senhorita!

— Oh, não perca tempo com mais protestos. Os seus segredos estão bem seguros comigo. Mas devo dizer...

— Sim?

— O senhor me deixa perplexa. Larken balançou a cabeça.

— Então estamos empatados a esse respeito.

— Estamos?

Beije-me, por favor, me beije de novo, para que eu saiba se a noite passada foi real ou um sonho.

Ele a fitou e Tally era capaz de jurar que ele ouvira o seu pedido silencioso.

— Ora, sim — ele disse, inclinando-se um pouco, depois começando a andar novamente, seguindo a trilha da campina.

Tally quase tropeçou de novo, mas conseguiu se firmar e seguiu atrás dele.

— Estamos empatados, sr. Ryder? Larken parou para que ela o alcançasse.

— Porque a senhorita é, sem dúvida, a jovem mais intrigante que conheci na vida.

Ela se aproximou, desequilibrando-se um pouco, e ele a segurou. Tally sentia-se tudo, menos intrigante. Bem diferente da mulher oferecida que ele tivera nos braços na noite anterior. Mas bastou fitar aqueles olhos negros para enxergar a natureza libertina daquele homem.

— Obrigada — ela murmurou.

Ambos caíram na risada, e ele então lhe ofereceu o braço. Por um momento Tally hesitou, mas acabou colocando a mão no braço dele e caminharam ao longo da mureta de pedra que rodeava o jardim.

Observou-o, então.

Ele ficaria bastante razoável com alguma ajuda. Um traje novo, definitivamente. Um corte de cabelo? Observou novamente. Não. Gostava do cabelo ondedo. Quando não estavam empastados de... Tally aspirou e sentiu o cheiro enjoativo do creme.

Se ao menos ele tivesse um valete...

Tally quase tropeçou de novo. Era isso. *Um valete!*

Felicity tinha justamente um sobrando, Claver. Aquele que Felicity havia contratado e o duque achara aborrecido. Pobre Claver, com ninguém para aborrecer agora...

E Claver não deixaria o sr. Ryder descer do quarto cheirando a creme de cabelo. Tally mordeu os lábios tentando não rir, porque alguma coisa mais lhe ocorreu.

— O senhor precisa dos óculos para enxergar?

— O que disse? — ele perguntou, voltando de algum devaneio.

— Seus óculos? Eles são necessários?

— Não. A não ser para ler.

— Está lendo agora? — Tally perguntou, parando e colocando as mãos nos quadris.

— Não, suponho que não — ele respondeu. — Mas os óculos me dão um ar mais de vigário, ou foi o que me disseram.

Ela o observou.

— É verdade, mas o senhor tem belos olhos. Não deveria escondê-los.

Um leve sorriso curvou os lábios de Larken.

— Pensa que eu esteja escondendo os meus olhos?

Isso e muito mais, ela gostaria de dizer. Aquilo tudo era fruto de sua imaginação ou era verdade?

Ela não sabia.

De repente, Brutus passou por entre as pernas dela, latindo e dando voltas, querendo chamar a atenção da dona.

— Brutus! — ela exclamou, mas o pequeno cão apenas latiu um pouco mais, como se soubesse exatamente o que ela estava pretendendo e não querendo que ela se comportasse de maneira indevida.

Que sorte a dela ter um cão com consciência... Como se isso não bastasse, ouviu-se o som de carruagens e rodas de carroça subindo o caminho.

— Melhor continuarmos — ela sugeriu.

— Ah, sim.

Dessa vez ele não lhe ofereceu o braço, e Tally sentiu a distância entre os dois aumentar outra vez.

Depois de um bom tempo em silêncio, ele o quebrou.

— A sua prima, lady Philippa... — Ele parou de falar como se não soubesse bem como se expressar.

— Sim, o que tem ela?

— Ela compartilha a sua opinião quanto ao casamento? Tally decidiu ser cautelosa.

— Sim — respondeu lacônica, mas então sua língua a venceu. — E não.

— Sim e não? — Larken sacudiu a cabeça. — Sua prima parece uma dama em conflito.

Se ele soubesse...

Então Tally tentou lhe responder tão diplomaticamente quanto possível. Ela era filha de seu pai, afinal.

— Pippin se opõe ao casamento se ele simplesmente for uma conveniência social. Ela somente se casará por amor.

— Com seu pretendente inaceitável? Tally baixou os olhos.

— Não. Isso nunca vai ser possível.

— Então eu sinto por ela.

— Eu também. — Tally sentiu uma pressão no peito, aumentada porque a casa começava agora a se encher de hóspedes. — Na verdade, Pippin e eu estamos escrevendo uma peça sobre esse mesmo assunto, exatamente agora. *Lágrimas de Helene, ou O Dilema Moral de uma Dama*.

Larken voltou-se, surpreso.

— A senhorita escreve peças?

— Sim, penso que já mencionei isso antes — disse Tally, percebendo então que

Felícitly acenava para ela freneticamente para que se apressasse e fosse cumprimentar a todos.

Ela não conseguia se mover, dar um único passo à frente, tudo o que queria era sair correndo na direção contrária, levando o Sr. Ryder consigo.

— Pippin e eu escrevemos várias peças — ela conseguiu dizer. — Na verdade uma delas está sendo considerada para uma produção de uma companhia de teatro londrina. Claro que não recebemos os créditos públicos pela autoria, por razões óbvias.

— Naturalmente — ele murmurou, o olhar fixo também nos convidados que chegavam.

Havia uma luz nos olhos dele, Tally percebeu. Como se estivesse pesando e medindo cada pessoa enquanto elas iam descendo dos veículos. Confrontando-as com alguma lista desconhecida.

Ela tinha visto o pai fazer a mesma coisa em mais de uma ocasião, catalogando todos à sua volta. Felicity tinha o mesmo talento, no entanto, por suas próprias razões.

Mas por que o sr. Ryder se importava com quem fossem os outros convidados? Isto é, a não ser que ele estivesse procurando...

Pela srta. DeFisser! Tally sentiu o estômago se contorcer. Como acontecia cada vez que se encontrava com uma de suas colegas de escola, a srta. Sarah Browne. O que não fazia sentido, porque a srta. Browne era uma pessoa detestável, e Tally nem sequer conhecia a srta. DeFisser.

Exceto que ela estava destinada para...

— Ainda assim, ter escrito uma peça, srta. Langley — ele estava dizendo. — Isto é um feito e tanto. Posso lê-la?

Ela estivera perdida em seus devaneios, imaginando a srta. DeFisser e *e/le* juntos, e não prestara muita atenção na pergunta.

— Ler o quê, senhor?

— Ora, a sua peça, naturalmente. — Ele se inclinou de leve. — Eu ficaria honrado se pudesse ler o seu trabalho.

Tally sacudiu a cabeça.

— Céus, não! Não é apropriada para... para...

— Para uma jovem, talvez? — Larken se virou nos calcanhares e a fitou, a sobrelha arqueada deixando claro que ele estava provocando.

Provocando! Um vigário.

Tally sentiu um arrepio percorrer seu corpo.

— A senhorita andou escrevendo alguma coisa indecente, srta. Langley? Alguma coisa que teme ter de se arrepender? Talvez porque eu possa descobrir alguma coisa sobre a senhorita?

Ela sentiu um forte arrepio dessa vez.

— Descobrir? — ela conseguiu murmurar. — Duvido muito, senhor.

Ele se aproximou um pouco.

— Eu não duvido. Penso que tenha segredos, srta. Langley, que eu adoraria descobrir.

O coração de Tally disparou, ameaçando sair pela boca. Segredos? Descobertos? Aquilo estava se tornando mais enervante do que a noção de ser a esposa de um vigário. Porque, de repente, o sr. Ryder não era mais uma pessoa inofensiva, com seus sermões de Fordyce e seu horrível creme de cabelo.

Aquele era um homem capaz de descobrir os seus mais obscuros segredos.

Sentiu-se quase entrando em pânico, porque com isso veio a conscientização de que, apesar de temer ser descoberta, queria também que ele tentasse.

Que a testasse. Que descobrisse os seus segredos.

— Creio que minha irmã precisa de mim — ela disse, tomando a trilha e cruzando a passagem das carruagens.

Larken a puxou antes que uma carruagem a atingisse. O enorme veículo parou ao lado deles, os cavalos dançando agitados, o cocheiro fazendo de tudo para evitar um desastre.

E dessa vez, o sr. Ryder a segurou bem. Seu toque, firme e forte, despertou mais uma vez desejos desconhecidos em Tally. Por que aquele homem a afetava tanto?

— Diga-me, srta. Langley — ele falou, antes que o momento se perdesse —, a sua peça é uma lição da arte do amor? Uma que até eu mesmo poderia aprender alguma coisa?

A voz dele a provocava, a tentava. Despertava o mesmo fogo da noite anterior, quando ele a acariciara no pescoço, beijara seus lábios, a tocara...

A porta da carruagem se abriu, e uma jovem dama desceu.

— Oh, srta. Thalia! — exclamou a moça. — Não me diga! Anda rabiscando outra daquelas suas peças monstruosas... Bem, pode colocar sua pena de lado, porque eu tenho uma história fantástica para lhe contar, que vai fazer sua imaginação empalidecer.

Larken olhou horrorizado para a jovem dama que deixava a carruagem, temendo ser aquela a srta. DeFisser. Se aquilo não era razão suficiente para voltar correndo para Londres, ele não conhecia nenhuma melhor.

— Oh, que tola eu sou — a jovem disse, estendendo a mão para Larken. — Eu deveria dizer "srta. *Langley*", agora que sua querida irmã está casada. Isso a torna a solteirona da família, não é?

Os lábios da jovem se abriram em um sorriso maldoso, um sorriso que se desfez quando ela olhou Larken da cabeça aos pés e percebeu quem segurava sua mão. Puxou-a imediatamente quando o cheiro do creme de cabelo a atingiu.

— Solteirona? — retrucou Tally, empertigando-se. — Algo que temos em comum, concorda, srta. Browne?

Larken tinha vivenciado vários incidentes graves, mas nenhum em que houvesse tanta tensão quanto o encontro daquelas duas moças.

Observou a criatura que estava parada diante dele e esforçou-se o mais que pôde para se livrar do arrepio que lhe percorreu a espinha. Bem, se havia alguma coisa a celebrar era o nome dela. Srta. Browne. Não srta. DeFisser. Pelo menos ele não estaria atrelado àquela... senhorita pelos próximos dias.

Naquele momento a srta. Browne colocava-se em uma pose de comando, olhando para a magnífica casa diante dela e depois lançando à mansão um ar de desdém.

— Pelo menos você vai ter sua querida prima para compartilhar a sua vida, porque

não posso imaginá-la casada. Minha situação, por outro lado, é bastante promissora, com minha herança e bom nome como garantia. — Ela lançou um olhar a Larken, e então simplesmente o dispensou.

Ele teria rido, mas isso provavelmente não seria um ato esperado por parte de um vigário.

Tendo desviado dele a sua atenção, a srta. Browne continuou irritando Tally.

— Pobre, pobre lady Philippa! Há muitos que dizem que sua desgraça comprometeu totalmente sua virtude. — A srta. Browne se voltou para a matrona que estava atrás dela. — Não é verdade, mamãe? Que a desgraça de lady Philippa ainda é assunto de muita discussão em Londres?

A srta. Browne continuou provocando:

— Apesar de que não sou eu. Acho esse tipo de conversa tão desagradável, porque sinto muita pena da pobrezinha. Muita mesmo.

Larken considerou soltar a srta. Langley e deixá-la dar uma boa lição àquela harpia, mas ele imaginava que um escândalo assim somente daria à srta. Browne mais assunto para continuar com seus mexericos.

Para alegria dele, Brutus surgiu de trás de uma das carroças e agarrou com os dentes um pedaço do vestido da srta. Browne.

— A-a-a-h! — a desagradável moça gritou, pulando e tentando livrar o vestido dos dentes da pequena fera.

Mas Brutus, fiel à sua dona, pendurou-se firme e terminou por ficar com um bom pedaço do tecido, então se afastou, a cabeça erguida e as fitas sendo puxadas, como um cavalo que acabou de ganhar uma corrida.

— Oh, detenham o cão! — a srta. Browne gritou. — Ele arruinou o meu vestido.

Larken olhou para baixo e, na verdade, não conseguiu localizar de onde haviam sido arrancadas as fitas, já que a roupa era toda cheia delas.

— Tally! — a duquesa exclamou, aproximando-se para saudar os convidados. — Por favor, contenha Brutus, sim?

Obediente, Tally pegou o cão e o segurou no colo, e com algum esforço conseguiu resgatar as fitas da boca de Brutus e estendê-las de volta à srta. Browne.

A parte rasgada não parecia mais uma flor perfeita como deveria ter sido antes, toda úmida e mordida, e a srta. Browne a olhava, horrorizada. Qualquer protesto que ela pretendesse fazer, porém, acabou perdendo o efeito com a chegada de outra carruagem.

De repente, a srta. Browne era toda sorrisos novamente, endireitando-se e posando para os novos convidados, que começaram a se alinhar. Franziu, porém, o nariz, ao ver quem chegara.

— Ah, os Elsford. Que bondade de Sua Graça em convidá-los.

— O duque e o major Elsford serviram juntos — a duquesa disse.

Tally deu um passo para junto da irmã.

— Acho as srtas. Elsford maravilhosas, e não costumam ter chiliques, como certas pessoas.

Hollindrake e a esposa foram cumprimentar os convidados, e Larken vasculhou sua memória, um alarme soando em sua mente.

Major Elsford... Ele o conhecia? Lembrou-se de todos os oficiais e agentes que encontrara na Espanha e Portugal, mas não, o major Elsford não estava entre eles. Felizmente. Quanto menos pessoas precisassem saber sobre seu disfarce, melhor.

Ele estava passando tempos difíceis tentando esconder sua identidade da srta. Langley.

O major Elsford possuía uma carruagem simples, uma que se podia esperar que um oficial do Exército de carreira possuísse. A esposa, uma mulher magra, parecia mais velha do que devia ser. As filhas saíram da carruagem, prontas para a grande aventura e felizes por terem sido incluídas na festa. Olharam para a mansão, boquiabertas.

Mas a duquesa de Hollindrake moveu-se rapidamente, com um sorriso fácil e cumprimentos calorosos.

Hollindrake apertou a mão do major com entusiasmo, e houve a habitual troca de tapinhas nas costas, típica dos militares que haviam compartilhado anos de adversidade.

— Bem-vindo, bem-vindo, major — Hollindrake disse.

— Ah, sim! Obrigado, Thatcher. — O major parou ao ver a casa pela primeira vez. — Oh, perdão, eu me esqueci completamente. É Vossa Graça agora, é um título belo e justo para um excelente oficial.

Hollindrake aceitou o elogio com modéstia.

— Novidades de Londres, senhor? O que tem ouvido?

— Ouvido? Ouvido? Nada, senhor. Londres está um lugar quieto e aborrecido, agora que o verão está para chegar.

— Nada? Eu ousaria dizer que o senhor está enganado nesse aspecto! — soou a voz da insuportável srta. Browne, e todos os olhos se voltaram para ela. — Nada de novo aconteceu em Londres, senhor? Ora a cidade inteira está agitada.

Ela fez uma pausa, querendo despertar mais atenção e salientar o que dizia.

Larken tinha de reconhecer que a moça sabia chamar atenção sobre si mesma, porque agora ela parecia estar em um palco.

— Do que todos em Londres andam falando, srta. Browne? — a duquesa perguntou educadamente.

— Ora, pensei que a senhora é quem seria a primeira a saber, Vossa Graça — ela respondeu. — Então não ouviu? O capitão Dashwell escapou do presídio de Marshalsea.

Larken não olhou para a srta. Browne, e sim para Tally. E para seu horror, ela deixou as flores que tinha nas mãos cair no chão.

Ela não poderia ter se condenado de maneira mais aberta ou completa, e para Larken, as pétalas atingiram o solo com a mesma finalidade do machado de um algoz.

Capítulo IX

— Digam-me que não têm nada a ver com isto — exigiu Felicity, enfrentando a

irmã e a prima no aposento destas duas.

Depois que o anúncio da srta. Browne caíra como um tiro de canhão sobre os convidados, Felicity tinha conseguido contornar o caos como um general, encaminhando a sra. Elsford e as filhas para seus quartos, os Browne para os deles, e delegando a Staines a tarefa de se encarregar das bagagens.

Então pegara Tally pelo braço e a levava ao andar de cima, onde abrira então uma sessão em seu tribunal particular.

— Não me diga que ajudaram esse... esse... fora da lei a escapar — ela disse, tremendo da cabeça aos pés de tanta raiva.

Tally mudou o peso do corpo de um pé para o outro, porque jamais vira a irmã gêmea tão furiosa.

Até Brutus parecia saber que aquela não era hora para uma de suas interrupções e seguiu acabrunhado para a extremidade mais distante do sofá.

— Duquesa, eu... — Tally começou a falar, usando o apelido da irmã, aquele que ela usava desde que eram crianças, e que agora era também, por acaso, o seu título por casamento.

Felicity levava as mãos para o alto em total descontrole.

— Não! Não me diga. Não me diga nada. Não quero saber.

É claro que a srta. Browne tinha conseguido a atenção de sua audiência com uma história completa da noite da fuga. De como uma dama elegante, embora mascarada, distraíra os guardas da cela de Dashwell, e então, com a ajuda de cúmplices, libertara o pirata americano. Todos então tinham escapado para os lados do Sul e ninguém mais ouvira falar deles desde então.

Um enredo familiar demais para escapar da atenção de Felicity.

— Mas, Felicity, eu pensei que você tivesse dito... — Tally começou de novo.

— Não importa o que eu disse — a duquesa respondeu ríspida, andando de um lado para o outro. — Oh, isso é horrível! E exatamente nas vésperas da minha festa... Não podia ser em outra hora?

Pippin e Tally trocaram um olhar rápido, Tally se controlando para não gritar "Se eu ouvir mais uma vez falar sobre essa sua maldita festa, eu..."

Pippin passou silenciosamente a mensagem "Sim, mas temos outras preocupações..."

— Não se importam como isso parece? — Felicity protestou. — É mais que provável que tio Temple chegue aqui a qualquer momento para examinar a casa. Ou pior, aquele horrível sr. Pymm mandará alguém espionar sem que desconfiemos de nada. E se Dashwell, pessoalmente, vier aqui, então?! Ou pior, se for encontrado aqui...

— Quer baixar a voz, por favor? — advertiu Tally. — Não só vai acordar tia Minty — ela sussurrou, acenando em direção à porta atrás dela —, mas também deveria se preocupar com quem a está escutando. Se sua intenção é anunciar diante de toda a Sussex todas as suas ridículas teorias, então continue, porque está se saindo melhor que o jornal *Morning Post*!

Felicity abriu a boca como se fosse contradizer Tally, mas então as palavras da irmã penetraram em sua mente e ela se calou.

Ao mesmo tempo, entretanto, os medos de Felicity tinham atingido Tally, fazendo

seu coração disparar.

...Mandaré alguém espionar sem que desconfiemos de nada...

Se isso fosse apenas mais uma bobagem de Felicity... Se ao menos ela não soubesse a verdade...

Porque o espião já estava ali.

Quando Felicity tinha levantado a possibilidade, a imagem do sr. Ryder surgira diante de Tally. Não, não podia ser. Ele era o primo de Hollindrake.

Ou não?

Marchando de um lado para o outro, Felicity começou a fazer perguntas sem parar, só que agora em voz mais baixa.

— Uma coisa é se minha reputação for atingida. — Ela parou um instante antes de adotar seu olhar mais imponente. — Mas o que me diz se for atingida a de Hollindrake?

Tally sentiu um aperto no peito. *Hollindrake?* Oh, que os diabos levassem Felicity! Ela tinha de lembrar os problemas que o duque poderia vir a ter? De como as duas ali deviam obrigações a ele? Pior ainda, o duque sempre fora bondoso e generoso com os parentes da esposa, seus conhecidos e questionáveis criados. Mais generoso do que eles mereciam, Tally tinha de admitir.

— Todos em Londres devem estar especulando quem deve ser essa dama misteriosa... — Felicity estava dizendo, olhando diretamente para Pippin.

Mas não era à toa que a prima delas era filha de um conde. Ela enfrentou o olhar da duquesa com a mais absoluta calma.

Felicity voltou a olhar a fitar a irmã e a prima.

— Digam-me que não têm nada a ver com isso — repetiu. — Nada que possa envergonhar Hollindrake. Eu preciso saber.

O desespero patente na voz de Felicity atingiu Tally. *Oh, céus, que situação complicada...*

— Não temos nada a ver com isso, Felicity — Pippin afirmou, a voz tranqüila e sincera capaz de apagar qualquer dúvida de até o mais cínico dos juizes. — Estou tão chocada quanto você.

Tally não se arriscou a falar, mas meneou a cabeça concordando.

Felicity soltou um suspiro profundo.

— Bom. Agora vamos ao meu outro problema. O sr. Ryder. O alfaiate e seus assistentes estão se encarregando dele no segundo salão, e só posso esperar que esse *Monsieur* Gaspard seja tão bom quanto dizem e providencie um novo traje antes do baile de amanhã. Eu quero que a srta. DeFisser tenha uma boa impressão do vigário. — Ela suspirou mais uma vez e encaminhou-se para a porta.

Tally imaginou o sr. Ryder vestido elegantemente e entrando no salão de baile. Qualquer mulher ficaria impressionada, contanto que ele... Oh, sim! Ela tinha quase se esquecido.

— Felicity? — ela chamou a irmã.

— Sim?

— Penso que deveria convocar Claver para ser o valete do sr. Ryder. O pobre homem não faz nada para Hollindrake, e é uma pena ver seus excelentes talentos assim

desperdiçados.

Os olhos de Felicity brilharam.

— Mas essa é a solução perfeita! Não sei como eu mesma não pensei nisso antes.

Tally sorriu, mas isso pouco contribuiu para amenizar a culpa que sentia.

— E mais uma recomendação, se realmente quiser que o sr. Ryder passe uma boa impressão...

— Sim?

— Mande Claver sumir com o creme de cabelo do sr. Ryder.

Felicity riu.

— Essa vai ser sua primeira tarefa!

Tally esperou até que os passos de Felicity chegassem às escadas para se voltar para Pippin.

— Isto precisa acabar — ela disse. — É exatamente como Felicity teme. E pior. Nós já estamos sendo vigiadas.

Pippin sacudiu a cabeça.

— Não me venha com esses seus medos quanto ao sr. Ryder. Tally, você anda vendo espiões onde não há nenhum. Aquele homem é apenas o primo esquisito de Hollindrake...

Tally abriu a boca para argumentar, mas Pippin a interrompeu.

— Não quero mais ouvir nenhum de seus argumentos sobre esse assunto. Nós não corremos risco algum. Não deixamos qualquer pista para trás.

A porta do quarto de tia Minty se abriu e uma figura alta apareceu à porta.

— Oh, minha querida Circe, então você deveria começar a ficar assustada — disse o capitão Dashwell, usando o apelido que reservava apenas para Pippin. — Porque será justamente quando você estiver convencida de que seus inimigos não podem superá-la, que eles a encurralarão e não haverá mais saída alguma.

Dashwell parou, estendeu a mão para a jovem, e então a abraçou.

— Tally tem razão — ele disse, a mão acariciando os cabelos de Pippin. — É hora de tudo isto terminar.

No entanto, ele não disse aquilo que os três estavam pensando: *Antes que nossa sorte mude.*

Eles tinham uma boa razão para estarem preocupados, porque a notícia que a srta. Browne dera não deixara apenas Felicity ao pânico. Larken estava apavorado também.

Diabo de mulher, ele pensou, parado ali no salão, diante de um alfaiate e sua equipe de assistentes.

Não melhorava em nada o seu humor o fato de estar sendo medido e examinado pela equipe. O fato é seria a sua ruína se ele deixasse Dashwell escapar. Pymm tinha deixado isso bem claro.

— O verde-garrafa ou o vinho, *monsieur*? — o alfaiate perguntou, exibindo os dois cortes de tecido. — Creio que o verde-garrafa o deixará bastante elegante, se acompanhado de um colete laranja.

Ouviram-se vários "oohs" e "aahs" da equipe de ajudantes, aprovando a sugestão

do alfaiate.

Larken arregalou os olhos, horrorizado. Laranja? O homem queria que ele usasse um colete laranja? Estremeceu inteiro. Por que ninguém pensava mais em um paletó e calças pretas? Afinal, era exatamente disso que todo homem precisava.

— O senhor não aprova? — o alfaiate perguntou com ar de desdém, como se jamais alguém tivesse ousado recusar uma de suas brilhantes sugestões. — Mas Sua Graça disse que o senhor está aqui para cortejar uma dama. E o que mais encantará uma mulher do que uma aparência requintada? O senhor se destacará de todos os outros cavalheiros, e atrairá a atenção da jovem dama. — Ele se voltou para seus assistentes. — Não é verdade?

Todos concordaram entusiasticamente em coro.

— O senhor a deslumbrará — acrescentou o mais jovem dos assistentes.

Larken ignorou todos eles e voltou-se apenas para o alfaiate.

— Meu bom homem — ele disse. — Eu sou apenas um vigário e prefiro um traje mais discreto.

— Eu temia isso. — O alfaiate suspirou e então estalou os dedos para um dos assistentes. — Traga o tecido azul.

Larken concordou de imediato. Não era preto, mas um azul bem escuro.

— O colete laranja completaria maravilhosamente...

— Não! — Larken exclamou. — Não vou usar nada cor de laranja.

— Mas é mais o tom de tangerina — um dos assistentes corrigiu, e então se calou diante do olhar duro que Larken lhe dirigiu e que deixava claro que se ele era um vigário capaz de salvar as almas dos homens, não se opunha em mandar uma delas diretamente para o fogo do inferno.

A sala se encheu então apenas do barulho de tesouras e de ocasionais suspiros por parte do alfaiate. Larken por fim se viu livre daquilo tudo e pôde se concentrar em suas preocupações.

Se não estivesse comprometido com o segredo e a discrição, ele vasculharia a casa do duque como um cão farejador e realizaria a sua missão... *matar Dash*.

Sentiu um mal-estar. Droga, por que ele se envolvera naquilo? Não que não tivesse matado antes, mas... nunca matara um amigo. Fora fácil, a princípio, concordar em aceitar a missão, porque no começo não acreditara na teoria de Temple de que duas damas de Bath haviam, de alguma forma, ajudado Dashwell a escapar... e de Marshalsea, ainda por cima. E mais do que isso, conseguido enganar a Marinha inteira.

Pensara assim até conhecer Tally...

— Creio que temos tudo o que precisamos — o alfaiate disse, com um floreio e uma reverência.

— Obrigado — murmurou Larken, saindo de cima do banquinho onde estivera e saindo do salão antes que a duquesa voltasse com alguma outra incumbência para ele.

Já passara por coisas demais em um só dia. Deus! Ele praticamente quase se entregara, por duas vezes, a Tally. Primeiro contando como sua mãe tinha morrido quando ele nascera, e depois... quando colhera e lhe dera flores. E que idiotice dissera? ... *Elas crescem em...* Portugal, ele quase dissera Portugal! Oh, sim, o mais simplório dos vigários passara os tempos de guerra admirando as planícies de Portugal. Ora, ora...

Talvez houvesse alguma verdade sobre o que diziam dele lá no Serviço de Inteligência. Ele se tornara perigoso e apressado.

Certamente se sentia apressado quando estava com ela...

Pior ainda, ele não queria descobrir que Tally estava envolvida naquilo. Não queria descobrir que aquela jovem que o atraía, especialmente com sua inteligência e temperamento cativante, que o provocava com seu flerte... ah, sim, com o flerte... estava de algum modo metida naquela trapalhada.

Parou na comprida galeria e deu uma olhadela pela janela para a campina coberta de flores do campo.

Flores.

O que o alfaiate e seus assistentes tinham dito?

O senhor se destacará de todos os outros cavalheiros, e atrairá a atenção da jovem dama.

O conselho poderia sofrer uma pequena adaptação.

Você poderá enganá-la...

Era exatamente isso o que ele iria fazer. Atrair a Srta. Langley e enganá-la completamente.

E no fim, ela o desprezará por essa traição. Exatamente como você próprio se desprezará por matar Dashwell.

Larken sacudiu a cabeça, querendo se livrar daqueles pensamentos.

Ele tinha uma tarefa pela frente, uma que não deixava margem para sentimentalismos tolos. Não deixava espaço para algo a que ele nem ousava dar um nome.

Uma hora antes do jantar, Tally saiu da suíte para providenciar uma carruagem para a manhã seguinte, com a desculpa de que levaria tia Minty para tomar ar e fazer algumas pequenas compras na vila mais próxima.

Ela e Pippin tinham conseguido que Dash entrasse na casa vestido como tia Minty; agora deveriam tirá-lo da mesma forma, se contassem com a sorte de que precisavam.

Os pensamentos estavam tão voltados para seus planos imediatos que quando se deu conta viu-se barrada por uma espécie de muralha.

O peito do sr. Ryder, para ser mais exata.

Ela não precisava levantar o rosto para saber que era ele.

Simplesmente sabia. E então aspirou e não sentiu mais o cheiro do creme de cabelo, mas um aroma mais elegante, masculino e agradável.

— Sr. Ryder — ela disse, dando um passo para trás e alisando as saias. Observou-o então com espanto.

O que Felicity tinha feito? Ou melhor, o que o alfaiate e Claver haviam conseguido?

— Sr. Ryder? — ela murmurou, enfiando a mão no bolso para não ser tentada a tocar no homem.

— Srta. Langley. — Ele curvou-se com elegância, seu olhar preso ao dela.

— Humm... posso ajudá-lo? — perguntou Tally, fixando o olhar em um vaso na

mesa, no retrato que havia na parede, nas cortinas amarelas da janela. Em qualquer coisa, menos nele. — Creio que o senhor esteja na ala errada — observou.

— Não creio — retrucou ele fitando-a, como se não se cansasse disso.

— Seu quarto fica dois andares acima, e do outro lado.

— Não estava procurando por meu quarto, e sim pela senhorita.

Tally ergueu o olhar, espantada.

— Por mim?

— Sim, pela senhorita.

O modo como ele dissera aquilo a arrepiou. O que o sr. Ryder estava fazendo? Flertando com ela?

Havia um leve sorriso nos lábios dele, e então ele lhe entregou um buquê. Enorme, com flores do campo de todas as cores.

— A senhorita derrubou aquelas que lhe dei antes, então pensei... — Ele parou de falar, mas seus olhos brilhavam com alguma coisa a mais.

Ora, ora. O sr. Ryder estava flertando com ela.

Cortejando-a, na verdade.

Por um momento divino, Tally se esqueceu de tudo. De Pippin e de Dash. De que estava prestes a ser acusada de traição. De que deveria descer e pedir a Staines que providenciasse uma carruagem para a manhã seguinte.

Tudo lhe sumiu da mente, a não ser aquele homem que a queria...

Mas não era isso. Ele queria algo. Dela.

Droga, Tally. Ele está aqui para detê-la. Para fazê-la cair em uma armadilha. Usando de todos os meios...

Todos os meios? Ela desejou não se sentir tão satisfeita com a idéia.

Deu um passo para trás, não somente para se afastar do Sr. Ryder, mas procurando não pensar que Felicity tinha razão. Havia alguém ali para espioná-las. E essa pessoa estava exatamente diante dela. Seria capaz de apostar seu vestido preto nisso. Respirou fundo.

— Se isto é um suborno para obter minha ajuda e mantê-lo fora do caminho de minha irmã, já deixo bem claro: não vou ajudá-lo.

— Não vai?

Era imaginação sua, ou ele estava agora mais perto? Tally balançou a cabeça, tentando se livrar não só do desejo por ele como da pergunta.

— Não, não posso ajudá-lo. Felicity acabaria comigo e já começa a suspeitar que o senhor quer evitá-la.

— Eu? — Larken se aproximou ainda mais, como se fosse um felino tendo a presa bem à sua frente.

Presa? Ela? Um arrepio percorreu a espinha de Tally. Em parte, estava adorando aquele jogo de gato e rato. E se ela era mesmo a presa, não seria divertido descobrir como ele pretendia pegá-la?

— Não, não seria — ela disse em voz alta.

— Não seria o quê? — perguntou Larken, chegando ainda mais perto.

Se ele desse mais um passo, a encurralaria contra a porta.

Tally engoliu em seco quando se viu encurralada contra a porta.

E quanto ao outro lado da armadilha?

Oh, sim, ele era tão duro e forte como a porta, ela pensou. Ficou imaginando de quanta coragem seria capaz. Porque se ela fosse verdadeiramente corajosa, verdadeiramente a mulher que queria ser, ela se entregaria a ele como fizera na noite anterior.

— Srta. Langley, há uma coisa que eu gostaria que a senhorita... — ele murmurou, inclinando a cabeça, as palavras soando muito perto do pescoço dela, de seus ouvidos.

Tally estremeceu com a intimidade do momento.

Thalia Langley! O que está pensando? Livre-se desse homem.

— Sim, sr. Ryder — ela conseguiu murmurar, incapaz de dar um passo. Fugir seria covardia, não seria?

— Eu estava imaginando se a senhorita...

— Se eu...?

Ele parou e a fitou com um olhar faminto, cheio de desejos obscuros. Não estava usando os óculos, ela notou, e sem eles, os olhos escuros eram mais atraentes ainda.

— Srta. Langley, eu ficaria tão feliz se a senhorita me concedesse...

— Concedesse...? — ela repetiu, enquanto os pensamentos voavam outra vez.

Sr. Ryder, eu lhe concederia qualquer coisa neste momento...

— Sim, me concedesse — ele repetiu — um pequeno favor.

Apenas um pequeno?

Tally sentiu um arrepio da cabeça aos pés, seu corpo tremendo com o mesmo tipo de desejo selvagem que descobrira no labirinto na noite anterior.

Apenas uma pequena concessão? Não, senhor. Eu me concederia por inteiro...

— Se me permitisse entrar...

Os olhos escuros e apaixonados pareciam ter um poder hipnótico. A mão de Tally agarrou a maçaneta da porta, pronta para abri-la e deixá-lo entrar na suíte.

Porque não havia nada entre eles agora, nada para impedi-los, a não ser...

Pippin e Dash.

Tally estremeceu e recuperou o bom-senso, olhando-o atenta e percebendo algo nos olhos dele, algo que não notara antes, já que se deixara levar pelo desejo.

Havia triunfo nos olhos do homem. Com a ideia de que entraria na suíte dela.

A paixão de Tally se voltou para outra direção, algo próximo à raiva, e estava prestes a colocar ambas as mãos no peito dele e dar-lhe um bom empurrão, quando ouviu uma voz a que ela não dava boas-vindas havia um bom tempo.

Felicity.

— Sr. Ryder! Aí está o senhor! Estive procurando por si por toda parte — ela disse, pisando forte, os saltos de seus sapatos soando como um tambor.

Graças a Deus, Tally pensou, escorando-se na porta. Felicity parou, alarmada.

— Sr. Ryder, o que está fazendo com minha irmã?

Capítulo X

Larken quase saiu da pele ao som da voz da duquesa atrás dele. E se ele não estivesse enganado, a srta. Langley parecera aliviada por estar sendo salva.

Droga! Ele quase havia conseguido o que quisera de Tally. Seduzida e disposta a ajudá-lo.

— Sr. Ryder, vou lhe perguntar mais uma vez. O que estava fazendo com minha irmã?

Mãe de Deus, a duquesa estava se parecendo com tia Edith quando ele cometia alguma travessura.

— Eu... hum... — ele começou. — Sua irmã...

A duquesa bateu o pé, sua impaciência forçando-o a encontrar uma resposta aceitável.

Além da óbvia.

Eu estava tentando seduzir a sua irmã para poder, então, descobrir o que ela sabe sobre a fuga de Dashwell.

Felicity semicerrou os olhos.

Olhos... Era isso!

— Descobri que a srta. Langley estava aqui no hall com alguma coisa em seu olho e eu a ajudava a retirar o provável cisco. — Ele rapidamente tirou um lenço do bolso, inclinando-se sobre Tally. — Talvez eu consiga me sair melhor agora — ele disse.

— Poderia ajudar se o senhor usasse os seus óculos — a duquesa sugeriu.

— Sim, sim, claro. — Larken pescou os óculos de dentro de outro bolso e os colocou sobre o nariz. — Ah, sim, isso vai tornar a tarefa bem mais fácil.

Por sua vez, a srta. Langley obviamente não queria chamar demais a atenção da irmã quanto ao interlúdio, e então aceitou encenar a farsa, piscando os olhos.

— Oh, creio que o cisco tenha saído, senhor. Obrigada. — Quando lhe entregou o lenço, seus dedos se tocaram por um breve segundo, e então ela os recuou como se tivesse tocado em brasa. — Com certeza saiu — ela disse, desviando o olhar.

— Muito bem. — Felicity colocou-se entre os dois e enviou a ele um olhar indagador. — Sr. Ryder, há algum propósito para o senhor estar nesta ala da casa?

Era como se ela estivesse perguntando que diabos ele estava fazendo rondando perto do quarto da irmã dela.

— Mais certamente, Vossa Graça.

— E a razão é...? — a duquesa pressionou.

Oh, diabos, que boa razão ele poderia dar a ponto de apagar o olhar de suspeita do rosto da duquesa?

Ele tinha de pensar em alguma razão que justificasse plenamente a sua presença naquela ala.

— A peça dela! — ele exclamou então. — Sua irmã me prometeu a mais deliciosa distração lendo a sua peça.

Atrás da duquesa, a srta. Langley gemeu como se ele tivesse ficado louco.

— Tem certeza de que quer passar o seu tempo assim? — Felicity perguntou, arqueando a sobrancelha em dúvida. — Temo que possa achá-la sem...

— Fundamentos morais — a srta. Langley disse, rapidamente. — Sim, Felicity, eu o alertei de que não se trata de uma história bem comportada.

— Eu tenho problemas em dormir — ele confidenciou baixinho para a duquesa. — Assim pensei... — Fez um gesto com a implicação clara de que a leitura de uma bobagem certamente levaria qualquer homem sensível direto ao sono.

Voltando-se para a srta. Langley, ele percebeu que ela não parecia nada satisfeita.

Contudo, novamente paixão e raiva eram dois lados de uma mesma moeda.

— E então, Tally? O que está esperando. Por favor, entregue sua peça para o sr. Ryder, para que eu possa levá-lo comigo e conversarmos sobre as distrações desta semana. — Felicity sorriu para ele. — Para o benefício da srta. DeFisser assim como do seu.

— Mas Felicity... — Tally protestou. A duquesa se voltou para a irmã.

— Ouso dizer que, se você prometeu ao homem que ele podia ler a peça, não pode agora mudar de ideia. Além do mais, não é o que você e Pippin tanto querem? Uma audiência para ouvir os seus escritos?

Tally mordeu os lábios, nada conformada.

No entanto a duquesa não tinha ainda terminado.

— Bem, aqui está o sr. Ryder. Disposto a ler a peça de vocês.

— Muito disposto, senhora — ele reforçou.

— Assim entregue-a logo, Tally. Vá buscar a peça para o sr. Ryder.

Sem ver saída alguma, Tally voltou para dentro de seu quarto.

Larken sorriu para a duquesa, que devolveu o gesto franzindo a testa.

Ah, tia Edith, a senhora ainda vive.

A srta. Langley voltou em um instante, com um maço de papéis nas mãos.

— Por favor, tome cuidado. Esta é nossa única cópia. Ele concordou, pegando os papéis com cuidado, pensando que estariam bastante a salvo em seu quarto, já que não tinha a menor intenção de ler o melodrama escrito por um par de damas.

— Bem, agora o senhor tem a sua distração e eu quase completei as minhas obrigações. — A duquesa se voltou para a irmã. — Lembra-se de Pippin ter um primo pelo lado de pai com o nome Hartwell?

— Hartwell? Não, não creio... — a srta. Langley respondeu, começando a menear a cabeça. Contudo, parou e arregalou os olhos. — Você disse Hartwell?

— Sim, Tally. Hartwell. Se puder parar com essa sua distração por dois segundos, assim eu não terei de ficar repetindo a toda hora. — Felicity suspirou. — O sr. Hartwell chegou e está lá embaixo e pediu para ver Pippin. Ele estava passando pelos arredores e sabia que a prima pretendia passar o verão aqui e então quis aproveitar a chance para vê-la. — A duquesa suspirou de novo. — Não me lembro da conexão, mas ele me parece vagamente familiar.

— Os Knolles todos têm a mesma aparência — Tally se apressou em dizer. — Oh, não tenho dúvida de que Pippin adorará vê-lo. Provavelmente ele traz notícias do irmão dela.

— Oh, sim. — Os olhos de Felicity brilharam. — Claro. Eu não consegui encaixá-lo, mas agora depois do que me disse tudo parece fazer sentido. Deverei colocá-lo no salão de inverno?

— Por que simplesmente não o manda subir aqui? — a srta. Langley sugeriu. — Nós ainda temos uma boa porção de nosso chá e os criados estão provavelmente ocupados. O jantar não será servido em uma hora?

A duquesa concordou.

— Bem, sim. Ótima sugestão. Eu mandarei Staines trazê-lo aqui em cima. Você vai avisar Pippin ou eu faço isso?

— Eu aviso — Tally se ofereceu bem depressa.

— Afinal, você não tinha planos para o sr. Ryder?

— Sim, eu tinha! Obrigada por me lembrar. — A duquesa se virou e tomou-o pelo braço. — Sr. Ryder, venha. Tenho uma longa lista de diversões. Venha comigo e diga no que o senhor se sai melhor.

No que ele se saía melhor? Depois de passar anos a serviço do rei, ele se tornara bastante talentoso em um bom número de coisas, e exatamente agora, somente uma coisa lhe vinha em mente.

Assassinato.

Staines levou o sr. Hartwell até os aposentos de Tally e Pippin alguns minutos mais tarde, e Tally somente esperava que Felicity não se lembrasse porque o homem lhe parecera familiar.

Depois que a porta se fechou e Staines tinha voltado ao hall, o sr. Hartwell olhou para Pippin e então para Tally e se curvou com elegância.

— Senhoritas, estou honrado — ele disse em uma voz culta que não trazia nenhum vestígio de seu sotaque londrino. — Tarleton Jones, às suas ordens.

Tally e Pippin trocaram um olhar de surpresa.

Este era Tarleton? O irmão do bom amigo delas Bruno Jones? Quando Bruno tinha dito que mandaria seu irmãozinho em caso de haver algum problema, elas jamais haviam tomado suas palavras tão literalmente.

Os dois homens não podiam ser mais diferentes. E apesar de que havia uma semelhança no nariz e testa, Bruno era aclamado por seu físico de pugilista enorme como um urso, enquanto o irmão era... bem... era apenas um homem.

Baixo e magro. Trajava-se espetacularmente. Uma jaqueta verde, um colete cor de

limão e calças listradas. O traje se completava com uma elaborada gravata que quase engolia vivo o pequeno homem.

— Eu vim com um presente — ele disse, tirando uma moeda de um dos bolsos e a estendendo a Pippin que a olhou atentamente e então balançou a cabeça para Tally.

As duas jovens não haviam tirado Dash da prisão, sozinhas. Mas contado com a ajuda não somente de sua antiga professora, a srta. Porter — agora conhecida mundialmente como lady John Tremont, ou pelo apelido indelicado de "a esposa do doido Jack" —, mas também pelo criado de confiança de Jack, Bruno Jones.

Antes que eles partissem para Southwark, lady John tinha mostrado a Tally e Pippin uma moeda perfurada, e dissera que a daria para quem fosse enviado para falar com as duas, assim elas poderiam confiar no mensageiro.

— Obrigado, senhor — Tally disse. — Por favor, sente-se. Posso lhe oferecer uma xícara de chá? Deve estar cansado depois de sua viagem.

— Oh, que gentileza — ele disse com entusiasmo, sentando-se no sofá e aceitando com gestos de um verdadeiro cavalheiro a xícara que Pippin lhe oferecia.

— Devo dizer, sr. Jones — Tally confessou —, que o senhor não é exatamente como esperávamos.

— Ah, suponho que tenham me imaginado um bruto enorme, como o meu irmão. Se estiver desapontada, imagine qual foi o desgosto de meu pai. No entanto, nossa querida e santa mãe viu minha pequena estatura como uma chance para uma diferente profissão. — Ele moveu a mão com um floreio do topo da cabeça até a ponta das botas. — Os resultados estão nesse cavalheiro que as senhoritas vêem à sua frente. Como terminou se revelando, ter alguém assim na família ajuda quando se precisa entrar, digamos, em círculos mais ilustres.

Tally sorriu. Já gostava de Tarleton. Mas tinha em seu coração um lugarzinho especial para Bruno. No entanto, a chegada de Tarleton não parecia um bom sinal.

— Aconteceu alguma coisa de errado, não é, sr. Jones? Na verdade, o plano tinha sido lady John ficar com tia Minty quando ela e Jack viessem para a festa. Então fariam uma troca, com Pippin e Dash indo para a costa durante os elaborados entretenimentos oferecidos por Felicity.

— Aconteceu alguma coisa com tia Minty? — Pippin perguntou, devolvendo a moeda ao homem.

— Não, não, Aramintha está bem. Incorrigível, como sempre. Na verdade, eu a acomodei aqui perto e precisamos arranjar um modo de fazê-la entrar nesta casa.

— Então alguma coisa aconteceu — Tally pressionou. — Porque nada do que o senhor disse fazia parte do plano original.

— Sim, eu poderia sugerir, se fosse possível, trazer sua tia Minty aqui junto de nós para que ela pudesse também ouvir o que tenho a dizer.

Pippin levantou-se e concordou. Entrou em seu quarto e assobiou baixinho, dando a Dash o sinal de que tudo estava bem.

Dash apareceu pouco depois e as apresentações foram feitas, com Dash se curvando para o sr. Jones e expressando sua admiração.

— Minha sincera e eterna gratidão, senhor.

— Não vou me esquecer de seu oferecimento, capitão, se alguma vez precisar deixar a Inglaterra às pressas.

Todos riram e então a expressão no rosto de Tarleton se tornou séria.

— Srta. Langley, sua apreensão faz sentido. Lady John conseguiu informações muito graves.

Tally sentiu um arrepio. Não que estivesse arrependida por ter ajudado Pippin a libertar Dash, ou mesmo ter dirigido a carruagem, que na ocasião parecera mais uma aventura do que um perigo, mas agora... bem, subitamente a peça delas, que tomara vida, estava chegando ao fim, e ela temia que as linhas sendo interpretadas seriam bastante diferentes daquelas que haviam sido escritas, apesar do sucesso alcançado até o momento. Tarleton continuou falando.

— Lady John insiste que Dashwell seja levado até a costa sem maior demora. Tornou-se imperativo que ele saia do país tão logo seja possível.

— O que mudou? — Tally quis saber. — Além de que a notícia de sua fuga tenha se espalhado por aqui.

— Coisa bem pior que isso. Estão tentando encontrá-lo, capitão.

— Não seria a primeira vez que tentam me pegar. — Dash não pareceu se abalar. — Mas mesmo que eles me encontrem, vão me colocar na prisão novamente, e quando seus tribunais tiverem julgado as minhas ofensas, esta guerra terá terminado, e eu serei libertado. Eles não terão outra escolha a não ser me libertar.

Ousado como sempre, era por isso que Pippin havia se apaixonado pelo capitão, mas naquele exato momento, Tally desejou que o homem fosse um pouco mais cauteloso.

— Não, senhor, não haverá mais prisões porque o senhor estará morto. O senhor sabe demais para ser libertado. Eles estão mandando um agente atrás do senhor para que tudo seja encerrado.

Pippin soltou um gemido, e para seu crédito, Dash voltou-se para ela e a abraçou.

— Isso nunca vai acontecer, Circe. O sr. Jones está aqui e presumo que tenha vindo com um plano de lady John.

— Isso eu tenho, lady Philippa. Não tenha medo — Tarleton garantiu.

— O que lady John tem em mente? — Tally perguntou ainda abalada com o que Tarleton dissera.

Eles vão mandar um agente...

Oh, céus! Era verdade. O sr. Ryder!

— Precisamos tirá-lo daqui imediatamente, senhor — Tarleton disse a Dash. — O senhor viajará como meu valete. Tenho as roupas e documentos necessários, assim ninguém desconfiará de sua identidade. — Ele parou por um momento. — Ouvi comentário das criadas que haverá um baile amanhã à noite, é verdade?

Tally fez sinal que sim, subitamente vendo a conveniência do baile, apesar de que até o momento o vira com maus olhos.

— Minha irmã convidou a maior parte da sociedade local e boa parte de nossos amigos de Londres. — Tally visualizou a casa cheia. — No caos todo, quem é que poderá notar o senhor saindo com um valete mesmo que tenha chegado sem um?

— Exatamente. A senhora tem a mente formidável, srta. Langley, como lady John já havia me dito.

Mas havia um ponto chave no plano que não escapara a Pippin.

— Mas como eu... Tarleton sacudiu a cabeça.

— Milady, a senhorita não poderá ir conosco.

— Mas eu...

O sr. Jones não cedeu.

— Lady John foi firme nesse ponto, a senhorita não viajará conosco. Seria perigoso demais. — Então ele a encarou. — Todas as histórias nos jornais e nos mexericos de Londres a Hastings falam de uma dama de vermelho. A bela jovem que salvou seu capitão. A senhorita, milady, é o maior risco de o capitão Dashwell ser descoberto. Com ele viajando como meu valete ninguém o olhará duas vezes. Mas se a senhorita estiver junto...

Pippin sacudiu a cabeça furiosa, os dedos agarrados na enorme mão de Dash.

— Dash, diga a ele. Diga que não vamos nos separar.

Dash voltou-se para Tarleton, que meramente sacudiu a cabeça.

A resposta estava clara. Não havia fuga alguma com Pippin na companhia deles, e Tally podia sentir a dor que a prima demonstrava como se fosse uma faca enfiada nela própria.

Dash apertou Pippin em seus braços.

— Oh, Circe, é somente até a guerra acabar. Antes do fim do ano, aposto. Então poderei voltar para você e nada nos manterá separados.

Mesmo ouvindo tal promessa, Tally sentiu a mão do destino tocando em suas vidas.

Não era tudo tão simples como Dash fazia parecer, e o plano deles não daria certo. Não com o sr. Ryder já pronto para atacar.

Olhou de volta a Tarleton.

— Lady John disse quem o Serviço Secreto enviou? Qual agente?

— Lorde Larken. Eles enviaram Lorde Larken.

Larken? Não o sr. Ryder. Tally respirou, aliviada.

Mas Dash não parecia absolutamente aliviado. Ele franziu a testa, preocupado.

— Larken? Você deve estar enganado. Larken é...

— Você o conhece? — Tally perguntou.

— Sim. Ele é um amigo. Pelo menos pensei que fosse. — Dash começou a andar de um lado para o outro. Parou junto à lareira. — Lady John tem certeza? Foi Larken quem eles mandaram?

Tarleton balançou a cabeça, confirmando. Tally olhou de um homem para o outro.

— Mas se é como você disse, e se esse Larken é um amigo...

Dash retomou a caminhada.

— Você não entende. Larken não é um mero agente. Ele é quem o Serviço de Inteligência manda quando não admite nenhum erro. Quando se precisa fazer parecer um acidente ou não se pode deixar nenhuma pista para trás. Ele é o homem mais determinado e perigoso que conheço. — Levou as mãos ao ar. — Você não se lembra de que ele estava presente na noite em que fui preso...

— Ele estava lá? — Tally não se lembrava de ter visto o homem, mas a descrição que Dash fazia desse Larken a abalava.

Ele é o homem mais determinado e perigoso que conheço.

— Sim, ele estava. Foi com a pistola dele que sua irmã pegou e atirou em mim.

As lembranças daquela noite eram como um borrão na memória de Tally. Não podia se lembrar do homem, cuja pistola Felicity usara, tão preocupada estivera por Pippin ter estado na linha de fogo.

— Foi por isso que eu a tomei em meus braços — Dash disse a Pippin. — Sabia que Larken não atiraria. Não em você. Nem em mim. Oh, eu sei muito do que ele tem feito... suas missões na Europa. Sei do que ele é capaz de fazer, mas jamais pensei...

— Mas isto é bom, não é? — Pippin perguntou. — E se ele for, como você diz, um amigo, então ele não vai querer... — Ela não pôde terminar a sentença.

...matá-lo.

Dash sacudiu a cabeça, tristemente.

— O homem que eu conheci, aquele que chamei de amigo anos atrás, antes que o mundo inteiro se envolvesse nessa maldita guerra e nos tornasse inimigos, *e*le não me mataria... Mas o homem que vi no inverno passado, o homem que foi mandado para casa, este não é o mesmo que conheci.

— Como isso é possível? — Pippin perguntou. — Ele era seu amigo. Você o salvou, não foi? Desta vez Dash riu.

— Ah, sim, diversas vezes. Tirei-o de uma praia perto de Le Havre uma vez com metade do exército francês atrás dele. Quase levei um tiro tentando içá-lo. — Os olhos de Dash brilharam como se a lembrança fosse a de um piquenique agradável, porém logo seu olhar se turvou mais uma vez. — Mas isso nada importa agora...

— Mas a amizade... — Pippin insistiu. — A vida dele...

— Oh, Circe, minha querida, minha boa Circe. — Dash acariciou os cabelos da jovem. — A guerra pode transformar um homem. O que é vivenciado não pode ser esquecido. — Dash olhou para as botas e sacudiu a cabeça. — Então é esse o homem que eles mandaram. Ora, ele é temido mesmo pelo seu pessoal.

Pippin deixou-se cair no sofá, pálida como o tom claro de seu vestido de seda. E Dash retomou a caminhada pela sala.

O olhar de Tally não se afastava do capitão.

— Você o conhece bem. Poderia descrevê-lo para nós, não é? — *Por favor, que ele seja loiro e tenha olhos azuis. Que seja magro e de aparência jovial*, ela rezou silenciosamente. *Descreva qualquer um, menos...*

— Ele sempre está sob disfarce — Dash disse. — O homem é capaz de ser qualquer pessoa. Um joalheiro suíço, um banqueiro português, mesmo um padre. — Ele parou. — Os olhos dele. Eles são inesquecíveis. Negros como a noite. É como se estivesse olhando para um demônio.

Tally engoliu em seco, deixando de ouvir o resto do que Dash estava dizendo. *Negros como a noite.*

— Eu o provoquei um dia sobre o seu olhar — Dash contou. — Estávamos ambos bêbados, e eu lhe perguntei se ele tinha algum sangue espanhol ou se a mãe dele tinha sido uma cigana. Ele deixou meu olho preto, o bastardo. Nunca mais brinquei com a

honra dele de novo. Não mexi mais com sua família. O pai dele caiu em alguma desgraça e Temple disse que Larken tinha quase morrido umas dez vezes tentando restaurar a honra da família. Isso o tornou assim tão perigoso... tão brutal.

— Ele está aqui — Tally murmurou. E quando parou de tremer, repetiu o que dissera. Desta vez mais alto. — Lorde Larken já está aqui. — Todos se viraram para ela. — É o sr. Ryder, ele é Larken, veio disfarçado.

As palavras de Dash ressoavam em sua cabeça como uma melodia.

Perigoso. Capaz de tudo. Capaz mesmo de me seduzir para ganhar minha confiança, ela pensou. *E quase cedi.*

Não conseguia parar de tremer.

— Tally, você não pode ter certeza... — Pippin argumentou.

— Os olhos dele, Pippin, os olhos dele. — Tally apertou as mãos nervosamente. — Eu os vi. Você sabe que estou certa. Desde o primeiro momento que o conheci, alguma coisa não me pareceu certa.

Não era inteiramente a verdade, era mais a sensação que sempre sentira que algo não combinava com ele. Algo de perigoso que parecia haver por debaixo da aparência de um vigário.

— Sr. Jones, precisamos esperar até amanhã? — ela perguntou, quase que em pânico.

— Não vejo como possamos fazer isso mais cedo. Ainda temos de conseguir introduzir Aramintha na casa e meus cavalos estão extremamente exaustos. Vai ser amanhã à noite e não mais tarde que isso.

— Mas isso é cedo demais para mim — Pippin lamentou, como se os planos estivessem finalmente sendo registrados em sua mente. — E então o que vai ser? Como pode me pedir para esperar de novo, Dash? Não vou conseguir. Não vou.

— Mas deve. — Dash voltou ao sofá e tentou alegrar Pippin. — Imagine isso como mais um ato de sua peça.

— Isso, Pippin! — Tally exclamou. — Isso nos dará tempo para terminarmos *Helene*.

No entanto, Pippin estava perdida em seu desgosto para escutar a prima.

E mesmo enquanto tentava alegrar Pippin, alguma coisa sobre a menção da peça delas a inquietou. Olhou para o lugar vazio na escrivaninha e então praguejou em russo. Palavras que deixariam de cabelo em pé todas as matronas de Londres, isto é, se elas entendessem russo.

A veemência por detrás dessas exclamações foi o suficiente para distrair Pippin.

— O que foi, Tally?

— Nossa peça. Nossa peça tola e ridícula! — Ela rangeu os dentes enquanto vasculhava seus papéis. — Eu dei para o sr. Ryder. Oh, diabos! Quero dizer, para lorde Larken, a nossa peça.

— Pensei que tivesse dito que ele queria ler a peça — Pippin retrucou.

— Sim, *Lágrimas de Helene*. Mas... Oh, Pippin! Fiz uma tremenda bobagem. — Tally circundou a escrivaninha, as mãos agarradas à saia. — Em minha distração, eu entreguei a ele a peça errada. Lorde Larken tem *A Arriscada Aventura de Lady Perséfone*. Ele tem em mãos a história da fuga de Dash e onde planejamos colocá-lo.

A srta. Browne estava parada no meio do enorme salão recebendo a atenção de todos como se fizesse parte da realeza.

— Eu realmente a odeio — Tally murmurou a Pippin, que estava ao seu lado. Depois do jantar, todos os convidados haviam se reunido na sala para a leve diversão da noite. As portas para os jardins estavam abertas e os canteiros de rosas e os gramados ganhavam uma luz romântica com o crepúsculo.

A festa de Felicity agora incluía não somente a família, os Elsford, as Browne, mas também lorde Cranwich, sir Robert Foxley e lorde Grimston, um trio conhecido por seu amor aos esportes, todos eles de excelentes linhagens e, mais importante, donos de propriedades que lhes garantiam boas rendas. Como Felicity tinha conseguido convencê-los a virem até ali, Tally nem podia imaginar, mas suspeitava de que a irmã pretendia que sir Robert, que estava sentado perto de Cranwich no sofá, fizesse par com uma das irmãs Elsford, ou Cranwich ou Grimston para a srta. Browne.

O sr. Jones, sob o disfarce do primo de Pippin, Hartwell, encontrava-se sentado em um canto, tentando distrair lady Geneva.

Além do pianoforte, via-se a mais jovem das srtas. Elford ao lado de Lorde Boyce, um sujeito baixote que entrara na lista de Felicity graças à sua simpatia e boa renda.

E o último dos solteiros era Brent, o visconde Gossett, que se posicionava no outro lado da sala com o olhar fixo em apenas uma dama. Ele descendia de família excelente e Tally sabia exatamente que ele estava interessado por Pippin.

E então havia o sr. Ryder. Ou melhor, lorde Larken. Tally suspirou, incapaz de olhar para o homem sem sentir... culpa, porque apesar de saber quem ele era, não conseguia se livrar do desejo que sentia por ele.

— O senhor me perguntou como foi que mamãe e eu ficamos ainda na Inglaterra, com nossos países em guerra, não foi, lorde Cranwich? — a srta. Browne perguntou ao homem sentado perto dela no sofá.

— Sim, srta. Browne, a senhorita estava dizendo no jantar que isso terminou sendo uma história empolgante.

— Oh, sim, se modestamente posso dizer isso. — A moça ajeitou-se em uma pose, esperando pela atenção dos convidados todos para começar a contar a sua história.

Pippin cochichou para Tally.

— *Modestamente!* Ouso dizer que ela mal sabe pronunciar a palavra.

Tally riu alto, e então cobriu a boca e fingiu tossir, acabando por dar um grande espetáculo ao tirar o lenço da manga do vestido.

— Conte-nos, srta. Browne — lorde Grimston pediu. — Adoro uma boa aventura.

A jovem lhe sorriu, favorecendo-o com um olhar especial antes de começar.

— Os senhores vejam, nós pretendíamos ir até Havana no navio inglês com toda a intenção de tomarmos lá um navio que nos levaria a um porto americano.

— Isso se eles conseguissem passar pelos bloqueios ingleses — sir Robert observou.

A srta. Browne semicerrou os olhos, mas continuou sorrindo.

— Sim, isso mesmo — ela respondeu. — No entanto, nossos problemas começaram logo depois que deixamos Londres.

Tally aspirou fundo, seu olhar buscando por lorde Larken, sem se preocupar em escutar o que a srta. Browne dizia. Praguejou silenciosamente em russo.

— ...e os senhores podem imaginar o nosso desespero quando o capitão se rendeu a um outro navio? — a srta. Browne contava. — Mamãe e eu estávamos agoniadas temendo pelo nosso destino.

— O que ela está falando? — Tally murmurou para Pippin.

— O navio dela foi detido em alto mar — Pippin respondeu, o olhar fixo na porta, os pensamentos voltados para o que aconteceria no dia seguinte.

— Piratas turcos? — Tally sugeriu, tentando distrair a prima.

— Oh, como eu desejaria que fosse. Pensa que seja tarde demais para contratarmos alguns?

— Infelizmente sim. Oh, preciso encontrar um modo de sair daqui e ir lá em cima tentar recuperar nossa peça que está no quarto dele.

Pippin concordou com a cabeça.

O sr. Jones tinha tentado entrar no quarto de lorde Larken horas antes, mas o homem trancara a sua porta. Uma fechadura que não apresentaria problema algum para ser aberta por Tally. Ainda assim, não conseguiria sair já que o olhar de lorde Larken estava preso exatamente nela.

Lorde Grimston se agitou em sua poltrona.

— Não nos diga que a senhorita e sua mãe foram deixadas entregues ao seu próprio destino?

— Oh, sim, srta. Browne — Lorde Cranwich acrescentou, sempre em competição com seu bom amigo. — Mas como conseguiram escapar?

— Devem se lembrar de que somos americanas e por sorte o navio que havia capturado o nosso era justamente americano.

— Sorte? — Grimston protestou. — Aqueles bastardos, se me desculpam por dizer isso, não são melhores do que ratos de esgoto. Tomem como exemplo esse Dashwood...

— Dashwell — Cranwich o corrigiu.

— Ah, sim. Bem, esse demônio. Esse é o sujeito que as venderiam para as Índias Orientais e dormiria tranqüilo com o ouro debaixo de seu travesseiro.

Pippin quase deu um passo à frente para defender o seu amado, mas Tally a segurou pelo braço.

— Lembre-se de que estamos sendo observadas — ela sussurrou para a prima.

Pippin tentou se conter, mas seu olhar parecia dizer que bom seria se lorde Grimston fosse vendido como escravo.

— Mas milorde — a srta. Browne começou, a voz com um tom de triunfo que chamou a atenção de Tally —, era o capitão Dashwell quem havia dominado o nosso navio e nos tinha como prisioneiros.

Capítulo XI

A conversa na sala cessou e quase todos os olhos se voltaram para a srta. Browne. Ora, ela não podia ter se superado se tivesse anunciado estar esperando um filho bastardo do príncipe regente.

Mas a atenção de Tally se voltara para outro ponto, por diferentes razões.

No momento em que a americana havia feito aquela revelação espantosa, Tally imediatamente olhara para lorde Larken e para sua surpresa não o encontrou interessado na srta. Browne como todos os demais na sala, mas voltado para onde ela e Pippin estavam.

Mais precisamente, estudava a reação de Pippin.

A forma como ele olhava provocou um arrepio na espinha de Tally.

O que Dash havia dito? Oh, sim!

...o Larken que foi mandado para casa não era o mesmo Larken que eu conheci. A guerra pode transformar qualquer um... Ele é o homem mais determinado e perigoso que conheci na vida.

Tally desviou rapidamente o olhar do dele, mas não por muito tempo. Voltou-se novamente para ele. Não era exatamente assim que o vira no instante que o conhecera?

Perigoso. Frio? Um homem misterioso e enganador?

O homem que colhe flores na campina naquele dia seria capaz de matar Dash ou mais alguém que atravessasse o seu caminho?

Estremeceu, e forçou seu olhar de volta para a srta. Browne, e escutou o que a moça contava.

— O capitão Dashwell é bastante infame, como todos vocês sabem. Isso ficou evidente com a forma horrível com que lidou com a minha pobre amiga, lady Philippa, fazendo-a sua refém no inverno passado durante um baile. Deus meu, ela poderia ter sido atingida por uma bala! — A srta. Browne parou por um instante, fazendo uma pose trágica, mas como todos se voltaram para Pippin, ela retornou para sua história bem depressa. — Mas posso lhes contar uma história diferente sobre o capitão, porque mamãe e eu passamos quinze dias a bordo de seu navio, e ele se comportou como o mais excelente dos homens.

A srta Browne sorriu, enquanto as srtas. Elford suspiravam. A mãe delas, Felicity e o restante das mulheres da sala franziam a testa com desaprovação.

Não Pippin. Tally viu que toda a cor fugira do rosto da prima.

— Mas srta. Browne — a mais velha das srtas. Elford disse — ele não... ele não ousou... — A jovem ficou vermelha e parecia desejar jamais ter aberto a boca.

— Claro que não! — a srta. Browne exclamou. — Sendo um homem honrado...

Grimston soltou uma risada de deboche, e Tally só não o imitou por se lembrar das lições de etiqueta que sua professora srta. Emery lhe ensinara.

A srta. Browne ignorou Grimston.

— O capitão Dashwell seria incapaz de me desrespeitar. Ele me tratava como uma dama. Disse que preferiria render-se aos ingleses a comprometer seus princípios e usar uma mulher indevidamente. Ele chegou a me chamar de sua Circe, a deusa grega...

Pippin soltou um gemido, as mãos cobrindo a boca, e Tally pensou que a prima fosse vomitar ali mesmo, mas o som de sua surpresa passou despercebido por causa do coro de suspiros vindo das srtas. Elford.

Maldito Dash, Tally pensou. Podia sentir a fúria da prima. Não sabia bem se dirigida a srta. Browne ou a Dash.

A srta. Browne continuou então.

— Quando chegamos perto da costa inglesa, ele nos deixou em uma praia bem tarde da noite, com todos os nossos pertences e mesmo nos dando algum ouro para que pudéssemos voltar em segurança para Londres. Ouso dizer que jamais me esquecerei de sua bondade quando nos levou àquela praia solitária... Ela levou a mão sobre os lábios por um momento, como se lembrasse de alguma coisa íntima demais para ser revelada em público.

Oh, céus! Tally pensou. *Se Pippin não for vomitar, quem vai serei eu.*

— Como me entristece saber que agora que ele esteja sendo caçado como um animal — a srta. Browne finalizou, sacudindo a cabeça.

Tally teve medo de que Pippin fosse desmaiar tal a palidez de seu rosto. Mas antes que pudesse fazer alguma coisa lorde Gossett interveio e interrompeu a srta. Browne antes que ela pudesse continuar com sua história.

— Srta. Mary, não nos disse durante o jantar que ficaria feliz em tocar para nós, para que assim pudéssemos dançar? — ele perguntou.

A mais jovem das srtas. Elsford olhou para o visconde.

— Oh, sim, milorde, eu me ofereci.

— Excelente! — ele disse, atravessando a sala em longas passadas, sua figura alta e elegante afastando todos os olhares da srta. Browne. — Lady Philippa, creio que me prometeu a primeira dança, não foi? — Ele estendeu a mão para ela.

— Não creio que eu... — Pippin começou a dizer.

— Por favor, pelas aparências, prima — Tally lhe cochichou no ouvido.

Pippin lançou um olhar ferino para Tally, mas aceitou a mão de lorde Gossett, favorecendo-o com um sorriso.

— Que gentileza a sua, milorde, lembrar-se de minha promessa.

— Parece que precisa de uma distração — ele disse suavemente, para que ninguém mais pudesse ouvir.

Pippin ruborizou, a cor voltando ao seu rosto, enquanto Tally lançava outro olhar ao visconde e o observava mais de perto. Ele tinha percebido o aborrecimento de Pippin e viera dar-lhe apoio.

Honrado e bondoso, Tally pensou, enquanto ele levava Pippin para dançar e acenava para os outros cavalheiros para arranjam suas parceiras. Quando se voltou para pegar as mãos de Pippin, sorriu para ela, e Tally o achou bastante atraente.

Que pena que o coração da prima já estivesse comprometido, porque o visconde poderia vir a ser um excelente marido.

Ora, ora. O que ela estava pensando? Tally sacudiu a cabeça. Começava agora a

dar uma de casamenteira. Oh, Deus! Estava pegando a mania de Felicity.

A srta. Mary, com lorde Boyce gentilmente virando as páginas da partitura musical, tocava o piano.

Sir Robert estendeu a mão para a mais velha das srtas. Elsford, enquanto Grimston e Cranwich clamavam pela atenção da srta. Browne, com Grimston levando a melhor. Afinal ele era um conde, enquanto lorde Cranwich era um mero barão. Conformado com a derrota e não desejando sobrar, Cranwich se voltou e convidou lady Standon para dançar.

Tally ousou lançar um olhar para o sr. Ryder, somente para encontrar Felicity acenando para ela.

Venha ajudar aqui, a irmã estava dizendo silenciosamente. Tally sorriu e sacudiu a cabeça levemente. *De jeito algum*.

O quê? A irmã queria que ela fizesse par com o sr. Ryder? Não, ela ia continuar a sua vigília covarde ali naquele canto, graças a Deus.

No entanto, em um piscar de olhos encontrou a irmã ao seu lado, puxando-a pela mão e conduzindo-a até lady Charles e o sr. Ryder.

— Você parecia tão solitária lá, Thalia — Felicity disse, suavemente. Mas o uso do nome completo de Tally deixava claro que a irmã estava bastante irritada.

Tally suspirou e resistiu à vontade de se livrar da mão de Felicity, porque muita coisa estaria em jogo no dia seguinte para levantar a ira da irmã agora.

— Ouso dizer que estava até que bem — ela resmungou, baixinho. — Mas obrigada por me colocar sob sua proteção, querida irmã.

— O sr. Ryder estava há pouco nos falando sobre... — Felicity falseou, pois era óbvio que não tinha ouvido uma palavra do que o homem estivera falando.

— Ornitologia — ele disse. — O estudo dos pássaros. Hoje vi a mais encantadora das cotovias. Ora, era tão maravilhosa e...

— O senhor não gostaria de dançar, sr. Ryder? — Felicity sugeriu. — Sei que minha irmã ficaria feliz se lhe fizesse companhia.

Tally forçou um sorriso, mas ao mesmo tempo beliscou o braço de Felicity. Bem forte.

— Não aprovo danças assim íntimas, Vossa Graça — ele disse.

— O senhor não aprova... — Felicity começou. Subitamente Tally teve uma idéia sinistra. Talvez Felicity fosse a chave disso tudo.

— Não penso que um homem com suas convicções gostaria de coisas assim frívolas, como uma dança — ela murmurou. — Claro, com seu auge a Fordyce...

— *Fordyce?* — Felicity olhou, chocada, da irmã para o sr. Ryder.

— Sim, você não sabia? — Tally perguntou. — Neste domingo o sr. Ryder planeja nos fazer um longo sermão inspirado nos pensamentos de Fordyce, não é verdade, senhor?

Lady Charles torceu os lábios e cobriu a boca para esconder o riso.

— Sr. Ryder, não acredito que eu tenha errado em meu julgamento e... — Felicity começou, pronta para mostrar a porta da saída para o homem. Sendo ou não sendo primo de Hollindrake.

Fora desta casa e fora de nosso caminho, era o que Tally queria. *Ficarmos livres*

deste Lorde Larken, ela pensou, dando uma olhadela nele, sem esconder um sorriso nos lábios.

Mas não era à toa que o homem tinha fama de ser um dos mais bem-sucedidos agentes do Serviço Secreto Inglês.

— Como eu também errei em meu julgamento comendo demais, Vossa Graça — o sr. Ryder disse. — Creio que teria sido melhor não ter descido para o jantar. — Ele encenou um mal-estar com tal maestria que Tally se surpreendeu, considerando a possibilidade de o homem estar verdadeiramente doente.

Imediatamente Felicity se inclinou para apoiá-lo.

— Deus meu — ele murmurou com um fio de voz. — Temo ter de implorar por sua indulgência em permitir que eu me retire aos meus aposentos. Minha dispepsia. Estou me sentindo bastante mal.

— Oh, por favor, senhor, suba para o seu quarto. Eu o desculparei junto aos outros convidados — Felicity se apressou em dizer, temendo que o homem desfalecesse ali no salão. Ele pareceu se animar um pouco.

— Onde eu me recuperarei e me prepararei para os rigores de amanhã.

— Quando acontecerá um baile — Tally lembrou-o, sem um pinga de arrependimento, e por isso recebeu um beliscão de volta da irmã.

— Boa noite, senhoras — ele disse, fazendo uma pequena reverência.

— Oh, céus, o que vou fazer? — Felicity gemeu quando ele deixou a sala.

— Convide mais cavalheiros — Lady Charles sugeriu, deixando as irmãs a fim de ir procurar pelo filho.

— Tally, ele é horroroso! Esteve falando sem parar sobre... Oh, do que nem posso me lembrar.

— Ornitologia — Tally a lembrou. Não prestava muita atenção a Felicity, ocupada que estava observando o sr. Ryder subir as escadas de dois em dois degraus, um homem ágil demais para quem tinha uma digestão tão delicada. Pena que a doença dele era uma ameaça assim como ele.

— Ornitologia, imagine! Um assunto horrível! — Felicity exclamou, estremecendo. — E agora descobro que ele tem dispepsia! Ora, se ficarem sabendo que pensei em unir a srta. DeFisser com um homem tão desagradável, eu estarei arruinada. Todos nós estaremos arruinados.

— É verdade — Tally concordou com um triste balançar de cabeça. — Pena que ele esteja apenas levemente doente e não completamente derrubado.

Felicity estranhou. Isso porque não lhe era difícil perceber que a irmã estava pensando exatamente como ela.

— O que está sugerindo?

— Apenas uma doença leve — Tally disse. A babá Brigid não fazia a mesma coisa quando o pai delas tinha sido reinstalado na corte russa? Isso lhes havia dado mais quinze dias na corte vienense.

— Ele é primo de Hollindrake — Felicity protestou, mas não com tanta veemência de alguém que se opusesse por completo à idéia. — Eu não posso deliberadamente...

— Ele é um primo bem distante — Tally a lembrou. *Quão distante você nem tem idéia.*

Felicity sacudiu a cabeça.

— Isso seria errado. Eu não poderia.

Mas Tally sabia exatamente o que as palavras de Felicity significavam.

— Mas eu poderia.

— Se não se importar... Veja, os saquinhos azuis com o pó somente lhe darão um leve sono, Tally. Mas use apenas dois, não mais do que dois.

— Naturalmente. E farei isso, antes que alguém comece a fazer perguntas — Tally lhe assegurou, passando pela irmã, os olhos presos na escadaria.

Todavia Felicity a deteve.

— Não confunda os saquinhos. Os outros são para as minhas depressões. Odiaria dar um daqueles ao homem. Ora, se ele beber muito, poderá ficar dormindo até minha festa acabar.

— Oh, não se preocupe — Tally disse. — Não tenho nenhuma intenção de cometer um erro.

Larken suspeitava de que se Dashwell estivesse em algum lugar, isso seria na suíte compartilhada pela srta. Langley, lady Philippa e pela até agora ausente tia Aramintha. Ele tinha suas suspeitas sobre essa tia Minty. Moveu-se silenciosamente pelo vestíbulo em direção à ala onde estavam os quartos das moças, confiante que a duquesa manteria a irmã e a prima ocupadas lá embaixo o tempo suficiente para ele...

Eliminar o homem e cair fora daqui, ele disse a si mesmo, tentando não se deixar levar pelo sentimento de culpa.

Sair daqui e nunca mais olhar para trás.

Nem mesmo para ver novamente a srta. Langley.

Larken tropeçou no tapete. Isso não se devia absolutamente à sua distração pensando naqueles olhos azuis, mas porque o corredor estava escuro.

A srta. Langley, ora, ora. Com suas peças, seus desenhos, e curiosidade e viagens... Ela deixava qualquer homem doido.

Pode imaginar ver Veneza com ela ao seu lado? Ou Lisboa? Ficar escutando-a tagarelar deslumbrada sobre alguma ruína, sorrindo feliz simplesmente por estar ali compartilhando a vista com alguém que... que amava essa vista tanto quanto ela.

Procurou afastar tais fantasias. Tentou se convencer de que achava a tagarelice dela de enlouquecer.

Mas a verdade era uma só. Ele não achava nada disso.

Tally era como uma brisa de primavera entrando em sua existência sombria. Ela via o mundo com olhos da juventude e inocência, levava luz dentro da escuridão do coração dele. Larken fechou os olhos e tentou novamente, como fizera por meses, talvez por anos, bloquear os pesadelos, os anos de trabalho. Os fatos e feitos de sua vida, aqueles que ele temia que um dia se libertassem e governassem sua mente.

A prisão em Paris. O cheiro das celas. Os rostos desesperados dos homens lá dentro. Sabendo que ele podia livrar apenas um deles.

O olhar do espanhol gordo, aquele que tinha vendido segredos ingleses aos franceses... justo antes de ele morrer.

Encontrando morto o seu contato em Lyon. A garganta cortada, e isso havia sido apenas a parte mais misericordiosa de sua morte, o vestido dela em tiras e seu sangue em toda parte.

O rosto de Dash, sua expressão quando ele finalmente perceber que você o encontrou, não como um amigo, mas como o seu mais mortal e último inimigo...

Esta era a existência dele. Seus pesadelos. Não flores do campo e ruínas cheias de fantasias.

Mas hoje... lembre-se desta tarde, como se sentiu. Como por um tempo, com ela ao seu lado, você se esqueceu do lado sombrio de sua vida.

Esqueceu o dever. A honra. As obrigações.

Não haveria primavera para ele. Não podia haver, disse a si mesmo.

Tirou a pistola que enfiara na bota, e começou a se mover silenciosamente pelo corredor em direção a porta delas. Com todos no andar de baixo, isso deixava apenas Dashwell, sozinho no quarto.

Ele será... ele será eliminado...

Larken parou mais uma vez.

Diabos, ele acabaria com Dashwell, jogaria o corpo pela janela onde poderia recuperá-lo facilmente mais tarde.

Era um plano simples. O que a srta. Langley e lady Philippa poderiam fazer quando descobrissem que Dashwell sumira? Alertariam a todos revelando o complô em que haviam estado envolvidas?

Jamais.

Larken sorriu, ainda assim não sentindo sua habitual satisfação ao estar prestes a vencer um adversário.

Oh, havia a promessa de Pymm de finalmente limpar o nome do pai dele, mas Larken já não ouvira essa promessa antes? Promessas vazias. Vazias como a alma dele.

Talvez fosse simplesmente isso. Tudo se tornara uma rotina para ele, a vida não significava nada, apenas o dever era importante e ele se tornara tão frio e tão sem sentimentos como a vagabunda que matara o pai dele.

Subitamente o tapete debaixo de seus pés não era mais alguma preciosa tapeçaria turca, mas pedregulhos, e o ar malcheiroso do Sena.

Como pode me matar, Aurora, depois de termos compartilhado tanta coisa?

O que compartilhamos a não ser tempo, seu tolo?

Não pode me matar, a criança...

Larken sentiu um arrepio e sacudiu a cabeça, porque não eram as vozes em sua cabeça que o alertavam, mas alguma outra coisa. Passos soando bem perto, e então ele se voltou pronto para atirar.

— Bom Deus, sr. Ryder, o que está pensando? — Tally indagou, os olhos arregalados de surpresa por ver o homem apontando uma arma para ela. — Isso é uma pistola?

Oh, não precisava de prova alguma. O homem diante dela dificilmente era um admirador de pássaros, o idiota de quem reclamara Felicity pouco antes. Ali estava o formidável lorde Larken como Dash o descrevera.

E apesar de que podia temer que ele atirasse nela, havia alguma coisa perigosamente excitante naquele olhar negro e perturbador.

Tally sentiu um arrepio, mas pelas razões erradas.

— Senhor, poderia, por favor, abaixar a arma? — ela pediu, apontando para a pistola. — Certamente não sou nenhuma assaltante disposta a roubar a prata da casa.

Ele finalmente saiu do transe em que estivera mergulhado e então olhou para a pistola.

— Ah, por Deus! Lamento tê-la assustado, srta. Langley — ele conseguiu dizer, voltando ao modo de falar do sr. Ryder, amolecendo o braço e a pistola caindo para o lado.

Porém era tarde demais. Ela o vira. Vira através dele. O homem perigoso e sombrio por detrás daquele colarinho de vigário.

— Eu o assustei, sr. Ryder? Quem esperava encontrar? — ela perguntou, o coração batendo como um louco. Deveria desprezá-lo. Odiá-lo pelo que ele fora mandado fazer, o que ele parecia tão disposto a fazer.

Mas alguma coisa da descrição de Dash lhe veio à mente.

... o Larken que foi mandado para casa não era o mesmo homem que conheci. A guerra pode transformar qualquer um. Todo aquele a quem foi pedido para fazer coisas demais. Coisas que ele não pode desfazer ou sequer esquecer...

Mas e se Lorde Larken pudesse, uma voz gentil soou na mente de Tally. E se ele pudesse encontrar um modo de sair da escuridão que o cercava?

— Temo que toda essa conversa sobre o capitão Dashwell tenha me perturbado — ele estava dizendo.

Imagino que foi isso.

— Verdade? — ela perguntou.

— Ele é um assassino pelo que ouvi, e eu estava subindo e então pensei ter ouvido alguém...

— E o som chegou aos seus ouvidos de tão longe? — ela perguntou, olhando em direção às escadas atrás dela e o longo corredor que separavam a ala em que ele deveria ter se dirigido. — Que estranho. E por que o senhor deveria presumir que era o capitão Dashwell?

Larken suspirou profundamente.

— Temo que a conversa...

Realmente ele era bom no que fazia, Tally concedeu. Se ele perdesse sua posição junto ao Serviço Secreto, ela poderia recomendá-lo ao sr. Thurber. Ele daria um excelente ator.

— Conversa? — ela perguntou.

— Durante o jantar. — Larken abaixou a voz. — De lady Philippa e sua associação com aquele americano. Temi que ele poderia pensar em vir aqui para encontrá-la.

Tally não se conteve e caiu na risada.

— O capitão Dashwell? Procurando por minha prima? Escondendo-se em nossos quartos? — Ela se encostou à parede. — Sr. Ryder, penso que sua dispepsia possa perturbar o seu raciocínio.

— Suponho que visto desta forma, tudo parece uma tolice — ele disse, parecendo mais ofendido do que embaraçado.

Tally deixou que um pouco do sucesso lhe subisse à cabeça, um sentimento de confiança a envolvê-la. Afastou-se da parede e se aproximou desse homem perigoso que deixava seu pobre coração palpitar tanto.

— Gostaria de vir até meu quarto e fazer uma busca lá dentro? — ela perguntou, adotando o olhar que a babá Jamila garantia que deixava um homem apaixonado e disposto a seguir a amada até os confins da terra.

E por um momento, por um breve segundo, Tally acreditou que Larken poderia... e para sua surpresa, sentiu o corpo envolvido pelos desejos, aqueles que ele havia despertado quando estivera no jardim.

Tinha sido na noite anterior? Não, parecia fazer muito mais tempo, e a dor provocada pelas carícias apaixonadas se tornou mais aguda.

Beije-me, senhor, ela gostaria de murmurar. Beije-me e leve-me para dentro do quarto. Descubra os meus segredos.

Ele parecia escutar o silencioso pedido, pois sua mão buscou a dela, puxando-a bem devagar, bem gentilmente para junto de si.

Mas a leve carícia não era fingimento. Tally era tentadora como o verdadeiro demônio.

— Seu quarto, srta. Langley? O que poderei encontrar lá dentro? — ele murmurou, a cabeça se inclinando, suas palavras tendo o efeito de um beijo, despertando os sentidos de Tally.

Tally mal se segurava de pé, sentindo-se como dentro de uma teia.

Quando levantou a cabeça encontrou o olhar mascarado por aqueles ridículos óculos que ele usava. Sem pensar, ergueu-se na ponta dos pés e os tirou, colocando-os na mesinha que havia ao lado da porta.

Faça amor comigo a noite inteira. Não me importo quem você seja.

Nem eu, os olhos negros dele pareciam dizer quando se inclinou mais e...

— Uh, hum — soou uma voz por detrás dos dois. — Senhorita, senhor, eu trouxe o chá que me pediu.

Claver.

O valete mantinha-se a uma discreta distância, enquanto o casal se fazia mais... respeitável.

Ryder soltou Tally como se ela tivesse se tornado quente como ferro em brasa. Tally, por sua vez, pareceu ruborizar da cabeça aos pés.

E não era apenas por ter sido pega em uma posição tão comprometedora, mas pelo que estivera pensando... pelo que estivera disposta a fazer...

Trair Pippin. Duas vezes agora. Ela quase o deixara seduzi-la. E estivera disposta a se entregar a este homem em troca de uma perigosa noite em seus braços. E a que preço.

— Claver? — Ryder disse, afastando-se mais.

— Eu lhe trouxe chá, senhor — o valete respondeu.

— Chá? Mas eu não pedi...

Tally respirou bem fundo. Não havia escapatória para o que ela precisava fazer agora.

— Eu ordenei o chá. Ou melhor, minha irmã o fez. Para a sua saúde, senhor.

Houve um som vindo dele, mais um grunhido, porém Tally soube que ela o pegara desprevenido.

Seria o protesto de um vigário? Ela achava que não. Contudo, lorde Larken poderia querer um pouco de briga.

— Este é um chá pelo qual a babá Brigid ficou famosa porque curou a dispepsia de um arquiduque, e minha irmã achou que poderia ajudá-lo, sr. Ryder. Eu o dei a Claver para que assim o senhor não padecesse mais do que o necessário com essa sua indisposição.

— Não penso que...

Tally não o deixou terminar, porque ela tinha uma arma ao seu lado.

— Ouso dizer que se Claver contar à duquesa que o senhor não tomou pelo menos duas xícaras, o senhor terá minha irmã pessoalmente forçando-o a tomar o chá a colheradas.

E nenhum de nós deseja isso, Tally pensou. Felicity por certo vai saber imediatamente que eu estou lhe dando um chá feito com os pacotinhos errados.

Larken a fitou, depois olhou para a porta.

— Minhas desculpas pelo que aconteceu antes, srta. Langley — ele murmurou. — Parece que esqueço quem sou quando estou perto da senhorita.

Isto deixou Tally sem fala e ela o observou se afastar em direção a um determinado Claver e sem saber absolutamente o que o esperava.

Pior ainda, ela sentiu uma pontada de culpa. Não que estivesse querendo envenená-lo. Não, não esse pequeno pecado.

Mas porque pela primeira vez ele tinha honestamente revelado algo sobre si mesmo para ela.

Eu esqueço quem sou quando estou perto da senhorita. Uma verdade que os dois compartilhavam.

Capítulo XII

Larken entrou em seus aposentos, mal contendo a raiva. Atrás dele, Claver se agitava, tendo colocado a bandeja de chá sobre a mesa, e agora andava pelo quarto preocupado com a saúde do sr. Ryder, fazendo comentários da bondade e interesse da duquesa pelos seus hóspedes.

— Senhor, como gosta de seu chá? — o homem perguntou, o bule na mão, acima da delicada xícara de porcelana.

Servido sobre a cabeça da srta. Langley, foi o primeiro pensamento de Larken.

— Eu não creio que... — começou a dizer.

O valete não era de ceder fácil e ficou resmungando sobre a preocupação da duquesa. Larken não viu outra saída se não deixar o homem encher a xícara com aquele maldito chá de bruxa.

Não era surpresa alguma que Hollindrake se recusara a aceitar os serviços desse sujeito.

— Um torrão de açúcar ou dois? — Claver perguntou, em um tom de voz de um valete dedicado, aquele tom que começava a mexer com os nervos de Larken mais do que a constante interferência da srta. Langley.

Não, nada podia superar o modo como a jovem conseguia vencer o vento que ameaçava as velas de seu barco com seus enormes olhos azuis e seus lábios irresistíveis.

Lábios convidativos ao beijo.

— Senhor — Claver insistiu —, quantos torrões de açúcar?

— Dois — Larken disse, lembrando-se dos tempos de sua infância quando tia Edith o obrigava a tomar algum xarope, o preparado mais amargo que lhe fazia o estômago doer por uma semana.

E já que a duquesa de Hollindrake se assemelhava cada vez mais com sua tia Edith, ele provavelmente deveria pedir não dois, mas três torrões de açúcar.

Em vez disso, ficou andando de um lado para o outro, a necessidade de entrar em ação o deixando meio louco, mesmo quando Claver gentilmente lhe estendeu a xícara pousada perfeitamente sobre o pires, e então acenou em direção à cama.

— Por que não repousa um pouco, senhor? Tome o seu chá, e tenho certeza que estará em forma amanhã.

Larken suspeitava de que o único modo de se livrar desse sujeito era fazer exatamente o que ele mandava, assim se sentou na cama, tentou parecer relaxado e tomou o chá em três longos goles.

E mesmo quando a xícara foi colocada sobre o pires, Claver, com o bule na mão, servia uma segunda dose.

— Sua Graça disse que duas xícaras seria o remédio perfeito para o senhor.

Dashwell morto, e ter uma mulher ansiosa debaixo dele seriam o remédio ao gosto dele, Larken gostaria de dizer a Claver, mas não o fez, claro.

Resignado, tomou a segunda xícara e fez um gesto de basta para o surpreso valete.

— Isso é tudo, Claver. Pode dizer a Sua Graça que eu serei um novo homem pela manhã.

Depois que remover um hóspede indesejável de sua casa — isso se eu o encontrar aqui — e eu estiver no meu caminho de volta a Londres.

No entanto, Claver não se moveu.

— Devo lhe providenciar um urinol, senhor? No caso de seu intestino...

— Sim, sim — Larken disse, completamente desacostumado a ter um valete à sua volta. A vida inteira se virara sozinho.

Maldição, ele blasfemou silenciosamente, vendo Claver voltar trazendo um urinol de porcelana bem próprio para um inválido. Ele não se livraria desse valete de Hollindrake, enquanto não encarregasse o homem de alguma tarefa. Assim, apontou para o traje que o alfaiate mandara lhe entregar, assim como para uma gravata amassada.

— Claver, dê uma boa escovada no meu novo traje e passe a gravata, sim? Eu vou agora apenas — ele olhou em volta procurando encontrar alguma coisa para fazer — ler a peça da srta. Langley até conseguir dormir. — Pegou as folhas que Tally lhe entregara. — Temo que não vá demorar muito.

— Uma excelente idéia, senhor — Claver disse, pegando o casaco e o jogando no braço. — Eu lhe deixarei o chá em caso de querer tomar um pouco mais.

A única coisa que ele iria fazer era despejar o bule de chá no jardim de rosas lá embaixo.

— Boa noite, Claver. — Ele tentou parecer educado, assim o relatório que o homem faria à duquesa lhe seria favorável o suficiente para mantê-la ocupada com alguma outra coisa.

— Boa noite, senhor. Bons sonhos — o valete disse, enquanto fechava a porta.

Larken sacudiu a cabeça.

— Não saberia como seria isso — ele disse, suavemente. Levantou-se e foi até a porta, trancando-a para evitar que Claver entrasse ali novamente.

Olhou para o manuscrito ao lado da cama onde o deixara e estava para empurrá-lo de lado, quando uma sonolência pareceu envolver o seu corpo.

Talvez devesse se recostar um pouco e ler uma linha ou duas... Depois daria uma nova busca para localizar Dashwell.

Recostou-se e então leu o título da peça e grunhiu.

A Arriscada Aventura de Lady Perséfone.

Oh, bom Deus! Alguma ridícula história trágica entre uma inocente jovem e seu guardião malvado, devia ser isso. E Temple e Pymm acreditando que o par de jovens fora capaz de executar um dos mais magistras planos de fuga da história inglesa.

Grunhiu de novo, arrumou as folhas e começou a ler.

Cenário: O sombrio pátio da prisão. O Capitão Strike acorrentado, cercado de guardas.

LADY PERSÉFONE

— Senhor, está cometendo um erro. O capitão Strike pertence a mim e eu não permitirei que o enforque.

CAPITÃO STRIKE

— Não faça isso, meu amor. Não quero vê-la ferida. Fuja daqui enquanto tem uma chance. Minha pobre vida não vale nada comparada à sua.

LADY PERSÉFONE

— Eu não deixarei que o enforcem. Porque o que será de minha vida sem você.

CAPITÃO DA GUARDA

— Senhora, saia daqui. Isto não é de sua conta.

LADY PERSÉFONE

— *Eu não sairei sem o meu amado.*

Ela tira uma pistola de seu vestido vermelho, assim como também a jovem que tinha o comando da carruagem, e um enorme homem surge de entre as sombras.

CAPITÃO DA GUARDA

— *Estão todos loucos. Isto é traição. Abaixem as armas antes que sejam feridas.*

LADY PERSÉFONE

— *Se pensa que minha frágil aparência contém uma natureza dócil, o senhor se engana. Porque crime maior seria o meu amado ser morto, porque isso seria uma morte para mim também. Agora, meu senhor, liberte o seu prisioneiro ou morra.*

Larken olhou admirado para as páginas à sua frente. Ora, ele podia estar lendo o relatório de Pymm sobre a fuga de Dashwell... aquele que falava da dama de vermelho e a jovem que servia de cocheiro da carruagem.

O texto era o mesmo!

Mas como a srta. Langley e lady Philippa tinham escrito isso, a não ser... a não ser... Ele sacudiu a cabeça, os pensamentos se tornando cada vez mais desconexos. Tentando se concentrar, ele se encontrou subitamente sem nem mesmo saber onde estava nem se lembrar do que pretendia fazer. O quarto estranho... o zumbido no ouvido.

Leu mais uma vez o título da peça.

A Arriscada Aventura de Lady Perséfone, ora, ora. O relato da fuga de Dashwell!

E havia somente dois modos de a srta. Langley ter escrito aquilo: um, se ela obtivesse uma cópia do relatório de Pymm. Ou, dois, se ela tivesse estado lá.

Ajudado a executar a fuga, como estava ali escrito.

A conscientização disso o deixou acordado, totalmente acordado, o suficiente para reconhecer que Temple estivera certo o tempo todo.

Quis deixar a cama, mas as pernas não lhe obedeceram. Não conseguia nem mesmo se lembrar por que precisava deixar a cama. Olhou em volta do quarto que não lhe era familiar até que seus olhos deram com a bandeja de chá.

O chá.

Então tudo pareceu fazer sentido e a raiva irrompeu de dentro dele.

A srta. Larken o drogara. A bela dama de Mayfair e seu flerte. Ela lhe passara a perna e agora certamente estaria tirando Dashwell e lady Philippa da mansão.

Não que pudessem ir muito longe porque a casa estava rodeada de vigilantes atentos a qualquer movimentação estranha, assim como Temple, instalado nas redondezas. Ninguém conseguiria deixar a Mansão Hollindrake sem ser notado.

Mas também ninguém escapara da prisão de Marshalsea antes...

Larken lutou para deixar a cama, alertar Temple, revelar tudo a Hollindrake, mas era tarde demais. A droga levava a melhor sobre ele, os membros agora não se movendo de jeito algum, os olhos se recusando a se abrir.

No entanto mesmo quando a escuridão desceu sobre ele, Larken teve apenas um pensamento.

Vingar-se dela...

Por volta da meia noite, Tally seguiu pelo corredor em direção ao quarto de lorde Larken. A casa estava silenciosa agora. O baile tinha sido um grande sucesso e todos haviam depois se retirado para suas camas, cansados e felizes após um dia de viagem e da vigorosa execução musical da srta. Mary.

Roncos suaves vinham de alguns quartos, enquanto noutros o silêncio era sepulcral.

Tendo assumido o seu papel de espiã, Tally usava agora o vestido de veludo preto, mas deixara para trás os sapatos de salto alto, já que seus pés descalços no tapete seriam bem mais silenciosos.

Quando se aproximou do quarto de Larken, Tarleton surgiu de detrás de uma cortina.

— Estou aqui desde que o valete deixou o nosso amigo lá dentro — Tarleton sussurrou.

— Obrigada por estar nos ajudando nisto.

— É um prazer. — Tarleton fez uma elegante reverência. — Além do mais, a sua prima e seu acompanhante estão tendo uma severa briga. — Ele deu de ombros. — Aquela jovem lá embaixo realmente azedou a vida de alguns.

— Oh, sim, ela fez exatamente isso — Tally concordou, pensando como Pippin fora magoada ao ouvir Sarah se gabar que Dash a chamara pelo pequeno apelido de *sua Circe*. Mesmo que isso não tivesse importância de fato, o resultado tinha sido um só.

Tarleton acenou para a porta.

— O homem não foi à parte alguma, eu lhe asseguro.

— Ele trancou a porta depois que Claver saiu? — Tally quis saber. Não que isso a impossibilitasse de entrar no quarto.

— Fechou, mas não ouvi um ruído lá dentro. O que colocou no chá?

Ela apenas sorriu, pegou seus alfinetes, e começou a trabalhar, abrindo a porta em segundos.

Tarleton balançou a cabeça, um sorriso de pura apreciação no rosto.

— Lady John disse que a senhorita era excelente em arrombar portas. Pensei que estivesse exagerando. — Ele se inclinou e admirou o trabalho de Tally. — Se um dia decidir deixar de ser uma fina dama...

— Penso que estou a caminho disso — ela respondeu, suavemente, abrindo a porta e encarando a escuridão lá dentro.

— É o que parece — ele murmurou. — Vou ficar aqui e vigiar enquanto pega os seus papeis.

Tally sacudiu a cabeça.

— Não senhor, nada de bom fará com nossos planos se eu for pega tendo o senhor por perto. Melhor cuidar de trazer tia Minty para dentro da casa. Isto aqui é uma responsabilidade minha.

Tarleton pareceu querer argumentar, quando se ouviu o ranger do colchão, sinal de que lorde Larken se virara na cama.

Tally e o sr. Jones ficaram completamente imóveis. Tally pelo medo de ser descoberta, e o sr. Jones por sua experiência de longos anos ajudando nos negócios ilegais de sua família.

Então Tally aproveitou a oportunidade e entrou no quarto, fechando a porta gentilmente e trancando-a, encerrando qualquer discussão com Tarlenton sobre a presença dele ali.

Esta era uma sujeira que ela tinha de limpar sozinha.

Não trouxera vela e agora desejava ter uma, porque o quarto estava totalmente às escuras. Não havia nem mesmo uma lareira acesa, já que estavam em julho, um mês bastante quente.

Mas lá fora a lua brilhava, oferecendo a ajuda de que ela precisava. Tally caminhou até a janela e tentando não fazer barulho algum abriu um pouco uma das cortinas.

Uma leve claridade entrou no aposento, chegando até uma valise que estava colocada junto a uma parede.

Tally olhou-a, cheia de suspeitas.

O que haveria lá dentro?

Lembrando-se do que tinha de fazer, encontrar o manuscrito e sair dali antes de ser descoberta, ela procurou deixar a curiosidade de lado. Mas não por muito tempo. Localizara com facilidade a sua peça sobre o criado mudo, as páginas manuseadas.

Oh, céus, isto foi fácil demais, ela pensou, dando uma olhadela no adormecido sr. Ryder e então, para sua consternação, de volta à valise.

Realmente, que mal faria dar uma pequena espiada? Mordeu os lábios, indecisa. Não, não deveria, mesmo assim se viu ajoelhando ao lado da valise.

Respirando fundo, tentou abri-la, mas a encontrou fechada.

Olhou de volta para a cama.

— Ora, ora, sr. Ryder, ou melhor, lorde Larken, que segredos guarda aqui?

Pegando o seu alfinete, procurou abrir a pequena fechadura da valise, levando mais tempo do que para abrir a porta.

Uma tranca bastante complicada, milorde, Tally murmurou, dando uma olhadela furtiva para a cama.

Olhando novamente a valise, sentiu-se tomada por um instante de bom senso.

Isto é tolice, Tally. Uma bobagem. Pegue as páginas e saia daqui.

Mas preciso saber a verdade, preciso saber quem é este homem.

E não pelas razões óbvias.

Não, Tally não tinha desejo de descobrir que aquele homem era um vigário de alguma paróquia no campo.

Felicity tinha o seu duque. Pippin o seu pirata.

E eu quero o meu espião... um homem imprevisível que complicará a minha vida, prenderá meu coração e me beijará apaixonadamente...

A tranca vencida, enfiou a mão dentro da valise e a encontrou vazia.

Sentou-se sobre os calcanhares, profundamente desapontada. Observou por alguns instantes a maleta, levantou-a, e seu peso revelou os seus segredos.

Era pesada demais para estar vazia.

Riu satisfeita e a abriu de novo, desta vez examinando as dobras, os bolsos e

finalmente o fundo. Vasculhando mesmo.

Lembrou-se de uma mala que o pai tinha, uma que ele usava enquanto viajava em missões diplomáticas. Mais de uma vez, ela e Felicity haviam colocado balas e doces escondidas dentro dos compartimentos secretos.

Fechando os olhos, concentrou-se até que conseguiu encontrar uma espécie de compartimento e o abriu.

— Lorde Larken, o senhor esteve na loja do sr. Stennet em Vigo Lane, não foi? — ela murmurou, sorrindo. Bem, deveria ter desconfiado disso pela tranca suíça.

Respirando fundo, abriu o compartimento. A primeira coisa que tocou foi o aço frio da pistola, puxando a mãos imediatamente. Mais uma vez olhou para a cama, desta vez com o coração batendo em disparada, exatamente como quando tivera a arma apontada contra ela horas antes, a pistola uma sombria lembrança da razão de lorde Larken estar ali.

Colocou a pistola de lado e aventurou-se mais, seus dedos tocando em um pacote de papéis amarrados com uma fita. Tirou-os e desatou a fita.

Tally, não deveria estar xeretando, ela pareceu escutar a babá Brigid a censurando. *Uma pessoa assim é um ladrão disfarçado.*

Difícilmente um ladrão, Tally argumentou para si mesma. *Não tenho intenção de tirar nada daqui. Apenas ler as palavras e conseguir informações. Não é culpa minha se ele a deixou tão acessível.*

Alguém que tem fechaduras desse tipo e compartimentos secretos em suas malas.

Foi na ponta dos pés até a janela para ler com a luz da lua cheia, então pareceu ouvir mais um dos sermões da babá Brigid em seus ouvidos.

Uma luz é ainda uma luz, mesmo que um cego não possa ver.

Tally mordeu os lábios. Claro, ela sempre podia viver pelos provérbios russos de sua babá Tasha.

A não ser que seja pega, a pessoa não é um ladrão.

Ela sempre adorara a sua governanta russa. E afinal, ela não ia agora se apossar dos papéis, e não tinha intenção alguma de ser flagrada no ato.

Começou a mexer nos papéis e surpreendeu-se com o que encontrou. E que tesouro era.

Papéis de identidade. Para um Esmond Ferrand, um negociante francês. Ambrogio Martinello, um comerciante de pedras preciosas. Benedicto Neves, um banqueiro português. Todos selados e prontos para permitir um homem, como lorde Larken, entrar e sair de um país para o outro.

Tally encostou seu rosto no vidro frio da janela e tentou respirar. Oh, ele era definitivamente perigoso. Diante de seus olhos viu as vidas de Pippin e Dash correndo um risco enorme, o coração se partindo quando ela percebeu o que tinha de fazer.

Precisava deter este homem. Superar o mais perigoso agente do rei.

E aceitar que quando ele descobrisse que ela o enganara, a odiasse por isso. Sentiria desprezo por sua traição.

Mal respirando, devolveu os pertences de volta à valise e a fechou, prestando especial atenção para trancá-la direito. Então fez o que deveria ter feito ao entrar ali em vez de ficar xeretando na valise. Começou a reunir as páginas de Persefone

silenciosamente, tentando ignorar a excitação por estar se saindo tão bem.

— Não! — ele grunhiu em seu sono. — Pare agora. Não vou deixar.

Ela parou, a única coisa se movendo era o coração disparado em seu peito. Ele não acordara, não é?

Deu uma espiada quando Larken mais uma vez se agitou.

— Não, eu disse! Não pode fazer isso! Papai, tome cuidado.

Apesar de que ele estava com os olhos fechados, lutou na cama como se demônios o estivessem aprisionando.

Um pesadelo! O homem estava tendo um pesadelo. Ela deveria suspirar de alívio, se não tivesse visto a expressão atormentada no rosto de Larken, o modo como ele lutava e se contorcia debaixo das cobertas.

O que você fez com ele, Tally?

Ela se voltou novamente para a cama e se aproximou para inspecionar, descobrindo que sua testa estava coberta por suor.

Ele se agitou de novo.

— Você o matou! Matou-o, eu digo.

Oh, céus, talvez os três saquinhos dos pós de Felicity tivessem sido demasiados! E então ela viu que havia papéis sobre a cama dele.

Oh, Deus, não! Ele estivera lendo a peça dela antes de ter sucumbido ao chá.

Com cuidado, ela foi pegando as páginas, até que pensou ter todas. Notou, porém, uma bem debaixo do cotovelo dele.

Pesou suas escolhas: deixá-la ali e esperar que fosse uma cena inócua, algo como o casamento de Perséfone com o capitão Strike, ou então se preocupar que fosse uma das cenas comprometedoras.

Como aquela em que lady Perséfone e seus amigos libertavam o pirata da prisão.

Respirou bem fundo, inclinou-se sobre a cama, enfiou sua mão ao longo do colchão, e pegou o canto da página, procurando puxá-la.

E estava conseguindo, quando subitamente a mão dele saiu de debaixo dos lençóis e lhe segurou o pulso.

— Pensou que eu não a pegaria? — ele murmurou em uma voz tomada por uma perigosa e mortal ira.

A neblina pareceu envolver Larken.

Este é um sonho, ele tentou dizer a si mesmo. *Não é real*. E, no entanto...

Debaixo de seus pés as pedras ressoavam sob as solas de suas botas. A neblina escondia tudo de sua vista, os prédios à sua volta, a cidade, mesmo o céu.

Não havia nada a não ser a neblina, e uma luz fraca vindo de uma lâmpada de um poste acima dele, e as vozes à distância.

— Aurora, tudo mudou — o pai dele estava dizendo. Larken estremeceu ao ouvir a voz. Ele chamara a mulher de Aurora. *Aurora*. Ele já ouvira o nome antes? Não sabia. Mas se agarrou ao nome, desesperado para não esquecê-lo.

Aurora. O nome de sua inimiga. O nome da mulher que mudara o curso da vida dele, arrasara a honra da família com sua traição.

— Não vou ajudá-la — o pai estava dizendo. — Nós terminamos.

— Isso não vai ter um fim, *mon chère* — ela respondeu com sotaque francês, as palavras soando como uma sedução. — Você ainda me ama. Vai sempre me amar.

— Não posso e não vou. Se eu tivesse sabido... — A luta do pai se revelava com cada palavra.

Saber o quê, papai? Dos fingimentos dela? Que ela era membro da Ordem do Lírio Negro? Uma inimiga jurada da Inglaterra?

Inimiga sua...

Que jamais devia ter se apaixonado por ela?

Mas havia alguma coisa a mais nas palavras agoniadas do pai. Uma mensagem.

Que você não pode escolher aqueles a quem ama.

E seu pai amara essa Aurora. Mesmo que tentasse negar, o pai ainda queria amá-la... confiar nela.

Não pode! Larken gritou, lutando contra a neblina que o envolvia. *Afasto-se dela. Agora!*

No entanto, era tarde demais, porque o tiro soou, mas em vez de acordá-lo, abriu caminho na neblina, um caminho para ele seguir, para perseguir a assassina de seu pai.

Ele não hesitou diante da chance de pegá-la. Porque ela estava diante dele, vestida de preto e parada junto ao corpo do pai dele.

— Aurora — ele chamou.

Ela o olhou, e pela primeira vez, ele viu seu rosto e o ar de triunfo em seus olhos, o formato do nariz, a linha dos lábios. Mas foi apenas um olhar, porque ela se virou e fugiu.

Oh, então será uma caçada, não é, senhora?

Ele a perseguiu, a neblina o engolindo, mesmo assim continuou, até que se encontrou diante de nada.

Onde a mulher tinha ido? Parou e tentou escutar o barulho de seus passos, mas tudo o que ouviu foi o murmurar das palavras que não faziam sentido algum.

Esta é culpa minha, uma mulher murmurava.

Culpa. A palavra o provocou, tentando-o a mudar de direção.

Seguir esta outra mulher.

Seria Aurora? Ele se virou, puxando algo que não podia ver, mas podia sentir o aroma.

Lírios do vale.

A neblina subiu, e deu lugar a um luxuoso tapete, que estava sob seus pés. De alguma forma ele deixara as ruas de Paris e estava agora em uma casa, uma mansão; e o que fora uma rua era agora uma galeria.

E lá no fim dela havia uma mulher junto à janela, papéis na mão, um olhar surpreso no rosto. E então ela o olhara, espionara-o, pronta para fugir.

Por um momento, Larken ficou imóvel. Não era *ela*, a assassina de seu pai, mas alguém mais. Como ele deixara Aurora fugir? Ainda assim não podia afastar o olhar desta dama que estava diante dele.

Pegue-a. Não a deixe ir embora. Ela possui a chave de tudo.

Lutou então, os pés tão pesados que era difícil ficar de pé. Se ele pudesse se mover bem depressa, poderia pegá-la.

Seguiu-a até dentro de um quarto, e antes que ela escapasse por outra porta, ele a segurou pela mão.

Segurou firme e se recusou a deixá-la ir, apertando a pressão em volta do fino pulso, machucando a pele fina debaixo de seus dedos.

— Pensou que eu não a pegaria? — ele disse.

Não importava que esta não fosse Aurora, isto não era importante. Ele podia sentir isso. Seus instintos estavam atentos, como se ele agora fosse o lobo e ela a presa.

A mulher lutou contra ele, o que o deixou mais furioso, e então a puxou contra ele, a força os levando de volta à cama. Ele rolou depressa, deixando-a debaixo de seu corpo, pegando-lhe as mãos e as prendendo sob sua cabeça. A jovem continuou a resistir, mas ele se recusou a deixá-la escapar.

Esta era ela...

Mas quando os cabelos se soltaram, não eram os escuros da francesa, e sim um rosto que ele conhecia...

Não, não podia ser. Não ela. No entanto as curvas debaixo de seu corpo diziam o contrário. Ele as explorara antes, a desejara como nunca antes desejara outra mulher.

A neblina os envolveu, e agora eram somente ele e ela, e a cama debaixo deles. Aspirou profundamente o seu perfume e este lhe ativou o desejo.

Fome e desejo lhe encheram as veias. Oh, sim, e a paixão avassaladora de possuí-la. Enterrar-se dentro dela.

Larken sacudiu a cabeça, tentou sair deste sonho que o mantinha cativo. Isto era impossível. Ele não a desejava.

Mentiroso!

E como para provar isso, seu corpo reagiu tão depressa que o surpreendeu. Ele se sentiu excitado. Ardendo por ela.

Ela é sua, Larken. Sempre foi. Possua-a. Isto não é nada a não ser um sonho.

Um sonho? Parecia real demais. Podia sentir a batida do coração dela, a respiração chegando ao seu rosto.

— Largue-me! Não sabe o que está fazendo, milorde — ela murmurou com raiva. O brilho selvagem em seus olhos dizia que ela sabia exatamente o que ele estava querendo.

Largá-la? Ela era louca? Justamente agora que a encontrara? Que a prendera...

— Isto não é o que está pensando — ela lhe disse, quando Larken abaixou a mão e puxou o vestido dela para cima, começando a tocar com os dedos na pele macia das pernas, das coxas.

Oh, Deus, como ele a desejava!

Respirou com dificuldade quando finalmente sua mão atingiu a umidade do sexo dela, percebendo haver ali o mesmo fogo, as mesmas paixões, convidando-o a explorar mais.

Como isso poderia ser errado?

Desejar uma mulher a ponto de se destruir.

— O senhor está sonhando — ela murmurou, agora soando mais desesperada do que com raiva. — Precisa parar. — Mas mesmo dizendo isso, arqueou os quadris quando ele tocou sua intimidade por debaixo das roupas, as dobras úmidas, tomadas pela vontade de entregar-se a ele.

O desejo que ela sentia era tão grande quanto o dele, porque agora os dedos dela pressionavam os ombros de Larken, e um gemido suave lhe escapava dos lábios.

Larken aspirou o perfume novamente, o aroma o levando a novas explorações, deixando a paixão avassaladora emergir, deixando de lado qualquer cautela que pudesse ainda ter.

Era um sonho?

Se todas as noites ele tivesse um sonho assim! No entanto o que mais poderia ser que não um sonho?

— Não sabe o que está fazendo — ela murmurou, agora não mais lutando, seu corpo movendo-se no mesmo ritmo do dele.

— Discordo, minha pequena sedutora. Sei exatamente o que estou fazendo — Larken disse antes que sua boca se apossasse dos lábios sequiosos.

Quando os lábios de Larken cobriram os dela, Tally soube que estava perdida. O beijo fazia desaparecer qualquer reserva que ainda possuísse.

Reserva não tinha lugar naquela cama. Não com o modo como ela a tocava.

Larken deslizava a língua pelos lábios dela, convidando-a a abri-los para sua exploração, implorando que fizesse o mesmo, que desfrutasse, como ele estava desfrutando. E ela então o fez. Deus a ajudasse, mas ela não conseguia parar agora.

Oh, a tortura dos dedos dele em sua intimidade!... Oh, era como um sonho sensual como aquele que parecia aprisioná-lo!

Ele tinha uma desculpa para este escândalo, mas e quanto a ela?

Talvez que sempre o desejara desde o momento que o conhecera?

Sim. Sim, ela o desejava desde aquele primeiro instante.

Larken libertou as mãos de Tally como se pudesse senti-la mais submissa, sentir que a luta tinha se tornado em aceitação a um desejo que ardia com o dele.

O beijo foi se tornando mais ousado, e Tally agarrou-se a Larken, vendo-se envolvida na mesma maré de loucura. O beijo cessou e ele começou a mover a boca por seu pescoço, ombro, mais para baixo.

Debaixo do calor dos lábios sedutores, a pele de Tally ardia. Seus dedos se agarraram aos cabelos de Larken, agora despenteados.

Ele tinha ido dormir usando apenas sua camisa e calções, e ela então deslizou os dedos debaixo do tecido da camisa, usando as unhas para explorar.

E mais uma vez ele a tocou intimamente, fazendo seus quadris tremerem, querendo manter presa a mão dele ali. O tormento a deixava sem respiração.

Como era possível desejar um homem assim tão completamente? Querer o que somente ele podia lhe dar?

— Sim, sim — ela murmurou quando ele foi lhe abrindo o vestido e o tirou pelos ombros, os lábios seguindo o veludo que ia sendo afastado, até chegar a um mamilo

agora livre.

Larken tomou-o na boca e o sugou até que este se enrijeceu. Então usou a língua para deixá-la assolada pelo frenesi da paixão.

Enquanto o corpo de Tally despertava debaixo desse doce tormento, Larken continuou a lhe tirar o vestido, a roupa de baixo até que ela se encontrasse completamente nua.

Deveria sentir-se embaraçada, mas não. Sentia-se mais como uma Vênus, pronta para o sexo.

E Larken sabia disso. Enquanto tirava as roupas dela, também se livrara das suas, jogando de lado a camisa e os calções, propiciando o encontro dos corpos nus.

Firme e longo, a cabeça de seu membro investiu contra o sexo dela, os quadris flexionando enquanto o levava entre as trêmulas pernas.

Por um momento, Tally entrou em pânico. Se ela fizesse isso, não haveria volta.

Volta para o quê, ela pensou, enquanto se agarrava nos quadris de Larken, puxando-o para mais perto, as pernas abertas, úmida de desejo, pronta para ele.

Ela sempre havia desejado passar uma noite com um libertino. Não que não ligasse para as convenções sociais... tudo o que sempre desejara era seguir seu coração. Suas paixões. E este homem parecia saber exatamente como satisfazê-las.

Ele então deslizou por sobre ela, beijando-a profundamente, tocando-a.

— O que fazemos agora, minha linda — ele murmurou com voz rouca.

Como se houvesse outra escolha. Tally sentia o corpo tremer de desejo, a respiração presa na garganta, o coração disparado.

— Possua-me, Larken — ela lhe disse, agarrando-o pelos quadris e o puxando para mais perto.

Liberte-me desta prisão.

Capítulo XIII

Em algum momento na loucura da paixão, Larken começou a acordar.

O suficiente para perceber que não estava em sonho algum. Que a mulher debaixo dele era a srta. Langley.

Tally.

Não, ele se corrigiu. O nome dela deveria ser *Problema*.

Mas tudo tinha ido longe demais para ele conseguir usar a razão. Talvez fosse o calor da pele de Tally. Talvez o sabor dela quando ele lhe sugara os mamilos. Duros e arredondados picos debaixo de sua língua. Mamilos que eram doces como o paraíso.

A umidade do sexo sob seus dedos.

Ele não deveria estar fazendo isso. Não com essa jovem. Com essa perigosa e traiçoeira dama. E, no entanto...

Como ele queria estar dentro dela, mover-se até que ela gritasse seu nome ao chegar ao clímax do prazer.

Vagamente ele pensou nas conseqüências... que ela era sua inimiga. A inocente cunhada de Hollindrake.

Beijou-a novamente, e a língua de Tally dançou erótica sobre a dele.

Talvez não fosse assim tão inocente, seu sexo ficando cada vez mais excitado. Ela agora o acariciava, explorava o corpo dele como tivera o seu explorado instantes antes.

Ele lhe ensinara tudo aquilo?

Claro que ele sabia a resposta... sim, ele ensinara. Na noite anterior, Tally fora tímida e inexperiente, mas isso agora tinha se perdido, arruinado pelo desejo que sentia por ela.

Os dedos de Tally tocaram de leve o sexo dele, fazendo-o temer soltar o seu sêmen naquele mesmo instante.

Esta jovem teria idéia do que estava fazendo com ele?

Em torpor, observou o rosto delicado e encontrou um sorriso felino naqueles lábios carnudos.

Oh, sim, ela sabia.

— O que vamos fazer agora, minha linda sedutora? — ele perguntou, colocando-se em posição de penetrá-la.

Ela respondeu com um murmúrio de impaciência, os quadris se erguendo.

— Possua-me, Larken. — As pernas se abriram para ele, enlaçando-o, deixando-lhe um rumo que nenhum homem poderia recusar.

Ele não hesitou, e começou a penetrá-la, forçando a barreira que lhe dizia a verdade.

Ela era inocente.

Ou melhor, ela tinha sido inocente.

Ele ouviu-a gemer, e beijou-a então, abafando sua surpresa e se movendo bem devagar, gentilmente para fazer com que o fogo renascesse.

Larken tinha feito amor com incontáveis mulheres. Viúvas, cortesãs, até mesmo uma princesa, mas nunca nenhuma delas o deixara daquela forma.

Tomado por um desejo que o levava ao descontrole. E com ele vinha a noção inquietante de que nenhuma mulher jamais a satisfaria novamente. Ninguém a não ser uma.

Esta impossível e sedutora dama de Mayfair. A sua Tally. O seu "problema".

Os quadris de Tally se ergueram participativos. E ela sussurrou palavras, que ele não podia ouvir porque o sangue corria desvairado em suas veias.

Ele a desejava. Queria deixar seu sêmen dentro dela e senti-la chegar ao clímax também.

— Eu... eu... eu... — começou a dizer, continuando a se mover, a beijá-la, a sentir o

gosto da pele sedosa, daquele corpo que ganhara vida no ato de amor.

E então aconteceu.

Ela chegou ao clímax, seu corpo dançando com a libertação, levando-o a perder o controle de vez, envolvendo-o em uma onda de paixão que lhe devolveu a escuridão de onde ela o tirara ao acordá-lo.

Tally sempre soubera que haveria dor na primeira vez em que fizesse amor. Todas as babás, de Rana a Tasha, haviam lhe dito isso, mas ela não esperava que fosse tão fugaz, ou o que viria depois.

Larken a encheu com seu membro túrgido, penetrando-a, e tudo o que ela podia fazer era responder com seus próprios movimentos frenéticos dos quadris.

Como queria que ele continuasse. Que a penetrasse mais fundo. Era como se levasse para dentro dela o céu da noite, as estrelas e nuvens e a escuridão dando lugar a um vazio que a chamava.

— Oh, por favor — ela murmurou, agarrando-se a Larken, enquanto ele se movimentava como um louco. Ela ia também enlouquecer, porque tudo o que queria era tê-lo dentro dela, e todas as vezes que Larken parecia querer sair, ela o puxava forte para recuperar a sensação anterior.

Os mamilos se enrijeciam ainda mais quando pressionados contra os pelos do peito de Larken, o forte cheiro masculino lhe atordoando os sentidos.

Agarrou-se ao colchão enquanto tentava chegar mais perto, conseguir mais de cada investida dele.

Procurou pelo olhar de Larken, e viu ali o mesmo desejo. Selvagem e faminto.

Larken procurou pela boca de Tally e a beijou, selando-lhes o futuro. E enquanto suas línguas duelavam, penetrou-a ainda mais fundo, e Tally encontrou o que estivera procurando.

O céu da noite agora se enchia de fogos de artifício, cada explosão levando-a a um novo gemido.

— Oh, sim... oh, sim... — ela murmurou, enquanto ele a penetrava mais uma vez, e Larken então encontrou seu próprio clímax, o corpo estremecendo e o membro indo mais fundo para descobrir um último momento de paixão que havia entre eles.

E quando a frenética explosão passou, o corpo de Tally continuou a tremer, ela ainda desejando prender-se ao indecente prazer. Não querendo que a noite terminasse.

Por que iria querer? Ela estava no paraíso.

E naquele momento, soube que jamais seria a mesma.

Nunca seria completa sem Larken.

Então buscou pelos lábios e pela escuridão dos olhos de Larken, e soube que não precisava se preocupar com isso naquele momento.

Pois os lábios dele buscavam os seus, e a perigosa caçada havia recomeçado.

Na manhã seguinte, ou, melhor dizendo, começo de tarde, Larken desceu de seu quarto. Os pratos do café da manhã já haviam sido retirados e os criados levavam bandejas para os jardins, onde acontecia um agradável piquenique.

Larken seguiu um deles passando pelo vestíbulo e pela sala de estar onde portas duplas que davam para o terraço estavam abertas. No entanto ele parou, hesitando em se aventurar lá fora, para debaixo da luz do sol, para dentro da claridade do dia.

Não, exatamente naquele minuto, ele preferiria as sombras, a nuvem escura que se instalara sobre ele.

Havia acordado sozinho em sua cama, os lençóis totalmente revirados, e por um instante ficou imaginando se suas lembranças da srta. Langley, sua preocupante e impossível Tally, podia ser nada mais do que sonhos.

Sonhos com os quais ele podia lidar.

No entanto a marca vermelha nos lençóis, a prova da inocência perdida de Tally não deixava dúvidas. Assim como a combinação, que, na pressa de ela se afastar dali, havia sido esquecida.

Assim a noite de paixão nos braços de Tally acontecera de fato. E isso o assustava mais do que qualquer prisão francesa ou viagem cheia de riscos à Espanha. Seu medo não se devia a eventualmente ter de enfrentar Hollindrake em algum amanhecer, com pistolas apontadas um contra o outro. Tampouco temia que o encontro — o duelo, não o ato de amor — terminasse em seu relatório. Nada disso. Sua inquietação vinha de como Tally o fazia se sentir.

Ela havia feito alguma coisa no coração dele na noite anterior, naquelas últimas horas que haviam passado juntos. Oh, sim, a ternura do toque feminino quando ela explorara seu corpo, a doce tentação dos lábios carnudos, e os suaves suspiros quando ela chegara ao clímax pela última vez.

Larken passou, nervosamente, os dedos pelo cabelo e olhou para o gramado que estava além das portas.

Tally deveria estar lá e ele teria de dizer alguma coisa para ela.

Mas o quê?

Diga-lhe como ela o faz se sentir. Como você gostou do que ela fez. Que você a acha impossível e perigosa e tentadora demais para resistir. Que a quer ao seu lado para sempre, porque seu sorriso e curiosidade e apego aos problemas lhe traria uma luz dentro de sua vida sombria.

Larken sacudiu a cabeça. Não podia dizer essas coisas sem ter de desistir de sua busca por Dashwell.

Mas ele precisava desistir. Pela primeira vez, sentiu-se em um mundo que não o da espionagem e dos subterfúgios em que vivera tempo demais. E tudo isso agora por causa de uma mulher.

Com a guerra na França agora terminada, e a luta com os americanos enfraquecendo, onde estaria ele quando tudo isso terminasse? Em um posto diplomático, como seu pai estivera? Muito improvável. Não sem a ajuda de Pymm. E essa ajuda ele não teria se não capturasse Dashwell... e acabasse com ele.

Mas havia outro tipo de vida possível. E os olhos brilhantes e o sorriso de Tally eram como uma luz naquele mundo. Neste mundo. No mesmo em que ele próprio nascera e tão cuidadosamente evitara.

Larken dera um passo para fora do terraço, para ir procurar por Tally, para lhe dizer... dizer tudo, quando uma voz perigosa e sombria lhe ativou as dúvidas em sua alma.

Quem pode dizer que Tally não esteja fazendo o trabalho dela, como você deveria ter feito o seu? Quem garante que ela se importa com você... Que não tenha tomado conta de seu coração como Aurora fez com seu pai... somente para libertar Dashwell, para deter você?

Havia ali verdade suficiente para deter os passos dele, porque sem dúvida alguma Tally sabia quem ele era, ou melhor, quem ele não era, pois sua valise havia sido arrumada enquanto ele dormia.

Larken não conseguiu evitar. Ele riu. Abrir uma fechadura tinha sido mais fácil para ela do que suas tentativas de seduzi-lo para conseguir quebrar sua farsa como vigário.

Bem, agora ela tinha conseguido isso.

Uma imagem invadiu seus pensamentos. O de uma dama parada sob um raio de luar, os documentos dele em suas mãos, o olhar de surpresa naquele lindo rosto ao descobrir o que revelavam.

E mesmo enquanto pensava que isso fizesse apenas parte de seus sonhos, sabia que de alguma forma naquele torpor causado pela droga, ele a vira enquanto estudava os papéis. Aqueles que ele pensava ter escondido tão bem.

Precisava falar com o sr. Stennet na próxima vez que estivesse em Londres para considerar a possibilidade de encontrar um novo modelo para suas valises. Elas não eram tão seguras como o homem lhe assegurara. Não se uma dama comum de Mayfair podia descobrir os seus mistérios.

Uma dama de Mayfair que podia abrir fechaduras, flertar como uma francesa e praguejar em russo.

Sacudiu a cabeça. Não, Tally não era absolutamente uma moça comum.

Apoiou a mão na porta, enquanto tentava descobrir uma saída para a encrenca em que se encontrava. Mas não, não restava nada a fazer a não ser subir, arrancar Dashwell de seu esconderijo, silenciosamente conforme a maldita ordem de Pymm, terminar de vez com o americano e partir dali.

Deixar aquela casa. Deixar a Inglaterra. Viajar para longe de Tally e de seu passado. Haveria mais alguém. Talvez outra mulher para ele. Deveria haver.

Uma que tropeçasse nos saltos altos? Uma jovem que flertasse como uma cortesã e então inocentemente caísse nos braços dele e roubasse seu coração? Insistisse em manter aquele irritante cachorro? E possuísse um par de brilhantes olhos azuis que implorassem a um homem para ver o que havia de bom no mundo?

Sentiu um aperto no peito, e quando tentou respirar, era como se alguém o tivesse perfurado com uma bala.

De canhão.

Não, ele não encontraria outra mulher como Tally.

No entanto, ela arruinara sua missão, feito de tudo que estivera em seu poder para detê-lo. Distrair suas atenções. Descobrir seus planos.

Tal como Aurora e a Ordem do Lírio Negro havia feito com seu pai.

— Maldição! — ele praguejou baixinho, enquanto tentava colocar no lugar todas as peças deste quebra-cabeça.

Não, o único modo de terminar com tudo isso era vasculhar a casa rapidamente, de cima a baixo, começando pela suíte da srta. Langley e de lady Philippa. Onde sem dúvida

ele encontraria Dashwell.

Se elas já não o tivessem tirado de lá.

Virando em seus calcanhares e determinado a fazer o que devia, ele se viu diante de sua outra nêmesis.

A duquesa de Hollindrake.

— Sr. Ryder! — ela disse, apresentando um sorriso em seu rosto, enquanto buscava nele algum sinal de doença ou qualquer outra infração. — O senhor parece bem nessa manhã! — A voz de Felicity soou como se ela não acreditasse bem nisso. — Bem, então há ainda esperanças para o senhor. Ora, até parece disposto para esta noite.

— Como assim? — ele respondeu, distraído, seu olhar buscando uma rota de escape. — Esta noite?

— Ora, o baile, senhor! Não se esqueceu, não é? — Ela resmungou como a tia Edith fazia ao estar aborrecida. — Creio que a srta. DeFisser já estará aqui nessa hora, apesar de que não entendo o que a vem atrasando, especialmente porque lhe escrevi falando do senhor para ela.

Larken forçou um sorriso.

— A sua preocupação e trabalho quanto a isso, Vossa Graça, tem sido prova de sua bondade e dedicação. Agora, se me der licença, tenho alguns assuntos a...

Mas a duquesa não estava realmente ouvindo. Pegou-o pelo braço e o puxou para fora do terraço.

— O senhor precisa vir e se reunir com todos no piquenique. Staines disse que o senhor não tomou o café da manhã...

Ora, a duquesa saberia de tudo o que acontecia naquela casa?

Tal como a irmã passou a noite...

— Oh, bom Deus — ele murmurou, tropeçando. A duquesa lhe lançou um olhar de apreensão.

— Não é a dispepsia, é? Posso mandar Claver lhe dar mais um pouco de chá, se o senhor quiser. Melhor ainda, eu lhe sugiro comer alguma coisa para manter a sua estamina. Espero que todos os cavalheiros façam a sua parte e não estraguem o meu baile.

Estamina? Ele gostaria de informar à duquesa que tinha feito a parte dele na noite anterior, mas pensou melhor e não disse nada.

— Não, Vossa Graça — ele disse, tentando sem sucesso livrar-se da mão dela. — Isso seria intolerável.

— Exatamente, sr. Ryder. Sei que o senhor entende a importância disso. Agora venha, porque o piquenique está para começar e temos mais convidados que gostariam de serem apresentados ao senhor — ela disse, fazendo um gesto floreado com a mão e apontando para a paisagem diante deles, onde as mesas haviam sido postas sob uma tenda para oferecer sombra às damas.

Por perto, as srtas. Elsford, lorde Boyce, sir Robert, e várias outras pessoas que ele não reconheceu estavam jogando bola na grama, enquanto a srta. Browne se encontrava debaixo de um guarda-sol cor-de-rosa, com Cranwich e Grimston ao seu lado.

Entretanto, uma dama em particular chamou a atenção de Larken.

Tally. A visão da jovem inclinada sobre um caderno de desenho fez com que seu

coração estremecesse. Algum jovem tolo estava ao lado dela, conversando e tentando lhe chamar a atenção.

Larken não reconheceu o rapaz, mas imediatamente desgostou dele. Olhou em busca de Brutus e ficou pensando onde estaria o pequeno cão. Por que não estava atacando a bota daquele sujeito?

A luz do sol cobriu o chapéu simples que ela usava e fios de seus cabelos loiros caíam agora livres em seus ombros. Os dedos dele sentiram o desejo enorme de tocá-los.

Oh, bela Thalia, ele pensou, um lado poético surgindo de dentro dele. Mas não era somente o lado poético que se erguia à visão da jovem, uma vez que ele não a via com seu traje simples, mas esplendidamente nua em sua cama.

Naquele momento, Tally levantou o rosto e o viu. Seus olhares se cruzaram e o coração de Larken pareceu parar. Tinham se passado apenas umas poucas horas de quando eles haviam estado tão juntos a ponto de Tally parecer fazer parte dele?

E, no entanto, agora estavam divididos por suas lealdades.

A duquesa, a atenção voltada em outra direção, havia relaxado a mão que se apoiava no braço dele, e Larken aproveitou a oportunidade para escapar.

Faça isso rápido, Larken... Termine sua missão e acabe com essa loucura...

Olhou novamente para Tally. Ainda não podia fazer isso... Como a tinha visto, sabia que o mínimo que poderia fazer seria se desculpar. Esta era a coisa honrada a fazer.

Honrada? A culpa retardou seus passos. Honrado seria implorar pelo perdão dela. Não, pedi-la em casamento. Honestamente, se ele possuísse verdadeiramente um pouco de honra, isso o teria impedido de fazer amor três vezes com Tally. Não, havia sido quatro vezes na noite anterior...

O sujeito que cortejava Tally levantou o olhar quando ele se aproximou, olhar que ganhou tons de menosprezo pela aparência simplória do vigário. Mas o olhar de Tally era outra coisa, e ele jurava ter visto o rubor lhe cobrir o rosto.

— Lorde Norridge — ela disse, voltando-se para o rapaz — o senhor se importaria de ir buscar a minha caixa de apetrechos de desenho? Creio tê-la deixado na biblioteca.

O jovem franziu a testa. Não tinha desejo algum de se afastar de Tally. No entanto, não seria elegante recusar o pedido de uma dama, assim ele fez uma pequena reverência e saiu às pressas em busca da tal caixa.

Tally esperou alguns poucos momentos e então ergueu a barra de seu vestido para revelar a caixa bem perto de seus pés.

— Oh, Deus, creio que enviei lorde Norridge em uma missão inútil. — Um sorriso malvadinho cobriu os lábios dela.

O coração de Larken disparou. Ele não sabia o que amava mais nessa mulher, se suas pequenas manobras ou sua total falta de remorso.

Amava? Sentiu a garganta sufocando. Ele a amava. Não, não podia. Não devia.

— Creio que tenha mandado o homem certo para essa missão — ele disse, rapidamente.

— Mais do que você pensa — ela respondeu, abaixando-se e pegando um lápis da caixa. Usou-o para completar o seu desenho.

Ele deu uma olhadela no caderno. Lá estava o desenho de Mary Elsford e de lorde

Boyce, um trabalho talentoso, que Tally conseguira capturar tanto a juventude quanto a personalidade deles no desenho.

— Você é muito boa nisso. Tally riu.

— Não precisa se mostrar assim tão surpreso.

— Desculpe-me. Na verdade, eu não esperava nada mais do que uma simples paisagem.

— Ah, e esse foi o seu erro.

— Erro? Como assim?

— Há quanto tempo me conhece? A pergunta dela o fez recuar.

— Como assim?

— Há quanto tempo me conhece? — ela repetiu.

— Desde duas noites atrás.

Ela parou e flertou abertamente com Larken.

— Você me vê como uma mulher de idéias e talentos simples?

Xeque-mate! Ele riu.

— É que seu talento para o desenho é expressivo. Você capturou a aparência da srta. Mary exatamente como ela é. Um talento raro o que possui, srta. Langley.

Seus olhares se encontraram, e ele não estava agora pensando na habilidade dela com o lápis de carvão, mas como o beijo dela o inflamava. Um talento por si só.

Um de muitos, ele gostaria de acrescentar.

Tally pareceu satisfeita com o elogio.

— Você soa como meu pai. Quando ele percebeu como eu era boa em capturar a aparência das pessoas, passou a me mandar desenhar todas as pessoas que encontrávamos.

— Estou surpreso que seu pai nunca a tenha recrutado para o serviço diplomático — ele disse.

Tally riu.

— Temo que meus talentos sejam conhecidos faz muito tempo. Ouso dizer que minha chefe não me permitiria ir cuidar dos interesses do rei e do país. Ela acredita que haja assuntos mais importantes para eu me encarregar aqui.

— Sua chefe? Tally riu novamente.

— Sim, minha irmã. A duquesa descobriu minhas habilidades anos atrás, quando estávamos na escola em Bath para sermos mais exatos. Desde então, tem me mantido ocupada desenhando os homens solteiros para o seu diário, as *Crônicas*.

Tally virou a página de seu caderno.

— Este foi meu primeiro trabalho. Lorde John Tremont.

— Cristo! — Larken resmungou antes que pudesse evitar. Tally havia desenhado o notório Jack, o Louco, com incrível precisão.

— Sim, eu supus que você conheceria mesmo este senhor. — Ora, que agente secreto não saberia quem era lorde Jack ou não tinha passado por sua propriedade perto de Hastings a caminho dos navios de contrabando que ele conseguia fazer passar para a

França e além dela?

Navios que tinham incluído o infame *Circe* de Dashwell?

Larken deu um passo para trás, o chão agora não tão firme como se ela tivesse puxado o tapete de baixo dele. Ali ela ganhara um ponto. Deixara claro que sabia exatamente quem ele era, e continuou a folhear o caderno como se não tivesse qualquer importância que ele não fosse o primo do duque e sim um espião mandado para descobrir os segredos dela.

Não, não havia nada de simples em Tally Langley.

Já que seu disfarce nunca fora descoberto antes, ele tentou encontrar alguma coisa para dizer. Mas continuou com o olhar preso aos desenhos enquanto ela virava as páginas.

Desenhos de Brutus, lady Philippa, a duquesa, uma velha senhora tricotando, mesmo a srta. Browne, apesar de que ele se esforçou para ignorar os chifres que surgiam da cabeça da jovem e o rabo que aparecia nas costas do vestido dela.

— Como consegue fazer isso? — ele disse, rindo do desenho. A srta. Browne parecia até mais jovial com os chifres.

— Fazer o quê? — Tally perguntou, abaixando o olhar para o desenho.

— Dar vida a alguém? Ela deu de ombros.

— Papai sempre dizia que era porque eu via as pessoas de forma diferente.

— Diferente? Como assim?

Tally ficou em silêncio por alguns instantes, como se não soubesse como explicar.

— Não vejo apenas a pessoa por fora, mas dentro do coração, também. Capturo a verdadeira essência, como a babá Rana costumava dizer. — Ela continuou folheando o caderno.

— Pare — ele pediu, apontando para um desenho.

— Pensei que pudesse reconhecê-lo — ela disse.

— Dashwell — Larken murmurou.

— Sim, Dash. Eu o desenhei no inverno passado, se quiser saber. Antes que ele fosse pego — ela disse como se a prisão tivesse sido algo de muito errado.

Larken gostaria de lembrar a ela que Dashwell sempre tinha sido um homem procurado. Ajudá-lo no baile dos Setchfield podia ser considerada uma traição como a de quando libertara o pirata de Marshalsea. Estava para lhe perguntar qual papel ela havia desempenhado no ato, se a mulher ou a coqueira, mas se conteve.

— Difícilmente o temido demônio como todos os vêem, não diria? Já foi seu amigo, pelo que me disseram — ela observou.

Para consternação de Larken, ela capturara a verdadeira essência de Dashwell, o brilho dos olhos, o queixo quadrado que o fazia parecer mais como um bom sujeito do que como o maior inimigo da Inglaterra.

— Não é um assunto para eu decidir agora — ele disse, voltando ao seu papel de sr. Ryder. Por vezes, isso era útil. Mudando novamente de assunto, ele apontou em direção a lady Philippa, que estava debaixo de uma árvore com lorde Gossett. A prima de Tally parecia estar se distraindo bastante com o visconde, que fazia de tudo para agradá-la.

— Sua prima parece feliz.

— Ela sempre fica feliz no campo.

— E você?

Tally franziu o nariz.

— Não, eu amo a vida da cidade. Mais pessoas, mais distrações. Lugares a explorar. — Ela suspirou. — Quando as guerras terminarem, pretendo voltar a Paris, Viena e Nápoles e ver todas essas cidades de novo.

— Sozinha? — Tally viajando pelo continente por conta própria? Nunca! Não se ele tivesse alguma coisa a dizer a respeito.

Mas este era o ponto. Ele não tinha. Não teria. Nem mesmo estar ali naquele momento, rodeando-a como aquele sujeito idiota que estivera antes dele.

Tally deu de ombros, não respondendo a pergunta dele. Virou mais algumas páginas, estando quase no fim de sua coleção, quando um desenho chamou a atenção de Larken.

— Aquele...

— Este? — ela perguntou, apontando para o desenho de Brutos.

— Não, o outro, o da mulher.

— Este? — ela perguntou, voltando a página. — Você a conhece?

— Creio que não — ele respondeu imediatamente, até que olhou a página de novo, a imagem que surgia em seus sonhos como um fantasma ali diante dele. — Bom Deus. — *Aurora*? Podia bem ser ela. — Talvez eu conheça — ele admitiu. — Quem, é ela?

— Não tenho a menor idéia — Tally disse, abaixando a cabeça para observar melhor o desenho. — Eu a vi dias atrás na entrada de uma hospedaria quando faziam a troca de cavalos da carruagem. Pensei que ela tinha um ar interessante. Mas não consegui captar muito bem a sua expressão...

— A sobrancelha — ele sugeriu. — A sobrancelha deveria ser mais pronunciada. — Ele olhou para as outras damas.

— Como a da srta. Browne?

Tally olhou a jovem e voltou sua atenção ao desenho.

— Ora, é isso mesmo. — Pegou a borracha, apagou as linhas e trabalhou para desenhar as certas.

Quando terminou, levantou o olhar para Larken.

— Tem certeza de que não a conhece.

— Não conheço. — Ele tentou parecer convincente, mas dentro de sua cabeça acontecia uma discussão.

Mas você a conhece. Esta é ela.

Em Sussex? Em uma hospedaria? O que ela estaria fazendo ali?

Você não está considerando os fatos...

Esta última voz soou exatamente como a do pai dele. O velho sempre queria pesar tudo antes de chegar a uma conclusão. Mas novamente, a hesitação dele lhe havia custado à vida.

— Não, não tenho a mais vaga noção de quem ela seja — ele repetiu.

Tally suspirou e observou de novo o desenho.

— Você sabe, agora que estou pensando nisso, acho que seja dela o baú que me entregaram. Ela parece ser mais do tipo que usa aqueles sapatos do que eu, não concorda?

Larken riu. Na verdade gostava de ver Tally usando aqueles sapatos, mas não seria ele a lhe dizer isso. Ela continuou a falar:

— A mulher chegou ao posto de troca de cavalos justamente quando Felicity tinha toda a bagagem posta na frente da hospedaria. — Tally parou por um momento. — Oh! É isso! Deve ser! Não sei por que não percebi antes. — Ela sorriu para Larken. — Creio que você tenha desvendado um mistério.

Larken sentiu um arrepio na espinha, como se pressentisse que isso estivesse ligado ao caso inteiro.

Ligado a uma história de bagagens perdidas e viajantes viúvas? Agora ele estava mesmo ficando louco.

Exatamente como é loucura ficar aqui, cortejando uma mulher que não pode ter.

— Tally, sobre a noite passada...

— Acho que será melhor se nós não... — ela disse, sem sequer afastar o olhar de seu trabalho.

— Mas me sinto compelido, a honra exige...

Tally parou de desenhar e olhou para Larken.

— Honra? Se tivesse alguma honra, milorde, não estaria aqui.

Capítulo XIV

Geofrey, Barão Larken

(Addendum, datado de 12 de maio de 1814)

Ele estava com seu pai quando o homem foi assassinado em Paris durante a Paz em 1801. Lembro-me disso porque papai foi encarregado pela corte de contratar uma escolta para trazê-lo e o corpo do pai de volta à Inglaterra. Nessa ocasião, houve rumores sobre a associação de lorde Larken com os franceses, e alguns desses rumores continuam até hoje manchando a reputação de seu filho. Hollindrake afirma que Larken serviu ao rei admiravelmente e com honra. Mas infelizmente, a guerra perturbou-lhe o espírito e hoje ele é um jovem amargo, perdido em seus pesadelos de um passado que não pode esquecer e perdoar...

— *Crônicas dos Solteiros.*

Tally sabia estar mergulhando em águas turvas e perigosas no momento em que questionara a honra de Larken. Não tinha ela acabado de ler o texto que Felicity escrevera sobre o barão em seu diário? E agora ela se colocava no mesmo plano que as mexeriqueiras como a srta. Browne e sua detestável mãe.

Mas o que poderia fazer? Ele parecia bem intencionado quando começara a...

Ela estremeceu, porque era uma idéia impossível até de ser pensada. Será que ele estava disposto a fazer a coisa certa e pedi-la em casamento?

— Srta. Langley, eu não entendo o que quer dizer com isso, especialmente quando as circunstâncias nos exigem que nós...

— *Sr. Ryder* — ela sussurrou, colocando toda a ênfase no nome falso — não tenho a menor idéia do que esteja falando, porque não temos nenhuma circunstância...

Deus! Ele estava mesmo pretendendo se casar com ela. Era louco?

Bem, Tally reconhecia que ela era... e por um momento impetuoso chegou a considerar aceitar o pedido antes que Larken descobrisse a verdade sobre ela.

E se Dash escapar esta noite... se ele enganar seus perseguidores e conseguir voltar ao seu navio... e se não houver conexão alguma comigo e com Pippin, então... Isso seria possível?

Não. Ela não podia continuar a enganá-lo assim. Já o drogara na noite anterior, e quem poderia afirmar que o ato de amor impulsivo, assim como sua aparente proposta de agora, não eram apenas reações ao pozinho que ela colocara no bule de chá?

Encarou corajosamente aqueles olhos escuros e desejou não tê-lo feito. Eles queimavam com uma furiosa luz, e a culpa a atingiu da cabeça aos pés.

Já não bastava o que a história da srta. Browne havia causado em Pippin e Dash. E mesmo que fosse a infame palavra da moça contra a de Dash, Pippin estava furiosa com o capitão por causa de seus galanteios. E Dash? Sendo teimoso e orgulhoso, ele se recusara a negar qualquer atitude dele.

E agora o sr. Ryder, não, Larken, estava a um milímetro de pedi-la em casamento, e ela questionava a honra dele e o mandava embora. Aquele tipo de homem com quem ela sonhara a vida inteira?

Tudo era uma tremenda confusão.

— Tally, não sabe o que a noite passada significou?

Ela sabia muito bem o que significara para ela. Descobrira um mundo de inacreditáveis paixões nos braços desse homem. Como poderia lhe revelar que, naquelas poucas horas, havia se apaixonado por ele?

Estava apaixonada pelo homem que a irmã descrevera como sombrio. E como não seria, quando aquele horrível Serviço de Inteligência lhe pedira tanto? Haviám-no encarregado de matar um amigo. Que espécie de honra haveria nisso?

Como tal ato não destruiria verdadeiramente a alma de um homem?

Tally, que amava a beleza, amava a vida quando ela era brilhante e cheia de alegrias, olhou para Larken e ficou imaginando o que ele tinha visto... e feito... e se havia um modo de livrá-lo ainda dos pesadelos, dar a ele novas memórias para afastar a escuridão que toldava suas feições e lhe torturava o sono.

Sim, como ela poderia ajudá-lo, quando precisava ainda detê-lo? Enganá-lo?

— Não entendo ao que se refere — ela disse, voltando o olhar aos seus desenhos. — A noite passada? Ora, não aconteceu nada na noite passada. Dificilmente existe algo a mencionar.

Não a não ser que queira ver meu coração partido...

— Então tudo bem — ele murmurou, respirando fundo e voltando seu olhar para os outros convidados. — Sua prima parece bastante feliz. — Indicou Pippin e lorde Gosset. — Pensei que tivesse dito que ela era apaixonada por outra pessoa...

— As circunstâncias mudam — Tally se apressou a dizer. Como acontecera no primeiro momento em que vira Larken. — Creio que lorde Gossett pode dar ao coração de Pippin um novo rumo, agora que ela sabe que seu destino não pode seguir um outro.

Larken voltou toda a sua atenção a Tally.

— Mas como uma mulher pode amar alguém que está perdido para ela? Bem fora de seu alcance? — ela murmurou.

Não havia como dizer a sua mentira com mais franquesa, a não ser que dissesse: *Milorde, Dashwell partiu. E não há nada que o senhor possa fazer quanto a isso.*

— Minha prima herdou uma natureza bastante prática — Tally acrescentou. *Bem mais prática que a minha*, gostaria de dizer também, caso se sentisse inclinada. — E assim consegue ver as vantagens de lorde Gossett mais claramente que as damas inclinadas demais ao romantismo. Dado o seu anterior envolvimento, como poderíamos chamá-lo, e isso a um homem de natureza menos honrada, Pippin terminará chegando a uma nova conclusão do que o amor significa.

Ambos voltaram o a olhar para o casal, vendo o visconde e Pippin rirem enquanto ele fazia truques de mágica.

— Obviamente lorde Gossett gosta dela — Tally disse, forçando um sorriso. — E com o tempo... bem, posso imaginar que se lorde Gossett for tudo o que dizem dele, Pippin acabará se decidindo. Pelo melhor, segundo minha irmã.

— E você? Também considera que colocar o seu coração em segundo plano também é o melhor a fazer? Não creio que isso lhe seja assim tão fácil. — Ele parou, esperando que Tally o desmentisse, que confessasse como se sentia. E quando ela continuou em silêncio, ele balançou a cabeça. — Mas então, talvez já o tenha feito.

Tally fechou os olhos, mas não precisava ter feito isso. Ele se virara e fora embora. O som de seus passos firmes e pesados parecia ir direto ao coração dela. Procurou manter os olhos fechados, para não revelar as suas lágrimas e porque sabia que se os abrisse, procuraria por ele.

Chame-o de volta. Confesse tudo. Dê-lhe as respostas que ele deseja ouvir.

Preciso fazer isto, não entende, milorde? Por causa de Pippin.

E por sua causa também. Porque não pode querer uma esposa traidora, quando tem trabalhado tanto para redimir a honra de sua família. E o que faria ao seu coração se chegasse a matar um amigo?

Para seu horror, lorde Norridge voltou cheio de desculpas.

— Lamento muito, srta. Langley, mas não consegui encontrar a sua caixa de desenho. — Ele parou por um momento. — Mas ela está aí, aos seus pés.

Tally olhou para a caixa e então para a figura que desaparecia dentro da casa.

— Oh, lamento tanto, milorde. Que idiota eu sou.

Mas ela não estava dizendo isso em benefício de lorde Norridge.

Sentada em uma confortável cadeira, tia Minty pegou o seu tricô, maravilhando-se com a rara sorte que a trouxera para esta confortável existência em sua senilidade, depois de passar a maior parte de sua vida como a mais ativa das assaltantes de Londres.

Aramintha Follifoot era de certa forma uma lenda nos bairros pobres de Londres, como Seven Dials. Tinha provavelmente visto mais diamantes e esmeraldas e pedras preciosas passarem por suas mãos do que uma rainha.

Oh, vivera bem, amara uma vez, casara-se uma vez ou três, em uma ocasião tivera dois maridos ao mesmo tempo, mas isso por causa de um erro de um carrasco, porém o caso se resolvera quando um dos seus homens fora baleado ao roubar um cavalo.

O cavalo de um policial.

Não o mais brilhante dos sujeitos, o tal Mortie.

Contudo, Aramintha nunca tivera filhos, jamais realmente os quisera, até que se envolvera com as irmãs Langley e a gentil prima delas, lady Philippa. E com aquelas jovens cabeças duras, ela descobrira como era maravilhoso ter uma família.

E passara a considerar as três moças como se elas fossem de sua própria carne e sangue. Amava as três como se fossem feitas de ouro.

— Não são como o restante dessas moças que se intitulam dama disso e condessa daquilo — ela costumava dizer para a cozinheira, a srta. Hutchinson. — Essas aí não se comparam com os meus diamantes.

E os diamantes dela eram o alegre trio, e se elas queriam encontrar maridos e perseguir seus estranhos sonhos, então Aramintha faria de tudo que estivesse ao seu alcance para que elas tivessem seus desejos satisfeitos.

Ajudara Felicity a se casar com seu duque, não piscara um olho quando Pippin viera pedir sua ajuda e agora, quando a porta do enorme e arejado quarto se abriu, e uma pálida e chorosa Tally entrou, ela apenas deu um longo suspiro.

Então chegou a sua vez, criança, ela pensou enquanto olhava o rosto perturbado da garota.

— Tally, minha menina! É você? Venha se sentar comigo, criança, e me conte tudo.

Tally entrou e fechou a porta. Jogou-se então nos braços de Aramintha e começou a chorar.

— Ora, ora, Tally, minha criança, não deve chorar assim — Aramintha disse, colocando seus novelos de lã de lado. Meias eram sempre necessárias, mas podiam bem esperar quando uma de suas meninas precisava dela.

— Eu me meti em uma tremenda confusão — Tally confessou.

Minty suspirou, porque ouvira a mesma coisa de Pippin umas poucas horas antes. Jamais devia ter concordado em se manter longe das meninas, nem mesmo por uns poucos dias. Pois quando elas tinham seus corações partidos, Minty também sentia a mesma dor.

— Conte-me tudo — ela pediu com ternura. E Tally contou.

Entretanto quando ela terminou, Aramintha tinha apenas dois pensamentos.

Será que esse tal de lorde Larken não perdoaria Tally? Oh, se ele não perdoasse, ela lhe cortaria o sexo fora!

Alguém que duvidasse de que ela tinha coragem ou não para tal ato, que perguntasse sobre o que acontecera com seu segundo marido, Bertram Follifoot. O malandro continuara a olhar para outras mulheres mesmo depois de se casar com ela.

Pobre Bertie, era o que costumavam comentar os bêbados em Bertram. Tinha ido para o inferno usando o seu melhor terno, mas sem suas melhores partes.

E esse seria o destino desse lorde Larken se não perdoasse a sua querida menina.

Perderia as suas melhores partes, seria exatamente isso.

Parada junto ao espelho, a sra. Browne estava terminando de se arrumar quando a porta atrás dela se abriu.

— Sarah, querida, é você? Lembre-se de prestar particular atenção em lorde Grimston. Fiquei sabendo por fonte confiável que sua propriedade em Durham deixa este lugar aqui parecendo provinciano.

— Você sempre com esse seu apego a tudo que é caro, não é, Aveline? — veio a resposta.

A voz provocou um arrepio na espinha da sra. Browne.

— Aurora — ela murmurou. Colocou de lado sua escova e se virou lentamente. Afinal, nunca era bom fazer alguma coisa que alertasse a mulher que entrara.

A irmã dela. Vestida convincentemente como uma criada, ela enganaria qualquer um com seu disfarce. Menos a sra. Browne.

— Saia já daqui — a matrona disse para a irmã. — Você me prometeu nem faz um mês que me deixaria em paz e agora aqui está você. Já me levou todo o dinheiro, Aurora. Não há mais ouro nem dinheiro que eu possa lhe dar. Não posso conseguir mais fundos até que esta guerra acabe.

— Aveline, Aveline, somos irmãs. O que mamãe diria se pudesse ouvi-la agora?

— Que eu traí a nossa família e as nossas tradições, mas eu não me importo. A rainha se foi perto de vinte anos atrás, Aurora. Não há mais razão para a Ordem ainda existir. Mesmo Josephine, pobre consorte que era, também se foi. A França que servimos não mais existe.

Ela voltou-se novamente para o espelho, a mente agora tomada por pensamentos tumultuados, mas não antes de notar o leve sorriso nos lábios da irmã. Um sorriso ferino que dizia que Aurora estava bastante confiante em algum terrível esquema que planejava, e estava obviamente determinada a obter sua ajuda.

Mais dinheiro, ouro e ajuda para sair da Inglaterra, provavelmente. Se fosse somente isso o que ela queria. Ficaria feliz em ver a irmã e o passado dela mandado para o mais longínquo recanto do mundo se isso significasse que nunca mais veria aquele brilho louco nos olhos dela.

— Aveline — Aurora murmurou —, é hora de pagar seu débito com a Ordem. E exatamente agora.

Aquelas frias e arrepiantes palavras levaram a sra. Brownie a se voltar, horrorizada. Havia somente um modo de pagar uma dívida com a Ordem: com a vida de alguém.

Aurora ria, divertida.

— Sua tola, não tenho a menor intenção de matar você... — As palavras deixavam, porém, uma leve dúvida no ar.

Não ainda. Não se você fizer exatamente o que eu lhe pedir.

Mas não era sempre assim com a Ordem? Nenhuma escapatória das obrigações, os deveres passando de mãe para filha através de todas as gerações que haviam vindo e ido desde que tinha sido fundada por Mary de Guise para proteger sua filha, Mary, rainha da França e da Escócia.

Houvera algumas pequenas mudanças nas alianças da Ordem com o passar dos séculos, mas sempre as rainhas da França e os interesses da França deviam ser protegidos.

E assim tinha sido com Aurora e Aveline, nascidas dentro de uma velha família francesa; a mãe delas ocupando papel relevante na Ordem.

Aveline havia se casado com um rico mercador americano, o sr. Browne, e mandada além mares para observar e reportar os acontecimentos que presenciasse no novo país, os Estados Unidos. Linda, a perigosa Aurora casara-se com um inglês, como muitas das mulheres que pertenciam à Ordem, para espionar o eterno inimigo da França.

Aurora jamais ficara satisfeita com a união, e um pouco antes da revolução, o marido dela morrera subitamente. E antes que alguém pudesse estranhar essa morte inesperada, Aurora havia voltado à França, desaparecendo no período do Terror, com a ajuda de seu amante inglês.

Todavia, o coração de Aveline nunca pertencera à Ordem. Ficara aliviada com a crescente desordem da França, pois isso a deixava livre em segurança e conforto em Boston. A revolução, o caos de vários regimes e a ascensão de Bonaparte havia dividido a Ordem, ou pelo menos era o que Aveline tinha pensado. Por algum tempo sequer soubera do destino da irmã.

Até que aconteceu a Paz em 1801, quando ela e o sr. Browne haviam ido a Paris para que o marido pudesse estender suas alianças comerciais. E então ela descobrira a irmã. Na verdade, tinha sido Aurora a descobri-la e a conduzido de volta aos assuntos da Ordem... ou melhor, aos casos de Aurora.

— Não tenho dívida alguma a pagar, porque a Ordem não existe mais! — Aveline exclamou. — Acabou antes que você percebesse. Não vou protegê-la agora.

Aurora sorriu e jogou sua carta final.

— E quanto à criança?

— Sarah? — a sra. Browne balbuciou. — Não pode estar querendo...

— Mas quero. Se não me ajudar, então eu a tomarei como pagamento.

A sra. Browne atravessou o quarto, não se importando mais com a própria vida. Pegou a irmã pelo braço, as unhas enterrando na pele branca.

— Se fizer alguma coisa contra ela, eu mato você. Aurora não piscou, apenas sorriu.

— Então ainda lhe restou um pedaço de coração. Isso é bom. Isso significa que vai me ajudar ou pegarei Sarah.

A sra. Browne largou a irmã, como se a pele de Aurora a queimasse.

— Se for ouro o que deseja, pegue o que restou em minha bolsa e se vá.

Novamente soou a risada de Aurora, agora amarga.

— Não preciso de seu dinheiro. Tenho isso em abundância.

— Mas você...

— Tirei dinheiro de você no ano passado? Mas é claro, você o ofereceu, pensando que isso a livraria e porque é uma tola. Na verdade, sou rica. Ficaria admirada se soubesse quem paga pelos serviços da Ordem hoje em dia. As guerras são vantajosas para os espiões e mercadores. Lucrativas e perigosas.

A sra. Browne levantou o olhar. Mercadores. Como o marido dela, cuja fortuna tinha sido adquirida equipando navios americanos e reequipando os navios ingleses capturados.

Ela sabia que a irmã não pensaria duas vezes em ter o Sr. Browne morto em algum infeliz incidente, o mesmo tipo de ato de violência que acontecera com quem cruzara o caminho de Aurora.

— Então vá lidar com seus espiões e me deixe em paz. Aurora caminhou até a janela.

— É exatamente isso que tenho em mente. Porque há um espião nesta casa. Lorde Larken.

A sra. Browne sacudiu a cabeça.

— Não há ninguém aqui com esse nome.

— Ele está aqui. Eu o tenho visto nos jardins. Sempre vestido de padre.

— O vigário? — Novamente ela sacudiu a cabeça. — Não, você está enganada. Aquele é o primo do duque, o sr. Ryder.

— Ele é lorde Larken. Dê uma boa olhada no homem. Talvez então se lembre do pai dele? Lembra-se dele, não é?

Anos e lembranças passaram pela mente da sra. Browne como uma tempestade de inverno, úmida e gelada. E subitamente ela se sentiu em Paris novamente.

E o nome a atordoou, dada a conexão que mantinha.

— Larken? — ela murmurou. *Oh, meu bom Deus. Não isto. Não agora.* Tentou não aparentar medo algum diante da irmã.

Mas era tarde demais. Aurora tinha visto o pânico nos olhos dela.

— Sim, sim. Não é irônico que o filho dele tenha vindo a este lugar? O destino sempre nos prega peças, não é?

— Ele está procurando por você? Aurora sacudiu a cabeça.

— Não. Ele nem imagina que eu esteja aqui. Veio por outra razão. A mesma que me trouxe. Dashwell.

Desta vez a sra. Browne se agarrou à guarda da cama e se sentou, porque sentia o chão lhe fugindo debaixo dos pés.

— Thomas Dashwell? Ele está aqui? Aurora acenou que sim.

— E você quer ajudá-lo? Desta vez o aceno foi negativo.

— Não, temo que Dashwell não tenha mais utilidade para nós. Se os ingleses tivessem feito a coisa certa logo no começo, ele já estaria morto. — Aurora praguejou em francês, depois continuou. — Se eles não tivessem passado os últimos seis meses

debatendo quem deveria enforcá-lo, eu poderia estar bem longe deste lugar horrórico. Eu quase o peguei em janeiro, antes que os ingleses o capturassem, mas ele escapou de mim.

— Por que se importa com Dashwell? Ele tem enganado os ingleses por anos, se posso dizer, e isso vai direto os seus interesses, Aurora.

— Foi por um tempo, mas ele sabe demais.

— Se for assim, quem garante que ele já não tenha falado o que sabe?

Aurora, sempre confiante, meneou a cabeça.

— Ele tem direito a receber de nossa parte uma grande quantia de dinheiro, e acredito que esteja esperando ser pago.

— O que você nunca fará — a sra. Browne murmurou. Homens eram úteis junto à Ordem, até que soubessem demais e comesçassem a insistir em serem pagos por seus serviços. Então o débito era *pago* do modo habitual da Ordem.

— Se ele for recapturado, poderia usar as informações que tem sobre nós...

— Para barganhar por sua vida — Aveline terminou. Ela não colocaria a mão no fogo, jurando que Dashwell não fizesse isso. — Como poder ter certeza de que ele está aqui?

— Ele está — Aurora respondeu. — Eu o tenho visto pela janela, apesar de que ele fez um bom trabalho quanto ao seu disfarce. Eles vão tirá-lo daqui nesta noite.

— Mais uma vez, não sei como pode ter tanta certeza...

— É o que eu faria. Tirá-lo daqui durante o baile. A sra. Browne sacudiu a cabeça.

— Mas eu dificilmente vejo o que isso tem a ver comigo.

— Aveline, não seja uma idiota. Dashwell sabe quem você é. Quem acha que pagou para ele trazê-la de volta à Inglaterra quando tentou voltar para casa?

— Foi você quem nos trouxe de volta? Durante a guerra?

Aurora sorriu.

— Sempre é bom ter a família por perto em tempos como esses. E meus instintos estavam certos. Preciso de você. Primeiro vai me ajudar a encontrar Dashwell. E então há a questão de meu baú.

— Seu o quê?

— Meu baú. Temo que o tenham trazido da hospedaria para cá por engano.

A sra. Browne sentiu-se como se estivesse mergulhando dentro de um poço muito fundo.

— Onde ele está?

— Creio que com a irmã da duquesa porque eu a vi usando o meu vestido preto em uma noite dessas.

— A srta. Langley está com o seu baú? — A sra. Browne pensou que sua garganta fosse se fechar. A srta. Thalia Langley tinha acesso aos pertences de Aurora? A mesma srta. Langley de que Sarah reclamara ser capaz de abrir fechaduras como o mais comum dos ladrões? — Aurora, o que há lá dentro?

Então a irmã disse uma única palavra que convenceu a sra. Browne de que ela não tinha escolha a não ser ajudar.

— Tudo.

Com o baile prestes a começar, Tally apressou os seus preparativos para a noite. Ela não conseguia se livrar da sensação de que algo daria errado naquela noite.

E sabia quem estava esperando, observando, pronto a se aproveitar de um erro dela...

Larken.

Se somente...

Prendendo o cabelo para trás com uma fita, suspirou profundamente e deu uma última olhadela para o espelho antes de forçar um sorriso nos lábios e se reunir aos demais na sala de visitas.

Pippin e Dash, ainda brigados por causa da história da srta. Browne, estavam sentados em lados opostos do quarto, cada um teimosamente ignorando o outro.

Dash usava o traje simples de criado que Tarleton lhe trouxera, e tia Minty havia lhe feito um penteado no estilo de um distinto valete. Dash havia, inclusive, se barbeado e parecia bastante respeitável. Ficava difícil imaginá-lo como um perigoso pirata.

Capitão de navio, Tally silenciosamente se corrigiu.

Tarleton estava parado junto ao fogo, conversando com tia Minty, resplandecente em um traje colorido, brilhante sob a luz do fogo. O pequenino homem poderia passar por um duque, e Tally sorriu às escondidas. Duvidava de que até Hollindrake estivesse assim tão ricamente vestido naquela noite.

Se não por outro motivo, a atenção que a aparência de Tarleton atrairia serviria de boa ajuda para afastar a atenção de alguém por Dash. Tornaria o homem procurado quase que invisível perto de seu suposto emplumado e colorido patrão.

Pippin usava um novo vestido também, um amarelo claro que se moldava ao seu corpo perfeito. Ela parecia uma frágil flor recém-desabrochada, e Tally podia ver, pela palidez do rosto de Pippin e seus olhares atentos, que ela igualmente não estava nada feliz naquela noite.

Como Tally fora a última a se reunir com os conspiradores, seguiu-se um estranho momento de silêncio, enquanto cada um procurava disfarçar e olhava para o outro lado, todos pesando suas chances de sucesso, assim como o custo que poderia resultar se os planos da noite dessem errado.

— Vamos, Circe, a hora chegou — Dash disse, suavemente. — Não vamos brigar mais. Arriscamos tanto... você arriscou tanto por mim, por nós, para nos deixarmos envolver por essa bobagem. — Ele parou por um momento. — Além do mais, eu te amo com todo o meu coração. A você e a ninguém mais.

Tally sentiu um arrepio ao ouvir a honesta confissão, porque as palavras de Dash eram nitidamente sinceras.

Ele amava Pippin. E naquele instante, ela compreendeu o quanto invejava a prima. Invejava Felicity e seu adorado duque.

Se somente ela...

Sacudiu a cabeça e se voltou quando Pippin, que não precisava de mais encorajamento do que a confissão de Dash, atravessou o quarto, seu lindo rosto novamente tomado pelo amor. Jogou-se nos braços do pirata e o beijo, tão íntimo e

faminto, levou todos os demais a afastarem o olhar enquanto o casal se despedia.

— Não quero que nos separemos — Pippin disse. — Tenho medo de que jamais nossos caminhos se cruzem novamente.

Dash riu, seus dedos acariciando os cachos de cabelos de Pippin.

— Não seja tola, minha querida menina. Claro que estaremos juntos de novo. E em data muito próxima, isso eu lhe prometo. Como poderia ser de outra forma entre nós dois?

Mesmo ouvindo as palavras de Dash, a sensação ruim que Tally vinha sentindo o dia inteiro pareceu ganhar mais força.

O destino parecia rir da confiança do pirata.

Não, isso não podia ser verdade. Todos eles haviam arriscado demais para que Dash e Pippin não ficassem juntos, ela sentiu vontade de gritar.

— Vamos, Pippin, é hora — ela disse, porém.

Pippin a seguiu com relutância até a porta, enquanto Tarleton expunha os seus planos uma última vez.

— Depois que vocês duas descerem, Dash e eu iremos ao meu quarto e esperamos que a entrada e a casa inteira fiquem cheias de gente. Eu tenho a minha carruagem esperando por nós perto dos velhos estábulos.

— Os velhos estábulos? — Pippin lançou um olhar a Dash. — Ninguém notaria se eu fosse até lá e nós poderíamos...

— Não, você não pode — ele interrompeu. — Além do mais, não acho que eu possa fazer isso mais de uma vez.

Não conseguirei me separar nem dizer adeus novamente.

Tally sabia que o coração dela estava partido por várias razões. Porque suspeitava, ou melhor, sabia que Larken era o homem certo para ela, seu verdadeiro amor, um amor tão formidável como aquele que havia entre Pippin e Dash.

Pegando Pippin pela mão, Tally a levou do quarto e elas desceram as escadas em silêncio. Quando chegaram ao último lance, o clima da casa repleta de convidados começou a envolvê-las.

Olhando para o foyer, Tally não se surpreendeu ao ver lorde Gossett lá ao pé da escada, esperando a chegada delas. Bem, esperando por Pippin.

Porém mais chocante, foi ver o homem no outro lado dos degraus.

Lorde Larken. Ela quase tropeçou em seus saltos de sapato quando o viu.

Ele parecia tão bonito em seu novo traje escuro, contrastando com o branco de sua camisa e a simplicidade de sua gravata. Larken não precisava de coletes coloridos, nem de enfeites para chamar a atenção. As feições perfeitas, a altura e o corpo musculoso já eram mais do que o suficiente.

Acrescido a isso, havia os cabelos negros, agora penteados para trás e presos por um laço, aqueles profundos e misteriosos olhos que eram capazes de fazer qualquer mulher demorar um segundo a mais com o olhar pousado nele.

Por um instante, Tally fantasiou o que poderia ocorrer se o cordão que amarrava os cabelos dele fosse desamarrado e a besta que havia no interior daquele homem fosse libertada.

Não precisa imaginar como seria... ela descobrira aquele prazer durante a noite inteira e se via agora querendo outra noite assim... e mais do que uma depois.

Quase tropeçou de novo e desta vez segurou-se no corrimão antes de dar um espetáculo ali, rolando pelas escadas.

— Tally, você está bem? — Pippin perguntou baixinho.

Ela afastou o olhar daquele homem fascinante, aquele que agora sorria para ela, o bastardo, e voltou-se para a prima.

— Sim, Pippin, estou bem.

Tally quase se sentiu culpada com esses seus pensamentos, quando sabia o que aquela noite significava para Pippin. E ali estava a prima preocupada com ela! Bem, como sempre.

— Tente sorrir — ela encorajou a prima. — Isso vai colocar alguma cor em seu rosto. Anda pálida demais ultimamente.

— Não consigo evitar — Pippin disse, esforçando-se ao máximo para sorrir.

O olhar de Tally voltou-se novamente para as escadas. Honestamente, não queria fazer isso, mas não conseguia evitar.

E lá estava ele a fitá-la como um lobo faminto.

— Tem certeza de que está bem? — Pippin insistiu. Tally endireitou o corpo.

— Nunca estive melhor — ela mentiu.

— Lorde Larken parece ter melhorado muito de aparência — Pippin observou.

Tally não olhou na direção dele. Estava tentando recuperar o controle sobre suas emoções.

— Não se refere a ele como sr. Ryder? Pippin lançou um olhar à prima.

— Prefiro-o como barão, você não?

— Não. — Outro passo e ela mudou de assunto. — E quanto à lorde Gossett? Penso que está um belo homem nesta noite, não acha?

Agora era a vez de Pippin se atrapalhar um pouco.

— Ele quase me faz desejar... Tally a interrompeu.

— Desejar o quê?

— Que eu o tivesse conhecido primeiro — Pippin confessou. — Então todos vocês não precisariam estar correndo riscos por minha causa.

Aquelas palavras chocaram Tally, e Pippin se apressou em corrigi-las.

— Não me entenda mal, Dash é meu amor, o meu coração, mas nesta tarde, no jardim... bem, por um momento, eu me descobri imaginando o que seria se tivesse conhecido lorde Gossett primeiro.

Tally conhecia aquele dilema.

— Oh, ele é tudo o que eu devia amar. É rico e bonito e muito charmoso. — Pippin suspirou, então voltou o olhar para Tally. — Mas ele não é um pirata.

Tally riu.

— Ousaria dizer que ele fará de tudo para conquistar o seu coração, Pippin.

A prima sorriu.

— Temo que seja o que ele queira mesmo fazer. E não gosto de usá-lo como uma distração para manter Felicity fora de meu caminho. Ele é bom demais para ser usado dessa maneira.

— Não acho que ele se importe — Tally disse, quando o visconde se aproximou para cumprimentá-las.

— Lady Philippa — lorde Gossett disse, inclinando-se e então pegando a mão da jovem. — Posso escoltá-la para o salão?

— Obrigada, milorde — ela disse, colocando-se ao lado dele e deixando Larken e Tally sozinhos.

Por que ele não partira? Tally pensava que a mentira dela tivesse sido suficientemente convincente para Larken acreditar que Dashwell já tivesse ido embora e não houvesse mais necessidade para ele ficar ali, mas obviamente o homem não acreditara nela.

E agora isso significava que ela precisaria passar algumas outras horas procurando não deixar que ele descobrisse a verdade.

Quando Larken pegou a mão dela, o calor de seus dedos roçando nas luvas finas, Tally sentiu o despertar do desejo em seu corpo.

Procurando respirar melhor, tentou pensar em algum modo de se enganar, acreditando que não se importava com Larken.

Podia fazer isso. Podia mentir a si mesmo. Então ela encontrou os olhos cheios de paixão daquele homem fascinante e soube que aquela noite estava destinada a ser a mais longa e perigosa, pois não acreditava em si mesma mais do que ele acreditara nela.

Capítulo XV

Larken observou Tally descendo as escadas e sentiu uma reação com a qual não estava familiarizado. Oh, também sentia aquela atração sexual habitual quando a jovem estava por perto, mas agora era algo mais. Algo que seu coração desconhecia até então.

Como aquela mulher poderia parecer ainda mais bonita naquele instante do que quando estivera nos braços dele na noite anterior? Ao vê-la tropeçar no caminho, ruborizando a cada passo, ele tivera de refrear o desejo de subir as escadas correndo para ampará-la.

Ajudar o seu inimigo, aquela voz implacável em sua mente o lembrou.

E por mais que quisesse passar a noite espantando o inevitável bando de admiradores que estariam à volta da irmã da duquesa, ele precisava se assegurar de que ela estivesse bem fora de seu caminho até que terminasse a sua missão.

Certamente ela lhe dissera que seus serviços ali não eram mais necessários, sugerindo que Dashwell já tinha sido tirado da Mansão Hollydrake, mas ele não acreditara

nisso. Oh, sim, ele se distraía na noite anterior, mas os guardas e criados postados a uma distância discreta da casa, atentos a qualquer coisa de diferente, não haviam visto nada.

Isso significava que Dashwell ainda estava ali, e naquela noite, se seus instintos estivessem corretos, o americano iria aproveitar o caos e a confusão do baile para fugir.

E para terminar o seu trabalho, Larken precisava de Tally distraída. Na verdade, ele gostaria de repetir a noite anterior tendo a jovem em seus braços, mas esse cenário representava um perigo.

Para o coração dele.

Não, o melhor era vê-la cortejada durante toda a noite, assim não poderia escapar dali... E para que isso acontecesse de fato, ele começou a colocar seus planos em ação.

— Tally — ele murmurou, inclinando-se e tomando mão dela entre as suas.

Podia jurar que ela estremeceu quando seus dedos haviam se tocado, o que significava...

Nada, ele disse a si mesmo, enquanto a levava para dentro do salão.

— Não precisa segurar minha mão — ela murmurou, enquanto passavam pelo duque e pela duquesa. — Eu conheço muito bem o caminho.

— Ah, mas eu insisto. Depois de toda a sua bondosa consideração pelos meus interesses nos últimos dias, é o mínimo que posso fazer. Além do mais, tenho uma surpresa para você.

Tally lançou um olhar cheio de suspeitas para Larken, enquanto entravam no salão de baile. Larken parou subitamente, ela fazendo o mesmo de imediato.

— Ah, aqui está — ele disse, apontando para um ponto adiante.

Tally seguiu seu gesto, e Larken desejou que ela não estivesse de costas para assim poder ver a surpresa e a fúria nos olhos dela.

Pronto para pegar a mão dela estava lorde Norridge. E atrás dele, outros quatro cavalheiros e herdeiros prontos para terem sua chance de cortejar a adorável srta. Langley. Larken se curvou, para lhe murmurar algo no ouvido.

— Sei que estava um pouco ansiosa quanto a esta noite. Enfim, com a ideia de ter de dançar e tudo o mais, assim tomei a liberdade de encher o seu cartão de dança com o nome dos cinco dos mais desajeitados cavalheiros presentes.

Ela se voltou, e Larken pensou que teria de acrescentar o pugilismo às habilidades dela, pois a mão estava fechada como se fosse lhe dar um soco.

— Não precisa me agradecer, Tally. Foi o mínimo que podia fazer por você.

— Mas... mas... — ela começou a dizer, enquanto ele a entregava à lorde Norridge e o homem a conduzia para a pista de dança, graças à relutância de sua bela parceira.

Larken deixou o salão, pronto para terminar a sua missão. Nada o deteria agora, e ele queria se ver livre daquela loucura toda antes que a orquestra tocasse sua última nota.

A última nota. Ele parou por um momento, chocado por se encontrar desejando poder estar lá para ouvir o último refrão, e em seus braços estaria aquela jovem loira, com estrelas no olhar e beijos cheios de paixão. Embora ela fosse se desculpar por ter passado a noite inteira pisando nos pés dele.

Não, em vez disso, a última nota o encontraria bem distante dali. Com sangue nas

mãos, e a certeza de ser odiado para sempre por ela.

Mas não havia outra escolha disponível. Dashwell tinha de morrer, e Larken não desfrutaria jamais de uma existência comum como a que idiotas como Norridge e o restante deles teriam.

— Talvez — ele remungou baixinho, enquanto subia as escadas — eu seja um tolo.

* * *

A mão de Larken girou a maçaneta da porta, e ele respirou fundo enquanto abaixava o olhar para sua pistola na outra mão. Não tinha dúvida de que lady Philippa e Tally vinham escondendo Dashwell na suíte, e agora, com todos preocupados com o baile, era sua chance de terminar sua missão.

Parou por um instante. Capitão Dashwell. Espião. Inimigo de todos os navios mercantes e da Marinha Inglesa.

Dashwell não hesitaria em matá-lo, uma voz soou em sua mente. Além do mais, não é como se aquele homem não tivesse feito inimigos do Atlântico inteiro e outros mares além...

Droga, era como ter Pymm lhe murmurando no ouvido. Mas também podia imaginar o que Tally diria se estivesse ali.

Como é matar um homem desarmado? Dashwell não o mataria se você estivesse indefeso...

Larken quase podia vê-la diante dele, as mãos pousadas nos quadris.

É assassinato, pura e simplesmente!

E era. Mas também era a guerra. E ele tinha um dever a cumprir. Não importava que lhe custasse a alma.

Assim Larken abriu a porta e entrou na suíte, pistola armada e pronta para matar.

O corredor estava no escuro, assim como o quarto, mas havia algumas velas acesas sobre a mesa, e o suave crepitar da lenha na lareira.

Em uma enorme e confortável cadeira ao lado do fogo estava sentada uma velha senhora tricotando. E ao lado dela, em uma cesta, dormia Brutus.

— Shhh — a velha murmurou, nem levantando o olhar de seu trabalho. — Não sou responsável pelas suas botas se acordar este cachorro infernal. — Os dedos dela pararam, a lâ vermelha em volta deles, as maçãs do rosto rosadas debaixo de um chapéu bem branco. — Ah, eu sabia que poderia conhecê-lo nesta noite. Veio atrás dele, não é?

Tia Minty. Então ela era real. Larken estivera convencido de que era apenas um disfarce de Dashwell.

— Bem, não fique aí parado com a porta aberta. Não posso tomar friagem — ela reclamou. — Tem estado frio desde o inverno, e que inverno horrível tivemos, não é? Neve como eu não me lembrava mais. E o rio todo congelado. Isso esfriou demais o meu sangue. Oh, sim, e ainda tem de ser aquecido.

Honestamente ele estava chocado tanto pela silenciosa cena doméstica, como pela total falta de surpresa da velha em vê-lo ali. Mas isso somente o deteve por um momento. Então entrou e começou a dar uma busca nos quartos que se conectavam com a sala.

— Não vai achá-lo aqui. Ele se foi faz algum tempo — a velha disse.

Larken voltou à sala e observou tia Minty tricotando, os dedos se movendo com um ritmo quase hipnótico.

— Não acredito na senhora.

Ela deu de ombros como se concluísse que tinha coisas mais importantes a fazer do que discutir com ele. Então parou por um instante e o observou.

— Estou feliz que tenha aparecido. Tenho um assunto a discutir com o senhor.

— Comigo?

O tricô caiu em seu colo.

— Bem, eu não estaria aqui discutindo o assunto com essa besta, não acha? — ela disse, apontando para Brutus.

— Não tenho tempo para conversas. — Larken virou-se então para deixar o quarto.

— E o que vai fazer?

— Vou achá-lo — ele respondeu, a mão já na maçaneta da porta.

As agulhas entraram em ação de novo.

— Não quero lhe falar sobre ele, mas sobre a minha menina Tally.

Isso o deteve.

Tally.

— Isso é difícil. Impossível. Ela deu uma risada de deboche.

Bem, ele supunha que isso não fosse uma resposta. Mas não ia começar a discutir assuntos de seu coração e seus desejos com uma velha, não importava que ela parecesse à avó amada de alguém.

— Não tenho tempo... — ele começou a dizer, abrindo a porta.

— Se puder escutar, estive sentada aqui pensando em uma coisa que penso que o senhor poderia responder.

Agora Larken estava certo de que a velha senhora pretendia segurá-lo ali.

— Senhora, se pensa que pode me deter, eu...

Ela o interrompeu sem hesitar.

— Como o senhor pôde encontrar a bota da menina Tally lá fora nos jardins quando deveria estar dentro do baú dela? Estranho, não acha?

— Sim, sim, a bota — ele disse, dando uma olhada para o baú que estava em um canto da sala com uma bota solitária sobre ele.

Aquela que Brutus tinha arrancado da pessoa que estivera rondando o labirinto. E ele que quase se convencera de que era Dashwell naquela noite. Tinha presumido que fosse o capitão.

— Uma dama, eu tenho de imaginar que a usava antes que o cão a arrancasse dela.

Uma dama? Um arrepio percorreu a espinha de Larken. Nesse meio tempo, as agulhas de tricô batiam uma contra a outra.

Tia Minty continuou.

— Mas que tipo de dama poderia estar rondando os jardins no escuro da noite, usando as botas da menina Tally, eu lhe pergunto. Estive sentada aqui esperando pelo

senhor e pensando que soubesse a resposta.

Larken deu de ombros, mas agora não conseguia deixar de ter a pergunta perturbando sua mente. Sim, que tipo de dama faria isso?

Contudo, ele sabia muito bem quem eram as damas que se escondiam nas sombras.

E aparentemente, tia Minty sabia também.

— Agora, eu pergunto ao senhor, por que essa dama não arrastou o baú que não era dela até aqui e exigiu o seu de volta? Já pensou nisso, milorde?

Novamente ele sacudiu a cabeça, mas também fechou a porta e se apoiou nela, ouvindo a teoria da velha senhora, enquanto uma nuvem escura começava a se assentar em sua mente.

— Ouvi falar de tais mulheres quando vivia no Dials — ela contou. — O senhor sabe sobre isso, não é? — Ele concordou e tia Minty continuou a falar. — Bem, eu vivi em Dials uma boa parte de minha vida e vi muita coisa que não era para ser vista. Vi estranhos passando por aquelas ruas, porque era um lugar onde ninguém costumava fazer muitas perguntas. Não no Dials. Não se tivesse o ouro para silenciá-los.

Larken deixou a porta e se aproximou do baú, pegando a bota e a estudando, enquanto escutava tia Minty.

— Ocasionalmente havia uma dama que aparecia por ali. Sei que ela era uma dama, tanto como ela tentava esconder o fato. Francesas, aquelas eram. Não escondiam isso. E eram perigosas. Podiam cortar a garganta de um homem e ir embora tranquilas como um texugo do rio. — Ela parou e olhou diretamente nos olhos de Larken. — Ouviu falar disso, milorde?

— Dos texugos ou das misteriosas damas? Tia Minty riu.

— Posso ver porque minha criança Tally está apaixonada pelo senhor. Adora provocar, não é?

Larken parou para ouvir depois que ela dissera aquelas palavras.

...minha criança Tally está apaixonada pelo senhor...

— Ela está? De verdade? — ele perguntou.

Tia Minty enrolou a lã em volta dos dedos e começou a tricotar de novo.

— Então o senhor está me escutando.

— Cada palavra — ele disse.

— Sim, ela ama o senhor. Apaixonou-se no primeiro momento em que o conheceu. Sabia então que não era nada a não ser um lorde de Convent Garden.

Larken riu. E ele que pensara estar se saindo bem em seu disfarce como primo de Hollindrake. Mas, mesmo vendo o humor da situação e maravilhando-se com os instintos aguçados de Tally, não continuou a rir por muito tempo.

— Temo que a estima dela não esteja bem situada.

— Bobagem — tia Minty retrucou. — Mas o senhor vai cair em si logo, logo, posso apostar. Uma vez que pegue essa miserável que está com o baú de minha menina. Ela é quem representa um perigo para todos nós, enquanto estiver nos espionando e esperando como um gato para atacar.

— A senhora acredita que uma dessas damas francesas esteja atrás...

— Não falei de quem é que ela está atrás, mas sim que ela está por aqui. Marque minhas palavras.

Larken decidiu considerar a teoria da velha senhora, meramente por esporte, pelo menos foi o que tentou dizer a si mesmo. E, no entanto, havia muitas peças estranhas dando de encontro umas com as outras. Os sonhos dele com Aurora, na noite anterior, e o desenho que Tally fizera na hospedaria, a bota extraviada e o estranho no labirinto.

Entretanto, ele não tinha explicação para uma mulher que pertencia à Ordem do Lírio Negro estar por ali...

A voz interior voltou.

...não é como se aquele homem não tivesse feito inimigos do Atlântico inteiro e outros mares também...

Dashwell. A Ordem estava atrás de Dashwell. Justamente como ele estava. Porque era muito provável, dado ao apego de Dash por ouro, que ele tivesse ajudado ambos os lados por anos. Enchendo seus bolsos de ouro e para seu azar, sabendo coisas demais... A Ordem, com seu primeiro objetivo manter o mais completo segredo, provavelmente tinha mais do que razões para desejar que Dashwell desaparecesse... permanentemente.

Isso fazia sentido, ligava as peças todas, mas ainda não anulava todas as suas dúvidas.

— Como poder ter tanta certeza — Larken começou a dizer — que quem estiver com o baú da srta. Langley é uma dessas assassinas francesas?

— Porque eu dei uma boa espiada dentro daquele baú — a mulher disse, orgulhosamente, inclinando-se e enfiando a mão em sua cesta deovelos. De lá tirou algo que parecia uma bolsa pesada, com uma agilidade que surpreendeu Larken. O enorme choque veio quando ele pegou a bolsa. O peso era suficiente para até ele soltá-la. Ele sentiu um arrepio, então.

— Vá em frente, dê uma olhada — tia Minty sugeriu. — Convinceu-me quando as vi.

Ele puxou os cordões e tirou de dentro uma moeda dourada, uma de muitas, e se viu olhando para o perfil de Bonaparte.

— E isso não é tudo. Há suficiente ouro francês ali, escondido sob um fundo falso, para ver o nosso bom rei George assassinado.

A sra. Browne ficou parada no outro lado do foyer, desgostosa por estar sendo obrigada a participar dos planos de Aurora. A irmã era louca, sempre tinha sido, mas esta... tentativa de seqüestrar alguém que estava no baile do duque de Hollindrake, ora, isso era pior que loucura... era a mais profunda ruína.

Se ela fosse pega, o que aconteceria com Sarah? A sra. Browne apertou os lábios, mesmo quando seus dedos seguraram com força a pistola que escondia debaixo de seu elaborado traje.

Sarah, a querida Sarah. Ela merecia um bom casamento, e longe da Inglaterra. Aveline trataria disso agora.

O que estivera pensando ao trazer a filha para a Inglaterra? Deveria saber que Aurora apareceria quando tudo estivesse indo bem.

O sr. Browne tinha discordado dessa viagem, e fora a única vez que ela discutira com o marido. Ele, uma pessoa tão generosa, boa e tão bem de vida. Ela havia sido uma

tola. E uma vez que ajudasse Aurora, ela e Sarah tomariam o primeiro navio holandês que pudessem encontrar e voltariam para Boston nem que tivesse que navegar pelos mares da China.

Atrás dela, ouviu passos nas escadas, e levantou a cabeça.

Era o sr. Hartwell, o estranho primo de lady Philippa, se ela estivesse se lembrando corretamente. Olhou novamente. Ah, sim. O Sr. Hartwell e seu valete.

Ela teria dispensado os dois imediatamente, mas alguma coisa no olhar do criado lhe chamou a atenção.

Quando olhou novamente, arregalou os olhos. Apesar de o cabelo do valete estar cortado rente à cabeça e seu rosto barbeado, o homem ao lado do sr. Hartwell era sem margem de dúvida o tão procurado capitão Thomas Dashwell.

Até aquele momento ela estivera esperando que Aurora houvesse se enganado, mas Dashwell, de fato, estava ali. E ela gostava bastante daquele compatriota, sabia que seu marido e muitos dos amigos o consideravam um dos maiores heróis do país.

A parte dela no que certamente significaria a morte do capitão lhe revirou o estômago, contudo havia o futuro de Sarah a se considerar.

Quando eles saíram pela porta da frente, a sra. Browne os seguiu rapidamente e os abordou.

— Desculpe-me, sr. Hartwell, creio que o senhor derrubou alguma coisa — ela chamou, tentando levar sua voz a soar doce e sincera. Isso funcionou, uma vez que ambos os homens se voltaram e ela se moveu para frente, a pistola na mão.

— Minha querida sra. Browne — o homem reclamou. — O que significa isso?

— Devo pedir que os senhores tomem o caminho que contorna a casa — ela lhes disse. — Se fizerem exatamente o que estou pedindo, tudo terminará rapidamente. — Então ela olhou diretamente no olho de Dashwell. — Senhor, sei quem é, e se tentar alguma coisa, minha criada está nos observando da janela acima e ela gritará e isso trará aqui cada homem que estiver nesta casa. O senhor será enforcado antes do amanhecer.

Não que isso importe muito, ela pensou, sentindo-se horrível, enquanto acenava para que eles continuassem embaixo das sombras. *O senhor estará morto no momento em que Aurora o encontrar.*

E exatamente naquele instante, soou uma risada suave.

— *Três bien, Aveline.* Vejo que não perdeu o jeito. Dashwell estremeceu como se tivesse visto um fantasma.

— Aurora — ele balbuciou quando a dama saiu das sombras, vestida com um traje de montaria negro, uma pistola na mão.

— *Oui, mon chère.* Terminei por encontrá-lo. Deveria saber que você iria escapar da Inglaterra mais uma vez, mas não vai me achar disposta a aceitar isso.

— Se veio para me pagar — Dashwell disse com sua voz galante de sempre —, a hora é impecável. Preciso mesmo de seu ouro.

Aurora riu, um som capaz de provocar um arrepio na espinha da sra. Browne. Porque ela ouvira aquela risada vezes demais. Como quando a irmã matara o amante inglês em Paris.

— Dashwell, para onde você vai o dinheiro não tem serventia. — Aurora acenou para a irmã. — Vá buscar o que eu preciso de meu baú.

— Mas você disse que eu apenas deveria...

Aurora se voltou, apontando a pistola para ela.

— Vá, agora! Ou quando eu terminar com isto aqui, vou encontrar Sarah e levá-la comigo para onde ela deveria ter estado todos estes anos.

A sra. Browne se afastou, rezando a cada passo para que o baú estivesse exatamente onde Aurora pensava que estivesse e que o ouro escondido dentro não tivesse sido descoberto.

Se eu falhar, ela pensou, desesperada, encontrarei Sarah e estaremos longe daqui, antes que Aurora tenha tempo de nos pegar.

Mas aquele era um projeto sem qualquer sentido, porque não havia como escapar de Aurora. Não quando ela mantinha todas as cartas.

Larken entrou no salão de baile com apenas um pensamento. Encontrar Tally.

Enquanto descia as escadas, a idéia de que ela pudesse estar em perigo o precedera.

E se alguma coisa acontecesse com ela?

Isso era o suficiente para sentir-se meio louco.

Ele a amava. De alguma forma nos últimos dias, ele se apaixonara por essa jovem malquinha, traidora, impetuosa e romântica.

Quando ele confessara isso para tia Minty, fora como se estivesse livrando o coração de um peso que ele vinha carregando durante a vida inteira. Ele a amava. E não permitiria jamais que alguém lhe fizesse algum mal ou àqueles que ela amava.

— Com licença, com licença — ele disse, enquanto abria o seu caminho no salão cheio de convidados. — Preciso passar.

Não havia qualquer sinal de Tally.

Onde diabos ela se metera?

E então, como uma resposta a sua prece, ele a viu. O alívio foi imediatamente substituído pela sensação de culpa. Ela parecia estar se sentindo péssima ao lado de lorde Norridge, que lhe segurava a mão e sorria piscando para as outras moças por quem passava dançando.

Que cretino! Larken sabia que devia a Tally mais do que sinceras desculpas por tê-la obrigado a dançar duas vezes com aquele idiota.

Bem, ele faria o melhor possível e livraria Tally daquela situação. E ele o fez, empurrou a mão de Norridge, segurou-a pelo ombro e a tirou da pista, colocando-a no meio dos convidados.

Ficou imaginando quanto tempo Norridge levaria para perceber que estava dançando sozinho.

Tally, por sua vez, não viera facilmente, resistindo à atitude de Larken. Tentou se livrar da mão dele, e quando não conseguiu praguejou. Em russo.

— Largue-me ou começarei a gritar — ela ameaçou.

— Grite — ele disse —, e eu a coloco sobre o meu ombro e dou a cada homem presente neste salão uma boa visão de seus tornozelos como também de seu delicioso traseiro.

Tally arregalou os olhos e sua boca começou a formar um "Oh" como se ela estivesse prestes a levantar os mortos com suas reclamações, mas percebendo que ele tinha mesmo toda a intenção de cumprir a ameaça, não disse nada.

O que não o impediu de continuar arrastando-a pelo caminho.

Passaram por uma sala e depois por outra até que finalmente chegaram àquela onde ele se submetera a ser medido e avaliado pelo alfaiate.

Mesmo antes de parar, ele fez a sua exigência.

— Tem de me contar onde Dashwell está. Agora.

A resposta de Tally foi uma risada de deboche. Cruzou os braços no peito, voltou-se e o encarou com ousadia.

Então isso não ia ser fácil, Larken compreendeu. Tally não confiaria nele tão depressa quando era preciso.

— Você não entende — ele disse —, a vida de Dashwell está em perigo.

— Oh, eu diria a mesma coisa. Por causa de você, claro.

Ele recuou como se ela o tivesse atingido. E com um movimento rápido, ela aproveitou a chance para escapar, mas novamente ele a alcançou e segurou firme, desta vez pelos dois pulsos.

— Larken, largue-me. — As palavras dela soaram tão calmas que ele quase atendeu ao pedido.

Quase.

— Não até que me diga onde Dashwell está. Preciso saber.

Ela sacudiu a cabeça.

— Jamais. Inclinando-se, ele a encarou.

— Droga, isto não é um jogo, Tally. Não se trata daquela bobagem com Lady Perséfone.

Empertigando-se, ela o enfrentou.

— E nunca foi um jogo para mim, milorde.

Oh, Deus, isto não o levaria a lugar algum. Larken apelou para o tato, afrouxando o aperto das mãos e tentando sorrir.

— Tally, por favor. Eu lhe peço, diga-me onde ele está. Sua tia Minty disse...

— Tia Minty? O que você fez com ela?

— Nada!

— Então o que ela tem a ver com tudo isso?

Larken percebeu que a verdade não ia ajudar em nada a causa dele, contudo não queria que houvesse mentiras entre os dois. Isso os separaria.

— Eu estava em seu quarto agora há pouco...

— Em meu quarto? Procurando por Dashwell, presumo. As coisas iam de mal a pior.

— Sim — ele concedeu. — Se quer mesmo saber, foi isso. Eu estava em seu quarto para encontrar Dashwell.

— E se o tivesse encontrado, então o que teria feito? A pergunta pairou no ar.

Honestidade. Nenhuma mentira, ele disse a si mesmo.

— Eu o teria matado.

Tally conseguiu se livrar dos braços de Larken

— Assassinado, melhor dizendo. Larken acenou que sim.

— Então por que pensa que vou ajudá-lo a encontrar Dashwell quando tem a intenção de matá-lo? — Ela se afastou de Larken e se moveu para que houvesse uma cadeira entre os dois. — Como é que você consegue matar um amigo? É assim que age com aqueles que a quem ama? São facilmente dispensáveis e esquecidos em sua busca sem fim pela honra? Eu lhe pergunto, onde há honra no assassinato?

— Tally, me escute. Tudo mudou. Tem de acreditar em mim. Sua tia Minty acredita. Na verdade, foi ela quem me fez ver as coisas sob uma nova perspectiva. Há mais em risco do que a vida de Dashwell. Quando nós abrimos o baú...

— Você vasculhou os meus pertences?

Ah, esta era uma acusação das mais hipócritas.

— Exatamente como você vasculhou os meus?

— Aquilo foi diferente. Eu não minto sobre minha identidade nem intenções.

— Verdade? Sua irmã sabe por acaso quem você vinha mantendo lá em seu quarto?

Tally teve a decência de reconhecer sua falha.

— E posso afirmar que *as suas coisas* não são absolutamente suas, já que aquele baú pertence a uma mulher da Ordem do Lírio Negro.

Isso despertou a atenção de Tally.

— A Ordem do Lírio Negro? Você conhece essas mulheres? — Agora isso o surpreendia — Papai nos contava histórias sobre elas quando nos fazia dormir, mas jamais pensei que existissem de verdade...

— Ah, elas existem. E aquele baú pertence a uma dessas mulheres, e eu suspeito que ela esteja aqui pela mesma razão que eu. Encontrar Dashwell.

Tally abriu a boca em um enorme "Oh" novamente.

— Oh, Deus, não!

— Oh, sim. E se a Ordem está desesperada para encontrar Dashwell, talvez a informação que eles não querem que ele passe pode vir a ser valiosa para a Inglaterra.

— O suficiente para salvar a vida dele? Larken balançou a cabeça afirmativamente.

Por um segundo eles ficaram ali, parados, e Larken percebeu que Tally tentava tomar a sua decisão.

Se confiaria nele ou não.

Já que implorar não o levara a nada, ele deixou que sua natureza intempestiva falasse por si só. Pegou-a nos braços, antes que ela pudesse sequer ficar chocada.

— Larken! — ela murmurou, mas Larken a beijou apaixonadamente.

O desejo faminto encheu as veias dele, e por um segundo Larken ficou imaginando se este seria o melhor meio de persuasão, porque isso o estava deixando de joelhos moles.

A princípio Tally colocou as mãos contra o peito dele, porém quando Larken lhe entreabriu os lábios com sua língua, os dedos dela agarraram-no pela lapela, puxando-o para mais perto.

Era como mergulhar no paraíso e se o mundo inteiro não estivesse prestes a explodir à volta deles, ele a teria carregado para o sofá que havia ali na sala e feito amor com ela.

Então foi com relutância que ele pôs fim ao beijo.

— Você precisa confiar em mim.

Os olhos de Tally estavam tomados pela paixão, a respiração difícil. Tremia inteira, porque se sentia exatamente como ele.

Se fosse verdade, se ela o amava, então ele tinha de fazer uma coisa.

— Eu lhe dou minha palavra. Não matarei Dashwell.

Tally buscou a verdade nos olhos dele.

— Verdade?

— Sim, por favor, Tally, preciso saber... — Mas ele não terminou o pedido, pois sobre o ombro dela e lá fora sob o luar do jardim estava a resposta à sua pergunta. — Dashwell — ele murmurou e a largou, correndo até a janela.

Lá estava Thomas Dashwell ao lado do estranho primo de lady Philippa, e uma mulher...

— Aquela não é... — Tally começou a protestar ao seguir Larken e olhou para fora da janela. — Que diabos está a sra. Browne fazendo lá fora? — Então ela parou. — Aquela não é a sra. Browne, mas a mulher da hospedaria.

— Não é a sra. Browne? — ele repetiu, enquanto olhava para a mulher. — Qual é o caminho mais rápido para chegar até lá?

Tally sacudiu a cabeça.

— Não vou permitir que você...

— Tally, não seja tola. Não vou matar Dashwell. Dei-lhe minha palavra. — Ele parou por um instante. — Não posso fazer isso agora. Porque se fizesse, você jamais me perdoaria e eu não posso viver sem o seu perdão. — Larken respirou fundo e encontrou coragem para falar a verdade. — Sem seu amor.

Isso a surpreendeu. Por um terrível momento, Larken pensou que ela ia desmentir-lo. Mas o momento passou e ela acenou levemente para a porta.

— Vá até o fim do vestíbulo e então passe para o segundo salão. Há um par de portas francesas que o levarão para uma ala da casa perto dos velhos estábulos. Eu imagino que seja para lá que ela os está levando. — Tally apontou em direção à janela.

— Obrigado — ele disse, beijando-a rapidamente e seguindo para a porta. Antes de sair, voltou-se. — Encontre Hollindrake e conte-lhe o que aconteceu. Ele saberá o que fazer. — Larken abriu a porta, então parou de novo.

— E Tally?

— Sim?

Era impressão dele ou ela soava esperançosa.

— Eu te amo.

E então ele desapareceu antes que Tally pudesse lhe responder.

Capítulo XVI

Tally seguiu às pressas para o salão de baile e quase tropeçou ao primeiro passo.

— Malditos sapatos — ela resmungou, descalçando-os e jogando-os longe.

Apesar de Larken ter mandado que ela fosse direto a Hollindrake, nada na Terra a faria contar ao cunhado quem estivera debaixo do teto dele.

Não que ele já não saiba, a voz do bom senso lhe disse. Ignorando a voz, foi direto à única pessoa em quem confiava. A única pessoa que estava envolvida nisso tanto quanto ela. Pippin.

E a encontrou rapidamente, pois teve apenas que olhar sobre as cabeças de todos os cavalheiros para encontrar a figura alta e bonita de lorde Gossett. Foi abrindo caminho por entre os convidados, resmungando desculpas e tentando ignorar as reclamações e os comentários que chegara a ouvir.

— Pippin, oh, aí está você — ela disse, sem fôlego. — Oh, milorde, lamento, mas preciso roubá-la do senhor. Trata-se de uma espécie de emergência... um... eu... bem, isto é, preciso de Pippin porque... — Tally tentou encontrar uma desculpa, percebendo que o rosto da prima estava pálido. — Meus sapatos! — ela exclamou. — O salto quebrou e eu quero usar um par que Pippin possui, mas não consegui encontrá-lo sozinha. Querida, você poderia vir comigo?

Ela já havia colocado a mão em volta do braço de Pippin e a afastava de seu admirador, mal conseguindo ouvir lorde Gossett pedir a ela que voltasse logo.

— O que aconteceu? — Pippin quis saber assim que conseguiram sair dali.

— Não tenho certeza absoluta, mas alguém que parece ser a sra. Browne raptou Dash e o sr. Jones. Lorde Larken acredita que ela seja membro da Ordem do Lírio Negro, ou alguma coisa assim.

Pippin parou imediatamente.

— Você ficou louca?

Elas agora estavam no foyer, quando Tally deteve a prima e apontou para a escadaria que havia adiante.

— Olhe lá. O que está vendo?

— A sra. Browne. Isso dificilmente faz acreditar que ela... — O argumento de Pippin falhou quando ela viu exatamente para o que Tally estava apontando.

A pistola na mão da mulher.

— Oh, Deus! — Pippin gemeu enquanto a matrona desaparecia na escuridão. — Você acha que ela...

— Não sei — Tally disse, empurrando Pippin à frente, um plano se formando em sua cabeça. — Siga a sra. Browne. Exatamente como Felicity e eu lhe ensinamos como seguir alguém. Mantenha-se nas sombras e se encontrar um modo de detê-la, faça isso.

Pippin começou a se afastar, mas então parou.

— E o que você vai fazer?

— Vou salvá-los.

A prima concordou e começou a subir as escadas tão silenciosamente quanto um gato, e Tally já tinha contornado o escritório de Hollindrake quando deu de cara com a última pessoa que queria ver, bloqueando o seu caminho. Felicity.

— E onde você pensa que vai, Tally? — a irmã perguntou.

Larken tinha chegado aos jardins e encontrado o seu caminho além do labirinto e ao longo de um gramado que dava em direção aos velhos estábulos. Havia uma lanterna acesa pendurada em uma carruagem pronta para viajar, os cavalos já atados em seus lugares, mas não havia sinal de criado ou cocheiro.

Aquilo não parecia despertar a atenção de ninguém.

Na verdade não era para chamar a atenção mesmo, considerando o número de carruagens e criados ali na área.

Intimamente reconheceu que era um bom plano. Por que alguém estranharia uma carruagem deixar a casa mais cedo? Podia ser um barão das redondezas que houvesse bebido demais, uma dama que se sentira mal devido ao calor no salão de baile, um casal discutindo. Qualquer pessoa podia estar dentro da carruagem, e nenhum criado ia olhar duas vezes e se meter em assuntos que não lhe diziam respeito.

Mas este era exatamente o ponto. Não havia criados ali dentro, e Larken sabia que estava prestes a fazer uma descoberta. Aproximou-se mais e mais dos velhos estábulos, e então ouviu vozes.

— Aurora, seja razoável — Dash estava dizendo. — Esqueça as dívidas entre nós dois, somos amigos, aliados. Suspeito que tenha sido você a passar a informação para lady Philippa quanto ao meu enforcamento, não foi? Certamente não iria querer me ver livre para depois me jogar num túmulo, não é?

— Mas você se tornou dispensável, meu amor — a mulher murmurou com voz sedosa.

Larken estremeceu. A voz da mulher, exatamente as palavras vindo do passado para o presente.

Você se tornou dispensável...

Eram as mesmas palavras que aquela mulher usara antes de matar o pai dele. Isso já era suficiente para fazê-lo invadir o estábulo, arma na mão e matá-la. Aurora continuava a debochar de Dashwell, e suas revelações eram assombrantes.

O suficiente para detê-lo, pelo menos por um momento.

— Aurora, eu nunca trairia a sua confiança. Por quantos anos eu venho ajudando você?

— E sendo pago maravilhosamente bem.

— Pelos últimos dois anos? — Dash tentou se sentar direito. — Tudo o que tenho ouvido nesse tempo todo foram promessas. E mesmo assim a ajudei. Não trai você. Por

quê? Lealdade.

Aurora riu.

— Capitão, você venderia sua própria mãe para salvar o seu pescoço. Além do mais, não passei as informações sobre seu enforcamento à jovem dama inglesa para vê-lo fora da cadeia. Acreditava que ela se atrapalharia tanto que todos seriam mortos, antes que você tivesse oferecido alguma coisa para salvar o seu pescoço. Dar aos ingleses algo em troca de continuar vivo.

— Ah, mas minha querida Aurora, você superestima o seu valor. Acredite em mim, tentei vender os seus segredos e ninguém acreditou neles. Não queriam se envolver com velhos mitos. Não acreditam nem que vocês existam.

— Mentiroso. Dash deu de ombros.

— É a verdade. Os ingleses não se preocupam com você nem com sua Ordem. Temo que tenha se tornado uma relíquia de um outro tempo. Vocês não têm nem rainha para protegerem, somente um córsego para ajudar. E agora até ele está fora em Elba, não sendo nem mais um imperador. Dificilmente a causa nobre que uma vez vocês defenderam tão admiravelmente.

— Cale a boca! — ela gritou, o corpo inteiro tomado pela fúria. — Cale a boca! Não sabe nada sobre a minha causa. Nada, nada!

— Então por que me matar?

Larken teria rido da ousadia do capitão, mas tinha certeza de que ele corria risco de ser morto se não parasse com isso.

— Realmente, madame, como disse antes, creio que cometeu um engano — o sr. Hartwell começou. E foi interrompido por uma bala de pistola. Larken, então, ouviu o grunhido do homem que caiu no chão.

— Cristo! — Dash praguejou. — Aurora, não havia razão para matar o homem. Ele não tem nada a ver com isto aqui.

— Ele não tem nada a ver com ninguém agora — ela retrucou, o som de um segundo tiro ecoando no estábulo.

Larken já tinha ouvido o suficiente, e então preparou a pistola, pronto para atirar naquela maldita mulher. Levou o dedo ao gatilho e estava prestes a atirar, quando subitamente foi atingido na cabeça, um som horrível soando em seus ouvidos e estrelas surgindo diante de seus olhos.

Enquanto ele caía, virou-se e viu um homem enorme com uma pá na mão. Vestido com casaco e chapéu de cocheiro, era óbvio que apesar da lenda contar que as mulheres da Ordem trabalhavam sozinhas, Aurora tinha ajuda ali.

Ajuda que agora ria de maneira selvagem para ele, pronto para terminar o seu trabalho.

* * *

Felicity ficou parada com as mãos nos quadris e enfrentou a irmã.

— Onde pensa que está indo? — ela repetiu.

— Duquesa, temos um problema — Tally começou. — Uh, com meus sapatos — ela disse, apontando para o chão para mostrar a Felicity seus pés calçados apenas com meias. — Pippin vai me emprestar aquele seu par branco. Sabe qual, não é, aquele que

você insistiu que ela comprasse logo depois de seu casamento. — Sorriu, desejando esconder o pânico que se infiltrara em todos os seus ossos.

E pensou ter conseguido, quando Felicity fez um gesto de que concordava e se virava para voltar ao salão.

Tally soltou um suspiro de alívio. Mas era cedo demais para comemorar.

Felicity parou, voltou-se e olhou além do ombro da irmã.

— Isso não tem nada a ver com Dashwell estar lá em cima na suíte, tem?

Era como se as fundações da Mansão Hollindrake estivessem ruindo sob os seus pés. Tally deu um passo para trás e esbarrou na porta.

— Que tipo de bobagem está dizendo? — Ela conseguiu cair na risada.

Felicity deu um passo à frente e segurou a irmã pelo braço, fazendo-a entrar no quarto mais perto.

— O que está acontecendo? O sr. Jones não o tirou ainda, ou você arruinou tudo antes?

— Como você soube? — Tally perguntou. — Como soube que ele era o sr. Jones e não o sr. Hartwell?

Felicity revirou os olhos.

— O primo de Pippin tem setenta e quatro anos de idade, e eu sinceramente duvido de que ele estaria furtando a prataria como o sr. Jones fazia à noite passada durante o jantar. Bruno me contou que seu irmão Tarleton tinha uma aparência requintadíssima.

Tally estremeceu. O que Tarleton tinha na cabeça? Roubando a prata do duque! E durante o jantar! No entanto este era o problema agora.

— Antes disso, o que fez você suspeitar de alguma coisa?

— No momento em que tia Minty ficou doente. — Felicity suspirou. — Tia Minty jamais ficou doente um dia em toda a sua vida, e quando eu lhe perguntei o que estava acontecendo, ela me contou tudo.

— Mas... mas... — Tally tentou colocar as palavras juntas.

Nesse ínterim, Felicity levava as mãos para o alto e caminhava de um lado para o outro.

— Por que não a detive quando começou com esse seu esquema maluco? — Ela deu de ombros. — Porque eu sabia que Pippin estava determinada a libertar Dash. E eu podia acabar com tudo, mas temi que ela se envolvesse em alguma coisa mais grave. Pelo menos o seu plano tinha a aprovação da srta. Porter, assim, tive de presumir que havia alguma sanidade por detrás dessa loucura.

Tally concordou. Sem a ajuda de sua ex-professora, seu conhecimento das operações do Serviço Secreto através de seu casamento com lorde John Tremont, e com a força de Bruno, nada disso teria sido possível.

— Oh, Tally, não viu o risco em que estava nos colocando? Em como isso poderia arruinar Hollindrake?

— Eu sei — Ela reconheceu. — Eu me senti horrível, mas Pippin não podia fazer aquilo sozinha. E ela...

— Não ia deixar Dash na mão, sim, eu sei. — Felicity estendeu a mão e acariciou

Tally. — O que deu errado?

— Larken disse... — Tally começou. — Oh, o homem que você pensa ser o sr. Ryder é lorde Larken, mandado pelo...

— Sim, sim, pelo Serviço de Inteligência. Claro que sei, porque ele era... — Felicity se deteve por um momento. — Não importa isso. O que Larken disse?

Tally olhou para a irmã e tentou determinar o que Felicity tinha ainda para revelar, mas sacudiu a cabeça, e continuou, já que o tempo era curto.

— Ele disse que uma mulher que faz parte da Ordem do Lírio Negro tem nos seguido, e com a ajuda da sra. Browne raptou Dash e o sr. Jones. Ele foi agora até os velhos estabulos para detê-los, e me mandou aqui para arranjar ajuda.

— A sra. Browne? — Felicity franziu a testa. — O que ela tem a ver com tudo isso?

— Não tenho a menor idéia. Poderíamos perguntar a srta. Browne, porque lá está ela. — Tally apontou para a ex-colega de escola, que estava se exibindo a dois cavalheiros, tendo sua mão pousada no braço de Grimston. — Eu a avisei para não convidá-la.

— Eu estava imaginando quando você ia tocar nesse assunto — Felicity disse, voltando o olhar para o salão. — O que tem em mente?

— Estava para pegar a pistola de Hollindrake de sua gaveta e seguir Larken. Temo que ele esteja correndo perigo.

— Provavelmente está, se a Ordem do Lírio Negro estiver envolvida nisso. — Felicity sacudiu a cabeça. — Sempre soube quando papai dizia que elas eram apenas um mito que ele não estava dizendo a verdade. Acho que ele temia que se soubéssemos que elas existiam de fato, nós fugiríamos para nos unir ao grupo.

— E provavelmente ele estava certo — Tally observou.

— De fato. Agora você vai pegar a pistola, e eu chamarei a srta. Browne para nos ajudar.

— A srta. Browne? — Tally se surpreendeu. — Acha que seja sensato?

— Bem, se a mãe dela estiver envolvida, então poderemos usar a filha a nosso favor. — Felicity endireitou os ombros e se virou para ir fazer o que pretendia.

Tally a segurou pelo braço.

— Felicity, não está simplesmente usando isso como desculpa para se vingar por todas as vezes que a srta. Browne nos atormentou e exibiu sua riqueza nos humilhando, não é?

A irmã afastou a mão de Tally e alisou seu vestido fingindo-se distraída, enquanto um convidado passava por perto. Quando ele se afastou, Felicity balançou a cabeça.

— Tally, eu jamais faria uma coisa dessas.

Mas o sutil sorriso nos lábios de Felicity falava uma coisa bem diferente.

— Hollindrake — lorde Gossett disse, enquanto se aproximava do anfitrião. — O senhor notou uma coisa estranha?

O antigo major do Exército olhou em volta e sorriu como se não houvesse nada de errado.

— Que minha esposa, sua prima e sua irmã não estão aqui?

— Sim.

— Na verdade, minha esposa está logo ali. — Ele apontou para um ponto da sala.
— Parece que ela está raptando a srta. Browne e a tirando do baile.

— Pensa que esteja ocorrendo alguma coisa que nos foge à vista?

— Considerando que lorde Larken também não está aqui, então, sim — o duque disse.

— Larken?

— Sim. Ele veio aqui para encontrar Dashwell.

— Então toda essa conversa sobre a sua fuga... — Lorde Gossett parou subitamente a frase no meio. — Oh, Deus, eu esperava...

— Também eu, mas parece que ambos estamos bastante desapontados. Ou pior, em desgraça. — Hollindrake curvou-se educamente para uma matrona. — Eu apreciaria muito a sua discrição enquanto vou descobrir que problema minha esposa e suas parentas criaram debaixo de meu teto. Sei que você é o magistrado local, mas...

— Tem minha palavra quanto à minha discrição, mas somente se me deixar ajudar — o visconde disse com toda a sua franqueza.

O duque concordou, e os dois homens abriram seu caminho pelo salão tão depressa quanto possível.

Uma discussão despertou Larken do torpor em que se encontrava. No começo não conseguia se lembrar onde estava ou porque sua cabeça doía tanto. Pelo cheiro em volta, soube que não estava em sua casa em Londres depois de uma longa noite de farra.

Aspirou novamente, e desta vez o cheiro doce de sangue lhe encheu as narinas.

Ele estava sangrando, sabia disso, porque sua cabeça tinha aquela sensação de peso. Mas não era somente o seu sangue que ele cheirava, percebeu quando cautelosamente abriu os olhos e viu o sr. Hartwell caído por perto, o olhar parado como se fitasse o céu.

Larken não precisava examinar o ferimento do homem para saber que ele estava morto. Havia visto esse olhar em rostos de homens antes e sabia que eles olhavam em direção a uma luz que somente os mortos viam.

Ao lado dele, Dash estava amarrado como um ganso de Natal, e ali no outro lado do estábulo estava uma mulher.

Ela.

Subitamente a noite inteira lhe voltou à lembrança com perigosa clareza.

— Agora o que você pretende fazer, Aurora? — Dashwell estava dizendo naquele seu costumeiro tom provocador. — Vai matar Larken também? Ato pouco esportivo e que trará o Serviço Secreto inteiro atrás de sua cabeça.

Larken abriu os olhos cautelosamente, considerando a natureza do debate que acontecia ali.

— Se pensa que vai me assustar, Dashwell, com histórias do que os ingleses fazem quando capturam seus inimigos, eu e minhas colegas já os iludimos por três séculos. Esses pomposos idiotas em Londres jamais acreditam que podem ser superados por uma mulher.

— Bom argumento, Aurora — Dash concordou. — Mas não tem suas irmãs para protegê-la — ele disse suavemente, provocando-a. — Ninguém para servir de escudo.

Você é a última de sua espécie, e é triste saber que o dia que está chegando ao fim.

A mulher estremeceu como se estivesse prestes a esmurrar Dashwell por essa verdade, porém se conteve rapidamente.

— Ao fim? — ela debochou. — Eu vejo a situação de forma bem diferente. Eu tenho você à minha vista, e Larken como um refém. Quando meu criado voltar com a carruagem, nós sairemos daqui sem que ninguém perceba. Este era o plano, não era?

Dash balançou a cabeça concordando.

— E então quando estivermos a uma distância razoável, temo que você se tornará uma vítima de sua própria fama. Baleado enquanto tentava encontrar o seu verdadeiro amor. — Aurora parou de falar por um instante. — Só lamento que sua morte vai somente acrescentar esse clima de romantismo que envolve a sua pessoa. Dará um toque de trágico que você dificilmente merece.

Dash deu de ombros e então a encarou de frente.

— É pena que sua parte em minha morte se perderá na história, como sua sagrada Ordem será nada além do que pó.

Oh, excelente estratégia, Dashwell, Larken pensou. Provoque essa louca para que atire em você.

Não enquanto eu tiver ainda um sopro de vida em meu corpo, Larken pensou. Ele prometera a Tally que Dashwell viveria. E droga, o arrogante bastardo viveria, mesmo que ele tivesse de se sacrificar pela vida do amigo.

Com todo o esforço, conseguiu se levantar, as mãos atadas para trás. Nunca sua vida estivera antes sustentada por um fio tão tênue. Contudo, ele contava que não demoraria para Hollindrake e Temple chegarem.

— Não creio que fomos apresentados — ele conseguiu dizer, ajeitando-se na mesma posição que Dashwell. — Mas creio que tenha sido a vadia que matou o meu pai.

— Excelente, Larken! — Dash aplaudiu. — Com tais maneiras não é de se admirar que nem consiga que uma vadia preste atenção em você, quanto mais uma dama.

— Como se você notasse a diferença — Larken retrucou. Dash conseguiu parecer ofendido.

— Palavras bondosas vindas de um homem que apareceu aqui para me matar.

— Falhou em matá-lo, melhor dizendo.

— Ah, mas parece que esta querida dama pretende corrigir essa sua falha.

— Silêncio, vocês dois! — Aurora disse, aproximando-se da luz.

E pela primeira vez, Larken fitou nos olhos a mulher que vinha procurando por todos aqueles anos.

Ela ainda era extraordinariamente bonita, os cabelos negros como seu coração. E havia alguma coisa sobre o modo como sorria que parecia estranhamente familiar, como se ele já tivesse visto aqueles lábios antes... muito recentemente.

— Você puxou o seu pai — ela observou. — Que infelicidade que compartilhem do mesmo destino.

— Vejo você morta antes — Larken disse. — Vai pagar pelos seus crimes.

— Meu querido rapaz, você é ingênuo e tolo como seu pai era. Ele pensava poder me reformar, e você pensa que pode me deter. — Ela apontou-lhe a pistola. — Você está

a um mero fio de cabelo de ver seu pai de novo, assim não tente apressar esse encontro.

Mas a ameaça da mulher se perdeu quando a carruagem entrou no estábulo. Uma grande área havia sido originalmente reservada para que as carroças e carruagens pudessem entrar no estábulo e os cavalos tirados ali dentro mesmo.

O criado de Aurora estava sentado no banco do cocheiro, o chapéu cobrindo o rosto e o manto escondia todo o seu corpo.

Estaria Larken enganado, ou o homem parecia menor? E foi então que o homem tocou no chapéu e piscou para ele.

Tally! Ele olhou para Aurora para ver se ela tinha notado, mas a mulher estava ocupada demais abrindo a porta e apontando a pistola para Dash entrar na carruagem.

Larken aproveitou a oportunidade para olhar melhor. A primeira impressão era Tally estar no lugar do cocheiro, mas agora ele via que estivera muito enganado. Aquela que estava sentada no lugar do cocheiro não era Tally, mas sua irmã.

A duquesa?!

Então onde diabos estaria Tally? O coração de Larken estava prestes a se partir em dois. Todavia ele não deixou transparecer nada do que descobrira. E se Dash notara a troca, ele não deu sinal.

Larken lutou para se livrar das amarras, furioso com Hollindrake que tinha deixado a esposa enfrentar um perigo daqueles.

E então compreendeu o que realmente acontecera depois que deixara Tally. Ela não tinha ido procurar Hollindrake. Tinha ignorado as instruções dele completamente.

E qualquer que fosse o plano que tivesse em mente, isto estava colocando a vida dela e a da irmã em perigo.

Todos eles estavam em perigo.

Larken rangeu os dentes, ignorando como isso aumentava ainda mais a dor de cabeça. Quando saísse daquela encrenca, iria matar Tally.

Isso se Hollindrake não lhe passasse a perna e matasse a cunhada antes.

Então o seu pesadelo começou a se tornar real demais quando Aurora olhou para dentro da carruagem.

— Ora, ora, o que temos aqui? — ela disse encantada.

Hollindrake, Gosset e Temple estavam parados sob as sombras, observando quando alguém tirou um enorme casaco de um homem caído aos seus pés, pegou seu chapéu, e subiu animado na carruagem, pegando as rédeas e a levando direto pela abertura dos velhos estábulos.

— É quem eu penso que seja? — Temple perguntou. Hollindrake balançou a cabeça concordando.

— Sim. É Felicity. — O duque teria, gritado para sua esposa, passado-lhe um duro sermão se isso não alertasse que ela estava tentando enganar a todos.

— E temos agora outro quebra-cabeça — Temple disse, apontando para a casa de onde Pippin saía, caminhando pelo gramado, empurrando uma furiosa sra. Browne. Os protestos da matrona resultavam apenas em mais um empurrão com a pistola que estava nas mãos de Pippin.

Gosset saiu das sombras antes que Hollindrake ou Temple o pudessem detê-lo.

— Lady Philippa, a senhorita não passa daqui. O duque queria grunhir, mas o apaixonado visconde não tinha servido o seu país, nem na guerra nem no Serviço Secreto, e não tinha a experiência para agir com mais precaução.

Temple, porém, era outro assunto. Ele agiu rápido, puxando as duas mulheres para o canto, e então obrigou Gossett a se esconder também.

— Vossa Graça! — A sra. Browne disse, indignada. — A prima de sua esposa enlouqueceu.

Pippin riu.

— Tia Minty pegou-a roubando o seu ouro e os papéis de identificação do baú que Tally recebeu por engano. Ela está ajudando uma agente francesa a assassinar Dash.

— Eu jamais... — a sra. Browne começou a protestar, mas Hollindrake a fez parar de falar, cobrindo-lhe a boca com a mão, e então com a outra tirando a pistola de Pippin.

— Sra. Browne, eu gostaria que escutasse com muita atenção o que vou lhe falar. Sua filha está dentro de uma carruagem que minha esposa levou agora para dentro do estábulo.

Os olhos da mulher se arregalaram, olhando em direção onde o duque indicara. Balbuciou algumas palavras, duas delas muito claras.

— Oh, não!

— Quem a senhora está ajudando? — ele perguntou, e então tirou a mão da boca da sra. Browne para que ela falasse.

— Minha irmã.

Isso não fazia sentido, mas novamente, nem a pergunta que Temple faria.

— Madame, a sua irmã é membro da Ordem do Lírio Negro?

A sra. Browne olhou para o chão, e então acenou que sim.

— Maldição! — Temple passou as mãos pelos cabelos. — Larken tinha razão o tempo todo. Se ele ainda estiver vivo, nunca vai parar de jogar isso na minha cara e na de Pymm.

— As mulheres dessa Ordem — Gosset perguntou —, elas são perigosas?

— São assassinas — Temple respondeu. — Pelo menos é o que a lenda tem nos dito.

— A Ordem não é uma lenda! — a sra. Browne exclamou. Então suspirou e deu sua explicação. — Aurora é a última de nossa espécie e ela quer Dash morto para esconder qualquer conexão com ela. Disporá de seu corpo mais tarde, uma vez que se distancie daqui. Ela me chantageou obrigando-me a ajudá-la, depois me mandou pegar seu ouro e documentos que estavam no baú, mas os senhores têm de detê-la. Porque se ela tiver a minha Sarah, não vai deixá-la e nunca mais verei minha filha.

Hollindrake olhou para os estábulos e depois para Temple, que deu de ombros e moveu a cabeça naquela direção.

A mensagem era clara: *Hora de terminar com aquilo. Antes que fosse tarde demais.*

Larken gemeu quando Aurora puxou a sra. Browne de dentro da carruagem. As

mãos da jovem estavam atadas, assim como sua boca.

— Bem, esta é uma surpresa encantadora. Quem fez isso? — Aurora perguntou ao cocheiro.

O coração de Larken disparou, quando Felicity apenas acenou para a mulher com um gesto serviçal. *Para a senhora, milady*, o gesto dizia.

— Excelente trabalho — Aurora respondeu, mal dando atenção ao cocheiro, satisfeita agora com seu novo prêmio. Estava para tirar a mordaça que cobria a boca da mocinha, quando outra voz soou bem perto.

— Madame, está tudo terminado.

A francesa voltou-se como um gato na direção da voz, puxando a srta. Browne e colocando a pistola na cabeça da jovem. Moveu-se tão rapidamente que Larken se admirou desses instintos mortais da mulher, porque na verdade ela estava cercada, mas com uma inocente refém em suas mãos.

No outro lado do estábulo estavam Temple e Hollindrake, e entre eles, a pálida e perturbada sra. Browne.

Foi a matrona quem falou:

— Deixe Sarah ir. Por favor, Aurora, você não quer feri-la, eu sei disso. Deixe-a ir e sua vida será poupada. Eu tenho a palavra deles.

Tanto Temple como Hollindrake concordaram, e Larken sentiu-se remoer por dentro. Eles podiam ter concordado, mas ele certamente não descansaria enquanto aquela mulher não estivesse a caminho dos portões do inferno.

Diante dessa generosa oferta, Aurora apenas riu.

— Pensam que algum amor maternal por minha parte poderá salvá-la, Aveline? Não me importei com o que aconteceu com ela em Paris, por que me preocuparia agora?

Paris... A cabeça de Larken quase explodiu com as lembranças e a cacofania de imagens que elas traziam, a voz do pai aumentando a sua dor.

E quanto à criança...

Larken soube então. Aurora e o pai dele não se referiam a ele naquela noite, mas a outra criança. Ao filho deles dois.

Olhou para a assustada jovem que estava ali contra sua vontade, e viu o que lhe passara despercebido antes. A semelhança era assustadora. A srta. Browne tinha uma semelhança extraordinária com a imagem da avó dele, naquele quadro pendurado na sua casa em Londres, assim como se parecia com a mulher que a mantinha refém agora.

Ela era irmã dele. Meia-irmã.

— Não podem me deter — Aurora disse, recuando e puxando a srta. Browne com ela. — Não vou ser pega. Nunca!

Naquele momento, das sombras atrás dela surgiu alguém e o coração de Larken pareceu parar.

Tally.

Viva.

Mas que diabos ela estava pretendendo fazer?

Porque a jovem vinha com uma pá nas mãos, certamente para atingir a cabeça da distraída Aurora.

Todos pareciam estar segurando a respiração, cada um fazendo as suas preces para que Tally tivesse sucesso, mesmo que Aurora continuasse falando.

— Trezentos anos... Trezentos anos que temos obtido sucesso e continuaremos por mais trezentos — ela disse. — Tentem nos impedir.

E exatamente neste instante, Tally pisou em algo que estalou e o som ecoou em todo o estábulo. Ela olhou para o chão, em seguida para Larken, e havia um ar de desapontamento e desculpas em seu rosto.

Droga! Ele praguejou. *Quando esta mulher vai começar a olhar onde pisa?*

Aurora se voltou, a fúria em seus olhos e a pistola pronta a atirar.

Foi assim que um tiro soou, e o coração de Larken se partiu em dois.

Capítulo XVII

Tally olhou para seu peito, certa de que haveria ali uma mancha vermelha de sangue arruinando o seu vestido, mas não havia nada além do veludo negro.

Quando levantou o olhar, entendeu a razão. Aurora parecia balançar de um lado para o outro. Não mais segurava a srta. Browne, mas ainda estava de pé, a surpresa estampada em seus olhos enormes e escuros. A pistola tremia em sua mão e ela voltou a apontar para Tally, mas antes que pudesse atirar, caiu de rosto no chão.

A srta. Browne soltou um grito antes de correr e se atirar nos braços da mãe.

Sentada no banco do cocheiro, Felicity segurava uma pistola fumegante, um brilho perigoso no olhar.

Hollindrake correu para o lado da esposa.

— Você está ferida? Felicity sacudiu a cabeça.

— Ela está...

— Morta? — Hollindrake olhou para a forma imóvel caída no chão. — Está.

— Ela ia... Era a vida de Tally... Eu não tire escolha.

— Você salvou a sua irmã — ele disse, ajudando-a a descer da carruagem, apertando-a então nos braços.

— Eu a tinha na mira. — Ela lançou um olhar furtivo ao inimigo derrubado. — Sabia que tinha apenas uma chance.

— E fez o que devia fazer, duquesa — Temple acrescentou. — Seu pai teria orgulho da senhora. Sempre disse que devíamos recrutá-la...

— Jamais! — Hollindrake disse com voz de comando. Então se voltou para a esposa. — E você nem considere essa possibilidade!

Temple sorriu e voltou o olhar para a morta caída no chão.

— Não me faça esquecer, duquesa, de nunca trazer hóspedes indesejáveis em uma de suas festas.

Felicity sacudiu a cabeça para seu querido e velho amigo, e então deixou que seu marido a tirasse daquele cenário sombrio.

Nesse meio tempo, Tally largou a sua pá e correu para Larken, envolvendo o rosto dele em suas mãos, as lágrimas escorrendo pelo seu rosto.

— Pensei que eu o tivesse perdido — ela murmurou. Larken apontou para a pá.

— Então isso era para me enterrar? — ele brincou. Ela se sentou e soltou um suspiro irritado.

— Eu vinha em seu socorro.

— Um trabalho excelente — ele disse, enquanto ao lado dele, Temple ajudava Dash a se levantar. — Mas você poderia ter morrido.

— E você teria sido morto se eu não tivesse ajudado. — Tally buscou as mãos de Larken para livrá-lo das amarras. — Parece-me, lorde Larken, que precisa de alguém sensível de olho no senhor.

— E quem essa pessoa poderia ser?

Antes que ela pudesse responder, Pippin invadiu os estábulos, o olhar tomado pelo medo.

— Ouvi o tiro... — ela começou a dizer, os ombros relaxando de alívio ao ver Dash, inteiro e sem ferimento algum. Atrás dela estava Gossett, e ele a segurou pelo braço e obrigou-a a parar, impedindo-a de ir até Dash.

Mais uma vez, todos ficaram em silêncio por um instante. Só faltava uma coisa a fazer. Temple deu um passo à frente e ofereceu a Larken as algemas.

— Devo eu? — ele perguntou.

Tally olhou para ambos os homens, momentaneamente confusa por causa de suas expressões sombrias. O que havia de errado agora?

Larken sacudiu a cabeça, então começou a falar:

— Thomas Dashwell, pelo poder do rei, eu o prendo por ter cometido atos de pirataria e... — o grito angustiado de Pippin levou Larken a parar por somente um momento, mas ele continuou, sua voz sem tremer — assassinato, pelo que deverá ser enforcado...

Tally enfrentou-o, indignada.

— Você não pode fazer isso! Ele é seu amigo! — Ela apontou para Dash. — Você me prometeu que não o mataria.

— Amigo ou não, Tally, preciso fazer isto — ele disse, colocando-a de lado. — Não serei eu a dar cabo dele, mas... — Fitou-a, ansioso. — Não entende que preciso fazer isto?

— Não, não entendo — ela gritou, correndo para Pippin, que estava sendo amparada por Felicity.

As três mulheres então se afastaram juntas em direção a casa, com a sra. Browne e a filha as seguindo rapidamente.

Os homens as observaram saindo e somente então Dash falou:

— Não invejo nenhum de vocês — ele disse. — Posso vir a ser pendurado pelo

pescoço, mas ousei dizer que este é um destino bem melhor do que o que espera qualquer um de vocês três.

Na manhã seguinte, a Mansão Hollindrake estava tomada por um silêncio desagradável.

A prisão de Dash e a morte de Aurora e Tarleton haviam dado margem a uma onda de mexericos e todos deixaram a casa vazia mais depressa do que um incêndio, especialmente depois que se espalhou a notícia de que um dos convidados fora assassinado.

Pippin estava sentada sozinha na sala de sua suíte, Tally tendo desaparecido para sabe-se lá onde, e tia Minty havia saído dali já fazia algum tempo em busca da governanta para arranjar mais novelas de lã vermelha, seu trabalho manual tendo sido reassumido com ritmo frenético.

A porta da suíte se abriu e fechou, e Pippin supôs ser tia Minty que voltava, mas os passos firmes no assoalho lhe revelavam uma presença diferente.

Levantou o olhar, quase que esperando ver Dash parado ali. Mas não era ele.

No meio da sala estava o visconde Gossett.

E para surpresa de Pippin, ela percebeu que estava feliz em vê-lo. Levantou-se, lançou-lhe um olhar de acolhida e sentiu um arrepio deslizar por sua espinha.

— Sei que é inteiramente impróprio eu estar aqui — ele disse, passando os dedos nervosamente nos seus cabelos dourados —, mas há algo que preciso dizer a senhorita.

Pippin abriu a boca para dizer ela não sabia o quê, mas o visconde a deteve com suas palavras.

— Case-se comigo. — Não era uma ordem. Era uma afirmação, apenas.

Mais um pedido de um homem apaixonado. *Case-se comigo.*

Pippin estremeceu, procurando se equilibrar segurando no braço da cadeira.

— Eu... eu... eu... — ela murmurou, antes de respirar firme e procurar falar com coerência: — Você não deveria ter vindo aqui. E mais do que isso, eu não deveria tê-lo encorajado.

— Eu pensei que talvez...

Pippin não entendeu bem porque se apressou em fazer uma confissão.

— Milorde, se eu nunca houvesse conhecido Dash, e nós viéssemos para esta festa, eu poderia imaginar...

— Imaginar o quê? — ele disse rapidamente, atravessando a sala e ficando parado ao lado de Pippin. Colocou a mão sobre a dela e o calor de seus dedos era perturbador.

Ela sentia um frio na alma desde a prisão de Dash, e ali estava lorde Gossett lhe oferecendo um abrigo acolhedor. E nos olhos dele, Pippin viu o sentimento profundo que ele lhe dedicava.

— Mas isto é impossível — ela disse, puxando a mão. — Não agora.

— Eu sei, eu sei, esta é uma hora e lugar totalmente inapropriados. Mas se não for agora, quem sabe mais tarde?

Ela sacudiu a cabeça.

— Não. Eu tenho muita simpatia por você. — Mais do que ela deveria, Pippin reconheceu. Afinal, ela amava Dash. Vinha amando o homem desde seus dezesseis anos e seu coração pertencia ao pirata.

Mas havia muito em aberto agora. E se Dash fosse enforcado?

Pippin deu as costas ao visconde, as lágrimas invadindo os seus olhos.

— Muita simpatia? — lorde Gossett persistiu, aproximando-se e tomando-a nos braços, sem qualquer cerimônia. — Isso é muito promissor. Muita simpatia é bem mais do que muitos casais contam no começo. Case-se comigo, lady Philippa. *Pippin*.

Ela quase levantou o olhar quando ele disse o apelido dela com tanto carinho. A sinceridade do tom da voz do visconde, falando alguma coisa tão pura e honesta a comoveu. Tudo o que ela conseguiu fazer foi menear a cabeça novamente.

— Não posso.

— Por que não? — ele perguntou. — Eu lhe salvarei o nome, o bom nome de sua família, da desgraça.

Pippin respirou fundo. O pai dela havia sido um bêbado e jogador, e o irmão mais novo estava seguindo os passos do pai.

Mas Gossett não parecia se importar com nada disso.

— O casamento comigo colocará um fim em qualquer investigação ao seu envolvimento quanto à fuga dele de Marshalsea. Eu salvarei o seu pescoço.

— E quanto ao seu, milorde? — ela perguntou. — E quanto ao seu bom nome?

Gossett deu um passo para trás.

— O meu nome?

— Ele estaria arruinado. — Agora era a vez de Pippin salientar esse fato. Ela precisava. Tinha de fazer isto.

— Não vejo como meu nome poderia ser arruinado — ele disse, com toda a confiança alimentada por séculos de boa linhagem e confiança. Não era arrogância, mas a conscientização de saber quem ele era. Um homem honrado. — Casamento comigo apenas...

Ela o interrompeu.

— Pare. Por favor, eu lhe imploro, pare. Está tornando isto tão difícil para mim...

— Mas não é difícil — ele insistiu. — Não precisa ser. Não posso pensar no que lhe acontecerá se não estiver... — Ele parou por um instante. — Casada e protegida.

— Eu não preciso...

— Mas precisa sim, Philippa. Você precisa. Você e seu filho.

As mãos dela buscaram imediatamente a barriga que logo estaria sendo disfarçada pelas dobras de um vestido para esconder a gravidez.

— Como você...

— Por causa desse seu gesto — ele disse, apontando para as mãos dela que cobriam a barriga. — Fez isso na outra noite quando estava perturbada e eu soube então que carregava uma criança. — Ele respirou fundo, deixando a formalidade de lado. — Pippin, minha querida, Pippin, eu quero me casar com você, por sua causa e pela do bebê também.

Ela sacudiu a cabeça mais uma vez.

— Enquanto ele estiver naquela cela, sentenciado à forca, eu não posso...

Gossett a tomou nos braços. Era um gesto gentil e encorajador, mas as palavras dele deixaram Pippin completamente chocada.

— E se eu o libertar e o tirar a salvo da Inglaterra?

Larken tinha passado a melhor parte do dia fechado no escritório de Hollindrake e Temple, escrevendo relatórios e comparando anotações para assegurar que os nomes de Tally e lady Philippa estivessem fora da versão oficial e definitiva. Havia também providências que ele devia tomar em relação à Dash para que o homem pudesse voltar em segurança para Londres. Além de tentar desanuviar seu coração com a verdade.

De que ele não faria o que Pymm lhe havia ordenado. Mesmo que isso significasse que ele teria fracassado em sua missão.

No entanto, à luz do dia, o fracasso tomava mais ares de um recomeço de vida, uma diferente daquela que o rei e o dever haviam exigido dele.

E agora, enquanto a tarde caía e o jantar se aproximava, ele tinha uma última coisa a fazer. Encontrar Tally. E quando o fizesse, então ele...

Que diabos vai dizer a ela, Larken, quando a encontrar?

Havia tantas razões para procurar a jovem e lhe implorar o seu perdão, implorar para que passasse o resto de sua vida ao lado dele. Mas havia também enormes obstáculos que se erguiam entre os dois, obstáculos que terminavam por compor um verdadeiro labirinto.

Como o fato de que ela tinha cometido traição libertando Dash.

Como você *teria feito, se não fosse tão cegamente teimoso*, sua voz interior argumentava.

Ele afastou tal pensamento. O que mais Tally dissera? Oh, sim. Como ele pudera esquecer?

Como é que consegue matar um amigo? E assim que age com aqueles que a quem ama? São facilmente dispensáveis e esquecidos em sua busca sem fim pela honra? Eu lhe pergunto, onde há honra no assassinato?

O pai dele teria entendido o que era a verdadeira honra. Colocar alguém da família e o coração em primeiro lugar, não importava o custo. Larken sabia agora que o pai não tinha ido a Paris para restaurar a sua honra, mas para buscar a filha dele, iludido pela promessa de Aurora de que a mulher entregaria a criança aos seus cuidados.

E o amor dele por sua filha natural tinha lhe custado à vida.

Larken sacudiu a cabeça. Honra. Dever. Estas eram duas conhecidas dele havia tanto tempo, e aqueles ideais quase lhe haviam custado a sua alma. Agora era hora de buscar a redenção. Buscar o amor que representava sua fuga da prisão onde vinha vivendo por tempo demais.

Lançou um olhar em direção aos velhos estábulos, onde Dash estava trancado e colocado sob vigilância, mas não havia guardas à vista. Não estavam mais ali. Havia deixado Dash livre para...

Maldição!

Larken largou seus papéis e deixou o escritório às pressas. Parou no gramado ouvindo o barulho de um cavalo justo dentro do estábulo.

Espiou discretamente e para sua surpresa viu lorde Gossett levando seu premiado garanhão em direção à cela de Dash. Diziam que o cavalo era o mais admirado animal de toda a Inglaterra, um que o visconde havia se recusado a vender.

O cavalo era tudo isso, mas o magnífico animal não foi o que mais chamava a atenção de Larken. Havia sacolas presas a ele, sacolas pesadas como se estivesse prevista uma viagem dura pela frente.

Gossett estava diante da cela improvisada onde Dash fora colocado.

— Acorde, senhor — o visconde disse. — Vim lhe fazer uma oferta.

Larken entrou silenciosamente em uma das baias. Notou que Dash parecia tê-lo visto entrando, mas quando olhou de novo o amigo parecia não prestar atenção a ele.

— Levante-se — Gossett disse. — Não temos muito tempo.

Dash se levantou de seu banco, aproximando-se das grades da cela, onde o visconde se encontrava.

— O que quer aqui?

— Que pegue este cavalo, o ouro que está nas bolsas, este mapa e siga direto para a costa.

Rindo, Dash voltou a se sentar em seu banco.

— E então o quê? Ser atingido por uma bala quando estiver nas campinas? Penso que não, milorde.

— Dashwell, eu estou arriscando tudo fazendo isto. — Havia emoção na voz de Gossett, algo que tocou no coração de Larken. O visconde estava sendo sincero.

— Eu o libertarei agora e farei com que saia da Inglaterra em segurança sob uma condição.

Larken ficou atento. O que Gossett pretendia?

— Uma condição? Deixe-me adivinhar. Isso tem algo a ver com lady Philippa?

Gossett sacudiu a cabeça.

— Não. Isso tem tudo a ver com lady Gossett. Minha esposa.

Levou apenas um instante para Dash assimilar o sentido daquelas palavras. Para Larken, também.

Deus meu, não!

Lady Philippa havia se casado com Gossett para salvar Dashwell.

A angústia que escureceu o olhar de Dashwell partiu o coração de Larken. Gossett podia ter sido mais bondoso se tivesse metido uma bala na cabeça do capitão.

E quando as palavras por fim se assentaram em sua cabeça, Dash saltou, agarrando as barras da cela.

— Que diabos você fez? O que fez com ela?

O visconde ficou parado, sem se abalar.

— Nada mais do que você deveria ter feito quando teve a chance. — Gossett parou um instante. — Eu me casei com ela. Ela está bem e fora de seu alcance agora.

O tom e a implicação das palavras estavam claros. *Pippin tinha estado sempre fora do alcance de Dash.*

Dash começou a andar como um louco dentro de sua cela.

— Ela não teria feito isto. Não teria. A não ser... — Ele agarrou as barras novamente, sacudindo-as, e desta vez o visconde deu um passo para trás.

— Se pensa que eu a tenha forçado, engana-se. E posso acrescentar, não foi preciso muito para convencê-la, porque tenho muito a lhe oferecer, e o que você podia lhe dar, Dashwell? Uma força à sua espera? Vê-la sendo caçada como você tem sido? É isso o que podia oferecer à dama?

— Eu deveria matá-lo. — As articulações nos dedos de Dash estavam brancas pela força com que se agarrava às barras.

— Isso poderia ser feito, sim. Mas não pesaria a seu favor junto à dama. — Gossett enfiou a mão no bolso e tirou dali a chave da cela e das algemas que prendiam Dash. — Vamos lá, Dashwell, a liberdade ou a morte?

Dash balançou a cabeça, e Gossett o deixou sair.

Oh, Cristo, Larken pensou. *Isto não está indo nada bem.* Ele apostaria sua casa de Londres que Gossett não tinha idéia de quão perigoso era o homem que acabara de libertar. Mas Larken sabia, tendo visto o capitão escapar de mais do que uma das brigas em tavernas.

O americano saiu da cela, parou e observou o visconde com os olhos semicerrados e então lançou o punho contra o rosto de Gossett, um soco que teria derrubado um homem com o dobro do tamanho do visconde. A força mandou Gossett voando para trás, esparramando-se no chão sujo do estábulo.

Mas para seu crédito, ele se levantou, sacudiu a roupa e olhou para Dash com a calma de um homem que deveria estar sangrando e com o olho roxo, mas mesmo assim se saíra vitorioso.

— Suponho ter merecido isto.

— Eu deveria matá-lo, seu desgraçado! — Dash disse. Gossett o ignorou, estendendo a mão e pegando as rédeas de seu cavalo e as entregando a Dash.

— Cuide bem dele. — Então tirou um pacote de seu bolso. — Há um mapa dentro dele, marcando as minhas propriedades que estão desta área até Hastings, assim como uma carta com o meu selo e dirigida aos meus criados para que o alimentem bem e o ajudem até que tenha chegado à costa. Presumo que o ouro dentro das sacolas seja o suficiente para você encontrar alguém disposto a levá-lo para fora da Inglaterra em segurança.

Dash olhou dentro do pacote e concordou. Então lançou um olhar em direção onde Larken estava escondido.

Ele o tinha visto entrar ali.

— Somente espero chegar lá sem qualquer interferência. Larken sabia o que Dash queria dizer. Que o amigo não tentasse deter a fuga dele.

Larken fez um sinal saudando Dash e lhe deu as costas, enquanto o amigo subia no enorme cavalo.

— Cuide bem desse animal. Ele é o melhor nesta terra — Gossett disse. — E se puder mandá-lo de volta, eu ficaria agradecido.

Larken quase riu. Gossett! Sempre o homem honrado, pensando que todos eram também assim.

Mas para surpresa sua, Dash concordou. Porque entendia que um bom cavalo era para um cavalheiro o mesmo que um bom navio para um capitão do mar. Então se inclinou e disse alguma coisa a Gossett que Larken não conseguiu ouvir, antes de esporear o cavalo e sair dos estábulos como se o demônio estivesse em seus calcanhares.

Ainda assim, Larken não podia aceitar como lady Philippa podia ter feito tal coisa. Com sua decisão, ela ganhara a liberdade para Dash, mas a um terrível custo para ambos.

Fechou os olhos e apoiou a cabeça em um pilar, escutando Gossett sair dos estábulos.

E se tivesse sido Tally? Casada com outro homem? E se ele deixasse que sua obsessão pela honra e dever, seus medos, sua natureza rebelde como a de Dashwell, o separasse para sempre de Tally?

Quando teve a certeza de que Gossett se afastara dos estábulos, Larken saiu para os jardins, sabendo que não poderia cometer o mesmo erro que seu amigo e não atender o chamado de seu coração.

Larken caminhou pela trilha carregando como um tolo uma cesta de piquenique. A duquesa tinha passado meia hora em seus calcanhares, ajudando-o a preparar a cesta e também o exasperando com todas as suas perguntas quanto às intenções dele em relação à irmã. Felizmente ele tinha sido salvo com a chegada de Hollindraque, que arrastara a esposa para longe e deixara Larken em paz para encontrar seu próprio caminho.

Enquanto caminhava, aspirou o aroma das folhas e flores do campo que enchia o ar úmido de debaixo das árvores. Poucos raios do sol conseguiam abrir seu caminho através das densas copas das árvores.

Se somente o seu coração parasse de bater tão descompassado... Se o visse assim, haveria quem julgasse que ele jamais enfrentara uma adversidade antes.

Bem, na verdade nenhuma adversidade possuía um rosto lindo e aquela capacidade de mexer com o coração dele, como Tally fazia.

Viu-a sentada em uma das pedras a certa distância, desenhando. Com as sobrancelhas franzidas e os lábios apertados, ela parecia estar mais apagando do que desenhando, e praguejando ao mesmo tempo.

— Problemas? — ele perguntou.

Ela se voltou, quase deixando cair o caderno e o carvão.

— Oh, Deus, é você!

Ele não sabia se esta seria uma acusação ou se Tally estava feliz em vê-lo já que ela não mandou Brutus atacá-lo — o cão estava deitado sobre uma pedra, observando-o a princípio, depois olhando a dona e, por fim, voltou ao seu cochilo — Larken tinha de presumir que ela não estava furiosa com esta invasão à sua privacidade.

Nesse meio tempo, Tally tinha reunido o seu caderno e lápis e os colocado de lado. Mordeu o lábio inferior, antes de ajeitar a mão sobre os seus cabelos, tentando colocá-los em ordem.

Ele teria dito a ela que isso não importava, porque já que dispensara o chapéu, a

brisa agitava aqueles fios dourados. Larken sentiu-se perturbado. Os cabelos soltos caídos sobre os ombros, Tally parecia como se ele a tivesse despertado pela manhã.

— Devo estar um horror — ela disse, olhando o vestido. — Sempre me encontra quando estou toda desarrumada.

— Devo discordar — ele disse, aproximando-se mais. O vento pareceu entrar em um ritmo mais suave, e o barulho das folhas foi se esvaindo e Larken se sentiu como se estivesse penetrando em um reino mágico, onde um movimento ou uma palavra errada poderia afastar Tally de seu alcance para sempre. A imagem do atormentado Dash ainda presente em sua mente, ele não queria fazer nada que o levasse a perder aquela mulher. — Eu a acho adorável.

Tally desviou o olhar, um rubor cobrindo o seu rosto. Aproximando-se mais ainda, ele colocou a cesta sobre uma pedra.

— O que é isso? — ela perguntou.

— Creio que tenha aí o necessário para um piquenique. Tally abriu a cesta e examinou o que continha.

— Você não sabe o que está aqui dentro?

— Nunca estive em um piquenique — ele confessou.

— Nunca?

— Nunca. Talvez você pudesse...

Ela já deixara o seu lugar, passando por ele, murmurando alguma coisa.

— Jamais estive em um piquenique...

Larken sorriu diante dos resmungos dela e de sua vontade de ajudar.

Isto era um começo. Mas a quê?

Alguma coisa.

Nesse meio tempo, Tally já esvaziara a cesta, colocando os petiscos em dois pratos, estendendo a Larken uma garrafa de vinho para que ele a abrisse, e então, quando julgou que ele não estivesse olhando, devorou um morango maduro.

Ele se inclinou e tirou um osso da cesta e o jogou para Brutus.

— Vai estragar o meu cão — Tally reclamou.

— Não é minha intenção. A cozinheira acrescentou o osso quando sua irmã não estava olhando. Ela disse que era... bem... — ele raspou a garganta e tentou imitar a cozinheira — ...para manter a pequena besta ocupada.

Tally riu.

— E vai mesmo — ela disse, apontando para Brutus, que agarrara o seu presente e o levava para longe para não ter de dividi-lo com alguém. Olhou surpresa para Larken. — Você disse *minha irmã*?

Ele acenou que sim.

— Ela praticamente me encurralou.

— Lamento.

— Não é preciso. Ela tinha muitos conselhos a me dar. Tally grunhiu.

— Oh, céus! Por que tenho de ter uma irmã como ela? Por que não podia ter um

tipo de irmã que não se metesse em minha vida?

Larken caiu na risada.

— Mas então não teríamos isto — ele disse, erguendo a garrafa de vinho. — E é de uma boa safra, devo dizer. — E para provar o seu ponto, ele encheu duas taças. Colocou-as sobre a pedra, e Tally lhe passou um prato.

Era imaginação dele, ou as mãos de Tally tremiam?

— Obrigado — ele disse simplesmente, e começou a comer.

Fizeram isso em silêncio, cada um dirigindo olhares furtivos para o outro, até que finalmente Tally largou o seu prato e se voltou para ele.

— Você está partindo?

A pergunta o pegou de surpresa. Depois de tomar um gole de vinho, ele respondeu:

— Sim.

O lábio inferior de Tally tremeu.

— E veio aqui para se despedir?

Despedir? O coração de Larken pareceu parar. Era isso o que Tally queria? Que ele fosse embora?

— Deus, espero que não — ele disse sem conseguir se conter.

E depois dessa confissão, ele tomou a mão dela na sua e viu-se fazendo a coisa mais perigosa de sua vida. *Pedindo uma mulher em casamento.*

O olhar de Tally encontrou o dele, quando Larken lhe segurou a mão.

Eu espero que não?

Isso seria possível?

Tentou controlar a esperança que invadia agora seu coração. Passara o dia inteiro incapaz de ter esperanças que ele a perdoasse. Afinal, Larken quase fora morto porque ela não fora direto procurar Hollindrake. Convencera-se de que Larken devia desprezar os modos dela de se comportar.

Mas agora aqueles olhos negros cheios de paixão lhe davam esperança. Bem, até mais do que isso. Faziam o desejo despertar em seu corpo.

— Milorde... — ela murmurou.

— Por favor, me chame de Geoff...

Tally ruborizou, o calor envolvendo-a por inteiro.

— Geoff — ela disse suavemente. — Você pode me perdoar?

— Perdoá-la? — ele perguntou, parecendo confuso.

— Por tudo — Tally se apressou a dizer, a outra mão cobrindo a dele. — Por ter vindo aqui, envolvê-lo nisso tudo. Se eu não tivesse ajudado Pippin a tirar Dash da prisão, então você jamais teria sido mandado para... para...

Matar Dash.

As palavras que ela não conseguia dizer pairaram entre eles.

Larken a puxou para seus braços e beijou sua testa.

— Sim, sim, ambos sabemos o que eu deveria fazer. E se você não tivesse feito o que não devia, então talvez jamais viéssemos a nos conhecer. E isto sim seria imperdoável.

— Mas quase causei a sua morte — ela disse, o coração doendo só de lembrar tê-lo visto no chão do estábulo, amarrado, o sangue em sua cabeça.

— Quase, mas ainda estou aqui. E mais por sua causa.

— Por minha causa?

— Sim, naturalmente. Você fez mais por mim do que sequer pode imaginar. Eu estava perdido antes de conhecê-la. O quanto só percebi quando você caiu em minha vida.

— Quase literalmente — ela brincou. — Felizmente você estava ali para não me deixar cair.

— E eu gostaria de estar sempre por perto, para poder pegá-la — ele disse, sem saber bem o que falar, mas completamente perdido no olhar dela. — Eu quero estar sempre por perto. Sempre.

Tally soube que esta era uma proposta de casamento, mesmo naquele jeito estranho de Larken fazê-la. Sem um pedido formal, nenhuma pergunta direta, apenas aquele seu jeito de dizer que ele a queria. Para sempre.

E ela soube que deveria dizer sim, mas respondeu-lhe à sua moda, também. Com um beijo.

Larken observou as mudanças que iam ocorrendo no olhar de Tally conforme ele fazia a pergunta. Segurou a respiração e esperou pela resposta, e ela a deu, depressa e como somente Tally poderia fazer.

Ela se inclinou, pegou o rosto dele em suas mãos suaves e colocou seus lábios sobre os dele.

Selando o pedido com um beijo.

No momento em que seus lábios se encontraram, Larken deixou qualquer controle de lado. Estava perdido. Como ela conseguia fazer isso? Acordar o seu corpo e seu coração nesse desejo incontrolável?

Puxou-a para junto de seu corpo, beijando-a com sofreguidão. Não iria deixá-la se afastar, nunca. Mesmo que seu coração já soubesse que ela lhe pertencia. E ia ser dele para sempre.

Sua língua abriu passagem por entre os lábios de Tally, dançou com a dela. Tally estava pronta e querendo também liberar o fogo da paixão que os envolvia.

Ele a beijou, então seus lábios exploraram o lóbulo da orelha, o pulsar do pescoço.

Enquanto isso, sua outra mão estava trabalhando, segurando a barra do vestido e o levantando, tocando nas pernas e nos quadris. Por fim conseguiu fazer com que o vestido fosse tirado pela cabeça.

Tally estremeceu, mas ele não pensou que fosse de frio, mas era pela antecipação do que viria agora. Viu aquele corpo querendo o dele, querendo que ele a penetrasse, encontrassem juntos o prazer.

Larken enterrou o rosto naquele pescoço tentador, beijando-o, movendo os lábios para baixo, afastando a roupa íntima para liberar os seios, a mão tomando um deles enquanto seus lábios sugavam o mamilo. Tally gemeu e arqueou os quadris ao encontro

dos dele.

Já excitado, ele recebeu esta resposta com alívio. Levantando-a nos braços, ele a manteve assim por um momento, antes de carregá-la até a grama macia que crescia ali, e então a deitou, livrando-se rapidamente de sua camisa, botas e calções.

Ela o puxou para bem perto, suas pernas enlaçando-lhe os quadris e seus lábios buscando os dele.

— Por favor, Larken, por favor... — ela murmurou sem conseguir respirar direito.

Seu sensual pedido quase o fez chegar ao clímax, e ele mal havia começado o jogo do amor.

Tally ficou deitada na grama observando Larken se despir. Era como admirar uma estátua de mármore ganhar vida diante dela — os músculos firmes de seus braços e peito, os quadris estreitos e então os músculos de suas pernas.

E seu sexo. Gloriosamente longo, duro e ereto. Pronto para ela.

Mas antes que ela pudesse tocá-lo, antes que pudesse testá-lo, ele caiu de joelhos diante dela, um sorriso atrevido em seus lábios. Pegou-lhe o pé e começou a beijar os dedos. Ela riu, uma sensação maravilhosa correndo por sua perna, mesmo quando os lábios dele foram subindo e subindo, beijando-a, explorando as curvas dos quadris.

E então ele estava lá, em sua parte íntima e ela mal podia se mover, mal podia respirar, quando os dedos dele começaram a massageá-la, abrindo o caminho para que seus lábios pudessem testá-la.

— Oh — ela gemeu, os quadris arqueando diante dessa doce tortura. Ele deslizou a língua por toda a intimidade dela e tudo o que Tally conseguia fazer era deixar seu corpo tremer e tremer.

Ele a faria chegar ao orgasmo apenas com esse beijo.

— Larken... Larken, isso é tão bom — ela gemeu.

Larken riu e a beijou de novo, tocando nos seios, continuando a tortura até que Tally percebeu que não agüentaria mais.

— Oh, apenas me beije — ela murmurou, e ele o fez, apertando-a nos braços, acariciando-lhe o cabelo. Tally sentiu que era uma carícia especial, uma prova de adoração e ela ficou imaginando se algum dia alguém já sentira a mesma coisa.

Seus olhares se encontraram, e ela sentiu o desejo nos dele e isso desencadeou sua paixão mais uma vez.

Moveu-se como uma gata, subindo em cima dele, explorando-o como Larken a explorara, indo direto ao sexo dele, e sem hesitar, deslizou a língua em toda sua extensão, da base à ponta, escutando os grunhidos escaparem de seu peito.

Continuou a sugá-lo, até que ele a puxou, os olhos tão escuros, tão tomados pelo desejo. E Tally sabia exatamente o que Larken queria, e colocou-se embaixo daquele corpo forte, as mãos em seus quadris, puxando-o para si.

Ele a penetrou depressa e profundamente.

Tally suspirou de prazer, suas pernas enlaçando-lhe os quadris, seu corpo unindo-se ao do seu misterioso e irresistível espião.

Larken parou um instante e a fitou.

— Você é minha. Agora e sempre, sua atrevidinha, teimosa e encenqueira.

Tudo o que ela pôde fazer foi rir. Ele a via como ela sempre sonhara ser vista, como uma mulher escandalosa, cheia de paixão e desejo.

E ela era dele. Agora e sempre.

— Prove isso — ela murmurou de volta.

Então ele o fez, acariciando-a e levando-a ao clímax, chegando ao próprio, selando o destino dos dois em uma explosão de paixão.

Bem depois que o sol se pusera, Tally e Larken caminharam pela trilha da floresta em direção a casa. Havia feito amor até estarem exaustos, terminado com tudo o que havia na cesta de piquenique e então encontrado forças para fazer amor mais uma vez, gentil e silenciosamente sob o luar.

— Não sou o melhor homem para você — Larken disse.

Tally parou imediatamente, levando as mãos aos quadris.

Brutus parou também.

— Penso que deva ser eu a julgar isso. — Sorriu para Larken. — Eu o acho bastante perfeito.

Larken riu e segurando-lhe a mão a levou em frente, Brutus os seguindo todo feliz.

— Mas é que eu fiz coisas...

— Shhh — foi a resposta. — O que ficou no passado não nos servirá. Você não pode apagar o que fez.

— E o que a sua babá Rana diria disso? — ele provocou. Tally sacudiu a cabeça.

— Não, eu penso que seria a babá Tasha quem teria melhor serventia para nós. Você tem de fazer as pazes com o seu passado, é o que ela diria. Encher seu coração com novas lembranças e descobrir a alegria que está diante de você.

— Como você?

— Como eu — ela disse confiante.

Eles haviam chegado a um trecho da floresta que abria o caminho para a campina e a Mansão Hollindrake se erguia à frente como uma enorme cidadela.

Tally começou a resmungar.

— Felicity vai insistir em um casamento espetacular.

— Não parece feliz diante dessa possibilidade.

— Não estou mesmo — Tally declarou. — Porque ela vai querer os banhos e teremos de esperar! Não que ela tenha esperado, mas vai querer pelo menos um casamento respeitável na família, e ousar dizer que decidirá que será o meu.

— Não é o que você deseja? — Larken perguntou. — Pensei que todas as mulheres quisessem...

— Não eu! — Tally protestou. — Lorde Larken, o senhor alguma vez me viu querer alguma coisa que fosse normal?

Ele riu.

— Não, nunca. Não sei o que eu estava pensando. — Levou os dedos dela aos seus lábios, e os beijou. — Assim minha futura lady Larken, o que deseja?

O olhar de Tally se voltou aos estábulos.

— Sempre fantasiei...

— Sim?

— Eu sempre quis...

— Tudo o que tem a fazer é pedir, Tally, meu amor. Respirando fundo, ela disse o seu desejo.

— Gretna. Eu quero me casar em Gretna Green. Quero provocar um escândalo, e o espetacular casamento que Felicity gostaria de realizar que vá para o diabo.

Larken não precisava ouvir mais nada, pegando-lhe a mão e a levando em direção aos estábulos, onde ainda estava a carruagem de Aurora. Correram em direção a ela como duas crianças.

— Mas quando voltarmos da Escócia, espero que diga à sua irmã que a idéia foi toda sua — ele disse.

Tally parou subitamente.

— Lorde Larken, está com medo de minha irmã?

— Da cabeça às solas de minhas botas.

Ela concordou e lançou um olhar preocupado em direção a casa. Realmente, além de ser perigoso e lindo, Larken era inteligente.

— Talvez possamos voltar para casa pelo caminho de Paris...

— Ganhando-lhe mais algum tempo antes de pagar pela loucura?

— Oh, sim. E tenho certeza, conhecendo minha irmã, que quando voltarmos, em um ano ou dois, ela estará ocupada até o pescoço dando uma de casamenteira.

— Bons casamentos — ambos disseram e riram enquanto fugiam para tornar o deles perfeito.

Epílogo

Tally e Larken chegaram à pequenina cidade escocesa junto à fronteira e depois de arranjarem acomodações em uma hospedaria caminharam para a praça onde estava a igreja que servia àqueles que buscavam casamentos apressados.

A viagem os havia deixado cansados, mas Larken nunca estivera tão decidido a fazer uma coisa em sua vida como agora o casamento com a mulher que estava ao seu lado. Os dias passados juntos serviram para convencê-lo de que Tally era a mulher perfeita para ele.

Haviam feito amor em hospedarias rústicas, discutido sobre assuntos triviais até que terminavam as pequenas brigas com risos e comentários sobre a teimosia dos dois, e por fim discutido seus planos para um belo futuro.

Com suas mútuas habilidades e experiência, Tally não duvidava de que lhes

estaria assegurado algum posto diplomático. E Larken concordava, já que com Hollindrake e Temple os apoiando, nem mesmo Pymm poderia atrapalhar o caminho deles.

— Uma coisa ainda não me parece muito clara nisso tudo — Tally disse, enquanto caminhavam de mãos dadas.

— E o que é?

— O sr. Ryder. Quero dizer, o verdadeiro sr. Ryder. Você não... quero dizer, você não... Larken a olhou, admirado.

— Está sugerindo que eu tenha matado o vigário?

— Oh, não! Claro que não — ele disse bem depressa. Depois de um momento, continuou. — Você não fez isso, fez?

— Diabos, claro que não — ele retrucou irritado, assustando uma velha matrona que passava por eles.

Tally suspirou profundamente.

— Isto é um alívio. — Caminharam um pouco mais e Larken se abaixou para colher uma flor que nascera à beira da estrada. — Então o que aconteceu com ele?

Larken caiu na risada.

— Se quer saber mesmo, Templeton mandou seu criado, Elton, retardar a chegada do verdadeiro sr. Ryder. Suponho que ele deva estar chegando agora à Mansão Hollindrake, oferecendo desculpas à sua irmã pelo atraso e lhe dando a felicidade de tentar conseguir mais um casamento.

Ambos riram e subiram as escadas da igreja. Uma criada descia, balde em uma das mãos e vassoura em outra, obviamente tendo terminado a limpeza.

— Oh, vocês dois não formam o casal mais belo e feliz de todos por aqui? E que bonita manhã para se casarem.

— De fato está, senhora — Larken disse, tirando o chapéu, elegantemente, para a criada.

— Há um adorável casal se casando neste momento, mas penso que ninguém se importaria se vocês dois entrassem e esperassem nos bancos do fundo da igreja. Acabei de deixar tudo limpo ali.

— Obrigada — Tally disse. — A outra cerimônia ainda vai demorar muito?

A senhora riu.

— Com pressa, não estão? Bem, eu fui jovem uma vez e sei como é. Igual ao belo casal antes de vocês. Ansiosos para se casarem e começarem uma nova vida. E que par mais romântico aquele. Contaram-me terem se conhecido em uma hospedaria apenas há uma semana, a pobre dama tendo um problema com sua carruagem e o gentil cavalheiro se oferecendo para ajudá-la, levando-a então na dele. E o que não sabem, é que depois de um dia juntos, ele levou a carruagem para o norte e aqui está o feliz casal agora. É uma linda história, não é? — A mulher parou e esfregou o nariz com as costas da mão suja. — E aqui estou eu tagarelando. E os dois querendo se casar. Bem, se não se importar, milorde, não vá sujar onde eu limpei com a lama de suas botas.

— Sim, senhora — Larken disse, fazendo-lhe uma reverência e procurando não deixar cair a lama que havia em suas botas.

Quando estavam sentados na igreja, Tally subitamente se ergueu.

— Droga! Não posso me casar com você!

Todos os presentes sentados à frente voltaram suas cabeças, e Larken sacudiu a dele e acenou para que continuassem com a cerimônia.

Lançou um olhar para a bela dama ao seu lado, arqueando a sobrancelha.

— Posso saber o que a fez mudar de idéia? — ele sussurrou.

— Oh, suponho que sim — A testa franzida de Tally sugeria outra coisa.

Ela se voltou para Larken.

— Somente agora tomei consciência de que se eu me casar com você, isso fará da srta. Browne minha irmã.

Larken caiu na risada, para a consternação do casal que estava se casando, o vigário e a testemunha, provavelmente a mulher do vigário. A boa senhora fez sinal para que eles silenciassem, e Larken cobriu sua boca e pediu desculpas para todos lá no altar.

— Apesar de que posso entender o seu desgosto em se ver diante de uma aliança com a srta. Browne, nosso casamento lhe dará essa maravilhosa vantagem, isso se eu me deixar fazer o seu marido.

Agora era vez de Tally rir, e houve novamente os pedidos de silêncio vindos da frente da pequena igreja.

— Bem, se coloca dessa forma — ela murmurou. — Você precisa ser mais convincente, porém, se quer que eu me relacione com essa sua parenta.

Larken se inclinou e a beijou. E desta vez ambos ignoraram os pedidos de silêncio que se seguiu.

Quando terminaram, ele se afastou e olhou para os olhos de Tally, cheios de paixão.

— Isso melhora a situação?

— Quase — ela o provocou. — Penso que terá de ser ainda mais convincente. Afinal, estamos aqui falando da srta. Browne!

E então ele procurou ser convincente uma vez mais, beijando-a até que a igreja toda parecia estar em chamas.

Larken fez com que os lábios dela se abrissem, e levou bastante tempo para cumprir a sua tarefa.

Tão ocupados estavam com o beijo, tão envolvidos em sua mútua paixão, que não ouviram o vigário declarar casados o casal no altar, e nem sequer tê-lo ouvido dizer em voz alta: srta. DeFisser, é com profunda honra que declaro a senhorita casada e conhecida a partir de agora como a sra. Milo Ryder. Senhor, pode beijar a noiva.